

*Elenildes Dantas*

*O Imaginário do Aquecimento  
Global*

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestrado em Ciências da Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Ciro J. R. Marcondes Filho.

São Paulo – 2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

# Banca Examinadora

---

---

---

*À Terra*

# Agradecimentos

*Aos familiares e amigos pela compreensão em aceitar os diversos “Não posso” para convites de um cinema nos finais de semana, os almoços de domingo em família perdidos nos últimos meses, pelos os e-mails respondidos milênios depois, telefonemas não retornados. Por favor, voltem a me convidar...*

*Agradecimento especial a: Alexandre Charro, Carlos Amadeus Schauff, Cornélia Toshimi Hagiwara, Dirce Monfório, Eduardo Roberto Ortega Cruz, Hamilton de Barros Ferreira Pinto, José Roberto Maluf, Marcio Souza, Maria Aleluia Pereira Rêgo, Maria Clara Carboni, Marina Cassoli, Ruth Magalhães Menendez, que tão gentilmente aceitaram tornarem-se personagens deste trabalho.*

*Além dos entrevistados Fábio Feldmann, especialista em legislação ambiental e Carlos A. Nobre, especialista em bio-atmosfera do Inpe.*

*Aos amigos do FiloCom, especialmente Helena Charro e Paulo Quadros, pela leitura atenta do meu trabalho e as indicações de correções, além do apoio nos momentos do mais absoluto desespero e a Cristina Bonfiglioli pelas dicas de pesquisa.*

*À minhas amigas Ana Lucia Apolônio, Célia Cipollone, Edna Ponchirolli, Emili Venâncio, Laura Ariza, Márcia Leite Paes e Maria da Guia B. Miranda, pelo apoio que só amigas queridas conseguem nos dá e ainda pelas indicações salvadoras de entrevistados.*

*Um agradecimento especial à minha irmã Eleonôra pela força nos momentos difíceis.*

*E aos meus pais, que mesmo não compreendendo o que eu estava fazendo, não me criticaram por largar o trabalho para me dedicar à conclusão do Mestrado.*

*E claro, um agradecimento especial, ao meu orientador Prof. Dr. Ciro Marcondes Filho, não apenas pela orientação, mas por me engajar como membro permanente do FiloCom.*

# Resumo

Para os estudiosos do clima, com o Aquecimento Global estamos diante do maior desafio que a humanidade já conheceu, sendo que para vencermos este desafio é necessário primeiramente remover o descrédito na real situação do planeta, bem como a paralisia dos gestores mundiais. Pois o Aquecimento Global requer uma profunda transformação no paradigma moderno de competição para um paradigma de cooperação, teríamos quer mudar principalmente nossa relação de consumo que é a base da economia moderna.

Como uma mudança deste porte necessita ser feita por meio do Imaginário das pessoas, desta forma, tentou-se verificar qual então seria o Imaginário do Aquecimento Global, indagando-se a respeito de que se está havendo realmente uma mudança de mentalidade ou uma tomada de consciência maior da população com relação às questões ambientais. O debate em torno das mudanças climáticas ocorre atualmente nos *media*, dentro de uma esfera pública discursiva ecoa simbolicamente como uma espécie de ágora mediatizada. Portanto, se existe um acontecimento comunicacional é a própria discussão que ocorre nos *media*, enquanto espaço ou esfera pública do debate contemporâneo e, que dessa forma ganhou também o espaço das ruas, praças e lares.

Assim, mesmo que lentamente, verifica-se que existe uma mudança de mentalidade da população em geral com relação às questões ambientais no século XXI, seja porque as questões do meio ambiente estejam sempre presentes nos *media*, seja porque as mudanças climáticas são visíveis, embora pouco dessa consciência tem se transformado em ação efetiva. De qualquer forma, o que parece certo é que a grande festa do consumo do século XX acabou, embora boa parte da humanidade sequer chegou a fazer parte dela embora sendo os primeiros a sofrerem com suas inevitáveis conseqüências.

# *Abstract*

The climate scientists said the “Worm world” is the biggest challenge that the Humanity has already faced and to win this problem it is necessary that world managers believe in real situation of planet for incentive people for action. It is the biggest challenge because it is necessary a total change to the action, the humanity cannot continue to be using the resources of earth planet without conscience. It seems that the big party of consume in the 20<sup>th</sup> Century has finally finished, although little people had the opportunity to take part in it.

To change the attitude and imaginary is not ease at all. How can we change from one paradigm of competition to a new paradigm of cooperation? What does the people think about the worm world and what is the influence of mass communication in people’s thinking?

We know that the people know about worm world, especially, because of information from the mass media, but they don’t have a great understanding of the issue, however they get a sensitive consciousness about the problem.

# Sumário

Introdução ao Caminho do Meio.....	8
<b>Capítulo 1</b>	
Apresentando: o Metáporos, o Quase-Método.....	10
<b>1.1. O que é Comunicação?.....</b>	<b>11</b>
1.1.1. <i>Da Impossibilidade da Comunicação, p. 13</i>	
1.1.2. <i>O Papel do Diálogo na Comunicação, p. 14</i>	
1.1.3. <i>Contínuo Atmosférico Mediático, p. 16</i>	
<b>1.2. Enfim, o Metáporos.....</b>	<b>18</b>
1.2.1. <i>O papel do pesquisador do Metáporos, p. 22</i>	
1.2.2. <i>Forma de operação do Metáporos, p. 24</i>	
1.2.3. <i>Aplicações do Metáporos, p. 25</i>	
<b>Capítulo 2</b>	
O Imaginário.....	26
<b>2.1. O que é Imaginário?.....</b>	<b>27</b>
<b>2.2. Imaginário e Antropologia Simbólica.....</b>	<b>32</b>
<b>2.3. Imaginário Social.....</b>	<b>41</b>
<b>Capítulo 3</b>	
O Homem e a Natureza.....	49
<b>3.1. A Relação do Homem com a Natureza.....</b>	<b>50</b>
<b>3.2. Perigo Real e Imediato?.....</b>	<b>54</b>
<b>3.3. Gaia, A Terra Viva.....</b>	<b>58</b>
3.3.1. <i>James Lovelock, cientista ou guru, p. 63</i>	
<b>Capítulo 4</b>	
O Homem e a Técnica.....	69
<b>4.1. A Sociedade Telemática.....</b>	<b>70</b>
<b>4.2. O Quarto Bios.....</b>	<b>73</b>
<b>4.3. O Mundo Codificado de Flusser.....</b>	<b>79</b>
<b>4.4. A Fuga da Caverna Orbital.....</b>	<b>84</b>
<b>4.5. Em Busca de Uma Ética para a Técnica.....</b>	<b>88</b>
<b>Capítulo 5</b>	
O Imaginário do Clima Quente.....	93
<b>5.1. Mudança de Hábitos.....</b>	<b>94</b>
<b>5.2. O Papel dos <i>Media</i>.....</b>	<b>99</b>
<b>5.3. A Veja e o Verde.....</b>	<b>105</b>
5.3.1. <i>Metaporizando a Veja, p. 107</i>	
<b>5.4. Imaginário dos Receptores.....</b>	<b>123</b>
Últimas Metaporias .....	128
Bibliografia.....	131
Anexos.....	135



# Introdução ao Caminho do Meio

Para os cientistas do clima, com o Aquecimento Global a humanidade está diante do seu maior desafio. Desta forma, buscamos identificar até que ponto estaria ocorrendo uma mudança de mentalidade e de Imaginário, com relação às questões ambientais, ou seja, que tipo de Imaginário as pessoas têm do Aquecimento Global, entendendo Imaginário, neste aspecto, como o conjunto das imagens ou representações que o indivíduo tem da sociedade e de si mesmo, incluindo suas crenças, valores, ideologias que influenciam na sua percepção da realidade e, na sua relação com o mundo e com os outros, ou seja, categoricamente, nós somos como pensamos e o que pensamos.

Os meios de comunicação funcionariam então como legitimadores do Imaginário atual, responsáveis pela aceitação, cristalização e manutenção das idéias e normas de conduta de nosso tempo, a partir de mecanismos de ordem mais sensório-emocional do que lógico-racional. Assim como na Idade Média a igreja era a instituição responsável pela manutenção do Imaginário da época, acredita-se que no presente este papel tem sido desempenhado pelos meios de comunicação. Pois, o homem mediático estaria muito mais propenso a crer nos *media* do que na religião, na família ou em qualquer outra instituição.

A pesquisa foi desenvolvida, em parte, considerando-se o novo conceito de comunicação como acontecimento e o novo método de pesquisa em comunicação, o *Metáporos*, ainda em desenvolvimento pelo grupo *FiloCom* – Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação –, que tem como princípio estudar a comunicação no seu movimento sem procurar cristalizar o fenômeno comunicacional. A idéia da comunicação como acontecimento vê tal fenômeno cultural como algo imprevisível, o que objetiva o apreciar das coisas então no seu acontecer, na sua duração, no seu tempo presente, de modo a ser mais adequado ao método fenomenológico de descrição do evento durante o seu acontecimento. A pesquisa metapórica é uma tentativa de olhar o fenômeno e tentar perceber o que aparece, sem hipóteses pré-definidas. O pesquisador é um observador que fica então à espreita, esperando o acontecimento comunicacional, não existindo a pretensão de abarcar o objeto em todos os seus aspectos, mas de tentar observar o máximo possível o fenômeno de interesse. Sendo que as principais características do Acontecimento Comunicacional são: novidade, efemeridade, movimento, imprevisibilidade, por isso, o pesquisador precisa estar com todos os seus sentidos em alerta, ou seja, estar aberto para perceber o novo. Mas será

que está havendo realmente uma mudança de Imaginário, mudança de mentalidade com relação às questões ambientais, mais especificamente com relação ao Aquecimento Global? E qual a influência dos meios de comunicação neste processo?

Objetivamente, seria impossível analisar os maiores jornais e revistas do país, ainda mais tendo em vista os segmentos incorporados à televisão, rádio e internet. Deste modo, para se tentar entender que espécie de Imaginário eles estão passando em relação ao tema do Aquecimento Global, resolvemos então optar pela revista Veja, como uma pequena amostra ilustrativa deste pensamento jornalístico, tendo em vista uma análise das matérias, que saíram nela sobre o meio ambiente, desde a ECO 92, até culminar na repercussão do último Relatório do IPCC de 2007, considerando como critério de análise o pluralismo do discurso jornalístico – polissemia (múltiplos sentidos) e polifonia (múltiplas vozes) –, como tentativa de imparcialidade em relação ao tema, ou seja, nesta parte do trabalho não utilizaremos o Metáporos, já que o Metáporos é um método de descrição do presente e nunca de análise de algo que já ocorreu. Dentro desta ótica, procuramos entender o Imaginário que a Veja tem passado aos seus leitores, nos últimos 15 anos no tocante às questões ambientais. Para tal, foram escolhidas quatro reportagens que objetivam demonstrar o Imaginário que a revista tenta passar para seus leitores sobre questões ambientais, perfazendo os conteúdos contidos na íntegra dos anexos desta pesquisa.

Para verificar que Imaginário as pessoas possuem sobre o Aquecimento Global foram feitas 12 entrevistas divididas em dois grupos: o primeiro formado por leitores da revista Veja há mais de 15 anos e, o segundo grupo formado por pessoas que costumam se informar por internet, rádio, televisão, jornais, ou seja, tanto por meios eletrônicos como por meios impressos. Foram seis entrevistas para cada grupo, dividido em três homens e três mulheres por grupo. Para o segundo grupo, foram escolhidas pessoas da faixa de idade denominada jovem-adulto, pessoas entre 25 e 45 anos, por ser esta uma faixa de transição, sendo que nela pode ser detectada claramente a mudança de Imaginário em relação a questões ecológicas, já que as crianças e adolescentes, de certo modo, nasceram sob este novo paradigma, estudam ecologia na escola, e é a faixa do jovem-adulto que necessita mudar de uma visão utilitarista da natureza para uma visão mais ecológica de respeito a todas as formas de vida e que, de certa forma, tem o poder de decisão.

# Capítulo 1

Apresentando:  
O Metáporos, o Quase-Método

# 1.1.

## O que é Comunicação?

Antes de definir o que é Metáforas, primeiramente é necessário deixar claro o que se entende aqui como comunicação. O *FíloCom* – Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação, situado no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, coordenado pelo Professor Dr. Ciro Marcondes Filho, ao longo de 23 seminários, cada um com a duração de um semestre, tem tentado responder a esta pergunta fazendo uma revisão bibliográfica para se definir um conceito de comunicação e um método que corresponda a este novo conceito. Tradicionalmente, entende-se a comunicação como comunhão, como tornar algo comum entre sujeitos. Mas responder o que é comunicação não é tão simples quanto parece, já que a partir da chamada Virada Lingüística formaram-se duas correntes totalmente opostas. Por um lado, há um grupo de estudiosos que acha que tudo comunica, especialmente os da linguagem, enquanto outro grupo acredita que é impossível comunicar, já que nós nunca podemos saber o que se passa na cabeça de outra pessoa. Neste aspecto, Ciro Marcondes a define assim: *“Comunicação é um acontecimento, um evento nem sempre possível, antes improvável, encontro feliz ocasional de múltiplas coordenadas em um momento que não se repete, que é único e que tem força expressiva particular.”*, (MARCONDES FILHO, 2008, p. 151).

De acordo com a definição de comunicação dada por Marcondes, para se ter comunicação é preciso haver acontecimento, mas nem todo acontecimento é comunicação, de modo que para se ter comunicação, o acontecimento precisa construir novos sentidos.

A comunicação pode ser também unilateral, já que mesmo que os agentes da comunicação participem do mesmo ambiente mediático, a comunicação poderá ocorrer diferentemente em cada um deles, pois só existe comunicação quando o fenômeno provoca mudanças nos agentes, criando algo novo. Trata-se de assim de processos autônomos entre os agentes. Deste modo, a comunicação deixa de ser o algo em comum para ser o acontecimento que é percebido de forma diferente entre as pessoas, ou seja, a comunicação como algo que não tem materialidade. No que Marcondes (2008, p. 151) ainda acresce: *“A comunicação não é uma coisa, algo que percorre uma cadeia que vai do emissor ao receptor, algo que se possa dizer que*

*exista; antes, ela é uma relação, uma possibilidade no encontro entre homens e homens, entre homens e técnicas”.*

Para se resolver o dilema: se tudo comunica ou nada comunica, primeiramente, tentou-se diferenciar os conceitos de sinalização e informação do de comunicação. Existe sinalização ou informação, que pode ser ora trivial ora não-trivial, sendo que comunicação seria definida como um acontecimento raro. Outra diferença entre comunicação e informação diz respeito a fato de que informação é algo racional e consciente, implicando num reforço, enquanto que comunicação, por outro lado, é emocional, irracional, inconsciente e, implicando em mudança, no contexto do novo. A sinalização pode ser também voluntária, intencional ou mesmo involuntária. Nosso corpo sinaliza, porque tudo no ser humano sinaliza, ou seja, “não dá para não sinalizar”, mas nem sempre a sinalização se torna informação, isso só acontece quando ela nos chama a atenção. De um ponto de vista fenomenológico, nossa vida é constituída só pelas coisas que fazem parte do nosso mundo, no que Marcondes Filho (idem, p. 16) define conceitualmente como dilema:

*“Seres humanos dificilmente se comunicam. Seres humanos conversam, relatam coisas, falam de experiências; seres humanos escrevem livros, fazem filmes, encenam peças teatrais, fazem arte; seres humanos mandam mensagens; seres humanos fazem muitas coisas. Em suma, seres humanos sinalizam, mandam sinais – como, aliás, as outras coisas também sinalizam. Mas, se isso é ou não informação, se isso é ou não comunicação, tal fato já não depende mais deles, mas de quem os recebe”.*

Mas, por que determinada coisa nos chama a atenção, despertando nosso interesse? A questão da intencionalidade, amplamente discutida pela Fenomenologia é incorporada na definição de comunicação, segundo a acepção de Marcondes Filho, uma vez que, para ele, a comunicação é uma relação que ocorre de modo imprevisto, naquilo que nos surpreende, como um acontecimento que provoca o aparecimento do novo. Isto se refere a todo o contexto em que se interfere, ou seja, na comunicação, incluindo as pessoas envolvidas neste processo, que são como ‘corpos’, em que ocorre a presença do incorpóreo, ou seja, daquilo que não se materializa, espécie de ‘alma’ que atravessa os acontecimentos comunicacionais. Isto quer dizer que na comunicação eles atuam ao lado dos signos verbais e lingüísticos, que normalmente pouco ou nada dizem, mas que representam sinalizações extralingüísticas carregadas de valor comunicacional, pois, para Marcondes Filho (idem, p. 152):

*“A comunicação, apesar de rara e improvável, acontece em algumas circunstâncias, tanto interpessoais como na relação entre a pessoa e o objeto cultural.*

Neste aspecto, ele (idem, p. 19) ainda acresce que:

*“Comunicação é um acontecimento que tem a ver comigo e como me relaciono com o outro e com as coisas; é, portanto, uma forma de relação que eu desenvolvo com o mundo circundante. A comunicação só acontece quando eu me volto a esse mundo e transformo meros sinais em comunicação e/ou informação de acordo com a minha intencionalidade”.*

### ***1.1.1. Da Impossibilidade da Comunicação***

De certo modo, somos sistemas fechados, pois nossa compreensão do mundo é unicamente subjetiva e, dessa forma, nunca seria possível sabermos como os outros pensam, pois tudo o que recebo do outro eu re-elaboro, segundo meu repertório pessoal, em outras palavras:

*“Eu só posso repassar ao outro algo de mim, uma informação, uma notícia, algo que minha linguagem consegue formular. Mas como o outro vai traduzir isso eu não sei, jamais saberei, está além de minha capacidade”.* (MARCONDES FILHO, 2008, p. 14-15).

A argumentação proposta pelo *FiloCom* é que se não encontramos a comunicação como substância, podemos aceitar como comunicação então este re-trabalho de tudo o que recebemos do outro, considerando que a comunicação acontece justamente devido às diferenças existentes entre os indivíduos dotados de capacidade comunicativa singular, porque o que conhecemos intimamente não nos interessa como fator comunicativo. Neste aspecto, as comunicações triviais funcionariam antes então como um mecanismo de conservação e de tranquilização, enquanto que as formas de comunicações mais expressivas seriam, ao contrário disso, justamente aquelas que nos incomodam, mexendo, de modo intenso conosco, exatamente porque estão associadas à expressão estética. *“Comunicação não é um ato de ida e volta, não é uma relação circular em que eu falo coisas, essas coisas atravessam o outro e retornam a mim, que, então, aciono mais coisas. (...) comunicação é essa atmosfera, a cena, a situação em que eu posso incorporar algo que me transforma ou apenas me informar”.* (MARCONDES FILHO, 2008, p. 62).

Seguindo esta linha conceitual perceptiva, Marcondes Filho define a comunicação como aumento de complexidade, ou seja, como um processo que caminha da sua forma mais banal, marcada pela expressão formal de uma frase, ou de uma fala, até a sua realização mais plena e transformadora, assentada na multiplicidade de sensações, obtida por nossos órgãos dos sentidos. Ou seja, a comunicação realiza-se, mais plenamente nos fenômenos estéticos, no sentido da *aisthesis*, enquanto relação sensível com o mundo. *“Comunicação é um acontecimento*

*que tem a ver comigo e como me relaciono com o outro e com as coisas; é, portanto, uma forma de relação que eu desenvolvo com o mundo circundante”.* (MARCONDES FILHO, 2008, p. 19).

Neste contexto, o *FiloCom* defende a necessidade de se estudar o processo da comunicação como o espaço do “entre”, como o acontecimento, na sua razão durante, descrevendo tal concepção como um olhar da comunicação que mergulha no acontecimento, instalando-se no movimento do ato de comunicar-se. Desta forma, estudar a comunicação fora deste acontecimento, desta duração circunstancial não é um estudo comunicacional e, mas sim sociológico, histórico etc., pois, o movimento precisa ser apanhado de uma só vez, sendo que o fenômeno comunicacional é o aqui e agora, ou seja, a situação do momento, realizada de modo contingencial. Pois, deste modo, a pesquisa do durante capta a coisa no momento em que ela está acontecendo, através da intuição sensível do observador, cujo objetivo é tentar apurar os seus olhos para o mundo e ver como as coisas estão acontecendo. *“As pessoas são diferentes, suas vidas são distintas umas das outras, mas há uma constante em todas elas: a incomunicabilidade. É o mal do século. Nosso século é o século da incomunicação. E o século do paradoxo, pois, em nenhuma outra época da história humana, as pessoas tiveram à sua disposição tantos meios de comunicação: telefones, mensagens eletrônicas, equipamentos para transmitir imagens, vozes, acontecimentos”.* (MARCONDES FILHO, 2008, p. 13).

### ***1.1.2. O Papel do Diálogo na Comunicação***

Na nossa sociedade de consumo, as pessoas precisam dos outros para se auto-afirmarem. Não se basta ser, é preciso aparecer e ser reconhecido. Assim como também não basta ter, é necessário que os outros nada possuam para que a posse de alguns seja mais valorizada e invejada pelos demais. É nisto que consiste o nosso individualismo hedonista contemporâneo. Nossa relação com o outro é mais de natureza do Eu-Isso de Martin Buber do que do Eu-Tu, no que Marcondes Filho (2008, p. 34) atesta significativamente: *“A crise da comunicação ocorre quando o outro perdeu seu mistério ou sua fala perdeu a validade”.*

O diálogo para Buber mostra duas formas de nossa relação com o outro: o Eu-Tu e o Eu-Isso. Sendo que o Eu só existe porque existe um Tu, tendo em vista que o Tu, para Buber, não é só uma pessoa, podendo ser um objeto, uma planta, um animal,

dependendo da forma como o Eu se relaciona com o elemento do diálogo. De modo que um Tu pode preencher meu Eu, principalmente quando o Eu-Iso corresponde à ação do Eu se relacionar com o outro como mero objeto. Mas, também, um objeto pode ainda começar como um Eu-Iso vindo a se tornar um Eu-Tu e vice-versa: *“Toda relação atual com um ser presente no mundo é exclusiva. O seu Tu é destacado, posto à parte, o único existente, mas tudo o mais vive na sua luz. Enquanto dura a presença da relação sua amplitude universal é incontestável. Porém, desde que um Tu se torna um Iso a amplitude universal da relação parece uma injustiça para com o mundo e sua exclusividade como uma exclusão do universo”*. (BUBER, 1979, p. 91).

Emmanuel Levinas amplia a questão do diálogo em Buber, ao considerar que o diálogo não é meramente uma forma de conhecer o outro, mas sim uma forma de eu captar o outro, percebê-lo. *“No diálogo, como na alteridade, eu não possuo o outro, não o submeto, antes submeto-me a ele, sou seu ‘diácono’. Só posso comunicar despossuindo-me, esvaziando-me.”*, (MARCONDES FILHO, 2007, p. 57), citando Levinas.

Por outro lado, Michel Serres tem uma outra idéia de diálogo, pois, para ele, o diálogo ocorre sempre entre quatro pessoas: As duas pessoas (um Eu e um Tu), o terceiro excluído (que é o demônio delas) e o terceiro incluído (que é a esperança delas): *“Já conhecemos lugares em que o diálogo florescia: duas personagens em busca de verdade lutam para excluir do meio delas o ruído que as impede se ouvirem e tentam incluir entre si o sentido que nasce da interseção do vocabulário e pelo laço da boa vontade delas. O diálogo é praticado por quatro pessoas, as duas que parecem falar, mais a terceira excluída, o demônio delas, mais a terceira incluída, sua esperança, deus que desce no meio delas”*. (SERRES, 2001, p.340).

Não obstante, para Marcondes Filho (idem), o diálogo é um espaço entre as pessoas, a palavra que circula livremente passando pelos interlocutores da comunicação. É, neste contexto, então que ocorre um acontecimento comunicacional num diálogo, ou seja, as proposições a que chegam as pessoas não estavam anteriormente dispostas em nenhuma delas. *“O diálogo, portanto, é um jogo de espelhos. O que eu falo é para mim, condiz com o que eu pretendo passar de mim mesmo. O que ela [a outra pessoa do diálogo] fala é para ela, é o que interessa a ela”*. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 27).



### *1.1.3. Contínuo Atmosférico Mediático*

Contínuo atmosférico mediático comunicacional é o lugar onde ocorre o acontecimento comunicacional, ou seja, o cenário, a atmosfera de um momento. A tese do *FiloCom* é de que entre o complexo tecnológico e os indivíduos, existe o contínuo atmosférico mediático, ou melhor dizendo, o lugar onde se realiza a comunicação. Conceitualmente, o contínuo atmosférico mediático é formado por três subsistemas: jornalismo, publicidade e entretenimento. A maior parte do referencial incorporado se realiza por representação mediática, por outro lado, de um ponto de vista conceitual, tudo pode ser visto como representação, mesmo o contexto mediático ou real, contudo, o que os meios de comunicação não mostram são os referentes, ou seja, as memórias sociais arquivadas. Sendo que as coisas estão passando a todo o momento por aí, alimentadas por fatos da indústria jornalística, do entretenimento e da publicidade, criando um espírito do tempo, ou seja, o clima da época, pois, forma um sentido próprio do tempo assinalado. “*A comunicação pode ser transformadora, quando eu abro espaço em mim para receber o outro em seu mistério, ou confirmadora, quando procuro conhecer, apreender, domesticar o outro, seja esse outro uma pessoa ou um produto cultural qualquer*”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 34).

O complexo tecnológico, as empresas de comunicação, a internet, os indivíduos, os sistemas desreguladores ou agentes de transformação (como as artes), todos se lançam no contínuo atmosférico mediático. O mediático é o *médium*, tratando-se de um processo, mas a comunicação é o acontecimento que ocorre por meio de relações, nem sempre presencial. Ainda, segundo Marcondes Filho (idem), os meios de comunicação provocam fascínio e tédio, pois, não se trata mais de não sermos mais capazes de ver além do que vemos, nem tampouco vemos somente segundo o que nos é dado para ver, mas, sobretudo por vermos o que desejamos ver, o que implica não só em manipulação, mas também adesão aos meios comunicacionais. As pessoas perdem o interesse nas coisas, devido à intensa repetição e, por que, de certa forma, esgotou-se, exorcizou-se tudo o que as irritavam antes, as incomodavam inteiramente, ou seja, talvez a falta de interesse no excesso de informações seja causada mais por catarse, do que por tédio, ou seja, a própria catarse criaria o tédio anulador da comunicação.

Deste modo, a função dos *media* na sociedade moderna seria a de meio regulador e legitimador do sistema voltado à manutenção do *status quo*. Detectam-se as inquietações, assim como se lançam as argumentações e contra-argumentações no

contínuo atmosférico mediático até se gerar a catarse, para se expurgar o ruído e voltar-se ao equilíbrio desejado. Eventualmente, se algo não sai como o esperado, por questões contingenciais, é deste modo que ocorre então o acontecimento comunicacional, ou seja, de forma inesperada, imprevisível e também efêmero, pois do mesmo modo que acontece, logo também desaparece. *“Um jornal não contém informações, ele contém notícias, comentários, resenhas, receitas de bolo, horóscopos, previsões futebolísticas, mas não informação. Quem decide se aquilo que está lá é informação ou não sou eu: é informação somente a partir do momento em que alguma dessas coisas me interessar”*. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 16).

Mas nem sempre a comunicação leva em conta a questão da intencionalidade, pois, às vezes, somos fisgados pelos mecanismos de sedução da publicidade, por exemplo. Já que a comunicação está no âmbito do contínuo atmosférico mediático, não está presente nos meios de comunicação. *Médium* é algo não percebido que dá forma ao objeto percebido, portanto, os meios de comunicação são o *médium*, assim como o som também o é.

## 1.2.

### Enfim, o Metáporos

Ao considerarmos a comunicação como Acontecimento, ou seja, como movimento vivo e imprevisível, como então captar-se a comunicação no seu próprio movimento, sem cristalizá-lo? É o que pretende responder o *FiloCom* com o desenvolvimento do Metáporos, o quase-método ou o caminho do meio. Poro, para Sarah Kofman (Marcondes, *passim*), é a via que se faz e se desfaz o tempo todo, que escapa e, que não tem existência, pois se trata de geração contínua. Utilizando-se da definição de Poro, de Kofman, Marcondes Filho cunhou o termo metáporo (*meta + poros*) no lugar de método (*meta + odos*). Metáporos seria o ato de construir a passagem, de ir se abrindo um caminho que vai se fechando atrás de si, como um caminho da não-fixação contínua. A idéia do Metáporos é criar apenas algumas indicações, como um paradigma construído por cada pesquisador. “*O método para se estudar a comunicação acompanha a própria dinâmica, a versatilidade, a mutabilidade contínua da comunicação. É um procedimento em que se abre o caminho da pesquisa, desbrava-se o campo enquanto se realiza a própria pesquisa*”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 153).

Fazendo-se um breve passeio pelos métodos científicos, observa-se que os métodos não são adequados para se entender os fenômenos dinâmicos. Os Positivistas, por exemplo, se atêm aos objetos e as coisas, ignoram as forças que os regem e, por assim dizer, neste aspecto, o casual, o indeterminado. Já o modelo metafísico está mais preocupado com as coisas eternas, fixas e imutáveis, construindo conceitos relacionados à essência, natureza e estrutura dos objetos e coisas. Por outro lado, o Empirismo já busca a repetitividade do fenômeno, sem considerá-lo como ele era *a priori*. Não obstante, o Idealismo deseja chegar-se ao imóvel, portanto, à essência plena das coisas. Sendo que os Pragmáticos, por sua vez, se preocupam com a eficácia da pesquisa, seu teor prático operativo que culmina em resultados satisfatórios.

Resumindo-se, a ciência clássica, que vem desde o prenúncio da Física aristotélica sempre se preocupou mais em observar os movimentos regulares, lineares, como o pendular, por exemplo, vendo a ciência como uma construção daquilo que se repete de uma forma constante, contínua, ignorando os fenômenos que não se encaixam

tal fundamento interpretativo. Deste modo, a lógica formal aristotélica sempre foi regida por princípios de não contradição, jamais abarcando o terceiro excluído e a característica de não identidade. Contudo, deve-se levar em conta que fenômenos contínuos correspondem apenas de 10 a 15% dos fenômenos da natureza, sendo que o restante é inteiramente irregular. Sendo que a principal razão para o sucesso de tais métodos em detrimento de outros reside no fato de que o nosso pensamento ocidental, caracteristicamente racional, encontra conforto em certos conceitos metafísicos como verdade e certeza. “*A pesquisa em comunicação não busca a verdade, a possibilidade de repetição do mesmo evento; a comprobabilidade em outros contextos trata-se sempre de uma descrição sincera, sem aspirações de impessoalidade ou objetividade, mas ao estilo dos procedimentos da reportagem e da literatura*”. (MARCONDES FILHO, 2008, p.153).

Neste aspecto, a fenomenologia foi a primeira tentativa depois de Heráclito, de estudar adequadamente os fenômenos regulares e irregulares. Para a Fenomenologia, não existe sujeito, só acontecimento ou fenômenos. Dentro de tal acepção, o conhecimento está no mundo e, a sua captação depende da perspicácia do observador. O mundo existe, mas não pode ser apreendido. Os acontecimentos e os fatos só são apreendidos de forma parcial, nunca em sua totalidade. Por isso, Husserl nega tanto o empirismo, para quem as pessoas são tabula rasa, considerando que elas chegam ao acontecimento pelo simples objeto, do modo mesmo como o idealismo o vê também. De modo que, para ele, as coisas são mais importantes do que o sujeito que as observa, uma vez que a nossa consciência é que constrói as coisas, segundo sua visão filosófica. Neste contexto, a consciência dota de sentido as coisas pela intencionalidade, ou seja, para Husserl, consciência é intencionalidade, sendo que é o mundo então que acontece para nós e, nós não somos nada sem tal percepção.

Já Merleau-Ponty (MARCONDES FILHO, *passim*) diz que não existe consciência, mas sim fios intencionais que nos ligam ao mundo. Ao contrário disso, a fenomenologia de Husserl operaria então quase como uma fotografia do mundo, cuja redução eidética faz como que se feche o olhar do observador na cena observada, deixando-se com que ela venha então a nós, se insurgindo aos poucos. Neste contexto, devemos então estar abertos, nos livrando dos conceitos priorísticos que nos conduzem às coisas e aos seus conceitos. Já a fenomenologia de Bergson (MARCONDES FILHO, *idem*) se pauta pelo contexto de uma percepção imediata, baseada na instantaneidade, na busca da apreensão global e suficiente do movimento, sem se fragmentar a experiência como faz o método analítico, por exemplo, objetivando, ao contrário disso, apreender então a coisa por inteiro no seu próprio

acontecer, que é o teor perceptivo da razão durante. Bergson acredita que as coisas não podem ser apreendidas de forma picotada, tendo de ser então na sua dinâmica, no seu movimento, ou melhor, dizendo, na sua razão durante.

Deste modo, o que se busca então com o Metáporos é trilhar o caminho de uma ciência nômade, ou seja, continuamente mutante, seguindo a idéia heraclitiana de que não existem seres, somente fatos e acontecimentos. E para quem, o ser não passaria então de aparência de estabilidade num movimento do devir. Não obstante, os estóicos contestam Heráclito, pois, para eles o universo não é composto apenas de fatos e acontecimentos, há uma energia ou força que fazem os fatos se encadear em seqüências. De modo que os estóicos incorporam o tempo nos estudos da comunicação, pois para eles, é o exprimível que realiza a língua e não a sua gramática, sendo que o real é dividido em corpos e incorpóreos. Corpo é tudo o que age e, incorpóreo o que faz o corpo agir. Já a causa para os estóicos é o *pneuma*, o sopro divino, pois, para eles, a linguagem não é feita apenas de corpos que se encontram, mas do choque que cria algo novo, sendo que as coisas se realizariam em dois planos: plano profundo, real, dos corpos e; do *pneuma*, o plano superficial, dos fatos e dos acontecimentos.

Conceitualmente, o Metáporos trabalha com a comunicação no seu acontecimento, por isso, o termo razão durante, uma vez que quando a pesquisa trabalha com conceitos, ocorre um esvaziamento automático da coisa observada. Se cercarmos muito o objeto, ele pode acabar ficando morto, pois a fixação do conceito é também a sua negação, ou seja, a sua morte anunciada. Segundo os estudos do *FiloCom*, poro foi definido como caminho não consolidado, o qual se desfaz, como caminhos que se dão no deserto, no mar ou em espaços lisos, seguindo os conceitos deleuzianos, definidos em *Mil Platôs*, de espaço liso e estriado, linhas de fuga e nomadismo. Segundo Gilles Deleuze (MARCONDES FILHO, *passim*), no espaço estriado, os caminhos já estão feitos, traçados. Já nos espaços lisos, como no deserto e no mar, os caminhos realizam-se em constantes mudanças, como na abertura de um caminho que envolve situações sem saída, por exemplo, numa linha de fuga, que é a via que se faz e se refaz o tempo todo no percurso, no devir perceptivo. Assim como também a idéia do nomadismo que se traduz pelo caminhar que busca o horizonte do mundo e vivência intensa de tal mundo. Neste contexto, Marcondes Filho (2008, p. 9) resume assim a pesquisa metapórica:

*“Pesquisar a comunicação é estudar o processo e a constituição da relação que se cria entre as pessoas comunicantes, é falar da ocorrência do acontecimento comunicacional, que tem caráter único, efêmero, irrepêvel; é falar da interveniência de fatos extralingüísticos na comunicação, de processos que são mais sentidos do que verbalizados;*

*trata-se da captura do momento em que a comunicação se realiza e, em todos esses casos, é preciso que o pesquisador possa apreender a atmosfera presente, o clima criado, o incorpóreo que atravessa os atos. Tudo isso constitui o evento mágico da comunicação humana”.*

No Metáporos, os caminhos não só não são permanentes, como as linhas de fuga precisam sempre ser re-trabalhadas, reconstruídas. Cada nova pesquisa precisa refazer o caminhar, o nomadismo pensante, o saber perde-se, ou seja, a criação segundo a intuição sensível do pesquisador. O *FiloCom* define *metis* como a inteligência do observador, ou seja, a acuidade, que remete a *techné*, que trata dos estratagemas, da criatividade e da arte, como espírito expressivo. A pesquisa é então um abrir caminhos, o ato de rasgar uma passagem para ver o Acontecimento, pois para Danielle Noves de Oliveira, pesquisadora integrante do *FiloCom*, “*poro não é a dissecação do morto, mas a percepção do vivo*”.

Ainda segundo ele (idem), o poro evoca um quase-método que tem a intuição como base da ciência e do pensamento científico, incorporando em seu campo elucidativo, dois tipos de intuição: intuição intelectual e intuição sensível. Intuição intelectual é a constatação evidente que não necessita ser provada. Por exemplo, na Física, existem elementos que nunca foram demonstrados, pois eles são constatados apenas pelos efeitos que causam aos outros elementos. Já a intuição sensível é inesperada e inovadora, sendo que é nela que reside o Acontecimento, a virada, a transformação, o novo, ‘o fato que nos violenta’, nos dizeres de Deleuze. Não obstante, a intuição intelectual ocorre antes ou depois da intuição sensível, dependendo do objeto observado. Na vivência educacional, por exemplo, as informações são jogadas formando a intuição intelectual, até que num momento, ocorre a intuição sensível, que cria o sentido, portanto, o pico intuitivo ocorre no final, quando as mudanças se manifestam pela persistência e continuidade de elementos. Na vivência fílmica ou cinematográfica, por exemplo, ou diante de uma representação artística, ao contrário, a intuição sensível, ou melhor, o ápice intuitivo ocorre no começo, pois a mudança é repentina, acontecendo numa reverberação ocasional. “*Pelo que se observa, este tipo de pesquisa opera num campo intermediário entre ciência e ficção, entre objetividade e subjetividade, entre observação e participação, entre emissão e recepção, entre significação e sentido, não inteiramente em um nem em outro*”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 153).

### ***1.2.1. O papel do pesquisador do Metáporos:***

Sob certo aspecto, o pesquisador do Metáporos precisa aprender a ser nômade, ou melhor, aprender a se perder, a andar sem meta, mas com todos os sentidos em alerta para perceber o fenômeno em acontecimento. Ou seja, é necessário se inserir no movimento do mundo. Seguindo os preceitos da fenomenologia, há um movimento geral das coisas, o mundo está em constante fluxo e nós nos instalamos neste fluxo contínuo, pois o mundo que percebemos é em si uma construção, sendo que toda nossa observação do mundo depende de como ela aparece para nós na forma de construção, no que Marcondes Filho (2008, p. 151-2) ainda assinala:

*“Dessa maneira, a pesquisa comunicacional deve posicionar-se exatamente no momento em que ocorre a comunicação: é no durante que a investigação pode ganhar maior concretude, pode captar os sinais emitidos, as transformações sofridas, as inter-relações, as trocas, o fenômeno como um todo. ‘Sente-se’ a comunicação, é preciso participar dela para investigá-la, não existe investigação a posteriori, nesse caso ela é história, sociologia, antropologia, estudo de algo passado, portanto, morto”.*

De modo que no Metáporos, uma parte do objeto deve permanecer obscura, já que o pesquisador não deve ter a pretensão de esgotar o objeto. O objetivo é apanhar a coisa em algum dos seus movimentos e, não em todos eles ao mesmo tempo, de maneira a sentir suas forças, energias e vibrações momentâneas e circunstanciais apenas. O que se procura na pesquisa metapórica é basicamente as condições do aparecimento do objeto, porque:

*“O pesquisador de comunicação voltado para este princípio não opera com métodos fixos e definitivos. Já que a comunicação é um processo dinâmico, instantâneo, pulsante, já que as tecnologias se superam a cada momento, já que se trata de operar com uma ‘coisa viva’, cujos efeitos se sentem na vibração da vida a cada momento, é preciso que o próprio procedimento de pesquisa se flexibilize, se adapte, se corrija e esta é uma das atribuições do pesquisador, a de atuar também desbravando, abrindo caminhos, renovando as mentes para acompanhar a renovação das técnicas”.* (MARCONDES FILHO, 2008, p. 10).

Neste contexto, é necessário recuperar o espírito do pesquisador. Numa pesquisa metapórica pode aparecer aquilo que não seria possível por outro método, por isso, é preciso nos reeducarmos para ver algo que saia dos modelos conhecidos, criando um hábito mental para ver as coisas além do seu estado habitual, para se apreender os fenômenos desconhecidos. Neste sentido, o Metáporos é a tentativa de perceber o contexto, a cena, pois numa pesquisa metapórica, o método não deve ser fixo, já que ele necessita ser coerente ao próprio objeto, uma vez que o objeto é que escolhe o seu método observacional, como na maneira como produzimos as coisas que

já devem estar presentes no produto em si. Neste aspecto, convém dizer que sentido, por exemplo, dentro de uma acepção deleuzeana, difere-se de significação e de comunicação. Significação é como decodificamos o signo semiológico ou semiótico, ao passo que sentido corresponde ao acontecimento comunicacional. *“Assim, não vem ao caso a investigação da significação da comunicação, pois esta ainda pertence ao universo eminentemente da linguagem; a comunicação opera antes com sentido, que transcende o território do instrumental analítico convencional e tem a ver como cada um sente as coisas”*. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 151).

Dentro deste campo de visão, o pesquisador é o espectador do mundo, descrevendo cenas e situações, não emitindo juízos, apenas relatando os fatos observados, pois o pesquisador é, antes de qualquer coisa, um observador; considerando também a própria insignificância frente ao fenômeno de observação. Deste modo, o pesquisador é um observador também que afirma a sua subjetividade em relação ao objeto, mas uma subjetividade que alcance o nível neutro do acontecimento, como a subjetividade proustiana que está na narrativa e não no eu cartesiano. Marcel Proust usa do fluxo da consciência, o tempo puro da observação. Neste caso, a contra-efetuação passa a ser neutra, por isso, reverbera nos demais indivíduos. Tais efetuações referem-se ao modo como descrevemos as coisas. Mas as efetuações não acabam por aí, elas precisam também repercutir em algo transcendente, por isso, o verbo no infinitivo torna-se a marca do discurso proustiano, porque a contra-efetuação é algo que sai do pessoal e transcende para um tempo no estado puro. A contra-efetuação rebate lá e volta modificado. *“Em nenhum momento, a pesquisa exclui a subjetividade do observador; não obstante, é sabido que a descrição cuidadosa repercute na credibilidade, angariando, com isso, razoabilidade entre os pares”*. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 153).

Deste modo, o pesquisador do Metáporos precisa entender que a relação é que constrói o objeto e não o objeto que constrói a relação e, que não apenas a linguagem é que cria o sentimento comum de comunidade, mas outras relações também como os sentimentos e a paixão.

Dessa forma, o pesquisador deve:

1. Considerar o movimento do mundo, que é permanente, e nossa inserção nele (a contingência, a transitoriedade);
2. Considerar o território na investigação: espaço liso (espécie de corpo pleno sem órgãos), suporte para o emaranhado de fios, vetores, linhas, cruzamentos;
3. Considerar nosso deslocamento nele: nômade, errático, em rodeio;



4. Quanto ao olhar, à observação: dá precedência à intuição sensível, considera a atmosfera circundante; está focado na captura do processo gerador, nas relações que constituem objetos.
5. Está à espreita do Acontecimento que pode surgir;
6. Fazer um registro ou um relato como forma de efetuação, mas aspirando, como *telos*, que este se torne contra-efetuação, portanto, saber.

### ***1.2.2. Forma de operação do Metáporos:***

As principais características do Acontecimento comunicacional são: novidade, efemeridade, movimento, imprevisibilidade. Seguindo esta proposição, primeiro, o objeto é novo, ágil, cobrando do procedimento investigativo uma atitude igualmente dinâmica. Segundo, ele é transitório, exigindo que o pesquisador atribua legitimidade a tal estado passageiro. Terceiro, o objeto está assentado no movimento, o que impõe ao estudioso uma atitude emparelhada no mesmo progresso de construção. Quarto, o Acontecimento não avisa que irá se dar, pois cabe ao pesquisador identificar a sua fulguração e a iniciativa de acompanhá-la. *“Essas quatro características – novidade, efemeridade, movimento e imprevisibilidade – ficam mais evidentes quando as definimos segundo a razão inversa: o objeto não é conhecido nem conceituado; não permanece por muito tempo; não está parado, estacionado ou ‘congelado’; e não avisa quando irá acontecer novamente”.*(MARCONDES, 2008, p. 1)

Dentro desta visão conceitual, a pesquisa pressupõe então três momentos a se considerar:

1. Condições de possibilidades, ou seja, a decisão de como o observador vai se portar diante da pesquisa, pois é necessária uma preparação diante do objeto a ser observado, já que é algo que está em movimento contínuo.
2. Observações para se definir como irá se trabalhar com o fenômeno, ou seja, a maneira como o pesquisador irá operar com certos elementos durante o seu processo observacional.
3. Constatações necessárias à definição da própria pesquisa em torno do fenômeno ou objeto observado.

### ***1.2.3. Aplicações do Metáforos:***

Existem muitas aplicações voltadas à utilização da abordagem metapórica, entre as quais, podemos destacar:

#### **1. Comunicação face a face ou presencial:**

Entre pessoas que se conhecem

Entre desconhecidos

Em sala de aula

#### **2. Comunicação irradiada**

Jornalismo

Ficção (TV, Cinema)

#### **3. Comunicação eletrônica**

Chats, blogs.

# Capítulo 2

## O Imaginário

## 2.1.

### O Que é Imaginário?

Etimologicamente, a palavra Imaginário vem do latim *Imaginarium* e, pode ser definida como sinônimo de fantástico, ilusão, imaginação. Mas, o conceito que iremos aplicar é o de Imaginário como sendo o conjunto das imagens ou representações que o indivíduo tem da sociedade e de si mesmo, incluindo suas crenças, valores, ideologias que influenciam na sua percepção do real.

Ao longo dos tempos, o vocábulo Imaginário tem sido definido de várias formas, tanto pela Filosofia como pela Psicologia. A Filosofia fez uma substantivação na definição do conceito de Imaginário, começando por H. Bergson que estabelece o papel biológico daquilo a que chamou de “função efabuladora”, como reação da natureza no homem contra a consciência da sua decrepitude.

Por outro lado, já Sartre acresce ao Imaginário uma significação de intencionalidade da consciência em relação ao que é percebido, apoiando-se numa descrição fenomenológica, a qual procura demonstrar que a imaginação não é qualquer coisa de intermédio entre o objetivo e a consciência, mas relaciona estreitamente “o mundo do pensamento” com a possibilidade das ações humanas.

Já para Bachelard, graças ao Imaginário, a imaginação torna-se aberta e evasiva, pois está no psiquismo humano como a própria experiência de abertura ou como a própria experiência de novidade. Não obstante, para Durand, o Imaginário representa o *"conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens"*, ou seja, o grande e fundamental denominador onde se encaixam todos os procedimentos do pensamento humano (DURAND, 1997, p. 14). Neste aspecto, o pensador parte de uma concepção simbólica da imaginação que postula um semantismo das imagens, as quais conteriam materialmente, de alguma forma, o seu sentido expresso.

Durand assinala também o dinamismo do Imaginário, conferindo-lhe uma realidade e uma essência própria. Em princípio, o pensamento lógico não está separado da imagem, pois a imagem seria portadora de um sentido cativo da significação imaginária, ou seja, conteria um sentido figurado, constituindo um signo intrinsecamente motivado, ou seja: um símbolo. Neste tocante, segundo sua visão, o simbolismo é cronológica e ontologicamente anterior a qualquer significância

audiovisual, uma vez que a sua estruturação está na raiz de qualquer pensamento. *"O Imaginário não só se manifesta como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas, sobretudo, como transformação eufêmica do mundo, como intellectus sanctus, como ordenança do ser às ordens do melhor"*. (DURAND, 1997, p. 432)

Já a Psicologia deu uma subjetivação ao conceito de Imaginário. A vivência do Imaginário foi reconhecida por Freud na experiência da “estranheza” do sujeito, entendida como conjunção do “reconhecimento” e da expatriação, bem como determinante na familiaridade mais profunda, a qual provém acesso à consciência através do sonho, fantasmas e mitos. Para ele, o Imaginário é dependente do poder simbólico da expressão, sendo que a gênese dos seus processos pode ser surpreendida numa experiência de “cura pela fala”, uma vez que o inconsciente tende a exprimir-se na escritura do sonho.

Por outro lado, já para Lacan, o Imaginário faz parte do conjunto de sua categoria terminológica juntamente com o Real e o Simbólico, sendo, portanto, três categorias que não se separam, pois, para ele, o Imaginário deve ser entendido a partir da imagem, como o registro do engodo da identificação. Em outras palavras, na relação subjetiva é sempre introduzida alguma coisa fictícia que é a projeção imaginária de um elemento sobre a tela simples, em que o outro se transforma. Sendo assim, segundo sua concepção, seria este o registro do “eu”, como aquilo que se comporta em termos de desconhecimento, alienação, amor e agressividade na relação dual.

Deste modo, Lacan considera como propriedades específicas do Imaginário: o desdobramento da determinação simbólica do sujeito; o mascaramento do real e a dissimulação de sua estrutura de buraco (falta) e de impossível; a ilusão da totalidade da imagem do corpo; a denegação da castração; a imputação ao outro Imaginário (rival) da causa das frustrações do sujeito e; a dimensão da inveja e da rivalidade (agressividade).

Conceitualmente, para ele, o Imaginário está logrado à fase do espelho, pois quando carregada pela mãe, a criança irá reconhecer sua imagem no espelho, antecipando imaginariamente a forma total do seu corpo, mas como sendo outro: o outro do espelho em sua estrutura invertida pela qual a criança se vê e se observa pela primeira vez. Assim, segundo ele, instaura-se o desconhecimento de todo o ser humano quanto à verdade do seu ser e sua profunda alienação da imagem que irá fazer de si mesmo. Sendo este então o advento do narcisismo primário. Narcisismo no sentido pleno do mito, pois simbolicamente indicaria a morte, contudo estaria ligado à incapacidade vital do momento que surgiu. *“No momento da identificação a criança*

*entra no mundo simbólico, um mundo onde o Imaginário pode incluir o real e ao mesmo tempo criá-lo, assim, pode-se compreender a fase do espelho como regra de partida do Imaginário, a partir da imagem formadora, mas alienante e o simbólico, a partir da denominação da criança quando a mãe diz ‘Este no espelho é você Pedro’, pois o sujeito não poderia ser identificado por nada mais que um significante, que remete na cadeia de significante, sempre a um outro significante’.* (LACAN, 1998, 213)

Apesar dos estudiosos do cinema do século XX terem se ocupado de investigar intensamente o campo do Imaginário, Deleuze, porém, não acredita que o conceito de Imaginário seja adequado para se estudar o cinema, pois, de certo modo, ele considera o Imaginário como um termo ainda pouco definido. Segundo ele, o Imaginário não seria uma noção válida no cinema, já que o cinema é produtor de realidade em que inicialmente haveria um primeiro par, chamado de “real-irreal”, que pode ser definido, segundo Deleuze, à maneira similar de Bérghson. Em outras palavras, o real seria a conexão legal, ou seja, o encadeamento prolongado dos atuais, enquanto o irreal seria a aparição brusca e descontínua à consciência, como um virtual enquanto se atualiza. Além disso, haveria outro par, verdadeiro-falso. Neste contexto, o real e o irreal são sempre distintos, mas a distinção entre os dois nem sempre é discernível, pois existiria o falso quando a distinção entre o real e o irreal não fosse mais discernível. Porém, precisamente quando houvesse o falso, o verdadeiro, por sua vez, não seria mais decidível também. Segundo Deleuze, o falso não seria um erro ou uma confusão, mas sim uma potência que torna o verdadeiro indecidível. *“O imaginário é uma noção muito complicada porque está no entrecruzamento dos dois pares. O Imaginário não é o irreal, mas a indiscernibilidade entre real e irreal. Os dois termos não se correspondem, eles permanecem distintos, mas não cessam de trocar sua distinção. É o que se vê bem no fenômeno cristalino, segundo três aspectos: existe a troca entre uma imagem atual e uma imagem virtual, o virtual tornando-se atual e vice-versa; e também há uma troca entre o límpido e inversamente; enfim, há a troca entre o germe e o meio. Creio que o imaginário é este conjunto de trocas. O imaginário é a imagem-cristal. Ela foi determinante para o cinema moderno”.*(DELEUZE, 2004, p. 84)

Segundo tal acepção, o que se vê no cristal é o falso, ou melhor, a potência do falso. De modo que a potência do falso é o tempo em pessoa, não porque os conteúdos do tempo sejam variáveis, mas sim porque a forma do tempo como devir põe em questão todo o modelo formal de verdade. Ou seja, o Imaginário não se ultrapassaria em direção a uma apresentação do tempo puro. E, por isso, Deleuze não atribui muita importância à noção de Imaginário. Contudo, por um lado, ele admite que a imagem

supõe uma cristalização física e química, pois ela não define nada, mas se define pela imagem-cristal, como um circuito de troca. Sendo assim, imaginar seria então fabricar a imagem-cristal, fazendo a imagem funcionar como um cristal, de forma que não é o Imaginário e, sim o cristal que tem uma função heurística, segundo seu triplo circuito: atual-virtual, límpido-opaco, germe-meio. E, por outro lado, o cristal propriamente dito só vale pelo que nele se vê, de modo que o Imaginário é ultrapassado, segundo tal conceito de percepção. *“O que se vê no cristal é o tempo tornando-se autônomo, independente do movimento, as relações de tempo que não pararam de engendrar o falso movimento. Não creio numa potência do imaginário, no sonho, no fantasma..., etc. o imaginário é uma noção pouco determinada. Ela deve ser estreitamente condicionada: a condição é o cristal, e o incondicionado ao qual nos elevamos é o tempo”.* (DELEUZE, 2004, p. 85)

Portanto, Deleuze afirma que não crê em uma especificidade do Imaginário, mas em dois regimes de imagens. Um regime que se poderia chamar de orgânico, que é o da imagem-movimento, que opera por cortes racionais e por encadeamentos e, que projeta ele mesmo como um modelo de verdade (a verdade é o todo). E um regime cristalino, ou seja, da imagem-tempo, que procede por cortes irracionais e só tem reencadeamentos, o qual substitui o modelo da verdade pela potência do falso como devir. Sendo assim, conclusivamente, para ele, o cinema não se trata de Imaginário e sim de um regime de signos em construção.

Mapeando todos estes conceitos, parece claro que a maior dificuldade com relação ao Imaginário é a confusão com os pares: real-irreal, verdadeiro-falso. No entanto, no nosso entendimento, o Imaginário não está relacionado nem com o irreal e nem com o falso, mas sim com o par virtual-atual, como admite também Cornélius Castoriadis.

Com base na conceituação geral do Imaginário, procuraremos adotar o Imaginário sócio-antropológico mais do que o psicológico. O conceito de Imaginário de Lacan não se aplica principalmente na pesquisa almejada, porque, para ele, o Imaginário é apenas uma instância psicológica da fase do espelho na pré-linguagem, sendo que o conceito de Imaginário lacaniano é o de ilusão do espelho, como erro da criança na sua identificação no espelho, ou seja, uma ilusão no seu processo de construção de identidade psíquica, caindo mais uma vez na distinção entre real e irreal, ou entre verdadeiro e falso.

No caso específico da pesquisa em questão, entendemos o processo de construção do Imaginário como processo coletivo e individual ao mesmo tempo, tendo em vista a proposição do inconsciente coletivo, do ponto de vista jungiano. Segundo tal concepção, o mundo é um conjunto de forças que se inter-relacionam, ora se

agrupando ora se opondo, em que muitas vezes vale mais o que não é dito, ou o que se quer com o dito, do que com qual intenção se diz o que se quer dizer. Neste aspecto, O inconsciente coletivo de Jung é formado caracteristicamente por imagens arquetípicas, pois, para ele, os arquétipos são formas não idealizáveis e imagens primordiais, uma vez que nossa mente não seria uma tábula rasa, existindo já previamente um inconsciente coletivo. Diferentemente de Freud, para quem o inconsciente representa formas de recalques, como algo que aconteceu e acabou sendo, com o tempo, reprimido, o inconsciente de Lacan, ao contrário disso, é formado por significantes, ou seja, formas não inteiramente acabadas.

Porém a preocupação no estudo do Imaginário neste trabalho não será sobre a questão da imagem primordial, originária e arquetípica, já amplamente discutida por diversos autores e, sim sobre a própria capacidade efabuladora do homem, segundo a acepção cunhada por Bérghson, considerando que, em certa medida, a busca excessiva pela racionalidade tem provocado cegueira em nossa percepção investigativa. De modo que se torna necessário um olhar investigativo que considere a inteireza do homem na inter-relação entre razão e sensibilidade. Neste contexto, refletir sobre a imaginação efabuladora do homem, ou seja, até que ponto a sua capacidade mimética e de simbolização influenciaram no seu contexto singular de transposição conceitual do *homo-faber* para *homo-sapiens*, pois, do ponto de vista da Antropologia, o que diferencia o homem *sapiens* é a sua capacidade de simbolização, ou seja, de representação mimética do real, a partir das vivências com o real e com a natureza.

Para se entender melhor a questão do Imaginário, faremos um passeio por três importantes correntes de pensamento: a fenomenológica, a antropológica simbólica e a sociológica de Cornélius Castoriadis.



## 2.2.

# Imaginário e a Antropologia Simbólica

Para a Antropologia Simbólica, o homem tem uma necessidade universal de fabricar imagens, no sentido de dar corpo e conquistar um Imaginário ao mesmo tempo visual e textual da realidade. Assim, dentro de tal contexto, o Imaginário próprio de um povo seria o produto acumulado de sua história efetiva e de suas narrativas míticas. Existiria, de certo modo, um forte patrimônio de representação coletiva que permitiria se falar de um Imaginário nacional, que alimenta uma memória cultural nacional e, ao mesmo tempo modela inevitavelmente os gostos, a sensibilidade, as obras, os estilos e os valores de um povo, decodificáveis pelas suas variáveis formas de construções textuais, assim como se pode também, de certo modo, se demarcar o Imaginário de uma determinada época histórica. Para a Antropologia, o arquétipo seria, em certa medida, a matriz geradora do Imaginário, sendo que o termo *mythicus* seria a matriz produtora de todo o discurso imaginativo.

Do ponto de vista da Antropologia Simbólica, Imaginário não seria nem uma representação da realidade exterior, nem uma representação simbólica, nem a menos uma ideologia. Imaginário seria, pois, um sistema, um dinamismo organizado das imagens, como resultado visível de uma energia psíquica, capaz de formalizar tanto um nível individual como um nível coletivo de consciência. De modo ampliado, isto integraria também o campo da imaginação, enquanto agrupamento de imagens que contém uma espécie de auto-organização ou *autopoiésis*. Isto determina que no psiquismo humano haveria representações imageadas e pré-existentes, as quais seriam responsáveis por organizar sua relação com o mundo exterior. De modo que o sujeito adquiriria então certa racionalidade abstrata, ao inverter a corrente espontânea de imagens, esvaziando-as da sua sobrecarga simbólica. Neste caso, o sujeito se deixaria levar então por elas, deformando-nas e, as enriquecendo, de maneira a fazer um vivido poético, com o objetivo de se atingir a plenitude no sonho acordado (devaneio/delírio). Ou seja, as imagens não seriam passivas, ao contrário disso, seriam dotadas de energia de transformação, pois as raízes da imaginação estariam presentes nas matrizes inconscientes (nos arquétipos). De modo que o Imaginário não se desenvolveria em torno de imagens livres, mas sim lhes imporá uma outra lógica de pensamento, sendo que a eficácia do Imaginário seria possível por intermédio de uma

ligação indissociável entre as estruturas imagéticas. De certo modo, haveria então uma forma de Imaginário metapsicológico, que seria o meio pelo qual a consciência vivenciaria o mundo autônomo das imagens, ou seja, o campo do imagial, responsável pelas estratégias de se vislumbrar o inconsciente coletivo, nos moldes acalentados por Jung. Isto significa um desenvolvimento no psiquismo e na alma das realidades perceptivas que não são ficções e, nem tampouco alucinações.

Não obstante, os franceses Gilbert Durand e Gaston Bachelard, em seus estudos sobre o Imaginário, procuram traçar o caminho da imagem e da capacidade de criação de imagens do homem. Neste contexto, para Bachelard, por exemplo, as representações imageadas não remetem a agregados empíricos e associonistas, pois o Imaginário obedece a uma lógica determinada, organizando-se por meio de estruturas que seguem leis específicas. Já para Durand, o Imaginário, ao acoplar-se ao corpo enquanto infra-estrutura e campo de significações intelectuais, ou, melhor dizendo, supra-estruturas, constitui-se em obra de uma imaginação que transcende o mundo sensível. Neste caso, tanto para Bachelard como Durand, o Imaginário não é algo irracional, mas sim um tempo espaço alógico, uma vez que as imagens, para eles, definem-se por lógica dialética rítmica, sendo que a vida das imagens repousaria sobre as leis de uma física onírica. *“Aquilo que se verifica em primeiro lugar é que o homem passa metade de sua vida a dormir e a outra a evocar imagens. A questão que se coloca já não é a dos dados imediatos da consciência, mas a dos dados imediatos do inconsciente antropológico”.* (DURAND, 1996, p. 56)

Neste aspecto, Bachelard busca desenvolver um diagrama poético na condição de criador de imagens, o que pressupõe que as metáforas se evoquem e se coordenem mais do que as sensações, pois, para ele, imagens literárias, por exemplo, são feitas de uma categoria e de um acontecimento, sendo que as imagens literárias e metafóricas seriam, em todo o caso, um fator maior de dinamismo psíquico, capaz de tonificar o sujeito que as concebe como seu mundo simbólico. Bachelard fala também da onipresença da imagem na vida mental graças ao Imaginário, definindo a imaginação como uma forma aberta de captar o mundo sensível. Neste contexto, o Imaginário trataria de um conjunto de imagens e de narrativas formador de uma totalidade mais ou menos coerente, que produziria um sentido não apenas local e momentâneo, mas fruto de um Imaginário holístico e total. Deste modo, Bachelard faz repousar a sua concepção geral do simbolismo imaginário sobre duas intuições, em que considera a imaginação como um dinamismo organizador, sendo que tal dinamismo seria fator de homogeneidade na representação imagética.

Ainda, segundo ele, muito longe de ser uma faculdade formadora de imagens, a imaginação é a potência dinâmica que deforma as pragmáticas fornecidas pela

percepção, sendo que tal dinamismo reformador de sensações torna-se o fundamento de toda a vida psíquica, porque as leis de representação tendem a ser homogêneas. Neste contexto, a representação tem sempre um caráter metafórico em relação a todos os seus níveis interlocutores de significados, uma vez que tudo, em certa medida, é metafórico, ao nível da representação de todas as metáforas que se equivalem significativamente. Isto equivale dizer que esta coerência entre o sentido e o símbolo não significa confusão, porque tal coerência pode se afirmar numa dialética intrínseca. Assim sendo, a unidade do pensamento e das suas expressões simbólicas apresenta-se como uma constante correção, ou seja, como uma perpétua afinação de sentido. Mas um pensamento afinado, não poderia prescindir de imagens, sendo que, reciprocamente, o jorrar das imagens, mesmo nos casos mais confusos dos delírios, seria sempre encadeado por uma lógica, ainda que uma lógica enfraquecida de sentido.

Não obstante, para Durand, o Imaginário seria o substrato da vida mental, pois a produção conceitual é apenas o seu encolhimento, o que permite uma oposição entre Imaginário versus racional. Sendo que a imagem seguiria, conceitualmente, um trajeto antropológico, partindo do plano neurobiológico até culminar no cultural, desenvolvendo neste contexto três sistemas reflexobiológicos, os quais seriam responsáveis por desenhar a infra-estrutura da sintaxe das imagens: os reflexos posturais (vertical), digestivos (ingestão, expulsão) e sexuais. *“A imagem primordial deve incontestavelmente estar em relação com certos processos perceptíveis da natureza que se reproduzem sem cessar e são sempre ativos, mas por outro lado é igualmente indubitável que ela diz respeito também a certas condições interiores da vida do espírito e da vida em geral”.* (DURAND, 1997, 60).

Seguindo tal proposição, Durand divide as imagens em dois regimes conceituais: o regime noturno – intimista e aglutinador, que joga com analogias e eufemizações de diferenças; e o regime diurno, que produz cortes, antagonismos e antíteses. Para ele, o Imaginário enraíza-se no símbolo-motor, que determina reflexos posturais, digestivos e copulativos, sendo que este programa durante o trajeto antropológico, três tipos de construções de representação que remetem à capacidade de: distinguir, confundir e religar símbolos. Já as matrizes inconscientes, tais como masculino e feminino, implicariam em aspectos de luta e conciliação, pois seriam transformadas por intermédio de uma consciência perceptiva, em imagens novas a partir do contato com as diferenças que proviessem do mundo externo. Em seguida, tais imagens se confundiriam em novas significações, entrando em contato com o cosmos – terra, água, ar e fogo -, que seriam hormônios da imaginação, segundo Durand, e que nos fazem crescer psiquicamente. Finalmente, para ele, as imagens

encontrariam sua dinâmica criadora então no corpo – língua, músculos, movimentos rítmicos e gestos. De forma que as imagens primitivas, às vezes, podem aparecer simbolicamente nos sonhos, enquanto que as imagens inconscientes acabam por ser organizadas sobre determinados complexos simbólicos. *“Se os homens se podem compreender mutuamente através do tempo da história e da distância das civilizações, se os mitos, as literaturas e, inclusivamente, os poemas podem ser universalmente traduzidos, é porque toda a espécie homo sapiens possui um patrimônio inalienável e fraterno que constitui o império do imaginário”*.(DURAND, 1996, p. 69)

Em certo aspecto, toda a obra de Durand é uma tentativa de devolver à imagem e ao Imaginário um lugar de destaque na filosofia por meio dos estudos mitológicos. Sendo que, para o autor, o pensamento ocidental, em especial, a filosofia francesa tem por constante tradição desvalorizar ontologicamente a imagem e, psicologicamente a função da imaginação, acusando-na de ser fomentadora de erros e falsidades. Sendo que, para ele, tal evidência está justamente na confusão feita por Sartre entre a imagem e o duplicado mnésico da percepção, que mobília o espírito com miniaturas mentais, que não passariam de cópias das coisas objetivas. Segundo tal aceção, no limite, a imaginação teria sido reduzida a um limiar da sensação que seria apenas imagem remanescente ou meramente consecutiva. *“É sobre esta concepção de um imaginário desvalorizado que floresce o associacionismo, esforço certamente louvável para explicar as conexões imaginativas, mas que comete o erro de reduzir a imaginação a um puzzle estático e sem espessura e a imagem a um misto, muito equívoco, a meio caminho entre a solidez da sensação e a pureza da idéia.”* (DURAND, 1997, p. 22).

Mediante tal discordância interpretativa, na introdução do livro *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, Durand trava uma severa crítica a Sartre, considerando o filósofo paradoxal por ter tentado o estudo do fenômeno da imaginação, sem se dignar a consultar o patrimônio Imaginário da humanidade que a poesia e a morfologia das religiões constituem. Para ele, Sartre pecaria até mesmo contra a fenomenologia, porque uma fenomenologia do Imaginário deveria, antes de tudo, entregar-se com complacência às imagens e, seguir o poeta até o extremo das suas imagens, sem nunca se reduzir a certo extremismo interpretativo, que seria o próprio fenômeno do elã poético. Segundo ele, como Sartre abandona a fenomenologia e passa a uma construção explicativa da imagem, nesta perspectiva, ocorre um retorno à coisificação da imagem, que o próprio Sartre denuncia paradoxalmente. *“Para poder viver diretamente as imagens, é ainda necessário que a imaginação seja suficientemente humilde para se dignar encher de imagens”*. (DURAND, 1997, p. 25).

Para Durand, não existe, portanto, pensamento sem imagem e é paradoxal a

distinção entre percepção produtora de imagem e percepção de um sentido intelectual. Assim, a tentativa de negar o Imaginário e provar a existência de um pensamento sem imagens aconteceria apenas porque a imagem foi reduzida ao duplicado remanescente da sensação, donde se conclui que tais imagens não acrescentariam nada no sentido das noções abstratas. Disto decorre que, para ele, a principal crítica geral feita é que muitos teóricos minimizam a imaginação, quer pervertendo o seu objeto, como no caso de Bergson, onde se resolve o campo imaginativo em termos de resíduo mnésico, quer depreciando a imagem como um vulgar duplicado sensorial, preparando-se assim para a via, do que Durand chama de niilismo psicologismo do Imaginário sartriano. Por fim, ele critica o que ele chama de “confusão entre imagem e matéria”, feita, segundo sua percepção, pelos seguidores de Bergson e Husserl, em que: *“a fenomenologia psicológica separou sempre o número significado do fenômeno significante, confundindo na maior parte dos casos o papel da imagem mental com os signos da linguagem definidos pela escola saussuriana”*. (DURAND, 1997, p. 28).

Durand acredita que para Sartre a imagem nem sequer é, como para Husserl, um enchimento necessário do signo arbitrário, pois ela não passa de um signo degradado. De certo modo, a genealogia da família da imagem não passaria da história de um equívoco, mas para Durand, é ela mesma a portadora de um sentido que não se deve ser procurado fora da significação imaginária. Pois, o sentido figurado seria, afinal de contas, o único significado, enquanto o sentido próprio não passaria de um caso particular da vasta corrente semântica que drena as etimologias recorrentes. *“Jung, na esteira da psicanálise, viu igualmente bem que todo o pensamento repousa em imagens gerais, os arquétipos, esquemas ou potencialidades funcionais que determinam inconscientemente o pensamento. Piaget consagra toda a terceira parte de uma longa obra a mostrar, a partir de observações concretas, a coerência funcional do pensamento simbólico e do sentido conceitual, afirmando assim a unidade e a solidariedade de todas as formas de representação”*. (DURAND, 1997, p. 30).

Durand defende também que para se estudar o simbolismo Imaginário, seria necessário enveredar-se pela via da Antropologia, mas Antropologia no sentido atual do termo, como conjunto das ciências que estudam a espécie *homo sapiens* – sem se pôr limitações *a priori* e, sem se optar por uma ontologia psicológica que não passa de espiritualismo camuflado, ou uma ontologia culturalista que, segundo ele, geralmente não é mais que uma máscara da atitude sociologista. Uma e outra destas atitudes resultaria, em última análise, em um intelectualismo semiológico. Uma que vez que fazer um trajeto antropológico, ou seja, levar em conta a incessante troca que existiria no nível do Imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e, as intimações

objetivas que emanam do meio cósmico e social, aceitando que há uma gênese recíproca que oscila do gesto pulsional ao meio material e social e, vice-versa, segundo ele, seria algo já provado por Piaget, quando este afirma que as representações subjetivas se explicam pelas acomodações anteriores do sujeito ao meio objetivo. *“Podemos dizer, parafraseando a equação de Lewin, que o símbolo é sempre o produto dos imperativos biopsíquicos pelas intimações do meio. Foi esse produto que chamamos trajeto antropológico, porque a reversibilidade dos termos é característico tanto no produto como do trajeto. Para Bachelard, os eixos das intenções fundamentais da imaginação são os trajetos dos gestos principais do animal humano em direção ao seu meio natural, prolongado diretamente pelas instituições primitivas tanto tecnológicas como sociais do homo faber.”* (DURAND, 1997, p. 41).

Neste aspecto, Durand afirma ainda que apenas o agrupamento permanente de um certo número de estruturas é que permite inferir uma dominante estrutural bem como classificar um objeto antropológico. A esta dominante estrutural, sempre suscetível de se transformar por via de evolução de suas variáveis, ele chama de regime da imagem ou ainda estrutura geral. De modo que, uma análise destas variáveis só pode ser aplicada enquanto enquadramento estrutural da pesquisa – no universo concreto da consciência humana em geral (psique) -, que é primordialmente o campo do Imaginário, antes de ser o da reflexão sintática, que é diretamente semântica, antes de ser semiológica. Segundo tal aceção assinalada por ele, qualquer análise categorial do irracional tem, de algum modo, o Imaginário como material visto, considerando-se que as duas extremidades do trajeto antropológico mergulham nas entradas e saídas infrapsíquicas representadas pelo contexto biológico e o social. *“O coração da antropologia constitui, portanto, um verdadeiro fantástico transcendente, cuja transcendentalidade é, de algum modo, de dupla entrada. Ele depende do a priori do reflexo e do a priori da sociedade, matrizes estruturais, categorizações primeiras e últimas em função da ordem do discurso e através das quais oscilam as representações”.*(DURAND, 1996, p. 66)

Não obstante, Durand afirma que se pode mesmo dizer que todo o sentido do regime diurno do Imaginário seria o pensamento contra as trevas, simbolicamente contra o semantismo das trevas, da animalidade e da queda, ou seja, contra *Cronos*, o tempo mortal. Tal concepção de tempo simbolizaria, em contrapartida, a antítese do tempo, ou seja, as suas múltiplas faces carregadas de figurações verticalizantes e, do seu semantismo diairético, ilustrado pelos grandes arquétipos do cetro e do gládio. Pois, seria por atitudes da imaginação que se chegaria às estruturas mais gerais da representação e, seria a imagem do gládio, simbolicamente, as coordenadas espetaculares e ascensionais que anunciariam as estruturas esquizomorfos, a saber,

que assinalariam, contraditoriamente: a desconfiança em relação às seduções do tempo, a vontade de distinção e de análise, o geometrismo, a procura da simetria e, por fim, o pensamento construído por antíteses, ou seja, o pensamento dual da racionalidade ocidental. Segundo ainda o autor, o regime diurno poderia ser definido então como o trajeto representativo, que iria da primeira e confusa glosa imaginativa, implicada nos reflexos posturais, até a argumentação de uma lógica da antítese e, ao fugir do “aqui platônico”. Em certa medida, seria o mesmo universo do Imaginário onde se subsumem imagens, símbolos, idéias, representações e, posteriormente, sintaxes, topologias, retóricas e lógicas de todos os tipos. *“O imaginário é o reservatório concreto da representação humana em geral, onde se vem inscrever o trajeto reversível que, do social ao biológico, e vice-versa, informa a consciência global, a consciência humana. Também o imaginário nos surgiu como terreno privilegiado onde pode acordar a antropologia, uma vez que o utensílio metodológico é preciso e claramente fornecido pela reflexologia.”* (DURAND, 1996, p. 65).

Ainda sim, Durand define mito como um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema articulado, tenderia a compor-se em termos de narrativa simbólica. Para ele, o mito já seria um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio condutor do discurso, no qual os símbolos se resolvem por meio de palavras e os arquétipos em termos de idéias. Sendo que o dinamismo das imagens, ou seja, o sentido figurado é que importa em termos narrativos, pois, por intermédio de tal dinamismo é que se concebe não só a decifração dos símbolos, mas também de certos signos sobrecarregados de semantismo, assim como do sentido próprio dos conceitos que expressam simbolicamente. De certo modo, a finalidade do arquétipo, tal como a intenção do vôo é sempre a ascensão simbólica. Por esta razão, Durand denuncia que o racionalismo triunfante no Ocidente leva a uma filosofia do duplo, ou seja, o espírito produzido por meio deste campo interpretativo seria o duplo do ser, da mesma forma que o mundo inteligível seria o duplo mais autêntico do mundo real. *“Assim, a imagem da compartimentação, o esquema diairético que a estrutura e constitui com ela o Regime Diurno, é verdadeiramente axiomático de todo um setor de representações que reúne pensamentos tão variados como os do biológico, do físico mecanicista, do psicólogo ou do filósofo”.*(DURAND, 1997, p. 183).

Por outro lado, Durand considera ainda que toda invenção humana é imaginação criadora, sendo que a função fantástica desempenharia, simbolicamente, um papel direto nesta ação, ou seja, não há obras de imaginação e da criação humana, para ele, mesmo aquelas mais utilitárias, por assim dizer, que não sejam sempre aureoladas de alguma fantasia em si. Pois segundo sua visão, neste mundo pleno é que

o mundo humano criado pelo homem, ou seja, o campo útil e o imaginativo do saber estariam inextricavelmente então misturados, sendo, por esta razão, cabanas, palácios e templos não podem jamais ser comparadas a formigueiros nem colméias, já que a imaginação criadora ornamenta o menor utensílio a fim de que o gênio do homem não se aliene neles, de modo algum. Assim, um dos aspectos que mais impressiona a todos que se debruçam sobre as características do Imaginário seria justamente a imediatez insólita da imagem. Tal imediatez tende a crescer um nível de perfeição essencial aos objetos imaginários, sendo que a sua pobreza essencial é, por decorrência, em certa medida, uma bem-aventurada ausência de acidente conceitual. Pois, no domínio da fantástica pura, ou seja, no campo do sonho, os observadores ficariam sempre surpreendidos pela oposição da fulgurância onírica e do lento processo temporal da percepção. *“Acabamos de escrever um livro inteiro não para reivindicar um direito de igualdade entre o imaginário e a razão, mas sim um direito de integração ou, pelo menos, de antecedência do imaginário e dos seus modos arquetípos, simbólicos e míticos, sobre o sentido próprio e as suas sintaxes. Quisemos mostrar que o que há de universal no imaginário não é forma desafetada, é sim o fundo”*. (DURAND, 1997, p. 358).

Neste aspecto, Durand explica que seu projeto investigativo seria o de conduzir seu campo perceptivo a uma descrição fenomenológica dos conteúdos da imaginação, traçando preferencialmente uma metodologia com base em certos imperativos biopsíquicos, na busca de uma totalidade do seu trajeto antropológico. Neste contexto, recusa-se então a se separar a consciência das imagens concretas que semanticamente as constituem, optando por uma fenomenologia contra o psicologismo ontológico do tipo reflexivo. Esta vontade descritiva teria como objetivo chegar-se a uma análise, que, posteriormente, definiria uma classificação estrutural dos diversos conteúdos possíveis do Imaginário. De modo a mostrar-se como os três reflexos dominantes, que tinham servido de fio condutor psicológico para toda a investigação, repartiam –se em três grandes grupos de esquemas, sendo representados, pelos esquemas diairéticos e verticalizantes, por um lado. Ora simbolizados pelos arquetípos do cetro e do gládio isotópicos, cotejado simbolicamente por meio do regime diurno, ou heróico. E, por outro, pelos esquemas de descida e interiorização, simbolizados pela taça e as suas componentes simbólicas, dentro do regime mítico. Por fim, pelos esquemas rítmicos, com os seus matizes cíclicos ou progressistas, representados pela roda denária ou duodenária, bem como pelo pau com rebentos, com base na imagem da árvore, simbolizando o regime dramático. Neste contexto, Durand ainda propõe agrupar-se constantemente esta tripartição em dois regimes simbólicos: diurno, o da antítese e; noturno, o dos eufemismos propriamente ditos. *“As fases da imaginação individual ou*



*os modos de expressão da imaginação coletiva, as possibilidades de inversão arquetípica, de conversão de um regime a outro põem em evidência a universalidade e a atipicalidade, tanto psíquica como social, dos grandes arquétipos que classificamos no decurso deste estudo”.*(DURAND, 1997, p. 392).

Mas ainda, para Durand, a memória é poder de organização de um todo a partir de um fragmento vivido, tendo em vista que tal poder reflexógeno simbolizaria o poder geral da vida. Pois, para ele a vida não é devir cego, mas sim capacidade de reação ou de regresso. Sendo que a organização que faz com que uma parte se torne dominante em relação a um todo é a negação da capacidade de equivalência irreversível representada pelo tempo. Acresce-se a isto ainda que o ato reflexo é ontologicamente esboço desta recusa fundamental da morte que anuncia o espírito, ou seja, está longe do sentido de tempo, representado simbolicamente pela memória e o Imaginário, que se erguem contra estas faces do tempo, assegurando ao ser um sentido contra a dissolução do devir, a continuidade da consciência e a possibilidade do regressar, como a instância do regredir para além da necessidade do destino traçado simbolicamente. *“E é de fato o imaginário que aparece como recurso supremo da consciência, como coração vivo da alma cujas diástoles e sístoles constituem a autenticidade do cogito. O que subtrai o eu penso à insignificância do epfenômeno ou ao desespero do aniquilamento é precisamente este para si eufemizante revelado pelo estudo do imaginário, e contra o qual nenhuma objetividade alienante e mortal pode por fim prevalecer”.* (DURAND, 1997, p. 433).

Neste aspecto, Durand vê o Imaginário de um indivíduo como campo conceitual simbólico inseparável dos grandes símbolos e mitos políticos que modelam a sua representação de território nacional, de instituição de poder, bem como das transformações sociais, ou seja, o mito constituiria então uma forma exemplar de transformação de um determinado Imaginário. Sendo assim, para ele, o Imaginário tem um conteúdo semântico, com base em estruturas sintáticas, mas que revela sobretudo uma intenção de um desígnio da consciência. Isto porque tudo pode se tornar Imaginário, pois o Imaginário é, simbolicamente, a passagem para um estado de consciência enquanto conteúdo concreto ausente e, portanto, não atualizado. Sendo assim, Durand considera, que, sem a mediação do Imaginário, as sociedades nunca se tornariam organizações estáveis e fundamentais, e, por assim dizer, jamais comparáveis ao nível simbólico da organização familiar.

## 2.3.

# Imaginário Social

A visão de Imaginário de Cornélius Castoriadis, em *A Instituição Imaginária da Sociedade* é de um Imaginário social, pois ele credita à imaginação a preocupação de exercer o desejo de transformação social, vendo nela a mola das construções coletivas. Para Castoriadis, assim como existem as superestruturas econômicas, há, antes de tudo, intrinsecamente, as estruturas imaginárias da sociedade que podem ser culturais, psicológicas e mesmo econômicas, ou seja, para além da estrutura do capitalismo estaria toda uma estrutura imaginária que atravessa as demais estruturas do capital. As instituições representariam uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde estas se combinariam em termos de proporções e, enquanto relações variáveis de um componente funcional e Imaginário, ao mesmo tempo. Ainda, para ele, a alienação simbolizaria o processo de autonomização e dominância da instituição em relação à sociedade. Sendo que esta autonomização da instituição exprime-se e encarna-se na materialidade da vida social, supondo sempre também que a sociedade viva suas relações com suas instituições à maneira do Imaginário, ou seja, não haveria como reconhecer no Imaginário das instituições seu próprio produto. *“O social é, primordialmente, criação de significações e criação de imagens e figuras que são seu suporte. A relação entre a significação e seus suportes (imagens e figuras) é o único sentido preciso que se pode atribuir ao termo simbólico. O que é significação? Só podemos descrevê-la como um feixe indefinido de remissões intermináveis a outra coisa.”* (CASTORIADIS, 1982, p. 283).

Castoriadis também analisa o Imaginário como o virtual que se atualiza por meio do simbólico, ou seja, as determinações do simbólico não se esgotam na sua substância, subsistindo um componente essencial e decisivo que é o componente Imaginário de todo o símbolo e de todo o simbolismo, em qualquer nível em que estes se situem. Deste modo, o Imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para exprimir-se, como que para existir ou para passar do virtual a qualquer coisa a mais. Uma vez que, segundo ele, o delírio mais elaborado bem como a fantasia mais secreta e vaga são feitos de imagens, mas estas imagens lá estão como representando outra coisa; possuem, portanto, uma função simbólica. Mas também, inversamente, o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária, pois por intermédio dele é possível se ver em uma coisa o que ela não é, assim como também é possível vê-la diferente do

que é. *“Imaginário, criação imotivada que só é no e pelo estabelecimento de imagens. Social, inconcebível como obra ou produto de um indivíduo ou de uma multidão de indivíduos, o indivíduo é a constituição social, inderivável a partir da psique como tal e em si mesma”*. (CASTORIADIS, 1982, p. 287).

Outrossim, Castoriadis argumenta sobre a influência decisiva do Imaginário em relação ao simbólico, que pode ser compreendida a partir da seguinte consideração: o simbolismo pressupõe a capacidade de estabelecer um vínculo permanente entre dois termos, de maneira que um representa o outro. *“Se dissermos que o simbólico pressupõe o imaginário radical e nele se apóia, isso não significa que o simbólico seja, globalmente, apenas o imaginário efetivo em seu conteúdo. O simbólico comporta, quase sempre, um componente racional-real: o que representa o real ou o que é indispensável para o pensar ou para o agir. Mas este componente é tecido inextricavelmente com o componente imaginário efetivo – e isso coloca tanto para a teoria da história como para a política, um problema essencial”*. (CASTORIADIS, 1982, p. 155).

Portanto, segundo o filósofo, é somente nas etapas muito desenvolvidas do pensamento racional lúcido que estes três elementos - o significante, o significado, e seu vínculo *sui generis* -, são mantidos como simultaneamente unidos e, distintos, numa relação ao mesmo tempo firme e flexível. Em outra etapa, a relação simbólica, cujo uso correto pressupõe a função imaginária e seu domínio pela função racional, retorna, ou melhor, permanece desde o início lá onde surgiu, no vínculo rígido, a maior parte do tempo, sob a forma de identificação, de participação ou de causação entre o significante e significado, o símbolo e a coisa, ou seja, no campo do Imaginário efetivo. *“Ele pode colocar-se, e necessariamente coloca-se também a seu serviço: existe, certamente, uma função do imaginário da instituição, embora ainda aqui constatem os efeitos do imaginário ultrapassem sua função; não é fator único (aliás, não o procuramos) – mas sem ele, a determinação do símbolo como a do funcional, a especificidade e a unidade do primeiro, a orientação e a finalidade do segundo permanece incompleta e finalmente incompreensível”*.(CASTORIADIS, 1982, p. 159)

Mas, ainda para ele, isto não se trata da realidade ou das exigências da vida das pessoas em sociedade como tais e, sim do que se tornam estas exigências em termos de discurso do outro (que, por sua vez, aliás, não é absolutamente o veículo neutro) e, na elaboração imaginária deste dada pelo sujeito simbolizador. Isto evidentemente não nega a importância capital para o conteúdo do discurso do outro e, para o seu modo de proceder específico, que tomará a elaboração imaginária, daquilo que concretamente é a sociedade a ser considerada e, nem tampouco a importância quanto

à frequência e a gravidade das situações patogênicas, de caráter excessivo e irracional na formulação social destas exigências. Contudo, neste nível de simbolização, novamente, encontramos o fato de que as exigências da sociedade não se reduzem às exigências da realidade, às da vida em sociedade de um modo geral e, nem tampouco às de uma sociedade dividida em classes, mas, ao contrário disso, vão além do que tais exigências implicariam racionalmente. Encontraria-se aí, neste caso, o ponto de união entre o Imaginário individual e o Imaginário social. Para o autor, em particular, o Imaginário individual encontra sua correspondência num Imaginário social encarnado nas instituições, porém, esta encarnação existe como tal e, é também como tal que ela deve ser interpretada simbolicamente. *“Assim como o indivíduo não pode captar ou dar-se o que quer que seja – nem o mundo, nem a si próprio – fora do simbólico, uma sociedade não pode dar-se o que quer que seja fora desse simbólico em segundo grau, que as instituições representam. E, assim como eu não posso chamar de alienação minha relação com a linguagem como tal – na qual eu posso ao mesmo tempo dizer tudo e qualquer coisa, diante da qual sou ao mesmo tempo determinado e livre, em relação com a qual um fracasso é possível, mas não inevitável – assim também não tem sentido denominar alienação a relação da sociedade com a instituição como tal. A alienação surge nessa relação, mas ela não é essa relação – como o erro ou delírio só são possíveis na linguagem, mas não são a linguagem.”* (CASTORIADIS, 1982, p. 137).

De modo que tudo o que se apresenta no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico, não se esgotando nele. Uma vez que os atos reais, individuais ou coletivos – o trabalho, o consumo, a guerra, o amor, a natalidade –, ou seja, os inumeráveis produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade poderia viver um só momento, não são (nem sempre diretamente) símbolos. Mas alguns deles seriam impossíveis de se cogitar fora de uma rede simbólica. Conceitualmente, encontramos primeiro o simbólico no campo da linguagem, em segundo, num outro grau e de uma outra maneira, o encontramos perpassado nas instituições. As instituições não se reduziriam ao simbólico, mas elas só poderiam existir no simbólico, seguindo o raciocínio do autor, sendo impossíveis fora de um simbólico em segundo grau de forma a constituírem cada qual sua rede simbólica. *“O que dizemos concerne o que podemos denominar de imaginário central de cada cultura, quer se situe no nível dos símbolos elementares ou de um sentido global. Evidentemente existe, além disso, o que podemos chamar de imaginário periférico, não menos importante em seus efeitos reais. Ele corresponde a uma segunda ou enésima elaboração imaginária dos simbólicos, a sucessivas camadas de sedimentação. Um ícone é um objeto simbólico de um imaginário – mas é investido de uma outra*

*significação imaginária quando os fiéis raspam a pintura e a tomam como medicamento*". (CASTORIADIS, 1982, p. 158).

Mas Castoriadis afirma também que porque desconhecemos completamente o papel do Imaginário é que ele está na raiz tanto da alienação como da criação da história. Uma vez que a criação pressupõe tanto quanto o processo de alienação, enquanto capacidade de dar-se naquilo que não é, que não é dado mediante a percepção, ou o que não é dado nos encadeamentos simbólicos do pensamento racional já constituído. Sendo que podemos distinguir então, conseqüentemente, o Imaginário que está atuante na criação do Imaginário puro e simples, tendo em vista que o primeiro antecipa uma realidade ainda não dada, ao mesmo tempo, em que o segundo se verifica como outra construída. Neste contexto, o Imaginário seria, pois, a solução fantasiosa das contradições reais, já que, para o autor, isto é verdadeiro para um certo tipo de Imaginário, porém somente dentro de um tipo derivado. Portanto, não é bastante para se compreender o Imaginário central de uma sociedade, considerando-se que mesmo a contradição das contradições reais é inseparável deste Imaginário central. *“Quando afirmamos, no caso da instituição que o imaginário só representa um papel porque há problemas reais que os homens não conseguem resolver, esquecemos pois, por um lado, que esses problemas só podem ser problemas, só se constituem como estes problemas que tal época ou tal sociedade se propõem resolver, em função de um imaginário central da época ou da sociedade considerada. Isso não significa que esses problemas sejam totalmente inventados, surjam a partir do nada e do vazio.”* (CASTORIADIS, 1982, p. 162)

Ao tratar da história de um indivíduo, Castoriadis salienta que não existiria sentido em dizer que suas formações imaginárias só adquirem importância por representarem um papel em detrimento de certos fatores reais simbolicamente desencadeadores de motivações comportamentais, como: a repressão das pulsões, ou um traumatismo, que criariam potencialmente relações de conflito, como a Psicanálise determina. De certo modo, o Imaginário age sobre um terreno onde existe repressão das pulsões e, a partir de um ou vários traumas, mas para o autor, tal nível de repressão das pulsões está sempre presente no contexto vivencial do indivíduo. Pois, para ele, afora caos extremo, um acontecimento só se torna traumático quando vivido como tal pelo indivíduo, o que significa dizer, no caso presente, que o indivíduo lhe imputa uma significação dada que não é a sua significação canônica, ou de qualquer maneira, não se impõe fatalmente como tal. Sendo que o que o discurso visa, em outros termos, é uma outra coisa diferentemente do que o simbolismo pressupõe conceitualmente, como um sentido que pode ser percebido, pensado ou imaginado, os quais constituem-se nas modalidades desta relação sensória, na aceção de sentidos

que fazem um discurso ou constroem um delírio, o qual pode ser gramaticalmente, sintaticamente e lexicamente impecável. *“Estabelecemos, pois, que existem significações relativamente independentes dos significantes e que desempenham um papel na escolha e na organização desses significantes. Essas significações podem corresponder ao percebido, ao racional ou ao imaginário. As relações íntimas que existem praticamente sempre entre esses três pólos não devem fazer com que se perca de vista sua especificidade. E essa significação, nem de uma percepção (real) nem de um pensamento (racional) é uma significação imaginária”.* (CASTORIADIS, 1982, p. 169-170).

Mas Castoriadis acredita ainda que nem a criação imaginária, nem tampouco a realidade ou a racionalidade e, nem mesmo as leis do simbolismo podem explicar o real simbólico contido nas formas dos conceitos ou nas representações que existem de tais conceitos; agindo, portanto, sempre mais direcionados à sua prática efetiva de utilização, ou seja, no fazer da sociedade, considerada como sentido organizador do comportamento humano e, das relações sociais, independentemente, de sua existência para a consciência efetiva desta sociedade. Ele exemplifica que, por exemplo - o escravo é metaforizado como animal, enquanto que o operário como mercadoria na prática social efetiva -, durante muito tempo antes dos juristas romanos existirem, ou mesmo Marx ou Aristóteles. O que torna tal problema de difícil solução, explicando provavelmente porque tal questão só foi vista durante muito tempo de maneira parcial e, porque ainda, hoje em dia, tanto no campo da Antropologia como da Psicanálise, constatamos as maiores dificuldades de se diferenciar os registros e a ação do simbólico e do Imaginário, não são somente no tocante aos preconceitos realistas e racionalistas, dos quais as tendências mais extremas do estruturalismo contemporâneo representam uma curiosa mistura, impedindo de se admitir o papel do Imaginário, mas, principalmente, porque o significado ao qual se remete o significante é quase inapreensível como tal, e, por definição, seu modo de ser constitui-se invariavelmente um modo de não-ser. *“A imagem é, portanto, aqui símbolo – mas de quê? Para sabê-lo, é preciso entrar nos labirintos da elaboração simbólica do imaginário no inconsciente. No plano individual, a produção desse fantasma fundamental depende do que chamamos o imaginário radical (ou a imaginação radical), este fantasma existe ao mesmo tempo no modo do imaginário efetivo (do imaginado) e é a principal significação e núcleo de significações ulteriores”.* (CASTORIADIS, 1982, p. 172).

Deste modo, significações imaginárias sociais, segundo tal autor, não existem sob a forma de uma representação, pois elas estariam presentes sobre uma outra natureza, para a qual seria inútil procurar uma analogia nos outros domínios de nossa experiência. As significações imaginárias sociais – pelo menos, as que são

verdadeiramente últimas –, não denotariam nada, ao mesmo tempo em que conotariam mais ou menos tudo, em termos simbólicos. O que justificaria o fato de elas serem tão freqüentemente confundidas com seus símbolos próprios. Ou seja, para Castoriadis, é incontestável que uma significação imaginária deva encontrar seus pontos de apoio no inconsciente dos indivíduos, contudo, tal condição não seria suficiente, nem mesmo legítima enquanto condição ou resultado simbolicamente satisfatório. Pois, segundo ele, o mundo social é cada vez mais constituído e articulado em função de um sistema de significações, sendo que tais significações existem e, sendo constituídas por meio da forma do que ele chama de Imaginário efetivo (ou o imaginado). Mas, paradoxalmente, por conta desta racionalização extrema, a vida do mundo moderno depende intrinsecamente do Imaginário tanto quanto qualquer das culturas arcaicas ou históricas preexistentes. De forma que mesmo a representação, a imaginação e o Imaginário nunca foram vistos por si próprios, mas sempre referidos a uma outra coisa – sensação, intelecção, percepção, realidade –, submetidos à normatividade, quando incorporada à ontologia herdada, conduzidos estes ainda sob o ponto de vista do verdadeiro e falso, instrumentalizados numa função, como meios julgados por sua contribuição possível à realização deste fim, que é a verdade ou o acesso ao ente verdadeiro, enquanto o ente sendo. *“O homem é um animal inconscientemente filosófico, que fez a si mesmo as perguntas da filosofia nos fatos, muito tempo antes que a filosofia existisse como reflexão explícita, e é um animal poético, que forneceu no imaginário respostas a essas perguntas.”* (CASTORIADIS, 1982, p. 178)

Do mesmo modo, o ser-social do social não se manifesta nas propriedades dos humanos enquanto seres vivos sexuados, mas sim no ser-assim dos homens e das mulheres e, na diferença dos sexos como então instituídos. Assim, também o que caracteriza uma sociedade não é o seu reconhecimento obrigatório da irreversibilidade local do tempo, trivial e sempre igual, mas sim a maneira pela qual esta irreversibilidade local é instituída e levada em conta no representar e no fazer da sociedade. Para Castoriadis, ao estabelecer o Imaginário social se faz existir, pela primeira vez no desenvolvimento do universo, a identidade. Como ela não existe e não pode existir em nenhum lugar fora disso, o Imaginário institui a identidade em/e pela figura, pouco importando a maneira pela qual este distanciamento seja definido. Neste contexto, o que o autor chama então de recusa intransponível do inconsciente ao se renunciar ao desejo edipiano, visivelmente se refere às formações tardias, de um ponto de vista relativo, ao mesmo tempo em que se coloca o distanciamento como condicionamento por um meio exterior, ou seja, uma divisão coordenada à clivagem tanto do consciente quanto do inconsciente, pela diferença entre satisfação buscada e

satisfação obtida, como procura de um primeiro objeto perdido, pela definição da incapacidade se chegar a um êxito, ou como a cisão implicada na própria estrutura do sujeito. Em todos os casos, a função imputada ao Imaginário é sempre a de preencher, fechar e cobrir o que é necessariamente abertura, clivagem, insuficiência do sujeito. *“A onipotência imaginária em relação ao seio, que o bebê se imputava inicialmente, que gostaria de continuar a imputar-se a seguir, essa onipotência ele é finalmente forçado a colocá-la fora, em um outro, isso significa dizer, inicialmente e antes de mais nada, que ele só pode constituir um outro, projetando nele seu próprio esquema imaginário de onipotência. O padrão fundamental da fantasia, como esquema essencialmente trágico, comportando sempre o sujeito, o objeto, o outro está desde então instaurado.”* (CASTORIADIS, 1982, p. 348).

Na acepção de Castoriadis, o que provoca tal obstinação e, conseqüente ocultação do social-histórico correlacionado a ela, seria a ilusão tenaz da possibilidade de se reduzir o psíquico ao campo biológico, ou, mais recentemente, à estrutura e ao seu teor lógico, tendo em vista que ela própria passa a ser dirigida pela vontade de se eliminar o Imaginário, tanto como Imaginário social quanto como imaginação radical da psique, isto é, como origem incontável e perpetuamente transposta em ação efetiva, em termos de história em geral e, de história da psique singular, tanto incontável em sua efetividade quanto pelo seu próprio pensamento gerador. Isto ainda levando em consideração que a obstinação não podia ser tomada diferentemente pelo pensamento herdado, porque a lógica e a ontologia tradicionais não tem apoio significativo nela própria. Sendo assim, Castoriadis afirma que o problema da representação nada mais é do que o problema da imaginação radical em sua manifestação mais elementar, posto que a ocultação de ambas procede dos mesmos fatores profundos. Da mesma maneira, seria preciso recusar ou reduzir a representação, de modo a salvaguardar o ser, já que ser significa “ser determinado”: ser um, ser o mesmo, ser o mesmo para todos, ser comum – e, a representação -, como tal, ignora estas normas ou as transgride, conceitualmente. De modo que aceitar a representação como irredutível ao campo simbólico seria pulverizar o ser e o mundo, em termos de um composto uníssono de idealistas, realistas e céticos, isto só para se concluir acerca de alguns que consideram que a representação não existe, ou então, em termos daqueles para os quais, ela se pode perfeitamente reduzir-se mediante outra coisa, ou ainda para aqueles outros, cujo mundo comum não existe ou, de que nada se pode dizer a respeito do ser e do mundo.

Mas Castoriadis contesta, contudo, esta tentativa dos realistas, idealistas e céticos de eliminar completamente o Imaginário, pois, para ele, só há percepção porque também existe fluxo representativo. Sob este ponto de vista, também, o



Imaginário, como Imaginário social e Imaginário da psique, seria condição lógica e ontológica do real. Em certo sentido, os instrumentos de uma sociedade são as significações, pois eles definem a materialização dentro da dimensão identitária e funcional das significações imaginárias da sociedade em questão. Castoriadis considera ainda que uma cadeia de fabricação ou de montagem só pode ser considerada como materialização de uma quantidade de significações imaginárias centrais do capitalismo. Citando o exemplo da mudança de Imaginário na Idade Média, ele afirma que, a Reforma implica uma modificação violenta da organização psíquica dos indivíduos concernidos, que passaram de um estado onde tudo era preso à representação do absoluto, da lei, do mestre e, dada sempre pela organização visível da igreja, bem como seus funcionários em carne e osso. Então para um estado onde o indivíduo não é mais concebível, no intermédio entre ele e a transcendência, uma vez que nenhum intermediário que não o texto, que ele interpreta, passa a figurar mais como fonte representativa, por meio do qual ele corre seus próprios riscos e perigos. *“A auto-alteração perpétua da sociedade é seu próprio ser, que se manifesta pela colocação de formas-figuras relativamente fixas e estáveis pela explosão dessas formas-figuras que só pode ser sempre posição-criação de outras formas-figuras”*. (CASTORIADIS, 1982, p. 416).

Portanto, dentro da concepção de Castoriadis, a dominação se dá pelo Imaginário, assim como a resistência à dominação. Imaginário assim como mentalidade individual e coletiva de uma época, uma concepção está ligada à outra, formando-se ou estruturando-se por intermédio de paradigmas. O paradigma do Imaginário moderno seria a crença na razão e no pós-moderno de que, talvez, seja o desejo de tornar o homem completo novamente e como parte de um todo, que traria à tona então a questão de que não haveria como continuar se negando o Imaginário e o inconsciente como potenciais transformadores da realidade indesejável para um devir desejável. Pois, uma vez que o inconsciente ignora o tempo e a contradição, o desejo não pode nunca então se realizar, como tempo relacionado ao espaço e ao movimento, ou seja, tempo considerado então como unidade referencial. Assim, de certo modo, o tempo não existe, o que existe é o movimento, uma diferença-espacial ou alteridade-temporal. Espaço este enquanto possibilidade da diferença do mesmo com o mesmo, sem o qual nada existe. Mas, por outro lado, Castoriadis faz também uma separação entre o simbólico e o Imaginário dentro do estilo lacaniano. Pois, embora ele acredite que o simbólico é operacionalizado pelo Imaginário, ou seja, que o Imaginário é virtual, ele se atualiza, contudo, no plano do simbólico, de forma que, até que ponto esta separação é efetiva não é possível determinar ou precisar conceitualmente.

# Capítulo 3

## O Homem e a Natureza

# 3.1.

## A Relação do Homem com a Natureza

*“Disse também Deus: Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie. E viu Deus que isso era bom. Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela a terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher, os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento. E todos os animais da terra, e todas as aves dos céus, e todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez. Viu Deus tudo o quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia.”*

*(Gênesis, 1:24-31)*

O Livro de Gênesis na Bíblia Sagrada traz um resumo do Imaginário ocidental e de como ele se pauta pela relação do homem com a natureza. A noção de que o planeta e tudo nele existem para nos servir está no cerne do cristianismo e mesmo do humanismo, visão esta que foi potencializada com a dessacralização da natureza, determinada pelo excesso de racionalismo lógico. O homem sempre tentou fugir da ameaça da natureza, protegendo-se em cavernas, usando peles de animais para se proteger do frio, utilizando-se do fogo para se aquecer e cozinhar os alimentos. Mais tarde, como fruto de sua inventividade, passou a construir abrigos, plantar alimentos, criar rebanhos para que não tivesse mais que caçar, ou seja, aprimorando suas ferramentas e cada vez mais fugindo da natureza, declarou então sua independência. Independência esta que pareceu completa depois da revolução industrial, até que novamente voltou a ser vulnerável diante da fúria da natureza, sendo que, paradoxalmente, a mesma técnica que o levou a este estado passa a ser apontada como sua única saída de sobrevivência da espécie.

Em certo aspecto, o homem é o único animal cujas ações modificam, de modo considerável, a natureza, especialmente, porque suas necessidades estendem-se para muito além da alimentação e abrigo que ela provém a ele. Ao tornar-se um ser civilizado, o homem afastou-se cada vez mais da natureza, assim como passou a exigir dela uma quantidade enorme de recursos para manter seu elevado e diversificável padrão cultural. No entanto, o efeito do Aquecimento Global, amplamente difundido na atualidade, traz oportunamente para a humanidade a possibilidade de se repensar a sua relação com a natureza, para além da relação de sua mera instrumentalização.

Coincidência ou não, o movimento ambientalista nasceu depois que a humanidade viu a imagem da esfera azul pela primeira vez, quando o ser humano pôde perceber então a Terra em toda a sua beleza a partir do espaço, o que teria criado em algumas pessoas um sentimento de amor e proteção, em relação não só ao planeta como a todas as formas de vida. Aliado a isso, acredita-se que as principais causas do surgimento do ambientalismo foram: a crise dos conflitos político-ideológicos, ou seja, ao contrário do que se esperava, a sociedade não muda com as revoluções sociais; crise da produção (esgotamento de recursos naturais) e crise das energias não-renováveis; ameaças totais como a bomba atômica, a fissão nuclear, o envenenamento geral; culminado com os perigos reais e atuais como Aquecimento Global e derretimento das calotas polares.

O movimento ambientalista surgiu durante o período dos anos setenta do século XX, nascendo da percepção de alguns grupos do quanto a forma humana irresponsável de agir causava impacto na natureza e para as demais espécies do planeta. A primeira Conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente foi realizada em Estocolmo, na Suécia, em 1972, batizada de Woodstocolmo, ou seja, a Woodstock do ambientalismo, tornando-se marco do início do movimento ambientalista em todo o mundo. No Brasil, a Amazônia, considerada como grande patrimônio verde da humanidade, por um lado, acende a cobiça de muitos pelas suas riquezas naturais e, por outro, reativa o interesse dos ambientalistas e cientistas em preservá-la, bem como o desejo por conhecer e estudar toda a sua biodiversidade existente. Mediante tal motivação, o Rio de Janeiro tornou-se então palco da ECO 92, com a presença de muitos chefes de Estados e especialistas em meio ambiente, em que se discutiu, entre outros assuntos, a preservação da Amazônia e de várias espécies ameaçadas de extinção em todo o mundo. Dez anos depois, foi realizada a Conferência de Johannesburgo, na África do Sul, em 2002, cujo principal foco foi a avaliação das metas definida durante a conferência da ECO 92.

Para os especialistas, o ambientalismo mudou, muito, tendo em vista o desafio imposto pelo Aquecimento Global, de não se tratar mais apenas de se salvar espécimes em extinção, ou mesmo de incentivar a um retorno ao convívio com a natureza, mas, sobretudo, de se assegurar a sobrevivência da civilização humana tal como a conhecemos para futuras gerações. Assim, o ambientalismo deixou então de ser um assunto apenas para ativistas, para ter então um foco mais científico e multidisciplinar, envolvendo especialistas de diversas áreas, desde climatologistas a geólogos, biólogos, dentre outros ramos de saberes disciplinares, envolvendo articulações e parcerias multilaterais entre governos, comunidade científica, os *media* e a sociedade civil.

O Protocolo de Kyoto e o IPCC (Painel Intergovernamental Sobre Mudanças Climáticas) são os exemplos deste novo foco interpretativo da natureza. Criado em 1997, o Protocolo de Kyoto entrou em vigor em fevereiro de 2005, contando com a participação de 163 nações – prevendo que até 2012 seus signatários reduzam as emissões combinadas de gases poluentes a níveis de 5,2% abaixo dos índices de 1990. A eficácia do acordo, contudo, é limitada, pois, até o momento presente, deste estudo em questão, os Estados Unidos, maior emissor mundial de dióxido de carbono, não ratificaram o pacto proposto. Especialistas acreditam que as resoluções de Kyoto apenas combatem a camada mais superficial do problema do Aquecimento Global. Tendo em vista que a redução necessária seria de no mínimo 60% da emissão, sendo que para os mais radicais, teríamos então que eliminar totalmente a emissão de CO<sub>2</sub> o mais rápido possível.

Em 1998, a Organização das Nações Unidas criou o IPCC com a participação de cientistas de 130 países, no intuito de desenvolver uma percepção de que a ação humana poderia ter uma forte influência sobre o aquecimento do planeta e, que seria necessário acompanhar então atentamente este processo. Desde então, o painel já emitiu quatro relatórios, sendo o principal e mais completo realizado em 2007, dividido em três partes. O trabalho do IPCC tem sido publicado em quatro etapas e, produzido por três grupos de trabalho. O primeiro grupo é responsável pelo primeiro capítulo, que reúne evidências científicas de que a mudança climática se deve à ação do homem; o segundo trata das conseqüências da mudança climática para o meio ambiente e para a saúde humana; e o terceiro estuda maneiras de combater a mudança climática e prover alternativas de adaptação das populações. Um quarto capítulo sintetiza as conclusões dos anteriores. Para o IPCC, os países poderiam diminuir ainda mais os efeitos maléficos do Aquecimento Global, estabilizando em um patamar razoável as emissões de carbono até 2030, sendo que isto custaria apenas 3% do PIB (produto interno bruto) mundial.

Com relação ao Brasil, o IPCC alerta que partes da Amazônia podem virar savana. (Veja nos anexos entrevista com o cientista Carlos Nobre, especialista em bioatmosfera do Inpe). Há riscos também para o Nordeste brasileiro, que poderia ver, no pior cenário, até 75% de suas fontes de água desaparecerem até 2050. Os manguezais também seriam afetados pela elevação do nível da água. Mas o grupo alega que faltam dados dos países em desenvolvimento para que eles possam traçar previsões regionais sobre o Aquecimento Global com mais precisão.

No final de 2008, o governo brasileiro lançou o Plano Nacional sobre Mudança do Clima, que talvez tenha como principal mérito o próprio reconhecimento do problema. Segundo o documento divulgado, o objetivo geral do plano é identificar,

planejar e coordenar as ações e medidas que possam ser empreendidas para diminuir as emissões de gases de efeito estufa geradas no Brasil, além de implantar as medidas necessárias à adaptação da sociedade civil aos impactos que ocorrerão devido à mudança do clima. *“Acho que foi um primeiro passo, tem muitas mudanças a se fazer no plano, mas pela primeira vez o Brasil assumiu um plano, porque a diplomacia brasileira sempre foi muito resistente com relação a este assunto”*, afirma Fabio Feldmann, secretário executivo do Fórum Paulista sobre Mudanças Climáticas.

As principais metas a serem cumpridas até 2015 seriam as seguintes:

1. Fomentar aumentos de eficiência no desempenho dos setores produtivos para a busca constante no alcance das melhores práticas.
2. Buscar manter elevada a participação de energia renovável na matriz elétrica, preservando posição de destaque que o Brasil sempre ocupou no cenário internacional.
3. Fomentar o aumento sustentável da participação de biocombustíveis na matriz de transportes nacional e, ainda, atuar com vistas à estruturação de um mercado internacional de biocombustíveis sustentáveis.
4. Buscar a redução sustentada das taxas de desmatamento, em sua média quadrienal, em todos os biomas brasileiros, até que se atinja o desmatamento ilegal zero.
5. Eliminar a perda líquida da área de cobertura florestal no Brasil, até 2015.
6. Procurar identificar os impactos ambientais decorrentes da mudança do clima e fomentar o desenvolvimento de pesquisas científicas para que se possa traçar uma estratégia que minimize os custos sócio-econômicos de adaptação do País.

## 3.2.

### Perigo Real e Imediato?

O Aquecimento Global ou efeito estufa é o fenômeno natural pelo qual a energia emitida pelo Sol - em forma de luz e radiação -, é acumulada na superfície e na atmosfera terrestres, aumentando a temperatura do planeta. O efeito estufa acontece principalmente pela ação de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), CFCs (clorofluorcarbonos), metano, óxido nitroso e vapor de água, que formam uma barreira contra a dissipação da energia solar. De acordo com os cientistas climáticos, o aumento na quantidade destes gases provoca uma elevação da temperatura da Terra. Estima-se que 75% das emissões destes gases vêm da queima de combustíveis fósseis, utilizados para a produção de energia nas indústrias e nos transportes. Os outros 25% provieriam das queimadas das florestas e do agronegócio (tanto agricultura como criação de rebanhos).

Com o aumento dos desmatamentos e da queima de combustíveis fósseis, a concentração destes gases crescendo vertiginosamente, em especial, as de CO<sub>2</sub> e metano. Desde 1800, a concentração de dióxido de carbono na atmosfera cresceu 30%, enquanto a de metano aumentou 130%. Segundo os cientistas, o metano é 24 vezes mais prejudicial do que o dióxido de carbono, mas ele se dissipa, mais rápido, durando em média de 10 a 12 anos, já que o CO<sub>2</sub> leva até 100 anos, o que significa, que desde que começamos a queimar combustível fóssil, praticamente todo o dióxido de carbono lançado na atmosfera permanece lá, acumulando-se irrestritamente. Analisando as camadas de gelo da Antártica, cientistas europeus descobriram que o ritmo de aumento na concentração de CO<sub>2</sub> é impressionante: nos últimos 150 anos, o gás propagou-se pela atmosfera do planeta cerca de 200 vezes mais rápido que nos últimos 650.000 anos. No momento, a concentração de CO<sub>2</sub> está em 387 ppm (partes por milhão), sendo que se as emissões não forem reduzidas drasticamente, isto chegará a 500 ppm em 40 anos, um nível nunca antes alcançado na história do planeta, o que pode trazer conseqüências totalmente imprevisíveis para os seus habitantes de variáveis espécies viventes.

Os maiores emissores de gases responsáveis pelo efeito estufa são os Estados Unidos, a União Européia, China, Rússia, Japão e Índia. Entre estas nações, os Estados Unidos - responsáveis por cerca de 36% do total mundial -, lideram as emissões tanto

em termos absolutos como *per capita*. Entre 1990 e 2002, os EUA aumentaram em 15% o nível de emissão de gases, chegando a 6 bilhões de toneladas ao ano. Para efeito de comparação, todos os países membros da UE emitiram, juntos, cerca de 3,4 bilhões em 2002. A China, terceira colocada no *ranking*, emitiu 3,1 bilhões de toneladas. No *ranking* dos poluidores, o Brasil está em 16º lugar, mas se considerar para efeito de cálculos a emissão das queimadas e do agronegócio, o país pula para a 5º posição.

Segundo o relatório do IPCC, existem diversas evidências de que a temperatura global aumentou. Os termômetros subiram 0,6°C entre meados do século XIX e o início do século XXI – destes, 0,5°C apenas nos últimos 50 anos. Ou seja, no início do século XX a temperatura média da Terra era de 13,78°C, atualmente está em torno de 14,50°C e, a estimativa dos cientistas mais otimistas é que até o final do século ela estará entre 16,50°C e 19°C. Ou seja, os atuais modelos científicos prevêem que, se nada for feito, a temperatura global pode aumentar entre 1,4°C e 5,8°C até 2100. Cientistas menos otimistas acreditam que a temperatura de certas áreas do globo pode subir até 8°C no período, e que, mesmo com um corte radical na emissão de gases, os efeitos do aquecimento continuariam a existir. Isto porque são necessárias décadas para que as moléculas dos gases que já estão na atmosfera sejam desfeitas, de modo a pararem de acumular energia solar em excesso.

Outra evidência é a elevação de 10 cm a 20 cm no nível dos oceanos neste mesmo período. Além disso, as regiões glaciais do planeta estão diminuindo: em algumas zonas do Ártico, por exemplo, a cobertura de gelo encolheu até 40% em décadas recentes. Cientistas também consideram prova do Aquecimento Global a diferença de temperatura entre a superfície terrestre e a troposfera - zona atmosférica mais próxima do solo.

Mesmo com dúvidas em relação à eficácia dos atuais sistemas computadorizados de simulação dos efeitos do Aquecimento Global, os cientistas climáticos são unânimes em afirmar que o impacto do aquecimento será enorme. A maioria prevê falta de água potável, mudanças drásticas nas condições de produção de alimentos e, aumento no número de mortes causadas por inundações, secas, tempestades, ondas de calor e fenômenos naturais como tufões e furacões, surgimento de doenças comuns em climas mais quentes como a malária. Além disso, pesquisadores europeus e americanos estimam que, caso as calotas polares derretam, haverá uma elevação de cerca de 7 metros no nível dos oceanos. Outro impacto provável é a extinção de diversas espécies animais e vegetais.

Segundo as estimativas da UNFCCC (Convenção das Nações Unidas para Mudanças do Clima), a maioria das espécies atualmente ameaçadas de extinção pode deixar de existir nas próximas décadas. As projeções indicam que 25% das espécies de



mamíferos e 12% dos tipos de aves seriam totalmente banidos do planeta com o aumento da temperatura, que provocaria mudanças drásticas principalmente nos frágeis ecossistemas florestais e pantanosos.

Cientistas e engenheiros defendem que a solução para o Aquecimento Global exagerado está no desenvolvimento de tecnologias energéticas que emitam menos dióxido de carbono. Entre as mais pesquisadas atualmente estão a fissão nuclear, células combustíveis de hidrogênio, desenvolvimento de motores elétricos e também o aprimoramento de motores à combustão pela diminuição do consumo e pela diversificação de substâncias combustíveis. No Brasil, ganha destaque o desenvolvimento de matrizes energéticas de origens vegetais, como o etanol, o biodiesel e também o Hbio.

Mas idéias mirabolantes para resolver a questão do Aquecimento Global também não faltam, assim como idéias dignas de roteiros dos melhores filmes de ficção científica, embora seus criadores as defendam como absolutamente realizáveis. As mais simples dizem respeito a formas de capturar as emissões de dióxido de carbono e soterrá-las. Este soterramento poderia ser feito em poços vazios de gás e petróleo, como a Noruega já faz, sendo que o grande perigo é o gás um dia escapar. A captura tanto pode ser por compressão como por reação química com outros elementos, transformado-os em magnésio, por exemplo, que poderia ser utilizado na construção civil. Outra idéia seria fertilizar os oceanos para que cresçam mais algas e microorganismos que capturem o dióxido de carbono do ar. Também pulverizar nuvens com água salgada e até espelhar dióxido de enxofre (SO<sub>2</sub>), em forma de gás, a uma altitude de 25 quilômetros, altitude em que os jatos voam e, o gás poderia ser espalhado pelos próprios aviões. No entanto, contra esta idéia de enxofre na atmosfera existe a possibilidade de que ele possa causar danos à já frágil camada de ozônio. Entre as idéias mais *high-tech* estão projetos como colocar em órbita um gigantesco guarda-sol, que ficaria no espaço e conseguiria bloquear até 3% da luz solar. Outra idéia na mesma linha seria a construção de um painel de lentes reflexivas no espaço. O projeto prevê colocar no espaço trilhões de pequenos discos espelhados para desviar 2% dos raios solares. Os governos não descartam que em algum momento a humanidade possa lançar mão de alguma destas soluções ou várias delas em conjunto.

Outra questão bastante debatida sobre o Aquecimento Global é se o problema é tão iminente, já que se havia indícios dele desde a década de 70 e, também, por que motivo a comunidade científica demorou tanto tempo para se posicionar e alertar para este fato? Segundo os cientistas do clima, um dos fatores foi o de que esforço científico estava concentrado em resolver o problema da deterioração da camada de ozônio.

Outra questão é se ainda há tempo para impedir o aquecimento ou se o máximo que podemos fazer é nos prepararmos para um clima hostil de agora em diante.

Mas há um grupo de cientistas que foram denominados de ‘céticos’ para quem está visão catastrofista e finalista sobre o Aquecimento Global é a mais nova versão das visões apocalípticas que acompanham todas as viradas de séculos. Embora pese contra os céticos, certas acusações de que suas pesquisas são financiadas por grupos petrolíferos. Para eles o problema existe, de fato, mas a humanidade seria perfeitamente capaz de contorná-lo como já fez, em diversas outras ocasiões, enfrentando outras diversidades de desafios, embora este seja um desafio inteiramente inédito para o ser humano. Mesmo entre os céticos, existe o consenso de que o clima está mudando e, de que as ações do homem, especialmente, aquelas conjugadas nos últimos 50 anos, são o principal responsável por esta mudança radical na natureza. Entre as teorias mais combatidas pelos pensadores céticos, está a Teoria de Gaia, que vê a Terra como um organismo vivo, conectivo e interativo.

## 3.3.

# Gaia, a Terra Viva

A Hipótese de Gaia, atualizada posteriormente como Teoria de Gaia, foi apresentada pelo cientista britânico James E. Lovelock e, a bióloga norte-americana Lynn Margulis, em 1969. A principal tese da teoria de Gaia é que a Terra é capaz de gerar, manter e regular as suas próprias condições de vida, ou seja, é a vida da Terra que cria as condições para a sua própria sobrevivência, e não o contrário, como sempre se imaginou, que foi as condições propícias para a vida que a gerou.

Segundo Fritjot Capra, em *A Teia da Vida*, James Lovelock chegou a esta conclusão quando ao fazer um estudo para a Nasa (Agência Espacial Americana) sobre a possibilidade de vida nos planetas Marte e Vênus, ele teria percebido que o fato de todos os seres vivos extraírem energia e matéria e, descartarem produtos residuais era a característica mais geral de vida que ele podia identificar. Assim, segundo Capra, Lovelock supôs que a vida em qualquer planeta utilizaria a atmosfera e os oceanos como meio fluido para matérias-primas e produtos residuais. Deste modo, ele imaginou então que seria possível detectar a existência de vida, analisando-se a composição química da atmosfera de um planeta. De modo que se houvesse vida em Marte, a atmosfera marciana revelaria algumas combinações de gases, ou seja, algumas ‘assinaturas’ características que poderiam ser detectadas até mesmo a partir da Terra. E desta forma, pela composição química da atmosfera de Marte, Lovelock teria concluído que lá não existia vida, mas a Nasa não teria aceitado tal teoria de pronto, só teria admitido a não existência de vida em Marte após a comprovação de sondas espaciais que coletassem matérias da superfície do planeta.

Lovelock teria descoberto que em Marte não existia vida ao comparar as composições químicas da atmosfera de Marte com as da Terra, pois, embora houvesse muitas semelhanças entre ambas, na atmosfera marciana existia muito pouco oxigênio, bastante dióxido de carbono e nenhum metano, já a Terra, por outro lado, tem bastante oxigênio, pouco dióxido de carbono e muito metano. *“Lovelock compreendeu que a razão para esse perfil atmosférico particular de Marte é que, num planeta sem vida*

*todas as reações químicas possíveis entre gases na atmosfera foram completadas muito tempo atrás. Hoje não há mais reações químicas possíveis em Marte; há um total equilíbrio químico na atmosfera marciana*". (CAPRA, 2006, p. 91).

Não obstante, já a situação na Terra é exatamente oposta. A atmosfera terrestre contém gases, como o oxigênio e o metano, que têm probabilidade muito grande de reagir uns com os outros, mas mesmo assim coexistem em altas proporções, resultando numa mistura de gases afastados do equilíbrio químico. Lovelock compreendeu que este estado especial deve ter por causa a presença de vida na Terra. As plantas produzem constantemente o oxigênio e, outros organismos produzem outros gases, de modo que os gases atmosféricos estão sendo continuamente repostos enquanto sofrem reações químicas. *“Em outras palavras, Lovelock reconheceu a atmosfera da Terra como um sistema aberto, afastado do equilíbrio, caracterizado por um fluxo constante de energia e matéria. Sua análise química detectava a própria ‘marca registrada’ da vida*”. (CAPRA, 2006, p. 91)

Lovelock descreve assim o momento em que descobriu Gaia:

*“Para mim, a revelação pessoal de Gaia veio subitamente — como um flash de iluminação. Eu estava em uma pequena sala do pavimento superior do edifício do Jet Propulsion Laboratory, em Pasadena, na Califórnia. Era o outono de 1965 ... e eu estava conversando com um colega, Dian Hitchcock, sobre um artigo que estávamos preparando. ... Foi nesse momento que, num lampejo, vislumbrei Gaia. Um pensamento assustador veio a mim. A atmosfera da Terra era uma mistura extraordinária e instável de gases, e, não obstante, eu sabia que sua composição se mantinha constante ao longo de períodos de tempo muito longos. Será que a vida na Terra não somente criou a atmosfera, mas também a regula — mantendo-a com uma composição constante, e num nível favorável aos organismos.”* (Lovelock *apud* CAPRA, 2006, p. 92).

Assim, para Capra, a função de todos os componentes numa teia alimentar é a de transformar outros componentes dentro da mesma teia. De modo que, assim como as plantas extraem matéria inorgânica de seu meio ambiente para produzir compostos orgânicos e, assim, como estes compostos passam pelo ecossistema para servirem de alimento para a produção de estruturas mais complexas, toda a rede regula a si mesma por meio de múltiplos laços de realimentação. No entanto, os componentes individuais da teia alimentar morrem continuamente para serem decompostos e repostos pelos próprios processos de transformação da rede. *“Ainda resta ver se isso é suficiente para se definir um ecossistema como autopoietico, o que dependerá entre outras coisas, de um claro entendimento da fronteira do sistema*”. (CAPRA, 2006, p. 173).

Não obstante, conclui ainda Capra que, o aspecto de destaque destes laços de realimentação está no fato de que ligam conjuntamente sistemas vivos e não-vivos. Dentro desta concepção conectiva, não se pode então mais pensar nas rochas, nos animais e nas plantas como estando separados uns dos outros. A teoria de Gaia mostra que há um estreito entrosamento entre as partes vivas do planeta — plantas, microorganismos e animais — e suas partes não-vivas —, rochas, oceanos e a atmosfera. Ou seja, o ciclo todo — ligando vulcões à erosão das rochas, a bactérias do solo, a algas oceânicas, a sedimentos de pedra calcária e novamente a vulcões —, tudo atua como um gigantesco laço de realimentação, que contribui para a regulação da temperatura da Terra. *“De acordo com Lovelock e com Margulis, laços de realimentação semelhantes — interligando plantas e rochas, animais e gases atmosféricos, microorganismos e os oceanos — regulam o clima da Terra, a salinidade dos seus oceanos e outras importantes condições planetárias.”* (CAPRA, 2006, p. 94).

Capra defende ainda que a teoria de Gaia olha para a vida de maneira sistêmica, reunindo campos da Geologia, Microbiologia, Química Atmosférica e outras disciplinas, em que os profissionais não estão acostumados a se comunicarem uns com os outros. Sendo que Lovelock e Margulis desafiaram esta visão convencional que encarava tais disciplinas como separadas, o que trazia como consequência a afirmação de que as forças da geologia estabeleciam as condições para a vida na Terra e, que as plantas e os animais eram meros passageiros que, por acaso, teriam descoberto conjuntamente as condições corretas para a sua evolução adequada. Ao contrário disso, de acordo com a teoria de Gaia, a vida cria as condições para a sua própria existência. *“Enunciada de maneira simples, a hipótese [de Gaia] afirma que a superfície da Terra, que sempre temos considerado o meio ambiente da vida, é na verdade parte da vida. A manta de ar — a troposfera — deveria ser considerada um sistema circulatório, produzido e sustentado pela vida. ... Quando os cientistas nos dizem que a vida se adapta a um meio ambiente essencialmente passivo de química, física e rochas, elas perpetuam uma visão seriamente distorcida. A vida, efetivamente, fabrica, modela e muda o meio ambiente ao qual se adapta. Em seguida, esse ‘meio ambiente’ realimenta a vida que está mudando e atuando e crescendo nele. Há interações cíclicas constantes.”* (MARGULIS *apud* CAPRA, 2006, p. 94).

Capra observa também que dentre todas as teorias e modelos de auto-regulação, foi justamente a hipótese de Gaia que encontrou a mais forte resistência do mundo científico, no que ele conclui, atentamente: *“Somos tentados a nos perguntar se a reação altamente irracional por parte do establishment científico não teria sido desencadeada pela evocação de Gaia, o poderoso mito arquetípico.”* (CAPRA, 2006, p. 95). Mas a aceitação à idéia da Terra como um organismo auto-regulador só começou

a ser respeitada pela comunidade científica, depois da percepção dos desequilíbrios causados pelo Aquecimento Global.

Para Capra, a imagem de Gaia como um ser sensível foi a principal argumentação implícita para a rejeição da hipótese de Gaia, depois de sua publicação. Os cientistas expressaram esta rejeição, alegando que a hipótese era não-científica porque era teleológica, isto é, implicava na idéia de processos naturais sendo modelados por um propósito, embora, segundo Capra, Lovelock negue que, em algum momento, ele ou Lynn Margulis tenham proposto que a auto-regulação planetária é propositada, em tais fundamentos.

Outro ponto levantado por Capra, em relação à crítica dos cientistas em relação à hipótese de Gaia, diz respeito ao fato de que a proposição de que a Terra fosse um organismo vivo e auto-regulador daria crédito ao antigo dilema existente entre mecanicistas e vitalistas. A saber, os mecanicistas sustentavam que todos os fenômenos biológicos seriam finalmente explicados pelas leis da Física e da Química, ao passo que os vitalistas postulavam a existência de uma entidade não-física, ou seja, um agente causal responsável por dirigir os processos vitais, o que desafiava, em certa medida, explicações mecanicistas. Deste modo, a hipótese de Gaia teria uma componente conceitual teleológica, ou seja, em outras palavras, a natureza seria propositada, ou, melhor dizendo, a Terra teria um plano ou um propósito de vida e sobrevivência. Mas segundo Capra, a teoria contemporânea dos sistemas vivos finalmente teria conseguido superar a discussão entre mecanicismo e teleologia. Já que ela concebia a natureza viva como ao mesmo tempo um ser consciente e inteligente, sem a necessidade de supor qualquer plano ou propósito global. *“Os representantes da biologia mecanicista atacaram a hipótese de Gaia como teleológica porque não eram capazes de imaginar, como a vida na Terra poderia criar e regular as condições para a sua própria existência, sem ser consciente e propositada”*. (CAPRA, 2006, p. 95)

Segundo Capra, a principal questão seria então se todo o planeta é vivo ou apenas certas partes dele estão vivas? Seguindo esta linha conceitual, Capra defende que para se tornar mais fácil a compreensão da Terra como um planeta vivo, Lovelock teria sugerido a analogia com uma árvore. Já que numa árvore crescida, há somente uma fina camada de células vivas ao redor do perímetro, logo abaixo da casca, toda a madeira interna, ou seja, mais de 97% da árvore, estaria morta. *“De maneira semelhante, a Terra está coberta por uma fina camada de organismos vivos — a biosfera — que se aprofunda no oceano por cerca de oito quilômetros até pouco mais de 9,5 quilômetros, e se ergue na atmosfera numa distância equivalente. Portanto, a*

*parte viva de Gaia é apenas uma delgada película ao redor do globo.*” (CAPRA, 2006, p. 173)

Mas para determinar se a Terra é ou não autopoietica (*auto*, a si mesmo e, *poiesis*, do grego, criação, conceito cunhado pelo biólogo chileno Humberto Maturana), segundo Capra, seria necessário verificar se ela possui os três critérios de uma rede autopoietica, determinados pelo biólogo Gail Fleischaker, que são: autolimitado, autogerador e autoperpetuante. Segundo as definições de Fleischaker, ser autolimitado significa que a extensão do sistema é determinada por uma fronteira que é parte integral da rede. Já, ser autogerador significa que todos os componentes, inclusive os da fronteira, são produzidos por processos internos à rede. Não obstante, ser autoperpetuador significa que os processos de produção continuam ao longo do tempo, de modo que todos os componentes são continuamente repostos pelos processos de transformação do sistema. Ou seja, esta seria a descrição perfeita dos processos celulares dos organismos vivos que são considerados, conceitualmente, como seres autopoieticos, ou seja, como resultado de auto-criação, enquanto sistemas fechados, de um ponto de vista organizacional e, definidamente abertos para a entrada de energia.

Para Capra, analisando cada um destes critérios expostos, comprova-se que a Terra é, em certa medida, autolimitada pela sua fronteira externa: a atmosfera. Sendo que de acordo com a teoria de Gaia, a atmosfera da Terra é criada, transformada e mantida pelos processos metabólicos da biosfera. Ao passo que as bactérias já desempenham um papel fundamental nestes processos, influenciando na velocidade das reações químicas e atuando como o equivalente biológico das enzimas numa célula. *“A atmosfera é semipermeável, como uma membrana celular, e constitui parte integral da rede planetária. Por exemplo, ela criou a estufa protetora na qual a vida em seus primórdios foi capaz de se desdobrar há três bilhões de anos, mesmo que o Sol fosse então 25% menos luminoso do que o é nos dias de hoje”.* (CAPRA, 2006, p. 174).

Ainda mediante tal proposição conceitual, Capra defende que o sistema da Terra também é autogerador, pois o metabolismo planetário converte substâncias inorgânicas em orgânica viva e, novamente em solos, oceanos e ar. Ou seja, todos os componentes da rede de Gaia, incluindo aqueles de sua fronteira atmosférica, são produzidos por processos internos à rede, em um complexo entrelaçamento de sistemas vivos e não-vivos, dentro de uma única teia: *“Isso resulta em laços de realimentação que operam ao longo de escalas imensamente diferentes. Os ciclos de rochas, por exemplo, estendem-se por centenas de milhões de anos, ao passo que os organismos a eles associados têm durações de vida muito curta”.* (CAPRA, 2006, p. 174).

Finalmente, Capra caracteriza o sistema de Gaia também como autoperpetuante, pois, os componentes dos oceanos, do solo e do ar, bem como todos os organismos da biosfera, são continuamente repostos pelos processos planetários de produção e de transformação. *“Considere a teoria de Gaia como uma alternativa à sabedoria convencional que vê a Terra como um planeta morto, feito de rochas, oceanos e atmosfera inanimados, e meramente habitado pela vida. Considere-a como um verdadeiro sistema, abrangendo toda a vida e todo o seu meio ambiente, estreitamente acoplados de modo a formar uma entidade auto-reguladora”*. (LOVELOCK *apud* CAPRA, 2006, p. 92)

Não obstante, Lovelock criou diversas simulações de computador para provar que a Terra poderia auto-regular o próprio clima, sendo o mais famoso destes modelos o *Daisyworld* (O Mundo das Margaridas). Segue abaixo uma descrição resumida feita pelo próprio Lovelock, em *A Vingança de Gaia*:

*“Daisyworld é um planeta como a Terra, orbitando em torno de uma estrela como o nosso Sol. Em Daisyworld só crescem duas espécies de plantas, ambas competindo pelo espaço vital, como faria qualquer planta. Quando o Sol é jovem, gera menos calor e dessa forma o planeta do modelo também está mais frio, e nesse período as margaridas escuras florescem. Somente nos lugares mais quentes, perto do equador, se encontram margaridas mais claras. O motivo é que as margaridas escuras absorvem luz solar e mantêm a si mesmas, sua região e todo o planeta aquecidos. À medida que a estrela se aquece, as margaridas escuras que vivem nos trópicos são desalojadas pelas margaridas brancas, porque as claras refletem a luz solar e, portanto, são mais frescas. Elas também resfriam sua região e o planeta inteiro. À medida em que a estrela continua se aquecendo, as margaridas claras desalojam as escuras, e, através de sua competição por espaço, o planeta sempre permanece perto da temperatura ideal para a vida. No final, a estrela fica tão quente que mesmo as margaridas claras não conseguem sobreviver, e o planeta se torna uma bola de rocha sem vida.”* (LOVELOCK, 2006, p. 34).

### ***3.3.1. James Lovelock, cientista ou guru?***

Lovelock afirma que foi seu amigo escritor William Golding quem lhe sugeriu o nome Gaia, em homenagem à deusa grega, para sua hipótese de um planeta auto-regulado. Mas apesar de ter gostado da sugestão, o nome lhe trouxe alguns dissabores como a rejeição imediata da comunidade científica e, a aceitação instantânea dos adeptos da Nova Era, que estava se formando nos anos de 1970, que o teria transformado numa espécie de guru, embora confessasse: *“De certo modo, por mais prejudicial que isso tenha sido à aceitação da teoria na ciência, os adeptos da Nova Era foram mais clarividentes que os cientistas”*. (LOVELOCK, 2006, p. 140).



Em certa medida, o autor justifica sua insistência na personalização da Terra como Gaia, apesar de negar que ela seja um ser propositado, dizendo que imagens arquetípicas poderiam ajudar a se trabalhar diretamente no nosso inconsciente determinadas concepções e valores, de modo que passássemos a respeitar o planeta em que vivemos e, de modo a vencermos a paralisia do descrédito a certas percepções polêmicas, nos impulsionando a partir para ações mais concretas, no intuito de salvuardarmos nossa civilização. *“Sei que personalizar o sistema da Terra como Gaia, como tenho feito com frequência e continuo fazendo neste livro, irrita os cientificamente corretos, mas persisto em fazê-lo porque metáforas são, mais do que nunca, necessárias para uma compreensão generalizada da verdadeira natureza da Terra e dos perigos letais à frente”*. (LOVELOCK, 2006, p. 140).

Cientificamente, Lovelock é considerado uma figura polêmica por muitas de suas declarações fatalistas, não apenas por parte dos cientistas, mas também pelos ambientalistas, de um modo geral. Dentre as idéias mais polêmicas do pensador britânico, uma delas reside, de fato, na sua concepção de que o uso da energia nuclear seria a forma mais rápida de diminuir a emissão de CO<sub>2</sub>, já que as energias renováveis demorariam muito tempo até serem desenvolvidas em quantidade suficiente para substituir a queima de combustível fóssil. Esta idéia bate de frente com os ambientalistas, mas não é a única idéia considerada antiecológica de Lovelock, uma vez que, segundo sua visão, seria utopia se pensar em desenvolvimento sustentável na atualidade, já que segundo outra de suas concepções, que também bate de frente contra a visão da comunidade científica internacional, já teríamos ultrapassado o ponto de retorno. Ou seja, não existiria mais como evitar o Aquecimento Global da terra, segundo ele, nos restando apenas tentar como salvar a civilização humana, da melhor forma possível. Mas ele considera também que, dois terços da humanidade estariam definitivamente condenados a desaparecer até o final do século XXI. Isto levando em conta ainda a sua idéia mais polêmica de que para a Terra os seres humanos são um vírus, que a deixou doente e, que ela necessitaria então de eliminar ou mantê-los em um número suportável, para que as outras espécies pudessem então sobreviver *“De várias maneiras, estamos em guerra involuntária contra Gaia, e para sobreviver com nossa civilização intacta precisamos urgentemente selar uma paz justa com Gaia enquanto somos fortes o bastante para negociar, e não uma ralé derrotada e debilitada em vias de extinção. Conseguirão as democracias atuais, com sua mídia ruidosa e lobbies de interesses especiais, agir com rapidez suficiente para uma defesa eficaz contra Gaia?”* (LOVELOCK, 2006, p. 145)

Em certa medida, segundo Lovelock, para conseguirmos entrar em paz com o planeta, a primeira coisa necessária a se fazer seria parar imediatamente com as

emissões de CO<sub>2</sub> e, depois preservarmos pelo menos um terço da Terra sem a presença humana, para que o planeta voltasse a encontrar o equilíbrio, isto porque teríamos de compreender de uma vez por todas, que os recursos do planeta não existem apenas para nossa sobrevivência. *“Tão importante quanto reduzir as emissões é a necessidade de reconhecer que os ecossistemas naturais da Terra regulam o clima e a química do planeta, não existindo apenas para nos suprir de alimentos e matérias-primas”*. (LOVELOCK, 2006, p. 126).

Deste modo, para Lovelock, o grande dilema a se levar em conta seria o fato de que todas as fontes de energias renováveis demorariam pelo menos quatro décadas para ter seu uso generalizado, a ponto de substituir a queima total de combustível fóssil, sendo que não poderíamos ainda, mesmo que desejássemos, dispor de tal tempo necessário. Ele cita então as desvantagens de todos os combustíveis renováveis, tal como o biocombustível, porque, segundo seu ponto de vista, seria necessário utilizar áreas de cultivo de alimentos para gerar tal combustível, além de se desmatar as poucas áreas restantes, enquanto que seu plano, ao contrário disso, seria, por outro lado, devolver áreas para a natureza de modo a facilitar o resfriamento do planeta. As energias eólicas, bem como as provenientes das marés e, mesmo a energia solar, segundo ele, são caracteristicamente intermitentes, sendo que com a energia eólica, por exemplo, em detrimento do Aquecimento Global inevitável seria difícil prever se os ventos continuariam soprando no mesmo sentido para a geração de energia. Por outro lado, a energia solar teria o problema do armazenamento, que ainda é precário e caro, ao passo que o uso do hidrogênio para o transporte constitui-se também ainda como uma tecnologia inviável em grande escala. Sendo assim, para ele, a única forma de salvarmos a civilização como a conhecemos seria conseguirmos suprir a necessidade de energia para locomoção e manutenção das cidades, de forma a agredir o mínimo possível o planeta. *“Meus fortes apelos a favor da energia nuclear resultam de uma percepção crescente de que resta pouco tempo para instalarmos um suprimento confiável e seguro de eletricidade, especial no Reino Unido e em várias nações da Europa”*. (LOVELOCK, 2006, p. 103).

Contudo, ainda para Lovelock, aconteça o que acontecer, temos de abrir mão, o mais rápido possível, dos combustíveis fósseis, porque, mesmo depois de transposto o limiar da mudança climática irreversível, a extensão e o grau da mudança adversa continuarão sendo afetados por nossas ações, pois nosso objetivo atual deve ser o de tentar manter o mundo futuro o menos quente possível, de forma que o que precisaria mudar seria nosso padrão de vida e de consumo, o que não seria muito fácil, pois estamos acostumados e doutrinados com a idéia de velocidade em tudo. Sendo assim, como então poderíamos desacelerar de uma hora para outra? *“Vivemos numa época*

*conflituosa, pouco ponderada, e tendemos a ouvir apenas os argumentos dos grupos de interesses especiais. Mesmo quando sabem que estão errados, eles nunca o admitem. Todos lutam pelos interesses de seu grupo, enquanto alegam falar em nome da humanidade”.* (LOVELOCK, 2006, p. 148).

Continuando suas indagações polêmicas, Lovelock afirma que o maior problema para se vencer a paralisia dos gestores mundiais com relação às questões climáticas é que os governos estão mais assessorados pelo o que ele chama de ‘Lobbies verdes’, do que pelo pragmatismo dos cientistas. Neste caso, talvez ele esteja falando mais do ponto de vista da Europa, em que os ambientalistas têm mais espaço de atuação e intervenção social. *“Se Kyoto tivesse sido mais influenciado pelo pragmatismo dos cientistas e engenheiros do que pelo idealismo romântico, poderíamos em breve estar aproveitando a energia de fusão. Do jeito como estão as coisas, poderão decorrer mais vinte anos até que ela comece a aquecer nossas chaleiras elétricas ou processadores de texto”.* (LOVELOCK, 2006, p. 92).

Conseqüentemente, para Lovelock, Gaia está velha e fraca e, a intervenção do homem a está impedindo de se auto-resfriar. Segundo ele, ela luta contra o aumento inevitável do calor solar a fim de manter a Terra fresca o bastante para as mais variadas formas de vida, mas não contava com que, os seres humanos, ‘animais tribais aguerridos’, na definição do autor, com sonhos de conquistar até outros planetas, tentassem se apossar do planeta inteiro para seu próprio benefício somente. Sendo que com total insolência, tivessem apanhado e queimado os estoques de carbono que, para manter o oxigênio em seu nível apropriado, a Terra havia então soterrado. Com isto, ele define o papel do homem como ser usurpador da autoridade de Gaia, impedindo-na de cumprir sua obrigação de manter o planeta adequado à vida, uma vez que teria pensado somente em seu próprio conforto e conveniência. Ainda, segundo ele, a idéia de que os seres humanos são bastante inteligentes para dirigir a Terra é uma das mais arrogantes que já nos ocorreu *“Não somos mais qualificados para sermos os dirigentes ou empreiteiros da Terra do que os bodes para serem jardineiros”.* (LOVELOCK, 2006, p. 132).

Lovelock explica também que o aquecimento está acontecendo justamente numa pequena janela geológica chamada de interglacial, porque o equilíbrio térmico da terra já é por natureza frágil. Pois, a cada 25 mil anos aproximadamente, a posição e a inclinação da Terra em relação ao Sol muda, causando um pequeno aumento no fluxo total de calor recebido pela Terra. *“Trata-se de um estado sensível em que o calor extra é mais do que Gaia consegue enfrentar e a manutenção do equilíbrio falha. Gaia então entra num estado instável clamado interglacial, como uma febre em um ser humano. É o estado da Terra agora”.* (LOVELOCK, 2006, p. 59).

Complementarmente às suas percepções particulares, Lovelock aponta a superpopulação de mais de 6 bilhões de pessoas como um dos problemas, porque, segundo ele, a Terra não teria recursos para suportar tal crescimento populacional, já que nossas exigências são muito grandes e, para que todos os humanos mantenham um padrão tão alto seria necessário mais recursos do que o planeta pode oferecer, mediante o que dispõe em termos de recursos naturais satisfatórios. Desde o início do século XIX, extraímos da Terra mais do que ela pudesse suprir, sendo que a Terra nunca foi vista como um todo, até que os astronautas a observassem do espaço, sendo que quaisquer que tenham sido as falhas humanas, segundo Lovelock, sem dúvida, não há como deixar de considerar que isto possibilitou iluminarmos a melhor idade de Gaia, desde o seu vislumbre do espaço como um planeta inteiro. *“Infelizmente, somos uma espécie com tendências esquizóides, e como uma senhora idosa obrigada a compartilhar sua casa com um grupo crescente de adolescentes destrutivos, Gaia está ficando zangada, e se eles não tomarem jeito, ela os expulsará”*. (LOVELOCK, 2006, p. 54)

Neste aspecto, ele argumenta que o Sol está 30% mais quente do que quando ele surgiu há mais de 4,5 bilhões de anos, sendo que ele deverá brilhar cada vez mais forte por mais 5 bilhões de anos até explodir. No entanto, a vida na Terra surgiu há mais de 3 bilhões de anos com os microorganismos e provavelmente o planeta, sendo que sem a intervenção do homem, ainda seria possível se manter a temperatura adequada para manutenção da vida por mais 1 bilhão de anos, pelo menos. De modo que a nossa intervenção pode abreviar a capacidade da Terra de regular a temperatura por mais tempo. *“Precisamos que a população, do mundo sinta o perigo real e presente, de modo que se mobilize de forma espontânea e promova, generosamente, uma retirada ordeira e sustentável para um mundo onde tentemos viver em harmonia com Gaia”*. (LOVELOCK, 2006, p. 142).

Conclusivamente, para Lovelock, estamos vivendo então uma situação parecida com o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial, em que as pessoas observavam o movimento do fascismo, enquanto alguns davam o alerta, mas poucos acreditavam na gravidade do momento, sendo que apenas quando as coisas tomaram proporções grandiosas e inevitáveis, é que as nações se deram conta do perigo e, todos se mobilizaram conjuntamente para derrotar o nazismo. *“Atualmente parece que suas intuições [dos jovens sensatos que indagam ao autor sobre que futuro vão ter], a soma inconsciente dos sinais sobre o mundo que chegam a seus sentidos, fornecem uma mensagem sombria. De forma semelhante, talvez, a estridência dos céticos quanto ao Aquecimento Global oculta e revela seu medo de que possam estar errados.”* (LOVELOCK, 2006, p. 119).

E o que tudo isto teria a ver com o campo do Imaginário? Tudo, pois os próprios cientistas concordam que tudo é uma questão de como percebemos o mundo, já que nossos agires são direcionados por determinados paradigmas e concepções de mundo. Não há como negar totalmente as estruturas, uma vez que nossas formas de agir seguem uma lógica, uma ordem do seu tempo que pode ser chamado de espírito da época, mentalidade ou Imaginário de uma época. E que envolve todo o repertório da nossa forma de agir à nossa passividade diante dos maiores absurdos. Para entendermos melhor o Imaginário do nosso tempo, discutiremos no próximo capítulo a questão do homem e da técnica, ou seja, como o homem se relaciona com a técnica.

# Capítulo 4

## O Homem e a Técnica

## 4.1.

# A Sociedade Telemática

Vivemos na sociedade da imagem ou telemática, criada pelo quarto *bios*, um mundo codificado, a partir de um totalitarismo programável que nos prende dentro de uma caverna de espelhos, nos tornando indivíduos ‘tautistas’ e ‘disléxicos’, desejosos por ser máquina, ao mesmo tempo em que sofrem com o *horror vacui*. A sociedade espectral tornou-se um lugar deste vácuo, onde só vemos a nós mesmos e, falamos para nós mesmos, na qual o outro desaparece inteiramente, e na qual, também paradoxalmente, apesar de tanto progresso tecnológico em comunicação, ninguém se comunica.

Como fugir então da caverna orbital e como perceber o totalitarismo programado que nos comete intensamente? Como mudar o Imaginário de uma sociedade, cuja base é a crença em um progresso técnico – científico, que toma a proporção de uma religião planetária? E uma sociedade, cujo único valor é o consumo, tendo no progresso técnico-científico, a fonte de toda a sua crença no mundo.

A revolução técnica teve início no século XIX, culminando em meios de transporte e comunicação rápidos que continuam, até hoje, a evoluir numa velocidade espantosa. Nossa relação com o mundo é cada vez mais imagial, mediada pelos meios tecnológicos de comunicação. Sabemos como é nosso planeta visto do espaço, por meio de imagens, conhecemos até o formato de nossa galáxia por imagens telescópicas, podemos se quisermos ver até um bebê chupando o dedo do pé ainda na barriga da mãe. Apesar de poucos terem estado nos países asiáticos, conhecemos as grandes plantações de arroz do Vietnã, a grande muralha da China, o trânsito caótico de Bombaim, ou seja, a oferta de imagens é cada vez mais numerosa e variada.

Por outro lado, o *horror vacui* seria o mal-estar da civilização atual. No *frenesi* do mundo telemático, o homem se vê obrigado a se manter em constante movimento, tendo horror ao vazio e à lentidão, por medo de perder o bonde da história. “*Quando me agito, quando busco fazer muitas coisas ao mesmo tempo, quando não paro e só penso em mim mesmo, o mundo não existe, eu só o toco superficialmente, epidermicamente, sou um autista*”, (MARCONDES FILHO, 2007, p. 72).

Nesta acepção, o homem telemático é o homem que deseja ser máquina, aquele que inveja a imortalidade das máquinas. De certo modo, o homem telemático não só deseja ser máquina, mas deseja ser mercadoria também, ou seja, ser um bem consumível. *“A ligação entre moda e publicidade não se atém às mercadorias; pessoas também são avaliadas segundo critérios de objetos novos e com design atualizado”*. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 142).

O discurso da sociedade telemática é tautológico, porque a mensagem que envio é a mesma que recebo e, porque vivemos num universo comum em que se fala a mesma coisa no discurso pré-fabricado dos *media*. Vivemos todos num contínuo atmosférico mediático comum e, tautológico, sendo que temos o progresso técnico como nova teologia. Ou como tautismo enquanto confusão entre realidade representada e realidade expressa. Lucien Sfez resume o conceito de tautismo da seguinte maneira:

*“Num universo em que tudo se comunica, sem que se saiba a origem da emissão, sem que se possa determinar quem fala, o mundo técnico ou nós mesmos, nesse universo sem hierarquias, salvo emaranhados, em que a base é o cume, a comunicação morre por excesso de comunicação e se acaba numa interminável agonia de espirais. É a isso que dou o nome de ‘tautismo’, neologismo que se une autismo e tautologia, embora evocando a totalidade, o totalitarismo.”* (SFEZ, 2000, p. 33).

Segundo Marcondes Filho, Heidegger foi o primeiro filósofo a fazer uma séria crítica à técnica. Para Heidegger, a essência da técnica é algo de natureza não-técnica, uma vez que a técnica tomou o lugar da metafísica, tornando-se muito mais poderosa do que anteriormente, sendo ainda radical e dominadora, podendo abarcar o homem em todo o seu pensamento. O homem vai saindo do centro para a margem e a técnica ocupando seu lugar: do antropocentrismo ao tecnocentrismo. Sendo que teria um papel de domesticação perceptiva maior do que a própria religião, porque não ocupa só o espírito, mas também a racionalidade e a subjetividade. *“O homem estava no centro. Contudo, já desde o aparecimento dos aparelhos de registro de reprodução de voz, da imagem e do movimento humano, o homem vai sendo deslocado do centro para a periferia do sistema e as máquinas vão ocupando seu lugar”*. (MARCONDES FILHO, 2008, p.103).

Mas existe vida fora da sociedade telemática, fora da tecnocultura e da caverna de espelhos? Segundo Marcondes Filho, há certamente um mundo além do mundo dos meios de comunicação, mas inegavelmente, as cenas da comunicação de massa moldam muito do que imaginamos. Muito de nosso Imaginário, ou quase todo ele, vem dos meios de comunicação. *“Alguns estudiosos se perguntam se há algum mundo além do mundo dos meios de comunicação, se alguma coisa que sabemos, o sabemos*



*sem os meios de comunicação. Sem dúvida sim, mas pouco, muito pouco. Nosso cotidiano é cada vez mais preenchido pelas imagens, pelos fatos veiculados pelos meios de comunicação de forma que, fora deles, sentimo-nos como que “fora do mundo”.* (MARCONDES FILHO, 2008, p. 80).

O meio ‘também’ é a mensagem, pois a cada tecnologia criamos um tipo diferente de relação com o mundo, sendo que na sociedade telemática nos acostumam a ver o mundo de forma sempre editada. O nomadismo sedentário de que falava Gunter Anders, em *O Antiquismo do Homem*, se acentuou ainda mais com a internet do que com a televisão, em que urge definitivamente a necessidade de se conhecer o mundo inteiro sem sair do lugar, ou mesmo sermos outra pessoa, sem sair do quarto. *“No passado, a fotografia, o cinema, a gravação do som alteraram a sensibilidade convencional criando uma nova sensibilidade, a medial. Hoje trata-se de outra, a sensibilidade virtual.”* (MARCONDES FILHO, 2008, p. 103)

## **O Felipe é ainda mais Massa pela televisão**

— *Pô cara, soube que você foi ver a vitória do Felipe Massa em Interlagos, nem para chamar seu chegado aqui.*

— *É, foi massa...*

— *Meu, que cara de desânimo é essa. Foi uma pena que o Felipe não ganhou o Campeonato, mas deve ter sido demais toda a galera vibrando quando ele venceu a corrida.*

— *Não é isso cara é que perdi a corrida.*

— *Pirou véio, tu tava lá na bagaça!*

— *Sim cara, lá é bacana e tudo o mais, mas não dá para ver todos os lances, saca. Os comentários do Galvão, estas coisas. Então deixei tudo certinho para minha mãe gravar a corrida para mim, era só apertar um botão. Mas não sei o que ela fez, cara, não tinha nada gravado.*

— *Xí, sei como é, minha velha também manda mal na tech. Mas esquentando não, tem um chapa meu que sempre grava todos Os Grandes Prêmios do Brasil desde os tempos do Senna, vou ligar para ele e peço para ele fazer uma cópia para você.*

— *Pô cara, valeu...*

— *Mas conta aí, deve ter sido irado também a hora que a galera toda vibrou pensando que o Massa tinha tirado o campeonato do Hamilton?*

— *Aí foi, mas depois ficou todo mundo com cara de bobo um tempão sem entender o que tinha acontecido, é diferente da tevê, não tem comentarista!!*

— *Liga não, 2009 é nós.*

— *Só é. É dessa vez pela tevê...*

## 4.2.

### O Quarto *Bios*

Muniz Sodré, em *Antropológica do Espelho*, descreve a existência de um quarto *bios* formado pelos meios de comunicação e pela tecnocultura, além dos três definidos por Aristóteles: o *bios theoretikos*, da vida contemplativa; *bios politikos*, da vida política e; o *bios apolaustikos*, da vida prazerosa, vida do corpo, descritos no texto *Ética a Nicômaco*. “Cada bios é, assim, um gênero qualificativo, um âmbito onde se desenrola a existência humana, determinada por Aristóteles a partir do Bem (to agathon) e, da felicidade (eudaimania), aspirados pela comunidade”. (SODRÉ, 2002, p. 25)

O poder dos meios de comunicação como quarto *bios* seria a agenda-setting, ou seja, a capacidade de criar uma agenda coletiva, tanto pelos assuntos que ela fala quanto pelos que ela cala. Para Sodré, o que há de mais preocupante na tecnocultura é a anulação da auto-reflexão e aceitação sem questionamentos dos discursos dos *media*. Pois, segundo ele, a tecnocultura implica uma transformação das formas tradicionais de socialização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental e, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas. “Por mais despolitizado que pretenda parecer, o bios midiático implica de fato uma refiguração do mundo pela ideologia norte-americana (portanto, uma espécie de narrativa política), caucionada pelo fascínio da tecnologia e do mercado”. (SODRÉ, 2002, p. 28)

Ainda, para Sodré, na tecnocultura, a diferença dos valores dissolve-se na equivalência geral da forma-produto, ou seja, em vez da sedução da razão argumentativa passa a reinar a fascinação tecnonarcísica, obtida pela retórica do Imaginário. Por isso, na acepção do autor, o espaço público da contemporaneidade é cada vez mais construído pelas dimensões variadas do entretenimento ou da estética, em sentido amplo, cujos recursos provêm do Imaginário social, do *ethos* sensorial e, do subjetivismo primitivo. “Profundamente afetada pela esfera do espetáculo, a vida comum torna-se medium publicitário e transforma a cidadania política em performance tecnonarcísica”. (SODRÉ, 2002, p. 40).

Mas, segundo Sodré, dos *media* para o público não parte apenas influência negativa, mas principalmente emocional e sensorial, com o pano de fundo de uma

estetização generalizada da vida social, onde identidades pessoais, comportamentos e até juízos de natureza supostamente ética passam pelo crivo de uma indivisível comunidade do gosto, segundo ele, o gosto médio, estatisticamente determinado. “*Não há dúvida de que a opinião pública existe, mas como uma estratégia de buscar o que de algum modo já se tem*”. (SODRÉ, 2002, p. 44).

Sodré define o *ethos* de um indivíduo ou de um grupo como a maneira ou o jeito de agir, isto é, toda a ação rotineira ou costumeira, que implica em contingência, isto quer dizer, a vida definida pelo jogo aleatório de carências e interesses, em oposição ao que se apresenta como necessário, como dever-ser. “*O grande problema da ética é o seu afastamento das questões de conteúdo e princípio, para aspectos puramente formais ou simplesmente definidos por uma prática profissional*”. (SODRÉ, 2002, p. 107)

Sodré explica que a quarta esfera existencial ou quarto *bios* ‘aristotélico’, pela qual nos *media* é levada a encarar uma nova moralidade objetiva, que combine com a reforma cognitiva e moral necessária à ordem do consumo, pautada pela criação de uma eticidade voltada particularmente para o senso de consumo. Segundo ele, se o hábito é tido como uma ‘segunda’ natureza, o *bios* midiático operaria como uma ‘terceira natureza’ humana. “*Mas no limite, com o sentido exaurido pela repetição acelerada, o conteúdo perde a importância para a forma lógica do sistema, que se impõe como vigência de um princípio sem significado e progressivamente sem apoio em referências concretas da realidade histórica – ‘o meio é a mensagem’, como estipula a formulação macluhaniana*”. (SODRÉ, 2002, p. 51).

Não obstante, ainda para Sodré, a sociedade contemporânea compreende estética e moralmente todos os *ethos* baseados no consumo, implicados no direito ao consumo. E obviamente, este direito que nem sequer chegou a todos os cidadãos do planeta é que está ameaçado com o Aquecimento Global. “*Esse tipo de juízo tem prevalência sobre qualquer outro horizonte ético-político, o que explica em parte a sua adequação à ordem social contemporânea, regida pelo universalismo dos direitos individuais e pelo imperativo de se otimizar a produção e o consumo em detrimento de outros fins humanos*”. (SODRÉ, 2002, p. 49).

Em certa medida, o ‘espelho’ midiático, com todas as suas variadas técnicas de verossimilhança ‘naturalista’, representadas pela clonagem imagística do mundo, seja por imagens cinematográficas e televisivas, ou ainda pela visualidade computacional das redes é, em si mesmo, um gerador de novo tipo de controle moral, publicitário-mercadológico. “*Do fascínio centralizado na atividade da mídia e nas proezas da computação pode decorrer uma prática ideológica que atribui à inovação tecnológica*

*em si mesma um poder mágico de solução dos problemas, independente das condições sociais e humanas*". (SODRÉ, 2002, p. 101).

De forma que para Sodré, o vazio ético dos meios de comunicação e da própria sociedade, pretende sempre se justificar por uma axiologia grupal, ou seja, por um conjunto de valores que rege uma instituição que se diferencia do fascismo moral, que sob outros aspectos, em termos de aspirações nostálgicas, opera com aquelas incursões que costumam atravessar a crítica literal em direção aos descaminhos do jornalismo contemporâneo, pregando uma restauração de ideais da livre-informação. *"Sabemos que modernamente o horizonte da consciência prática apresenta-se como deontológico, no sentido de uma ética de deveres e não de virtudes, como na Antiguidade"*. (SODRÉ, 2002, p. 65).

Mas para ele, tal moral deontológica termina sendo um recurso de ocultação da verdadeira natureza das práticas setoriais de um grupo específico. Pois, os conteúdos morais do discurso midiático não remetem a nenhuma *práxis* ou a qualquer efeito prático além da repetição do código utilitarista do mercado em busca de consenso social. *"Trata-se de uma moralidade 'pendular' (ora burguesa-tradicional, ora pornográfico-permissiva) e com valores extremamente voláteis, na dependência dos interesses empresariais do momento"*. (SODRÉ, 2002, p. 66)

O mundo do quarto *bios* é o mundo das imagens, mas para Sodré, a imagem torna-se, de certo modo, desconcertante por situar-se a meio-caminho entre o concreto e o abstrato, já que ela seria um princípio gerador de real, mas o real do 'quase': quase-presença, quase-mundo, quase-verdade. *"No caso da imagem midiática da contemporaneidade, trata-se do 'mundo' do capital, um regime de poder orientado pela busca da riqueza abstrata, de riqueza em geral, expressa por dinheiro e valor de troca"*. (SODRÉ, 2002, p. 71).

Outra característica da sociedade contemporânea, segundo Sodré, é que apesar da fé evolucionista de que a verdade científica suplantaria definitivamente qualquer outra, vez ou outra, a humanidade é surpreendida por profetas e seitas iluministas que podem desabrochar no espaço regido pela ciência e tecnologia, sem que se possa explicar o fenômeno por meio de simplificações sociológicas do tipo 'regresso milenarista' ou 'fascinação irracional pelo oculto'. Deste modo Sodré desenvolve uma explicação para estes retornos ao obscurantismo ou pulsões violentas. *"O que emerge das ruínas da velha identidade 'moderna' é uma nova identidade adaptável ao ethos contingente da tecnocultura e permeável a várias regressões pulsionais possíveis"*. (SODRÉ, 2002, p. 72)

Segundo Sodré, as tecnologias comunicacionais são apreendidas como meros canais de informação ao invés do que realmente são – dispositivos geradores de real,

com ambiência própria e um eticismo particular, em que avulta uma dimensão de mítico-religioso sem sagrado. E assim como na Igreja medieval e, no o Islã, a ética era tratada como um aspecto da lei ou da teologia, identificando a crença com a conduta, agora no *bios* midiático a ética passa a ser tratada como um aspecto do mercado. Sendo que a estetização generalizada do mundo termina impondo-se como uma decisão moral. *“Na mídia, sempre impulsionada pelo liberalismo publicitário, a indissociação entre estética e moral é reforçada pela indiferença quanto aos motivos pelos quais uma ação é praticada, o que é típico da moralidade utilitarista”*. (SODRÉ, 2002, p. 75)

Assim, para o autor, a atmosfera doutrinária e emocional da tecnocultura predomina sobre um universalismo democratizante, baseado em critérios de prazer ou de felicidade individual, que estimulam o autocentramento egóico, típico do individualismo moderno, e a reconfirmação da identidade pessoal a partir dos múltiplos ‘espelhos’ (as telas, as vitrines, as imagens de consumo) armados pela tecnocultura, sendo que nada mais escapa, nem mesmo as boas ações. *“Uma ‘boa’ ação individual tende aí a depender muito mais da repercussão midiática (portanto, o reconhecimento narcísico no espelho) do que de motivações solidaristas avaliáveis por princípios de comunidade”*. (SODRÉ, 2002, p. 75).

Não obstante, a nova fase da tecnocultura como advento das tecnologias interativas, emerge de um mundo concebido como transmissão generalizada de mensagens em tempo real, ou seja, a imediatez dos contatos possibilitada pela informação, ou enquanto um *ethos* catártico e imaginariamente redentor de miséria e de exclusão social, que tendem a se agravar com a nova economia-mundo, de tendência excludente e, restritiva na expansão da cidadania formal. *“Nasce daí o fenômeno do consumo contemporâneo (mais sócio-cultural do que estritamente econômico), verdadeira ‘linguagem’ constituída de signos-objetos, gerador do que se chamou num determinado momento de ‘cultura de massa’, isto é, a produção de bens simbólicos posta a reboque da atualidade do mercado e direcionada para o consumo intransitivo de informações e objetos.”* (SODRÉ, 2002, p. 90)

Assim, o autor afirma que o *bios* midiático se sobrepõe às demais organizações, responsáveis pela socialização do cidadão como a família, a escola e a religião. Segundo ele, a passagem progressiva das instituições tradicionais à condição de puras prestadoras de serviços afeta grandemente os núcleos de elaboração e transmissão de valores capazes de atenderem às exigências das novas formas de representação social. *“Sem modelos seguros, a plástica consciência do jovem torna-se facilmente permeável à regulação tecnocultural do mercado, cujos valores básicos são a fama (ainda que, em*

*determinados grupos, implique a criminalidade) e o poder monetário. Neste quadro, a droga pode instituir-se como verdadeira relação social”.* (SODRÉ, 2002, p. 110)

Mas o jovem do momento, dirigido por novas coordenadas tecnoculturais – onde predominam a doxa (falatório opinativo e vertigem da fama), a interatividade e o virtualismo –, tipifica uma geração dentro de um novo modelo de individualização, que transforma o consumo hedonista e o *ludismo* tecnológico em grandes fins existenciais. *“Vale igualmente chamar a atenção para a emergência de uma moral utilitarista e privatista predominante nas elites brasileiras provenientes das camadas economicamente inferiores da sociedade a partir da década de 50”.* (SODRÉ, 2002, p. 111).

Por último, a idéia de que os meios de comunicação, ou mais genericamente a tecnocultura, cria um quarto *bios*, como nova forma de estar no mundo, de agir e perceber o mundo, já está presente em críticos da teoria da comunicação como Gunter Anders, Vilém Flusser, Dietmas Kamper, entre outros, por intermédio de conceitos tais como: tautismo, totalitarismo programado, caverna orbital etc.

## O preço da diarista está pela hora da morte...

— Quanto você cobra a diária?

— Bem senhora, eu estou cobrando R\$ 50,00 mais a condução.

— Xiii, cinquenta, mais condução e quantas conduções você pega?

— Duas pra vim e duas pra voltar, mas tenho Bilhete Único!

— Ah, só um minutinho, meu celular está tocando... Oi, que bom amiga, estava esperando você me retornar... Você vai mesmo para Miami? Ai que inveja, inveja boa, é claro... Você poderia trazer aquele perfume importado que eu Adoro, o meu está no finzinho... Pois é menina, com esta crise estamos em contenção de despesas, até dispensei a moça que trabalhava em casa há anos, mas com minha filha morando fora, só eu e meu marido, a gente fica o dia inteiro no trabalho, quase não comemos em casa. Estou contratando uma diarista para vir três vezes por semana... Sério, três dias já tem de assinar a carteira!.. Puxa assim sairia o mesmo que manter uma empregada e ainda tenho que pagar a condução!!!... Vou ver aqui, tchauzinho... Alô, alô, espera, estava esquecendo meu cremíno milagroso ... O mesmo que você também usa, traz dois, afinal em tempos de dólar alto, não sei quando terei uma amiga viajando novamente para fazer outra encomenda... Sei que é a trabalho, mas mesmo assim, Miami é sempre Miami meu bem.... Queria eu ter um trabalho assim, viajando para um monte de lugares legais ....Se vou passar o Natal em Paris, claro, é um sonho antigo e já tínhamos comprado o pacote quando explodiu essa crise, ainda bem, não sabemos quando poderemos nos dar ao luxo novamente... Tchauzinho, boa viagem...

— Então filhinha, vamos fazer assim, você vem três vezes por semana, mas só na parte da tarde, na parte da manhã você vai limpar o escritório do meu cunhado que fica a duas quadras daqui. Ele tinha me pedido para arrumar alguém, lá é tudo novinho, limpinho é uma beleza, você dá conta rapidinho. Então peço para ele assinar sua carteira e pagar a condução. Acho que é um negócio bom para nós duas, tudo bem pra você? Pode começar na segunda?

— Claro, senhora...

## 4.3.

### O Mundo Codificado de Flusser

Vilém Flusser, em *O Mundo Codificado* diz que para se compreender o homem é preciso entender primeiro as suas ferramentas, seu modo de fabricação. Segundo ele, o *Homo sapiens* é antes de tudo um *Homo faber*, pois a capacidade de criação foi que diferenciou os *sapiens* dos hominídeos anteriores. “*O que importa é que a fábrica do futuro deverá ser o lugar em que o Homo faber se converterá em Homo sapiens sapiens, porque reconhecerá que fabricar significa o mesmo que aprender, isto é, adquirir informações, produzi-las e divulgá-las*”. (FLUSSER, 2008, p. 43).

Flusser divide a história humana em três períodos marcados por revoluções industriais ou de capacidade de fabricação do *Homo faber*, de acordo com as ferramentas e técnicas utilizadas pelo homem, tais como: mãos, ferramentas, máquinas e meios eletrônicos. “*Em breve, ao construir máquinas será possível combinar a durabilidade do inorgânico com a inteligência do orgânico*”. (FLUSSER, 2008, p. 48)

A primeira Revolução Industrial teria sido a das ferramentas, quando ocorre o nascimento do *Homo faber*, onde o homem é a constante e a ferramenta a variante. É quando o homem se afasta da natureza para então observá-la. A segunda Revolução Industrial é a revolução das máquinas, ocorrida a partir do século XIX, em que a máquina é então a constante e o homem a variante, sendo que desta vez, o homem é expurgado do processo produtivo, não apenas a natureza. Já a terceira revolução industrial, é a que está em curso, em que a substituição das máquinas mecânicas está sendo realizada pelos equipamentos eletrônicos que pretendem converter em coisas as simulações de informações genéticas. A terceira revolução devolveu a mobilidade ao homem, por meio da rede telemática, que transformou o mundo em um mundo codificado. Assim, a terceira revolução é a revolução biológica, ao contrário da revolução industrial predecessora que era apenas mecânica.

Para Flusser, o mundo codificado está invadido de não-coisas, de elementos impalpáveis e de informações. E as não-coisas são inapreensíveis, pois têm apenas a função de servirem a contextos meramente decodificáveis. Para ele ainda, esta revolução cria um novo homem, o *Homo ludens*, que não quer fazer, mais sim



desfrutar, que não é homem de ação, mas sim de busca de sensações. Além do mundo da natureza e da cultura, também somos cercados pelo mundo do lixo, segundo Flusser, que cada vez mais chama nossa atenção. Ele descreve a história humana como um círculo vicioso, da natureza para a cultura e da cultura para o lixo e, deste de volta para a natureza. Para ele, a história começa com a invenção da escrita. *“A escrita, a consciência histórica, o pensamento linear racional foram inventadas para salvar a espécie humana das ‘ideologias’, da imaginação alucinatória”*. (FLUSSER, 2008, p. 143).

Segundo Flusser, esta revolução em curso da sociedade do futuro será sem classes, dotada por programadores programados, no que ele denomina de totalitarismo programado. Mas um totalitarismo sem opressão, pois os indivíduos se sentirão livres por poder decidir em que tecla apertar, sem se darem conta que não importa a tecla, pois o programa é que cria as opções, ou seja, todas as opções já estão programadas. Sendo assim, para Flusser, o objetivo do mundo codificado é esconder que ele consiste em um tecido artificial. Seria como se vivêssemos numa Matrix?

Seguindo ainda esta mesma linha conceitual, o homem pós-industrial ou pós-histórico seria programado por imagens. Em cada revolução, a imagem teve um papel significativo. Na primeira revolução industrial, a das ferramentas, a imagem significava uma revelação adquirida graças a um afastamento do mundo, já na revolução das máquinas, a imagem representava uma contribuição particular para a história pública, que exigia ser processada por outros, não obstante na revolução dos equipamentos eletrônicos, as imagens vêm a significar um método para se programar o comportamento dos funcionários da sociedade pós-industrial. Assim, a imagem pré-histórica é mítica, sagrada, enquanto a imagem história é engajada politicamente, ao passo que a imagem pós-histórica tem a função de transformar o receptor em objeto. *“Os novos meios, da maneira como funcionam hoje, transformam as imagens em verdadeiros modelos de comportamento e fazem dos homens meros objetos. Mas os meios podem funcionar de maneira diferente, a fim de transformar as imagens em portadoras e os homens em designers de significados”*. (FLUSSER, 2008, p. 158)

Mas as formas imagéticas das quais se refere Flusser, não são eternas porque estão fora do espaço e do tempo, não prescindindo serem criações divinas ou do homem, sendo que a cultura pós-industrial é a cultura do imaterial, que não se trata de modificar a realidade, mas sim de realizar as possibilidades dadas por ela. *“Isso não significa que o surgimento de uma cultura imaterial venha a ser menos obstrutiva: pelo contraio, pode ser que ela restrinja ainda mais a liberdade do que a cultura material”*. (FLUSSER, 2008, p. 197)

No entanto, hoje se busca materializar-se as formas projetadas, ou os chamados modelos. Antes se buscava dar forma às matérias, pois informar significa originalmente impor forma à matéria. Sendo que fabricar é apoderar-se de algo da natureza, transformá-lo em outra coisa, dar-lhe uma aplicabilidade e, utilizá-la para um devido fim. Flusser afirma, que por sermos seres alienados, necessitamos dar sentido ao mundo por meio de códigos. Neste aspecto, para ele, comunicação é também substituição, pois ela substitui a vivência daquilo a que se refere. *“A fábrica do futuro deverá ser aquele lugar em que o homem aprenderá, juntamente com os aparelhos eletrônicos, o quê, para quê, e como colocar as coisas em uso”*. (FLUSSER, 2008, p. 43)

Segundo Flusser, a história começa com a escrita, sendo que na atualidade contemporânea estaríamos vivendo uma espécie de pós-história: a cultura das imagens. O mundo pós-histórico se traduz pelo mundo das tecno-imagens e da tecno-imaginação. *“É perfeitamente possível que a tendência geral em direção às tecno-imagens venha a se tornar irreversível, e que a razão se degenere no planejamento de programas”*. (FLUSSER, 2008, p. 150)

Em certa medida, existe uma diferença entre as imagens da pré-história e as imagens da pós-história. Enquanto as imagens da pré-história representavam o mundo, a imagem da pós-história representa os textos. *“A imaginação pré-histórica tenta agarrar o mundo, a imaginação pós-histórica tenta ser a ilustração de um texto. Portanto, os mitos pré-históricos significam situações reais e os mitos pós-históricos significarão prescrições textuais, a magia pré-histórica visa propiciar o mundo, enquanto a pós-histórica visa manipular as pessoas”*. (FLUSSER, 2008, p. 146)

Diante de tal perspectiva, o futuro da escrita será o de se tornar um gigantesco decodificador de texto em imagem, ao passo que a tentativa de prever e, planejar o futuro será o de tentar desmistificar o aparato de transcodificação do futuro. *“Pode-se dizer que a história é uma tentativa de submeter a imaginação à crítica da razão. Os textos são feitos para criticar as imagens, e a escrita, como código, é uma análise de superfícies em linhas. Portanto, durante a história, a imaginação foi a fonte da razão: quanto mais forte a imaginação, maior o desafio à razão crítica, e as imagens ricas permitem explicações lineares mais vigorosas.”* (FLUSSER, 2008, p. 147)

Flusser ainda descreve dois possíveis futuros para a escrita, ou ela se torna uma crítica da tecno-imaginação, o que significaria o desmascaramento das ideologias escondidas atrás de um programa técnico que se torna autônomo em relação às decisões humanas; ou se torna a produção de pretextos para a tecno-imaginação, ou seja, um planejamento para tal progresso técnico. No primeiro caso, segundo Flusser, o futuro se tornará inimaginável por definição e, no segundo, a história, no sentido

estrito do termo, que caminhará para um fim, no que ele define como: *“o eterno retorno da vida em um aparato que progride por meio de sua própria inércia”*. (FLUSSER, 2008, p. 150)

Mas as imagens também são mediações entre o homem e o seu mundo, o que, para ele, se tornou imediatamente inacessível, à medida que elas se constituem em ferramentas para se superar a alienação humana. Embora antes elas tinham a função de permitir a ação dentro de um universo no qual, o homem embora não vivesse mais de forma imediata, enfrentava ainda o mundo e a realidade cotidiana concreta. *“É necessário aprender a decifrar essas imagens, é preciso aprender as convenções que lhes imprimem significados, e mesmo assim é possível que se cometam enganos”*. (FLUSSER, 2008, p. 142-3).

Não obstante, é ainda diante da loucura ameaçadora do racionalismo formal, ou seja, de uma existência sem significado entre explicações opacas e especulativas, que se deve mirar o surgimento da nova cultura de imagens. *“Agora parece que o pensamento conceitual, racional e história estão com os dias contados, como se estivéssemos nos aproximando de um novo tipo de era mágico-mítica, de uma cultura da imagem pós-histórica”*. (FLUSSER, 2008, p. 144). Deste modo, será que é preciso ser um Neo para se perceber a trama telemática em que vivemos?

Hoje algumas idéias de Flusser, sobre o poder das imagens, vêm sendo criticadas. Quando ele imaginou este enorme poder que teriam as imagens na sociedade pós-industrial ou telemática, tal idéia de que tudo seria transformado em imagem sofreu algumas críticas severas. No entanto, quando Flusser falou que os textos seriam transformados em imagens, ele estava pensando já na internet, ou seja, de que é inegável a importância das imagens e das relações icônicas nas novas tecnologias. Mas por mais que uma imagem fale mais que mil palavras, a escrita alfabética permanece como base dos meios de comunicação. O que talvez mude em um curto espaço de tempo seja a nossa capacidade de escrita cursiva, caso as crianças passem a ser alfabetizadas diretamente com o computador. Mesmo hoje quem foi alfabetizado de forma tradicional, mas passa muito tempo escrevendo no computador, quando precisa escrever com papel e caneta sente às vezes dificuldade para desenvolver as suas idéias, pois parece que o raciocínio está atrelado às pontas dos dedos batendo nas teclas e nos olhos na tela de cristal líquido.

## Encontros possíveis na Web...

- Sou loira, 1,70 m, olhos azuis, extrovertida, adoro viajar, conhecer pessoas...
- Quantos anos você tem loira fatal?
- 19.
- Eu tenho 22.
- Como você é?
- Sou moreno, 1,85 m, carismático, adoro esportes, também adoro conhecer pessoas legais, divertidas, curto ir a um barzinho com os amigos jogar conversa fora tomando uma breja, e claro, dar uma azarada.
- Também adoro ir a um barzinho com minhas amigas, sexta-feira, dia nacional da azaração, vamos a um barzinho de frente a Facul paquerar os engenheiros...
- Jura... também, vou ao barzinho em frente a minha Facul nas sextas e adivinha? Faço engenharia e tem sempre a turma da Psico, de Jornal e as RPatís azarando a gente.
- Que engenharia você faz.
- Elétrica.
- Sei, você é um  $E=MC^2$ .
- É isso aí gata, a ralé da Civil e da Mecânica que me perdoem, mas é só para quem pode... E você, o que faz?
- Xí, faço Relações Públicas, acho que sou o que você chama de R Pati, detesto esse apelido dado pelas ripongas despeitadas de Jornal.
- Liga não, conheço bem essas minas, quando começam a Facul são todas ripongas, revolucionárias, lá pelo segundo ano, quando começam a estagiar, elas já mudam totalmente o visú e mesmo o discurso, quer ver, repare...
- Pelo visto você se interessa bastante pelas bicho-grilo...
- Rs,rs,rs, minha irmã faz Jornalismo, mas digamos que já peguei algumas das amigas dela, mas só as mais jeitosinhas.
- Homens...
- Tá com ciúminho é...
- ....
- Não vai me responder???
- Se você gosta de garotas papo-cabeça problema seu.
- Não gata, minha preferência é pelas belas, Patricinha ou não.
- Se gosta de Patricinha, por que não ficar com o original?
- Já é gatinha... Que tal nos encontrarmos na sexta-feira... No barzinho enfrente a minha ou a sua Facul?...
- É o mesmo seu bobo...
- Você me conhece?
- Não, mas enquanto íamos teclando entrei no seu Orkut... Tem uma foto sua com seus amigos no mesmo bar que eu frequento... E advinha, eu estou na foto, só que estou de costas...
- Irado!!!! ...Abri a foto agora e só tem uma mina na foto, mas ... numa boa, você tá mais para ruiva...
- Agora tô loira, qual o problema?...
- Mulheres... Bj, nos vemos na sexta loira fatal...
- Bj...

## 4.4.

### A Fuga da Caverna Orbital

Para Dietmar Kamper, nossa sociedade mais do que um mundo codificado é uma caverna orbital, pois nós continuamos na caverna tal qual no mito de Platão, só que em uma caverna de espelhos, onde só vemos a nós mesmos, cuja caverna é alimentada pelos meios de comunicação. Em contrapartida, nós só olhamos para nós mesmos: o outro é uma figura mediática. Este abastecimento promovido pela indústria cultural corresponde a uma energia circulante, embora só venhamos a ver nós mesmos no contato mediático.

A questão levantada por Kamper é se existe saída da caverna orbital, já que a realidade é um mundo negro, sem luz e o mundo das imagens é luminoso e brilhante, mesmo que ilusório. O autor afirma que nossa única saída é reaprendermos a utilizar nossos outros sentidos além da visão, passando a considerar toda a nossa corporeidade, tato, audição, olfato e paladar. *“Deus sonha os homens; o homem sonha as máquinas; as máquinas sonham Deus. Todos os três sonhos são fundamentais; todos seguem juntos. Eles esgotam a imaginação e deixam ao mundo uma órbita de detritos imaginários”*. (KAMPER, texto As Máquinas São Tão Mortais Como as Pessoas, p. 7)

O homem telemático, segundo Dietmar Kamper, teria um parentesco entre o homem e a máquina, enquanto um ‘medial antropológico’. A palavra telemático, segundo Kamper foi formada a partir das palavras ‘tele-comunicação’ e mais ‘automático’, por estudiosos franceses. Kamper afirma que o telemático de fato surgiu, mas não pode mais acabar, porque o mundo genuinamente humano dos *media* sobrepôs-se, recalcou-se e, substituiu de tal forma aquele outro mundo, que existe agora também um mundo sem seres humanos, em que já não é mais possível nenhuma manifestação direta sobre o senso do humano, assim como também nenhum dito ou nenhum mito, a não ser através da contestação da imanência medial do Imaginário contra a prevalência do exterior e de toda transcendentalidade. *“É impossível excluir o telemático do pensamento, ou seja, dissolvê-lo no nada. Esta, aliás, seria a totalidade de uma destruição, a saber, a destruição do corpo pela a cópia. Telemático é a totalidade de um pensamento do imaterial, ou seja, de uma desrealização através da simbolização, uma desmaterialização através da representação. E exatamente isso não*

*funciona como destruição das coisas, mas como superação das mesmas na abstração, pela forma imagética do material”.* (KAMPER, texto *As Máquinas São Tão Mortais Como as Pessoas*, p. 3).

Segundo Kamper, diante da caverna de espelhos alimentada pelos *media*, a questão é saber se existe algo além dos *media*, ou se é correto dizer que eles abrangem atualmente a totalidade da sociedade, ou que constituem a última totalidade que faz referência à desagregação social, ou ainda se representam – da mesma forma como o dogma determinou a sociedade medieval e o dinheiro, a sociedade burguesa –, fundamentalmente estruturas das sociedades pós-modernas. *“Admita-se inicialmente, que não há mais um lado de fora, não há mais um antes, nem um depois. Os novos meios impõem-se pela imanência. Eles se apresentam como instâncias totalitárias, que com o argumento de um "sempre já" brecam todas as tentativas de irrupção. Aquilo que se parece como algo externo é outra forma do medial.”.* (KAMPER, texto *Imanência dos Media e Corporeidade Transcendental*, p. 3).

Segundo a visão do pensador alemão, a saída da humanidade seria a então redescoberta do corpo através das artes e das danças. Pois, apesar de os corpos, por definição, não aparecerem mais no interior dos novos meios visuais acelerados de comunicação, eles são eficazes nos seus pressupostos da mediação deles, sendo dependentes, quer seja como corpos humanos, que produzem e consomem, quer seja como aparelhos e máquinas, que lançam, sustentam e carregam imagens, sendo que quem acompanha a tendência da desmaterialização mediatizada já não os encontra mais. *“No mainstream estão apenas imagens de corpos ou máquinas, imagens – no melhor dos casos – de imagens”.* (KAMPER, texto *Imanência dos Media e Corporeidade Transcendental*, p. 4).

Contudo, ainda segundo Kamper, não se pode prever a maior parte das conseqüências da telematização do espaço e do tempo. Elas não foram escritas nem computadas, pois, do ponto de vista da imanência mediática, não podem ser percebidas. Pelos caminhos da antropologia histórica, o trabalho apenas começou através da condensada planta do espaço e da ampliada seção vertical do tempo. *“Na perspectiva de uma antropologia histórica, a questão se coloca da seguinte forma: o olhar automatizado, que acaba na tela, obriga o corpo humano a um êxtase de autodesnudamento que vai aumentando”.* (KAMPER, texto *Imanência dos Media e Corporeidade Transcendental*, p. 6).

Ele afirma também que um dos exemplos mais chocantes é o fato de o mundo dos espelhos levar o homem à argumentação de que há algo pior do que o ser-explorado, que seria o não-ser observado. Assim, o bem mais caro nas discussões sociais é, há muito tempo, a "atenção pública" e não liberdade política, igualdade

social, participação nos bens materiais e prosperidade geral. A "atenção pública", porém, quando se tem, só é alcançável na atualidade nos *media*. Assim, a sociedade e suas instituições não teriam mais então nenhuma possibilidade de realizar suas promessas de que cada ser humano teria, em princípio, uma significação inestimável, a não ser pelos processos de simulação. *“Uma acomodação super-rápida às exigências sociais: uns desejam tornar-se imagem, outros querem fazer imagens, ambos para capturar uma única significação que ainda conta: atenção pública”*. (KAMPER, texto Imanência dos Media e Corporeidade Transcendental, p. 6).

Seguindo tal conotação, Kamper cita o caso do fenômeno recente dos *Reality Shows* como o extremo da sociedade telemática em que as pessoas se dão ao espetáculo público para ter os seus 15 minutos de fama. Esta versão atual de uma velha história, de como se leva a mucosa para os mercados, conduz a uma sina avançada: a de ficar aprisionado em sua identidade, que no passado já foi uma exigência e agora só pode ser externalizada ao preço da total humilhação. Cada homem, que ainda de certa forma está em sanidade mental, pode, pelo bem das relações humanas com os outros, abandonar este palco o mais rápido possível. A incógnita ameaçante não é um perigo real. Nos *media* só sobrevive a apoteose do eu em sua queda programada. Mas, mesmo assim, o devastador mostra-se no olho levemente amalucado da medialidade de forma cada vez mais clara: o Outro não aparece mais, ele é eliminado, mesmo na forma de um *alter-ego*: ao eu cabe por fim voar pelos ares e os destroços da explosão devem ser postos de lado pela câmera desligada, devem ser levados. Esta é uma história de assassinato. O culto telemático da imagem funciona como veneração do Moloch [poder insaciável], com o corpo como sucata e lixo. *“Decisivas não são as estruturas costumeiramente tematizadas da interação medial, mas as áreas comuns entre o espírito da construção e o corpo nascido. Trata-se da relação entre a lógica espiritual interna e a corporeidade, isto é, a exterioridade espaço-temporal”*. (KAMPER, texto Imanência dos Media e Corporeidade Transcendental, p. 7).

Por outro lado, Kamper afirma que a imagem tem, de acordo com o seu significado, pelo menos três funções: a de presença mágica, a de representação artística e a de simulação técnica, entre as quais existem múltiplas intersecções e superposições. Segundo ele, os homens hoje vivem nas imagens do mundo, de si próprios e, dos outros homens que foram feitos para eles. Mas isto gera um distúrbio de saber se está morto ou vivo, distúrbio este causado por imagens sem referentes, de certo modo, imagens autônomas. *“Essa impossibilidade de decidir se está ainda vivo ou morto adere às imagens, pelo menos no momento da sua pura simulação sem referência”*. (KAMPER, texto Imagem, p. 7).

Neste contexto, o pensador acredita que já seria o tempo de se sair da autoproduzida caverna de imagens que está se fechando. Mas isto não seria fácil, já que não é possível simplesmente proibir ou coibir as imagens novamente. A saída seria então ir abrindo caminho entre as imagens, procurando-se algo além das imagens nas próprias imagens. *“Dado, porém, que as imagens são “planas”, essa busca de profundidade não é fácil e os mencionados distúrbios das imagens podem ajudar”*. (KAMPER, texto Imagem, p. 8).

Por último, Kamper considera que as necessidades da alma são maiores que as do corpo e mais exigentes também, uma vez que a razão instrumental exclui todos os outros sentidos existentes, o que implica na necessidade de revificar imaginação para constituir a si próprio o poder de saber, novamente: o *homo fabulus* ignorado torna-se vital na superação diante desta superação do reino plasmático das imagens.



## 4.5.

# Em Busca de uma Ética para a Técnica

*“Nós escolhemos entre a economia e o meio ambiente? Acho que esta escolha é falsa por dois motivos: primeiro, se não tivermos um planeta... o outro é que, se fizermos a coisa certa, isso nos levará para frente e vamos criar muitos empregos.”*

*(Al Gore, no documentário: Uma Verdade Inconveniente)*

A partir da metade do século XX, a preocupação com o meio ambiente foi o que fez com que se questionasse o modelo de progresso da sociedade contemporânea e, se começasse a pensar numa ética para a técnica. Começou-se a se questionar se talvez o consumo exagerado, o progresso a qualquer custo seria a maneira mais prudente de se viver. Afinal, temos os meios técnicos para despoluir os rios, para barrar o Aquecimento Global, mudar todas as matrizes energéticas por energia limpa, mas o que não temos é capacidade de convencer o mercado de capitais de que isto é um bom negócio. O mercado globalizado tem uma lógica própria que está além das vontades dos governos e das soberanias nacionais, lógica esta que foi abalada na atual “Crise Econômica Mundial”. Nas leis de mercado as pessoas não são importantes, elas não contam, tudo é feito em nome do capital e do consumo, é preciso consumir a qualquer custo, sendo que o capitalismo consegue incorporar e ressignificar qualquer coisa, de modo utilitário. Talvez Marx não contasse com esta capacidade de metamorfose, quando previu o fim do capitalismo.

Mas talvez a saída seja mesmo a de convencer o mundo capitalista de que preservar é um bom negócio e, de que ser ecologicamente responsável pode dar lucro. A prova do quanto o capitalismo tem o poder de incorporar qualquer discurso e transformá-lo em negócios lucrativos é que já existe um verdadeiro mercado de crédito de carbono, sendo que as campanhas publicitárias das empresas fazem de tudo para nos assegurar do quanto elas são ecologicamente corretas e socialmente responsáveis. A Embraer, por exemplo, oferece aos proprietários de jatos executivos um pacote ECO, ou seja, o proprietário da aeronave junto com o pacote de manutenção da aeronave

paga uma taxa correspondente à sua emissão de carbono que a fabricante reveste em ações ecológicas para compensar a emissão da indústria aeronáutica. A compensação de carbono funciona no estilo – “Polua de consciência limpa”, sendo que a indústria aeronáutica mundial responde por 2% das emissões totais. *“Quando saiu o relatório do IPCC, falou-se muito de seqüestro de carbono, eu acho que esta medida é importante mais como medida simbólica, mas precisamos de ações mais efetivas. A idéia do seqüestro de carbono é apenas ‘eu vou calcular quanto eu emitir e vou plantar arvores’, digo que isso é mais importante simbolicamente por engajar as pessoas, mas não é suficiente”*, afirma Fábio Feldmann, especialista em legislação ambiental.

Como no mundo capitalista, a única coisa que faz a roda girar é a economia, se ela vai bem ou mal, o famoso Relatório Stern, em 2006, sacudiu um pouco a poeira das mentes do capital ao afirmar que se nada for feito para conter o Aquecimento Global, ele pode causar grandes prejuízos para as economias mundiais. E o alerta não veio de um ambientalista, mas sim de um ex-presidente do Banco Mundial, o britânico Nicolas Stern que realizou o relatório por encomenda do governo britânico. A conclusão de Stern parece óbvia quando se observa os prejuízos tanto em vidas humanas como materiais, com uma catástrofe como o furacão Katrina. Se eventos assim se tornarem muito mais freqüentes, além de secas e enchentes que podem atingir a produção de alimentos, por exemplo, os prejuízos são realmente incalculáveis. Segundo o relatório, se não for controlado, o Aquecimento Global devastará a economia mundial numa escala comparável à das duas Guerras Mundiais e da Grande Depressão.

O relatório Stern, de 700 páginas, representa um grande esforço para quantificar os custos econômicos da mudança climática e, afirma que a evidência mostra que *“ignorar a mudança climática levará, inevitavelmente, a danos ao crescimento econômico”*, e que é possível crescer de forma ecológica, ou sustentável, ou seja, mudar para uma economia global de baixo carbono. No relatório, Nicolas Stern pede que a Europa corte suas emissões de carbono em 30% até 2020 e, 60% até 2050, de modo a garantir que a redução venha a custar apenas 1% do PIB global a cada ano.

A própria “Crise Econômica Mundial” pode reverter-se em uma chance para o planeta, já que menos produção industrial acarretaria em menos exploração de matéria-prima que degrada a natureza e, conseqüentemente em menos emissão de carbono, como também menos consumo, o que significa também menos produção de lixo. Por outro lado, o discurso da crise econômica pode ser utilizado pelos gestores mundiais para justificar a falta de investimento em energias limpas e, mesmo no corte das emissões dos gases do efeito estufa. *“Eu pessoalmente estou muito otimista de que*

*a crise permita alguma mudança. O lado positivo da crise é que ela recoloca o papel do Estado no mundo inteiro, ela recoloca a necessidade de um poder público mundial, regulatório, ela gera muitas oportunidades de mudanças. Os dados deste ano provavelmente trarão diminuição na emissão de carbono, mas a crise terá um impacto temporário, o importante é usar a crise para mudar de fato”, afirma Fábio Feldmann, especialista em legislação ambiental.*

Os Estados Unidos, símbolo do capitalismo, historicamente vem se negando a participar das discussões sobre Aquecimento Global, com a desculpa de que tais medidas exigidas pelos ambientalistas seriam prejudiciais à sua economia. Mas a eleição de Barack Obama, também tem sido vista com bons olhos pelos ambientalistas já que ele se propõe a estudar formas de diminuir a emissão de gás carbônico e investir em pesquisas sobre energias renováveis. De alguma forma, o ‘Yes, We Can’, slogan da campanha de Barack Obama reverberou não apenas no eleitorado americano, mas correspondeu ao anseio de mudanças de pessoas de toda a parte do mundo que torceu por sua vitória. A promessa de que em seu governo os Estados Unidos teria uma política externa voltada para o diálogo e não para guerra, e de que resolveria a crise econômica a qual o país está metido e, arrastando o mundo inteiro, além de uma postura mais aberta para as questões ambientais tem trazido expectativas de reviravolta no contexto da agenda de discussões em torno de temas ambientais de interesse global. No entanto, o que é bom para as partes pode não ser bom para o todo, ou para o conjunto, pois a idéia de estado mínimo de mercado onipotente parece que mostrou suas fraquezas, as cantilenas auto-suficientes do neoliberalismo, cabendo ao novo governo eleito fazer o que é melhor em prol do interesse da sociedade inteira e não só dos mercados. *“Os sinais do Obama são altamente positivos, o homem nomeado para ministro de energia é um homem ligado às questões do clima. Nós teremos uma mudança muito grande e isso significa também em outros países, porque também é cômodo. Já que os Estados Unidos não fazem, eu também não faço. Este jogo tem que mudar, a posição do Bush tornou confortável a posição da China e mesmo do Brasil, eles não estão fazendo, eu também não faço. Tem que quebrar esse jogo de soma zero, com o Obama a dinâmica desse jogo talvez mude radicalmente”,* declara Feldmann.

Mas, afinal a necessidade de aço, de transporte de produtos, de moradia não vai desaparecer com a crise, mas existe a consciência de que temos que agir com responsabilidade ou corremos o risco de destruir nossa casa e, o que é pior sucumbir no lixo. Portanto, o importante é pensarmos nas formas de desenvolvimento sustentável. Para o ecologista Luiz Fernando do Valle, sustentabilidade significa uma atitude economicamente viável, socialmente justa e ecologicamente correta.

O que ficou provado com a crise é que nem sempre o que é bom para as partes é bom para o todo. Assim como ficou provado que os governos é quem têm a obrigação por zelar pelo todo, pois para isso é que são eleitos, esta é uma lição que parece que se tinha esquecido com a farrá do mercado livre, do mercado de capitais e da economia globalizada, especialmente, nas últimas três décadas. Talvez, alguns mais extremistas falem “eu não disse, estava na cara que isso não podia dar certo e ia acabar nisso mesmo, agora todos pagam o pato, porque alguns estavam brincando, transformando a economia mundial em um enorme cassino, a ponto de ocorrerem as coisas mais bizarras e charlatonas que beiram ao ridículo com empresas conceituadas e até mesmo com bancos caindo no velho golpe da Pirâmide”. Golpe manjado e geralmente aplicado em pessoas com uma certa dose de ganância e boa fé. Mas tudo indica que a perturbação é passageira, uma pequena sacudida no *status quo*, pobre de quem perdeu seu emprego, ou as economias de uma vida inteira, pois a roda do capital provavelmente voltará a girar como se nada de fato tivesse acontecido e não haverá nenhuma transformação mais profunda no *establishment*.

De forma que encontrar uma ética para a técnica, diante das questões então assinaladas, seria superar um paradigma mecanicista, marcado pela competição, visando a implementação de um paradigma ecológico, cuja principal característica fosse a cooperação. Se o Aquecimento Global é mesmo a maior ameaça que a humanidade já sofreu, ameaça esta provocada pela nossa própria capacidade técnica predatória, o grande desafio será, por outro lado, em curtíssimo tempo, o de mudar a mentalidade dos gestores mundiais. E também de parte da humanidade, passando-se de uma visão cartesiana e fragmentária de mundo e, principalmente como mundo de espelho, pelo qual só somos capazes de ver a nós mesmos, repetindo os mesmos discursos criados pelos *media* de forma autológica e autista. Para uma visão de vida holística ou ecológica, de respeito a todas as espécies de vida, de modo a aceitarmos que somos apenas mais um fio na extensa teia da vida. Isto é o que tentaremos metaporizar no próximo capítulo.

## O Nosso Lugar no Universo

O ecologista norte-americano David Brower comprimiu os 4,5 bilhões anos da idade da Terra nos seis dias da criação descritos pela Bíblia, sendo que os primeiros microorganismos apareceram há 3,5 bilhões de anos, os primeiros antropóides do sul, há 4 milhões de anos e o *homo sapiens* por volta de 35 mil anos.

“A Terra é criada a zero hora de domingo. A vida, na forma das primeiras células bacterianas, aparece na terça-feira de manhã, por volta das 8 horas.

Durante dois dias e meios seguintes, o microcosmo evolui, e por volta da quinta-feira à meia-noite, está plenamente estabelecido, regulando todo o sistema planetário.

Na sexta-feira, por volta das dezesseis horas, os microorganismos inventam a reprodução sexual, e no sábado, no último dia da criação, todas as formas de vida visíveis se desenvolvem. Por volta de 1h30 da madrugada do sábado, os primeiros animais marinhos são formados, e, por volta das 9h30 da manhã, as primeiras plantas chegam às praias, seguidas, duas horas mais tarde, por anfíbios e por insetos.

*Dez minutos antes das dezessete horas, surgem os grandes répteis, perambulam pela Terra em luxuriantes florestas tropicais durante cinco horas, e então, subitamente, morreram por volta das 21h45.*

Enquanto isso, os mamíferos chegam à Terra no final da tarde, por volta das 17h30, e os pássaros já à noite, cerca das 19h15.

Pouco antes das 22 horas, alguns mamíferos tropicais que habitavam as árvores evoluem nos primeiros primatas; uma hora depois, alguns destes evoluem em macacos; e por volta das 23h40 aparecem os grandes símios antropóides.

Oito minutos antes da meia-noite, os primeiros símios antropóides do sul se erguem e caminham sobre duas pernas. Cinco minutos mais tarde, desaparecem novamente.

A primeira espécie humana, o *Homo habilis*, surge quatro minutos antes da meia-noite, evolui o *Homo erectus* meio minuto mais tarde e, nas formas arcaicas do *Homo sapiens*, trinta segundos antes da meia-noite.

Os Neandertais comandam a Europa e a Ásia de quinze a quatro segundos antes da meia-noite.

Finalmente, a espécie humana moderna aparece na África e na Ásia onze segundos antes da meia-noite, e na Europa, cinco segundos antes da meia-noite.

A história humana escrita começa por volta de dois terços de segundos antes da meia-noite.”

[texto extraído do livro *A Teia da Vida*, de Fritjof Capra, p. 206-207]

# Capítulo 5

## O Imaginário do Clima Quente

## 5.1.

### Mudança de Hábitos

*“Velhos hábitos, mais velhas tecnologias, conseqüências conhecidas, previsíveis. Velhos hábitos, mais novas tecnologias, conseqüências imprevisíveis.”*

*(Al Gore, no documentário: Uma Verdade Inconveniente)*

Fritjof Capra, em *A Teia da Vida*, diz que estamos vivendo uma clara mudança de uma visão de mundo mecanicista para uma visão de mundo ecológico, impulsionado pelas novas descobertas das ciências que exigem um novo paradigma que as compreendam. Esta mudança seria marcada por teorias como dos atratores caóticos, fractais, estruturas dissipativas, auto-organização e redes autopoieticas, entre outras. *“A crise intelectual dos físicos quânticos na década de 1920 espalha-se hoje numa crise cultural semelhante, porém muito mais ampla. Conseqüentemente, o que estamos vendo é uma mudança de paradigmas que está ocorrendo não apenas no âmbito da ciência, mas também na arena social, em proposições ainda mais amplas”*. (CAPRA, 2006, p. 24)

Utilizando-se do conceito de paradigma científico de Thomas Kuhn, Capra o amplia para um conceito de paradigma social que ele define como: *“uma constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhadas por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza”* (CAPRA, 2006: 25). Definição esta muito próxima do conceito de Imaginário social de Cornelius Castoriadis.

Segundo Capra, o paradigma mecanicista consiste em várias idéias e valores entrenchados, entre os quais a visão do universo como um sistema mecânico, composto de blocos de construção elementares, mediante a visão do corpo humano como uma máquina, a da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência e, a crença no progresso material ilimitado, a ser obtido por intermédio de crescimento econômico e tecnológico, além da crença em que uma sociedade na qual a mulher é, por toda parte, classificada dentro de um contexto de posição inferior à do homem, sendo, portanto, uma sociedade que segue a lei básica da natureza. *“Todas essas suposições têm sido decisivamente desafiadas por eventos recentes. E, na verdade, está ocorrendo, na atualidade, uma revisão radical dessas suposições”*. (CAPRA, 2006, p. 25)

O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holístico, que concebe o mundo como um todo integrado e, não como uma coleção de partes dissociadas. Mas segundo o autor, pode também tal visão pode ser ainda definida como ecológica, sendo que o termo ‘ecologia’ seria empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo do que o usual. *“A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos)”*. (CAPRA, 2006, p. 25)

Capra diz que numa visão holística, ver uma bicicleta, por exemplo, significaria ver a bicicleta como um todo funcional e compreender as interdependências das suas partes. Já uma visão ecológica da bicicleta incluiria isso, mas lhe acrescentaria a percepção de como a bicicleta está encaixada no seu ambiente natural e social, para observar-se de onde vêm as matérias-primas que entram nela, como foi fabricada, como seu uso afeta o meio ambiente natural, bem como a comunidade pela qual ela é usada, e assim por diante. *“Essa distinção entre holístico e ecológico é ainda mais importante quando falamos sobre sistemas vivos, para os quais as conexões com o meio ambiente são muito mais vitais”*. (CAPRA, 2006, p. 25).

O autor faz a diferenciação também entre ecologia rasa e ecologia profunda, explicando que a ecologia rasa é antropocêntrica, ou seja, centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores e, atribui apenas um valor instrumental, ou de uso, à natureza. Enquanto que a ecologia profunda não separa seres humanos, ou qualquer outra coisa, do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e, que são interdependentes. *“A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida”*. (CAPRA, 2006, p. 26).

A ética do novo paradigma ecológico seria a mudança do poder de hierarquia para o poder de rede, em que a ética pressupõe respeitar todas as formas de vida. Assim, enquanto que o velho paradigma está baseado em valores antropocêntricos (centralizados no ser humano), a ecologia profunda está alicerçada em valores ecocêntricos (centralizados na Terra). Segundo Capra, esta é uma visão de mundo que reconhece o valor inerente da vida não-humana. Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependências. *“Quando essa percepção ecológica profunda tornar-se parte de nossa consciência cotidiana, emerge um sistema de ética radicalmente novo”*. (CAPRA, 2006, p. 28).



No entanto, há de se dizer que a visão de Capra parece um pouco otimista, talvez não dando para se ter tanta fé assim na humanidade, pois dificilmente o homem está preparado para se aceitar como apenas mais um fio na teia da vida. Sempre acreditamos que somos a imagem e semelhança do Criador e, que a natureza e tudo que existe nela foi concebido para nos servir. Talvez este tenha sido nosso pecado original, acreditarmos em nossa superioridade como espécie viva e existente, à imagem e semelhança de Deus. Diferentemente dos outros animais não vivemos só para satisfazer nossas necessidades fisiológicas e, se a linguagem foi criada por nosso medo e angústia, por nos reconhecermos como seres nascidos para a morte, e sermos os únicos seres a ter esta consciência, o que verdadeiramente nos diferenciaria dos demais animais seria então a nossa capacidade efabuladora.

Mas mudar uma forma de pensar de toda uma geração, partir de um paradigma de competição para um de cooperação não é algo muito simples. O psicanalista Paul Watzlawick afirma que possuímos quatro níveis de percepção, sendo que está no último nível, o mais intangível, a possibilidade de mudança de mentalidade, de interferência nos padrões internalizados que ficam no terceiro nível. Segundo Watzlawick, o primeiro nível representaria mentalmente como nós percebemos o mundo à nossa volta. O segundo nível é como nós percebemos a diferença entre as coisas, por exemplo, percebemos que uma coisa significa prazer e outra significa dor. Já o terceiro nível é aquele em que juntamos tudo numa imagem unificada, é o nível das ideologias, crenças, valores, religiões e teorias, o nível das lógicas que organiza todos os agires. Este seria também o nível da coerência que une as pessoas em torno de idéias, portanto, enquanto crise de ideologias ou de crença religiosa e, também crise de paradigmas, ou seja, a quebra das lógicas internalizadas, dos padrões preestabelecidos, que criam uma falta de sentido.

Já o quarto nível é como observamos o terceiro nível de fora, enquanto observador externo. Portanto, é nele em que ocorrem as chances de mudarmos os padrões, definindo a capacidade de mudar premissas do segundo e terceiro níveis. Portanto, para mudar os padrões, ou seja, os agires do terceiro nível é necessário intervir no quarto nível, mas esta intervenção não poderia ser utilizando-se apenas o nosso racional-lógico e, sim o nosso sensorial-emocional. Mesmo porque, o quarto nível da percepção em que só há um vislumbre de percepção, enquanto percepção imediata, e justamente onde ocorrem as mudanças de padrão, está no limite da mente humana e, no qual a consciência está fora. Watzlawick afirma que comunicar ou até pensar sobre premissas de terceira ordem só é possível no quarto nível, mas que raramente a consciência estaria presente no quarto nível, lá seria a área da intuição e da empatia:

*“Só do nível superior seguinte, o quarto, é possível modificar as próprias premissas de terceira ordem e tomar consciência da padronização de seqüências no comportamento próprio e no do meio ambiente. Somente a partir desse nível pode ser comprovado que a realidade não é algo objetivo, inalterável, que ‘está ali fora’ com um significado benigno ou sinistro para a nossa sobrevivência, mas que, para todos os intentos e propósitos, a nossa experiência subjetiva da existência é a realidade – que a realidade é a nossa padronização de algo que, muito provavelmente, está muito além de toda a verificação humana objetiva”.* (Watzlawick, 2007, p. 244)

Gilbert Durand denomina por *Bacia Semântica* os períodos de cada 150 a 180 anos, em que se constata grandes progressos nas éticas, estéticas e políticas, o que se poderia denominar de mudança de Imaginário, ou seja, os saberes e poderes agindo sob novos paradigmas (DURAND, 1994, p. 32-33). A *Bacia Semântica* começaria com as **escorrências**, que seriam correntes de pensamentos diversas que encontram algo em comum, seguindo para a **partilha das águas**, que vão se juntando e formando uma **confluência**. Posteriormente, esta confluência é **nomeada**, sendo que a nomeação do paradigma começa com **as contenções das águas** em torno desta nomeação, que seria o processo de legitimação do paradigma. Por último, viria o **esgotamento dos deltas e meandros**, ou seja, quando os paradigmas já não respondem, ou correspondem com as questões do presente, vão se formando novas **escorrências** dispersas que acabam se juntando em torno de um novo paradigma. Seria como a eterna revolta do filho contra o reinado do pai, mas que no futuro, ele também acaba sendo suplantado por seus herdeiros.

Com os avanços tecnológicos, no entanto, estas mudanças vêm ocorrendo em períodos cada vez mais curtos. Algumas destas etapas parecem que são queimadas. Os paradigmas parecem nem chegar a serem formados e, já surge um novo, ou vários atuando ao mesmo tempo, ou seja, o sistema contendo diversas contradições, embora a estrutura geral permaneça, ou seja, permanecemos seres voltados para o consumo e para o nosso próprio bem-estar, custe o que custar. Mas esta ânsia por viver em alta velocidade que Zygmunt Bauman define como sociedade líquida, reflete em toda a nossa vivência e, na forma de nos relacionarmos com o mundo. Os psicólogos alegam que até pouco tempo as gerações eram marcadas por períodos de 30 a 40 anos. Segundo eles, hoje períodos de apenas 5 anos já marcam grandes transformações comportamentais mediante a geração das imagens e dos botões. Uma criança de um ano de idade pega um controle remoto ou um celular e, começa a apertar botões em que aparecem luzes, cores e sons. Assim, quase numa experiência pavloviana, em pouco tempo ela acaba descobrindo que botão apertar para ligar ou desligar a TV. Esta seria a

geração *'touch'*, em que tudo está ao alcance do toque das pontas dos dedos. Não obstante, o entrosamento, a interatividade das novas gerações com a tecnologia é chocante, pois parece que nascem com energia eletromagnética no sangue, ou seja, as crianças são expostas desde muito cedo a diversos estímulos audiovisuais e, mesmo os adultos se não interagirem com as tecnologias ficam fora de sua época, culminando na chamada exclusão digital ou analfabetismo digital. Dessa forma, torna-se inegável o papel dos meios de comunicação na nossa formação e, provavelmente qualquer mudança de mentalidade precisa passar necessariamente por eles.

## 5.2.

### O Papel dos *Media*

*“Eu traço uma meta para mim. Eu quero comunicar isso de modo bastante claro. A única maneira que eu sei fazer isso é de cidade em cidade, de pessoa à pessoa, de família à família. E eu tenho fé que muito em breve, opiniões suficientes serão mudadas, para podermos atravessar as barreiras”.*

*(Al Gore, no documentário: Uma Verdade Inconveniente)*

Para os estudiosos do clima, o mundo está diante do maior desafio que a humanidade já conheceu e, vencer o descrédito na real situação do planeta, bem como a paralisia dos gestores mundiais são os objetivos mais urgentes na atualidade. Mas será que está havendo realmente uma mudança de Imaginário, mudança de mentalidade com relação às questões ambientais, mais especificamente com relação ao Aquecimento Global? E qual a influência dos meios de comunicação neste processo?

Como vivemos no mundo telematizado o papel dos *media* é indiscutível para o engajamento da população diante de qualquer assunto e, não se trata apenas do jornalismo, mas outras formas como o entretenimento e, mesmo as publicidades são armas infalíveis. Especialmente, porque os meios de comunicação se auto-intitulam defensores do povo como se tivessem sido eleitos para tal. Para Marcondes Filho, os meios de comunicação passam a ocupar o lugar das instituições, fato este que provoca distorções significativas: a população em vez de se dirigir à justiça para fazer valer seus direitos, à polícia para obter mais segurança, às escolas e universidades para aprender e melhorar sua formação, ao contrário disso tudo, recorre incessantemente aos meios de comunicação, como se estes estivessem lá para suprir todas estas necessidades prementes. Sendo que a opinião pública tornou-se um fenômeno que veio a aparecer juntamente com a esfera pública e o surgimento do Estado de Direito nas sociedades ocidentais. Tradicionalmente, define-se opinião pública como um conjunto de atitudes e, posicionamentos dominantes dentro de uma sociedade com problemas gerais, coletivos e atuais, assim como o conjunto daqueles que partilham também destas mesmas opiniões, ou seja, a opinião pública corresponde à disseminação de posicionamento e, opiniões no sistema social. Mas os meios eletrônicos de comunicação levaram o debate político do espaço público para o

interior das residências. “Entre Estado e população havia anteriormente as instituições político-sociais. Com o seu esvaziamento, os meios de comunicação tomaram seu lugar”. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 115)

Admitindo-se que os meios de comunicação na sociedade moderna tornaram-se o principal espaço público de debate, Luiz Martins da Silva, no texto *Sociedade, Esfera Pública e Agendamento*, afirma que a sociedade precisa se apropriar mais deste espaço, defendendo a idéia da *advocacy*, não apenas para questões ambientais, mas no tocante a todas as questões de interesse público, “*Advocacy significa trabalhar para sensibilização dos gestores públicos e da sociedade civil sobre a importância de temas de interesse social*”. (SILVA, 2008, p. 88)

Para o autor, o conceito de *agenda-setting*, como capacidade dos veículos de comunicação de pautarem à sociedade os temas de debate e, de boa parte das interações no cotidiano, promove a inclusão e exclusão de temas de interesse e relevância social e política. Sendo que isto se deve ao fato de que os *media* incluem tais do seu próprio sistema de seleção de assuntos, que muitas vezes continua válido, só que com algumas diferenças, quando se lança mão, por exemplo, do conceito de contra-agendamento como um contraponto ao *agenda-setting*. O contra-agendamento seriam as pautas lançadas pela sociedade nos *media* por meio da *advocacy*, ou seja, uma forma de obrigar os meios de comunicação a fazerem *merchandising* social, usando o poder dos *media* para os interesses da sociedade. “(...) a sociedade também tem a sua pauta ou, no plural, as suas pautas, e as deseja ver atendidas pela mídia e tenta, diariamente, e sob as mais variadas maneiras, incluir temas nesse espaço público que é a mídia; e na esfera pública que se constitui da tematização polêmica das questões de uma atualidade”. (SILVA, 2008, p. 85)

Ainda, para Silva, a imprensa é um espaço público que abrange desde praças e calçadas, até os meios de comunicação que embora sendo privados, têm a função e missão de hospedar a esfera pública, ou seja, a condição e contexto para que existam discursos e argumentação. “A imprensa estaria para a sociedade civil assim como um parlamento está, ao mesmo tempo, para a sociedade e para o Estado. A imprensa seria uma esfera concêntrica entre as várias que se entrelaçam no tecido democrático. A imprensa, da mesma forma que o parlamento, tem entradas e saídas para todos os lados da sociedade, do mercado e dos demais poderes públicos”. (SILVA, 2008, p. 85)

Segundo Silva, para pôr em prática a idéia de *advocacy* nos meios de comunicação, seria necessário admitir que as condições ideais de agendamento fossem aquelas sem preponderância colonizadora por parte de um dos interlocutores em relação aos demais, como na tradicional compreensão do fenômeno do *agenda-setting*. “Admitindo-se pelo menos uma possibilidade de contra-argumentação e, num plano

*mais adequado, a atuação (ainda que potencial) de uma pluralidade de sujeitos (coletivos) capazes de produzir tematizações da realidade e, portanto, de uma pluralidade de agendamentos, o que seria próprio de uma verdadeira esfera pública, sinônimo de esfera argumentativa”.* (SILVA, 2008, p. 97)

Para Silva, a sociedade, por meio de organizações e movimentos precisa enxergar neste espaço público o epicentro de ressonâncias, seja em matéria de tematização, seja em forma do retorno mais esperado para as adesões a uma causa e participação em movimentos. Este seria o papel dos ativistas ecológicos e organizações ambientais, governamentais ou da sociedade civil. *“A mídia funciona, então, nesses casos, como um espaço público capaz de lhes dar visibilidade e de chamar a atenção para as suas realidades dramáticas”.* (SILVA, 2002, p. 95)

Mas contrariando a idéia de contra-agendamento ou *advocacy*, segundo Thales Novaes de Andrade, com o declínio dos *media* tradicionais, o discurso sobre o meio ambiente na imprensa passou de ecologicamente engajado dos “eco-chatos” ativistas, para o campo do ecologicamente correto, ou seja, do discurso ideológico-político para o especializado econômico, o que ele denomina como estratégia cruzada de *marketing*, com entrada em cena do *marketing* das empresas por perceberem que os consumidores gostam da imagem de empresas ecologicamente corretas:

*“A internet e o setor publicitário constituem os expoentes dessa nova mídia em ascensão. Cabe aos profissionais de áreas tradicionais do jornalismo construir parcerias consistentes com esses agentes para que a dimensão ambiental não se torne dependente de estratégias discursivas estabelecidas unicamente por agentes e veículos de comunicação dominados por interesses corporativos ou por setores anônimos e indefinidos”.* (ANDRADE, 2008, p. 11)

Deste modo, foi a entrada da publicidade, dos departamentos de *marketing* das empresas que levou à popularização das questões ambientais, ou da consciência ecológica. O mais grave para o autor é que o *marketing* das empresas tomou o lugar do ecojornalismo, criando as pautas ecológicas dos *media* muito mais do que os ativistas eram capazes de realizar. Segundo ele, isso ocorre graças ao enfraquecimento dos *media* tradicionais. *“O marketing ambiental ocupou o espaço importante deixado pela crise dos media tradicionais, de modo que o chamado ecojornalismo não possui mais o monopólio do estabelecimento da agenda ambiental de discussão. Cada vez mais os profissionais de marketing e logística estipulam os parâmetros da comunicação ambiental em diversas esferas do setor empresarial”.* (ANDRADE, 2008, p. 10)

Em detrimento disso, novas palavras são incorporadas cada vez mais, ao nosso vocabulário, como Protocolo de Kyoto, IPCC, Aquecimento Global, desenvolvimento

sustentável, efeito estufa, camada de ozônio, crédito de carbono, respeito às diferenças. Na tentativa de modificar a relação do homem com a natureza, como vivemos o século das imagens é por meio de imagens que os meios de comunicação apelam para a nossa sensibilidade. Imagens de furação, de geleiras derretendo, de alagamentos, de seca, de incêndios florestais, já se tornaram imagens emblemáticas da questão ambiental.

Assim, as questões ambientais vêm sendo lançadas no contínuo atmosférico mediático tomado não só pela imprensa, mas pela publicidade e entretenimento, com a adesão das empresas, bem como tudo que no capitalismo fizessem com que as questões ecológicas virassem negócio. Transformaram-se as questões ecológicas, assim como o ecologicamente correto em produtos de consumo. Observa-se que no geral, o tema do Aquecimento Global está ainda nos *media* e, vem sendo tratado com poderias se afirmar de forma adesionista, ou seja, como impulso à adesão da causa ambiental e ecológica, porém, isto por si só talvez não seja o bastante, já que o que se observa é que os assuntos não se veiculam de modos relacionados. Se, por um lado, deu-se um grande destaque nos meios de comunicação do mundo inteiro para a divulgação do Relatório do IPCC, por outro lado, não se vê a relação entre os fatos implicados. Pode-se dizer que, os *media* aderiram à causa, mas não de forma engajada e, sim como apoio, talvez porque eles tenham outros interesses a defender que não combinem com questões ecológicas. Para Fábio Feldmann, a questão do Aquecimento Global não é se ele tem tido um tratamento ideológico nos *media*, mas sim o fato de que o tema ainda não está concretamente veiculado nos meios de comunicação. *“Normalmente ele está na mídia por que tem alguns líderes na mídia que são ligados ao tema e promovem estes assuntos, muito mais como um esforço pessoal de alguns jornalistas, do que um direcionamento editorial do veículo. Não acho que por uma visão conservadora ou progressista. Acho que não está porque não está, se ele estivesse na mídia mais, sofresse um tratamento ideológico, estaríamos muito melhor do que estamos.”*, afirma Fábio Feldmann, secretário executivo do Fórum Paulista sobre Mudanças Climáticas.

Mas é no território livre da internet que o Aquecimento Global é discutido de modo mais engajado e apaixonado, em diversos blogs, sites de órgãos ambientais, ongs e simpatizantes, e-mails correntes. O discurso dos meios de comunicação é uma tentativa de ressacralização da natureza, bem como de resgate do respeito a todas as formas de vida. Os *media* podem continuar sendo o principal operador da esfera pública, ocorrendo todo o debate cada vez mais no contínuo atmosférico mediático, mas talvez a segmentação dos novos *media* torne o jogo de proposições jornalísticas um pouco mais aberto. Especialmente, pela dificuldade de se controlar as fontes das informações, como era antes feito nos veículos tradicionais e, que se tornou praticamente impossível pela ampla variedade de fontes mediáticas globalizadas,

seguido a este fato pela crise financeira que vem abalando fortemente a imprensa tradicional, com perda excessiva de receita publicitária e de público, que passaram a aderir aos novos meios comunicacionais eletrônicos, sem falar que, quase sempre, a produção e manutenção dos veículos tradicionais passaram a ser ainda mais onerosas. *“A disseminação de novos formatos de mídia e a banalização da linguagem computacional adentrou na atual vanguarda do movimento ambientalista internacional. A utilização em larga escala do correio eletrônico, a disseminação de informações na world wide web, bem como a possibilidade de transmissão de imagens e áudio via satélite redimensionaram o cotidiano do ativismo ambientalista, tornando-o desterritorializado e influente em diversas esferas”.* (ANDRADE, 2008, p. 6)

Neste contexto, o discurso dos *media* apresenta três grupos de agentes: os moderados, os apocalípticos e os céticos. Os moderados são formados pelo grupo de cientistas que reconhecem o problema do Aquecimento Global, mas acreditam que o homem pode contorná-lo se houver um pouco de vontade política por parte dos gestores mundiais de forma a se adotar as medidas necessárias. Os apocalípticos ou catastrofistas acreditam que a humanidade irá passar por um teste de fogo, sendo que a nossa civilização pode estar condenada à destruição, já os céticos são um grupo de cientistas que tenta desacreditar os estudos do IPCC, afirmando que está tudo bem, que o aquecimento existe, mas ele é natural, portanto, o homem não teria tanto motivo para culpa assim. A imprensa oscila entre os moderados e os céticos e, tendem a desacreditar incisivamente os catastrofistas.

O temor dos cientistas do clima é que a barbárie que ocorreu em Nova Orleans, após a passagem do Furacão Katrina possa eclodir em diversas partes do mundo, à medida que os desastres naturais se tornem cada vez mais frequentes e mais devastadores. Eles afirmam ainda que o medo se justifica justamente porque toda a nossa civilização é baseada na energia elétrica, portanto, o principal desafio do Aquecimento Global seria como suprir a nossa demanda de energia para que a civilização permanecesse funcionando, substituindo toda nossa matriz energética de queima de combustível fóssil para o de energia renovável, porque, caso contrário, não seremos capazes de manter a nossa civilização, se não pudermos manter as cidades funcionando.

Zygmunt Bauman em *Medo Líquido*, cita um artigo de Timoth Gordon Ash, publicado no New York Times, em que Ash diz que o Katrina provou que nossa casca de civilização é mais fina que uma hóstia, ou seja, basta nos tirar comida, abrigo, água, segurança pessoal e nos veremos nos debatendo como selvagens. *“A lei e a ordem simplesmente se desvaneceram como se nunca tivesse existido. Subitamente, os hábitos e rotinas aprendidos que guiavam 90% ou mais das atividades da vida*



*cotidiana perderam seu sentido – um sentido que normalmente é demasiado auto-evidente para que se pense nele*”. (BAUMAN, 2006, p. 26).

Bauman utiliza a metáfora do Titanic para descrever o medo líquido da sociedade contemporânea, segundo ele este medo é a sensação de que existe um *iceberg* à nossa espreita e que podemos senti-lo, embora a gente não possa ter certeza se vamos topá-lo ou não, mas o que pode pôr a nossa civilização em risco não é o *iceberg* que está lá parado e, sim o fato de não acreditarmos que possa haver este *iceberg*, de modo a não nos protegermos, nos assegurando de que existam coletes salva-vidas para todos e, de que os botes são suficientes para comportar todo mundo. E que o nosso maior perigo é que não acreditamos na probabilidade e, por tanto não nos prevenimos. *“Para evitar a catástrofe, primeiro é preciso acreditar na sua probabilidade. (...) Considerá-las improváveis ou nem mesmo pensar nelas é a desculpa para não fazer nada contra elas antes que atinjam o ponto em que o improvável vira realidade e subitamente é tarde demais para aliviar seu impacto, que dirá impedir sua chegada*”. (DUPUY *apud* BAUMAN, 2006, p. 24)

## 5.3. A **Veja** e o Verde



# Frases de **Veja**

*“Há boas notícias sobre a saúde do planeta, mas os ecoxiitas insistem em anunciar o fim do mundo.”*

(Por Eurípedes Alcântara, Veja, 09 de outubro de 1991).

*“Os engravatados da Organização das Nações Unidas esperam fazer a maior conferência mundial da história da humanidade [ECO 92]. Os países pobres aguardam sua chance de saltar de novo sobre a carteira dos ricos, só que agora com o bom argumento do progresso ecológico. E os ecologistas já sonham com sua grande oportunidade de deitar e rolar.”*

(Por Tales Alvarenga, Veja, 22 de abril de 1992).

*“É irônico que o ambientalismo, enquanto instrumento político, seja hoje associado ao pensamento de esquerda. No passado, era o contrário. Os comunistas, donos das fábricas mais poluentes do mundo, consideravam a preocupação com o ambiente mero capricho burguês. Só depois que o comunismo virou poeira, com a queda do Muro de Berlim, os órfãos do marxismo viram na defesa do ambiente uma forma de desafiar o capitalismo. O risco do dogmatismo no combate ao Aquecimento Global é o de retirar as questões do verdadeiro domínio a que pertencem – o debate científico.”*

(Por Okky de Souza e Vanessa Vieira, Veja, 24 de outubro de 2007).

*“Há décadas os ambientalistas alertam para os riscos da escalada do Aquecimento Global, mas seus argumentos raramente foram ouvidos. Pudera. As soluções apresentadas para acabar com o efeito estufa passavam por fechar indústrias, prejudicar economias e sacrificar parte do bem-estar conquistado pela humanidade ao longo do século XX.”*

(Por Jaime Klintowitz, Veja, 21 de junho de 2006).

*“Adaptar-se ao clima mais quente parece ser viável para a humanidade. Se é o que nos resta fazer, teremos de fazê-lo. Isso não nos livrará, porém, da condenação das gerações futuras. Seremos sempre estigmatizados como os tripulantes que por pouco não destruíram o único, pálido, frágil e azul oásis de vida na imensidão do universo.”*

(Por Jaime Klintowitz, Veja, 21 de junho de 2006).

### ***5.3.1. Metaporizando a Veja***

*“Acho que a coisa que me dediquei mais nesse show de slides foi tentar identificar todas as coisas nas mentes das pessoas que seriam obstáculos para que elas entendam isso. E sempre que acho que identifiquei um obstáculo, eu tento desmontá-lo afastá-lo quebrá-lo, demoli-lo, explodi-lo.”*

*(Al Gore, no documentário: Uma Verdade Inconveniente)*

Estes cinco trechos de textos jornalísticos representam bem o Imaginário que a revista *Veja* passa aos seus leitores em relação às questões ambientais. Contabilizam-se cerca de 14 capas nestes quinze anos, além de dezenas de matérias relacionadas ao tema do meio ambiente, de acordo com o *site* especial sobre Aquecimento Global da revista, que traz diversas reportagens em torno das questões ambientais.

Observa-se que a maioria das reportagens sobre meio ambiente apresentadas por *Veja* são simpáticas às questões ambientais, porém nas matérias mais editorializadas a postura da revista é inversa. Dessa forma, a linguagem da revista oscila entre a adesão, especialmente nas reportagens trazendo matérias do tipo “20 maneiras para se ajudar o planeta”, entre outras acerca de inovações tecnológicas que ajudam a preservar o meio ambiente; à minimização das questões ecológicas, com linguagem agressiva, até mesmo ridicularizando e, menosprezando ambientalistas, ao utilizar termos como ‘eco xiitas’, ‘eco chatos’, ‘verdismo xiita’. Parece que a linha editorial da revista com relação às questões ambientais oscila de acordo com o que se julga ser de interesse. *“A leitura das principais matérias da revista revela a defesa dos interesses dos valores da classe média e cumpre, assim, o papel de utilizar os temores de um segmento social marcado pela instabilidade e medo – portanto, permeável ao conservadorismo – como uma das marcas que pontuam o debate na esfera pública midiaticizada”*. (OLIVEIRA & MAIA, 2006, p. 11)

A postura da *Veja* como reforço dos preconceitos da classe média, apontados por Dennis de Oliveira, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, vem sofrendo críticas a longo tempo. Sendo que atualmente os seus próprios leitores parecem ter percebido tal postura por parte do editorial da revista, muitos se afastando e, conseqüentemente deixando de assinar a revista, por acharem que seu conteúdo esvaziou-se, e por considerarem que a postura da revista diante de alguns assuntos foi inadequada. Este foi o relato de diversas pessoas abordadas, ao serem entrevistadas para este trabalho, quando disseram não poderem abordar os temas vislumbrados pela pesquisadora, por não mais lerem a revista e, sendo assim, não

saberem o que dizer e como opinar em relação a eles. Isto confirma, de certa maneira, a premissa de que o leitor busca apenas reforçar suas idéias, ou seja, busca informações alinhadas com o seu próprio pensamento e, quando o veículo não corresponde mais ao perfil do leitor, ele se afasta.

Segundo Oliveira, para atender aos interesses de seu público-leitor, a revista também age sob a égide da angulação grupal, já que não hesita em realizar verdadeiras campanhas para atingir a este fim. *“A tão propalada imparcialidade da revista (propagandeada por ela mesma) acaba sendo derrotada pelas angulações que dá às suas matérias”*. (OLIVEIRA & MAIA, 2006, p. 13)

Para Oliveira, os efeitos ideológicos desta ação discursiva do jornalismo atuam no sentido de manter intactos os alicerces da sociedade de consumo. No Brasil, por exemplo, em que impera uma sociedade marcada por um capitalismo periférico e, com brutal concentração de riquezas, a sociedade de consumo se caracteriza por um restrito grupo que tem acesso aos bens de consumo e, uma imensa massa destituída deste acesso privilegiado. Neste tocante, os meios de comunicação legitimam e mantêm os discursos que formam o Imaginário da sociedade de consumo. A legitimação desta exclusão é feita, entre outros meios, por um discurso de legitimação do privilégio de classes e segmentos sociais, cujo discurso opera em duplo sentido de significação. *“Para os segmentos sociais excluídos o privilegio é visto como sinônimo de competência e como uma possibilidade nunca realizada (‘sonho’). Já para os segmentos sociais incluídos um dos mecanismos mais eficazes de controle é o temor, o medo de perder a condição de integrante do sistema de consumo, direcionando estes segmentos para uma posição extremamente conservadora”*. (OLIVEIRA & MAIA, 2006, p. 19).

O autor aponta também o uso de fontes cativas e já alinhadas com a posição da revista como um forte mecanismo utilizado, não só por Veja, mas por todos os meios de comunicação, com o objetivo de afirmar aquilo que lhes interessa, mas na voz de outras pessoas, especialmente, pela incorporação dos chamados especialistas, o que dá um ar de imparcialidade à questão, ou seja, na tentativa de apagar o autor e marcar o enunciador, apontada por Louis Queré, como uma das principais características do jornalismo contemporâneo. *“Muitos veículos, com o intuito de tentar mostrar imparcialidade na cobertura das matérias, utilizam o que se denomina fonte especializada. Recurso esse que muitas vezes acaba encobrindo uma determinada visão própria que o meio defende, já que o conhecimento não é neutro. É só escolher um determinado especialista que interessa em determinado contexto e qualifica-lo como um dos estudiosos mais importantes naquele assunto. A Veja também utiliza esta estratégia”*. (OLIVEIRA & MAIA, 2006, p. 29).

A partir desta análise, verifica-se como o discurso da revista com relação ao meio ambiente também tem sido alinhado com o discurso ecológico e político defendido pelos Estados Unidos, sobretudo nos artigos sobre meio ambiente. No entanto, é difícil saber qual será o comportamento da revista diante da mudança atual do governo americano, com Barack Obama no poder, caso ele cumpra a promessa de ter uma política de maior abertura para as questões ambientais. *“Nota-se, ainda, um estreito alinhamento com os valores preconizados pelos Estados Unidos, país constantemente citado como referência positiva em todos os aspectos”*. (OLIVEIRA, 2006, p. 30).

Como já foi discutido neste trabalho, a função dos *media* é mais de reforço do Imaginário de seus receptores, já que a própria escolha do veículo que o receptor utiliza para se informar acaba por estar ligada às suas empatias. Sendo assim, se o veículo não trazer mais aquilo que o leitor considera como importante, ele deixa de utilizá-lo, isto é o que parece estar acontecendo em relação a muitos leitores de Veja, já há algum tempo. Mas inegavelmente, o texto primoroso da revista é reconhecidamente seu maior patrimônio, sendo que quando Veja se dispõe a fazer uma reportagem bem apurada, seus argumentos tornam-se imbatíveis.

Objetivamente, seria impossível analisar todos os maiores jornais e revistas do país, ainda mais tendo em vista os segmentos incorporados à televisão, rádio e internet. Deste modo, para se tentar entender que espécie de Imaginário eles estão passando em relação ao tema do Aquecimento Global, optou-se pela revista Veja, como uma pequena amostra ilustrativa deste pensamento jornalístico, tendo em vista uma análise das matérias, que saíram nela sobre o meio ambiente, desde a ECO 92, até culminar na repercussão do último Relatório do IPCC de 2007, considerando como critério de análise o pluralismo do discurso jornalístico – polissemia (múltiplos sentidos) e polifonia (múltiplas vozes) –, como tentativa de imparcialidade em relação ao tema. Dentro desta ótica, procuramos observar o Imaginário que a Veja tem passado aos seus leitores, nos últimos 15 anos no tocante às questões ambientais. Para tal, foram escolhidas quatro reportagens que objetivam demonstrar o Imaginário que a revista tenta passar para seus leitores sobre questões ambientais, perfazendo os conteúdos contidos na íntegra dos anexos desta pesquisa.

As reportagens 1 e 2, “A ciência afasta o perigo do desastre global”, de 1991, afirma que os diversos avanços nas questões ambientais em vários setores como floresta, mar, preservação de espécies afasta o perigo de desastre global mas que os verdixiitas insistem em dizer que as coisas vão mal e “A agenda do futuro”, de 1992, sobre a ECO 92, apesar de trazer no chapéu a palavra Reportagem, na verdade são artigos escritos por dois nomes expoentes de Veja: Eurípedes Alcântara e Tales

Alvarenga. Esses dois artigos são um bom exemplo da tentativa de reforçar o preconceito da classe média, apontada por Dennis Oliveira e da visão pró-americana de Veja, com demonstrações de anticomunismos e ranço reacionário, ou seja, de defesa do interesse do capital acima de qualquer coisa, em que as questões ambientais são apontadas como um perigo ao sagrado direito do consumo e interferência na economia. Eurípedes Alcântara é atual diretor de redação de Veja e Tales Alvarenga foi diretor de redação de 1998 a 2004, faleceu em 2006 aos 61 anos, ambos assumiram diversos cargos de chefia anteriores ao de chefe de redação que seria o topo, portanto, reportagens escritas pelos dois sempre representou a posição editorial da revista.

A reportagem 3: “Países e pessoas agem...mas alguns duvidam” é uma matéria intermediária entre os artigos editorializados e as reportagens mais imparciais. O mote da reportagem é a tentativa de desqualificação do Relatório do IPCC por meio dos argumentos dos cientistas considerados os céticos, a idéia central da matéria é de que o aquecimento existe, mas não é tão grave e que não devemos gastar tantos recursos para diminuir as emissões e ainda por cima prejudicar a economia e devemos nos preocupar com outras questões ecológicas como a pesca predatória, embora o texto não deixe claro que a redução das emissões em nada impede de se cuidar dos outros problemas do meio ambiente, muito pelo contrário, o que os cientistas do IPCC propõem é uma mudança radical na nossa forma de lidar com os recursos da natureza. Mais uma vez a bandeira central da revista é a preocupação com a economia, do progresso e da sociedade de consumo.

A reportagem 4: “A fronteira final”, sobre os derretimentos das geleiras do Ártico, a reportagem tem uma angulação totalmente simpática às causas ambientais, como na maioria das matérias sobre meio ambiente da revista e demonstra também o inegável potencial de Veja quando deseja fazer uma boa reportagem baseada em fatos.



---

## Reportagem 1:

REPORTAGENS

09 de outubro de 1991

### A ciência afasta o perigo do desastre global

Há boas notícias sobre a saúde do planeta, mas os ecoxiitas insistem em anunciar o fim do mundo



Eurípedes Alcântara

Depois que sumiram todas as razões para o extremismo político, só faltava essa: surgiu o xiita ecológico. Para esses novos cruzados da fé no verde, os problemas ambientais parecem sempre maiores do que realmente são e a solução estaria na regressão das pessoas a um estágio primitivo para que deixem de molestar a natureza. Essa crendice é forte, mas começa a ser desfeita. As pesquisas vêm mostrando que o planeta é mais resistente do que imaginam as seitas verdes e nada indica que o desmatamento de uma área na Tanzânia provoque reações adversas em Bangladesh, como supõem muitos militantes da religião ecológica.

Seis meses depois do fim da guerra no Golfo, os técnicos conseguiram apagar o incêndio nos poços de petróleo do Kuwait que deveriam arder durante anos, segundo a previsão dos ecoxiitas. (...)

E, para suprema decepção dos militantes das seitas ecológicas fundamentalistas, até da Amazônia podem surgir boas notícias. Na semana passada, o Ibama, o órgão federal que policia a natureza no Brasil, anunciou que o ritmo de desmatamento na região vai, pelo quinto ano consecutivo, despencar em 1991. É demais. (...)

Para a zoologista americana Dixy Lee Ray, de 77 anos, é hora de esboçar alguma reação contra o radicalismo ecológico, pois a maioria das pessoas está se deixando facilmente dominar pelo pânico das sinistroses e age irracionalmente quando o assunto é meio ambiente. "Não importa se se trata de uma bobagem em estado puro ou de um exagero, as pessoas tendem a aceitar pacificamente qualquer ação que lhes pareça ser em benefício da ecologia", diz Lee Ray, que acumulou enorme experiência nesse ramo como presidente da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos.

Ela faz parte de um grupo de cientistas americanos em luta aberta contra o "extremismo ecológico", que eles definem como uma disposição mental que pode ser muito prejudicial à sociedade. Nascida do desejo sincero de salvar o planeta da destruição, essa atitude mental volta-se radicalmente contra o desenvolvimento, o progresso, a indústria sem examinar as bases racionais desse comportamento. O combate ao catastrofismo ecológico não é uma bandeira apenas da zoóloga de Washington, que o ataca no livro *Trashing the Planet* (Sucateando o Planeta), publicado há pouco nos EUA. Ao movimento, ainda tímido, vêm se somando outras vozes. É um alerta contra os prognósticos alarmantes sobre o futuro da Terra, feitos por cientistas e reverberados com o exagero costumeiro por leigos ilustres roqueiro Sting, o príncipe Charles, da Inglaterra, ou o ator Robert Redford. No Brasil, há também um time respeitável de megafones conceituados, como o cantor Milton Nascimento, os Trapalhães ou a atriz Lucélia Santos. "Fomos jogados num cenário de adivinhações e histeria em que a fé cega do ouvinte substituiu o argumento científico, diz o respeitado economista americano Julian Simon, da Universidade de Maryland. Simon define um xiita ecológico como uma pessoa que não acredita na capacidade da mente humana de encontrar saídas para as situações de crise.

Você sabe que está diante de um xiita ecológico quando:

Questões tão diversas quanto o efeito estufa (uma hipótese) ou o buraco de ozônio (um perigo real), o desaparecimento de espécies (um mal reparável), o desmatamento das florestas tropicais (que diminui a cada ano seu ímpeto), a poluição dos oceanos (não medida) ou o avanço da desertificação no mundo



(um mito) são tratadas com a mesma ênfase. A ação destruidora do homem e da civilização moderna é colocada na base de todo o mal.

☐ A pessoa se exalta na defesa de seres como o rato do banhado ou a ararinha-azul, mas pouco se importa com os córregos de esgoto que espalham doenças na periferia da cidade onde mora.

☐ Seu interlocutor considera o homem a grande doença do planeta Terra.

☐ A pessoa quer limpar a Terra não como quem mantém a sala da própria casa em ordem, sem lixo no chão e sem poeira. Quer é livrá-la de todo vestígio industrial.

☐ O xiita ecológico evitará termos como "pântano", que tem conotação pejorativa. Prefere "terras alagadas". Não se refere aos habitantes da Amazônia como seringueiros e índios. Usa uma expressão mais poética, "povos da floresta", para esses dois grupos hostis uns aos outros, que até bem pouco tempo se matavam a tiros e flechadas. Salvo na concepção romântica do ecoxiita, eles só têm em comum o fato de detestarem viver no mato, adorarem o asfalto e as comodidades da civilização, como gravadores portáteis, lanternas de pilha e automóveis.

☐ O militante também venera figuras do mato, algumas, bons selvagens de verdade, outras, tão escoladas na rotina branca como qualquer morador de Bonsucesso. Um desses heróis é o cacique caiapó Tutu Pombo, que levanta com facilidade donativos para sua tribo do sul do Pará. Quando não está fantasiado de índio para impressionar os doadores, Tutu Pombo mora em casa de alvenaria, tem carro de luxo, avião particular e amante na cidade. Tutu Pombo vive de explorar madeira na reserva indígena.

Os ambientalistas dispostos a resolver os problemas reais começam a se preocupar com o extremismo desses bolsões bem-intencionados, mas contraproducentes, da militância ecológica. Em São Paulo, já se pode ver nos carros adesivos com os dizeres: "Defenda a ecologia, mas não seja chato". A questão não é apenas de chatice. "A militância já teve seu tempo, ajudou a levantar a questão, mas agora só está atrapalhando", diz o pesquisador americano John Vance, de Tampa, na Flórida. Agora, alguns cariocas já se perguntam se não seria mais produtivo que ambientalistas como Carlos Minc e outros deixassem de promover "abraços" de montanhas e, em vez disso, organizassem uma força-tarefa para recolher o lixo que despenca da favela da Rocinha e fica pendurado na boca do Túnel Dois Irmãos. Fariam alguma coisa útil.

Ao mesmo tempo aumenta a pressão sobre os cientistas para que produzam evidências concretas dos danos que o homem estaria impondo ao planeta de modo que o debate ecológico escape do pântano da especulação. "O catastrofismo teve seu lugar numa época em que a maioria das pessoas era insensível às questões ecológicas. Foi uma maneira de motivá-las, mas agora precisamos recuperar o bom senso antes de gastarmos montanhas de dinheiro em falsas curas para problemas ecológicos que não existem ou são menores do que se imagina", diz Lee Ray.

Nos últimos meses, boas notícias ambientais nascidas de pesquisas de alguns dos melhores cientistas do mundo ficaram escondidas pelo coro do catastrofismo. São notícias de natureza distinta. De um lado, alguns pesquisadores - ainda em franca minoria - estão constatando que o planeta tem uma enorme e insuspeitada capacidade de resistência e que o homem, apesar de sua esfuziante atividade industrial, não tem tanta influência sobre o poderoso metabolismo terrestre. Erupções vulcânicas e tempestades oceânicas, por exemplo, podem destruir mais ozônio do que os gases industriais. De outro lado, os cientistas vêm descobrindo que males que pareciam irreversíveis, como a desertificação e o desmatamento provocados pelo homem, podem ser controlados por ações simples e eficazes. Surgiram novidades também na preservação de espécies animais e vegetais ameaçadas de extinção, no relacionamento do homem com o mar e no conhecimento da atmosfera. Seria um contra-senso imaginar que se pode poluir impunemente ou que a natureza suporta ser espoliada como se seus recursos fossem infinitos. O que se impõe, agora que a fase romântica da ecologia deve passar, é que o planeta seja examinado com menos emoção e mais critério.

---

## Reportagem 2:

### REPORTAGENS

22 de abril de 1992

### A agenda do futuro

Na celebração da Eco 92, vai aparecer o ecologista do século XXI, que deixa o mico-leão de lado para falar do que interessa



Tales Alvarenga

Os engravatados da Organização das Nações Unidas esperam fazer a maior conferência mundial da história da humanidade. Os países pobres aguardam sua chance de saltar de novo sobre a carteira dos ricos, só que agora com o bom argumento do progresso ecológico. E os ecologistas já sonham com sua grande oportunidade de deitar e rolar. Serão 10 000, talvez 15 000 militantes, misturados com índios, feministas, religiosos, seringueiros, cientistas e os desocupados de sempre. Assim será a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Eco 92, que se realizará no Rio de Janeiro na primeira quinzena de junho com a pretensão de mudar a agenda mundial para o próximo século.

É possível mesmo que mude. Depois desta reunião, que atrairá mais de 100 chefes de Estado ao Rio de Janeiro, o mundo terá motivos para se olhar de um modo diferente. "O modelo de desenvolvimento que produziu os estilos de vida que nós temos no mundo industrializado é simplesmente insustentável", diz o empresário Maurice Strong, um canadense de 62 anos que foi escolhido pela ONU para chefiar a Eco 92. Strong esteve à frente da primeira conferência mundial da ONU sobre ecologia, em Estocolmo, vinte anos atrás. Hoje o mundo está mais sujo, as matas são menores, há centenas de milhares de espécies a caminho da extinção e conta-se até mesmo com o risco de um desarranjo na atmosfera, capaz de causar um desastre ecológico de proporções planetárias. Para examinar essas questões, estarão reunidas no Rio as delegações de 170 países, outras cinquenta equipes de órgãos intergovernamentais como o FMI e o Banco Mundial, além da enorme tribo dos militantes da ecologia.

Se tudo correr bem, os países ricos, que cortaram suas árvores e poluíram seu ar impunemente desde a Revolução Industrial, vão oferecer algum dinheiro aos países pobres para que eles se comportem de outra maneira. Alguns documentos serão assinados com promessas de ambos os lados e se testemunhará a garantia dos ricos de que transferirão tecnologia para os pobres melhorarem seu meio ambiente. Mas se as coisas saírem mal, a Eco 92, chamada carinhosamente pelos cariocas de Rio 92, poderá degenerar numa briga feia para decidir quem são os vilões do planeta. Nos bastidores, eles já estão escalados. São países do Hemisfério Norte, como os Estados Unidos, responsáveis por 24% das emissões de gás carbônico do mundo, mas sempre atentos para as queimadas da Amazônia, que jogam apenas 4% desse gás na atmosfera.

Carros de Bruxelas – O mais provável é que a Eco 92 deixe uma marca inesquecível na História que o homem está escrevendo neste final de século. Pela primeira vez, a luta pelo meio ambiente saiu do círculo ingênuo da baleia, do urso panda e do mico-leão-dourado para colocar-se no centro das discussões econômicas e políticas do mundo. É crescente o número de pessoas que acreditam ser impossível cuidar da ecologia sem promover o desenvolvimento.

O planeta, nessa concepção, teria de escolher o fim ou a estagnação. Agora o cenário se inverteu. Os planos econômicos começaram a levar em conta o respeito ao meio ambiente e a ecologia ganhou uma dimensão econômica que jamais teve. Descobriu-se que a limpeza também pode ser sinônimo de eficiência e lucro.

Por fatos assim, desde a conferência de Estocolmo, os especialistas se convenceram de que a pobreza é uma das maiores causas de deterioração do meio ambiente. Esse será o grande assunto da Eco 92.

Há obviamente conceitos novos em circulação. Não é que seja novo pensar na pobreza como fonte de poluição. O que se vê é um tipo de ativista verde que já não sonha com uma volta ao passado bucólico. Ele raciocina mais com dados econômicos e indicadores sociais do que com referências emocionais a focas e leões-marinhos.

Os militares brasileiros têm razão para temer os ecologistas, não pelo motivo que alegam. Sustentam que os ecologistas querem internacionalizar a Amazônia. Pode ser que alguns deles desejem mesmo transformar a maior mata do mundo num parque sem dono, para diversão dos índios.

(...)

Imagine-se um governante de qualquer lugar do Primeiro Mundo defendendo as seguintes idéias: as nações ricas cresceram depredando o planeta. Agora, devem reduzir seu ritmo de crescimento, cortando o consumo. Devem também pagar uma “taxa de arrependimento” aos países pobres, para indenizá-los pelo estrago que fizeram. Essa taxa destina-se ainda a permitir que esses países em desenvolvimento possam crescer sem destruir o meio ambiente.

Essa é, nas grandes linhas, a teoria do desenvolvimento sustentável. Por impossível que pareça, ela é defendida pela maioria das nações ricas, com exceção dos Estados Unidos e alguns outros países.

O urso come - Estas são as razões que explicam o comportamento tucano do presidente George Bush. Ele oscila entre comparecer e não comparecer à conferência do Rio de Janeiro. É razoável supor que, para onde se inclinar Bush na questão ecológica, o mundo se inclinará. Mas o presidente americano enfrenta um dilema. Se ele vier ao Rio, a onça pega. Se ficar em Washington, o urso come.

Bush precisa estar no Rio em junho, sob risco de perder a iniciativa e a liderança num terreno de importância crescente. Mas se participar da reunião será pressionado a assinar tratados de ajuda financeira ao Terceiro Mundo, além de protocolos que limitam o crescimento dos países desenvolvidos. De volta para casa, terá de explicar aos seus eleitores, num ano de campanha para a Presidência, porque quer sacrificar os Estados Unidos num momento de recessão, em nome da ajuda externa e de sonhos ecológicos.

O que o americano médio quer hoje é garantir o emprego e a vida decente e é sobretudo em nome disso que vai dar seu voto nas eleições presidenciais de novembro. Há ainda a suspeita generalizada de que a maior parte da ajuda aos países pobres acabe nas mãos de políticos corruptos. Com esse dilema pela frente, Bush pode candidatar-se à chefia do comitê executivo dos tucanos. Basta criar umas olheiras sombrias, de gente que passa as madrugadas em dúvida, e seu lugar estará garantido na cúpula do PSDB.(...)

É por isso que os países do Terceiro Mundo adoraram o novo tema da ecologia. Podem usá-lo para dar outra facada nos milionários. Podem argumentar que não é só em benefício próprio que pedem, e sim em nome da salubridade do planeta inteiro. Se quiserem ser mais dramáticos, da sobrevivência do planeta. "Estamos sentados numa bomba-relógio, tão perigosa quanto o holocausto nuclear que nos atemorizou nesta segunda metade do século", insiste Jamsheed Marker, diplomata do Paquistão que chefia o Grupo 77, formado pelas nações pobres. Marker está metido na preparação da Eco 92 com a velha mentalidade terceiro-mundista, que está de volta com roupa verde.(...)

Tragédia planetária - O financiamento aos subdesenvolvidos é o principal e mais polêmico assunto da Eco 92. O outro está na colocação de limites para o crescimento dos ricos. Até agora, 27 países já aceitaram a idéia do limite, entre eles o Japão, o grupo nórdico e os integrantes da Comunidade Econômica Européia. Trata-se na prática de chegar ao ano 2000 com os mesmos níveis de poluição pelo gás carbônico que existiam em 1990. Isso significa queimar menos carvão e petróleo. Há dois caminhos para isso. O mais inteligente é melhorar a eficiência das máquinas. O mais doloroso é restringir o consumo de energia elétrica nas indústrias e o uso do automóvel nas ruas, entre outras coisas. É essa segunda perspectiva que fira o sossego de Bush. Os mais espertos, como os japoneses, trabalham com a primeira, melhorando a produtividade.

Cientistas convocados pela ONU para ajudar nas negociações desse tema na Eco 92 prevêm que o aumento nas emissões de gás carbônico pela queima de combustíveis fósseis poderá causar uma tragédia de dimensões planetárias dentro de algumas décadas. Não se deve acreditar piamente nessa história.

Carro reciclável - Nessas previsões sobre o aquecimento do planeta, os cientistas usam modelos matemáticos computadorizados, mais ou menos como os economistas brasileiros (sem computadores e sem uso da matemática) fabulam hipóteses sobre a inflação. Podem estar enganados. (...)

O melhor aviso da ecologia é que cortar a poluição não significa necessariamente impor sacrifícios às pessoas. Em alguns casos, ocorre justamente o contrário. Ganham-se quase sempre mais benefícios, inclusive lucros, com a limpeza. (...)

Há chances de que a ambição do crescimento possa conviver com o equilíbrio ecológico. Restam os desafios da pobreza e suas conexões com o meio ambiente, mas o mundo de hoje é um lugar mais favorável para tratar desse problema - a começar pelo fato de que já se pode direcionar para o "desenvolvimento sustentável" um pedaço da fortuna que alimentava os arsenais nucleares. O palco para esse discurso chama-se Eco 92. Em junho, no Rio de Janeiro.

---

## Reportagem 3:

VEJA Edição 2031, 24 de outubro de 2007

### Países e pessoas agem... mas alguns ainda duvidam



**A realidade do Aquecimento Global criou uma preocupação com o ambiente como nunca se viu: todo mundo quer fazer sua parte para salvar o planeta. Nesse cenário, vale a pena conhecer a lista de prioridades dos cientistas céticos, aqueles que desconfiam de previsões catastrofísticas**

Okky de Souza e Vanessa Vieira

Joe Nishizawa



#### PREVENÇÃO JÁ

Galeria subterrânea, com 6 quilômetros de extensão, recém-construída em Tóquio e destinada a escoar águas de enchentes. Com o "piscinão", a cidade se prepara para as provações resultantes do Aquecimento Global

Em que planeta vivemos? Se for no planeta Al Gore, estamos em apuros. Um brasileiro que nasça hoje chegará à idade adulta em um mundo hostil e diferente, no qual restarão raros ursos-polares fora do zoológico e se poderá navegar pelas ruas do Recife, submersas pela elevação do nível do mar. Seus netos viverão num ambiente pestilento, com surtos de malária, dengue e febre amarela decorrentes do clima mais quente. Na Amazônia, com temperaturas 8 graus mais altas que as atuais, a floresta se transformaria em cerrado e estaria sujeita a incêndios de dimensões bíblicas. (...)

Mas será que a Terra só tem como futuro se transformar no planeta Al Gore? Talvez não.

Um grupo de cientistas, reduzido em número mas respeitável e influente, discorda da idéia central de Al Gore e do painel da ONU, que, de resto, se tornou a maior religião urbana de alcance planetário de que se tem notícia. Esses dissidentes do clima são chamados genericamente de "céticos". Uma demonstração de que os terráqueos ainda não chegaram ao consenso definitivo de que a Terra vai acabar nos moldes propostos por Al Gore é a enorme repercussão do recém-lançado *Cool It*, cujo subtítulo é *O Guia do Ambientalista Cético para o Aquecimento Global*. O autor do best-seller, o estatístico dinamarquês Bjorn Lomborg, foi eleito pela revista *Time* uma das 100 pessoas mais influentes do mundo (*veja a entrevista com Lomborg*).

As divergências entre ambientalistas ortodoxos e céticos podem ser sumariadas em quatro questões:

**A primeira** diz respeito à responsabilidade humana no Aquecimento Global. O IPCC afirma que a causa principal é a emissão de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) e outros gases resultantes da queima de combustíveis fósseis, que, lançados na atmosfera, aumentam o efeito estufa. Os céticos consideram que só parte do Aquecimento Global pode ser atribuída à ação humana. A quantidade de CO<sub>2</sub> enviada à atmosfera pelas florestas em decomposição e pelos oceanos também contribui. A Terra passou por outros períodos de aquecimento antes da Era Industrial, e não se conhecem com certeza os agentes que os provocaram.

**A segunda** versa sobre se é possível amenizar o aquecimento e como isso deveria ser feito. O IPCC diz que o primeiro passo é reduzir as emissões de CO<sub>2</sub> para a atmosfera. A seguir, é preciso aumentar a eficiência no uso de energia para queimar menos combustíveis fósseis. Os céticos argumentam que não há como frear o processo de Aquecimento Global nas próximas décadas. A melhor solução é investir em pesquisas para baratear energias alternativas e, no futuro, tornar a humanidade menos dependente de petróleo.

**A terceira** é: dentro de quanto tempo os efeitos do aquecimento começarão a ser sentidos? O IPCC diz que os primeiros sinais já estão presentes no aumento de enchentes, secas prolongadas e maior frequência de grandes furacões. Os céticos estimam que os primeiros efeitos só serão perceptíveis dentro de 50 a 100 anos.

**A quarta:** qual é a severidade desses efeitos? O IPCC acha que as catástrofes naturais serão frequentes e devastadoras. Para os céticos, os desastres serão poucos. Não será difícil para o homem se adaptar a essas alterações do clima.

Seria excelente se as respostas para todas essas divergências pudessem ser encontradas no meio do caminho entre os dois extremos. Por enquanto, isso não parece possível. Os ursos-polares estão realmente ameaçados. Um estudo prevê que, devido à retração da camada gelada do Ártico, a população desses animais magníficos estará reduzida a um terço da atual em 2050. O dar de ombros de alguns céticos, sob o argumento de que a extinção de espécies faz parte do ciclo natural da natureza, só nos enche de horror. Por outro lado, previsões catastróficas claramente infladas para efeitos propagandistas são um tiro que a ortodoxia ambientalista dá no próprio pé. (...)

Flip Nicklin/Minden Pictures/Getty Images



**Urso-polar vê seu habitat derreter**

(...)O que Lomborg pretende demonstrar é a capacidade humana de se adaptar às mudanças naturais e encontrar soluções tecnológicas para os desastres anunciados. Em 1968, no best-seller *A Bomba Populacional*, o americano Paul Ehrlich vaticinou um mundo atormentado pela superpopulação e pela falta de alimentos. A população mundial de fato dobrou nas quatro décadas seguintes à previsão, mas, graças ao ganho de eficiência com a irrigação e o uso dos fertilizantes, a chamada Revolução Verde, o planeta produziu alimentos de sobra para todos. No período em que Ehrlich afirmou que a fome grassaria, as pessoas passaram a ingerir, em média, 24% mais calorias. Diante da imposição de combater o Aquecimento Global, as ações individuais nessa direção se tornaram uma mania. Todo mundo quer fazer sua parte para salvar o planeta, ou pelo menos manter a consciência limpa de que não está ajudando a piorar a situação. Para isso, tanto vale usar roupas feitas de algodão orgânico quanto comprar apenas alimentos que tenham sido produzidos em regiões próximas – dessa forma, não se precisou enfumacá-lo mais a atmosfera ao transportá-lo.

Ao se tornar uma doutrina, a luta contra o Aquecimento Global também se tornou um instrumento nas mãos dos políticos. "Muitos deles, para conquistar a aprovação popular, fazem promessas de reduzir as emissões de gases tóxicos em seus países mesmo sabendo que será impossível cumpri-las", disse a VEJA outro cético proeminente, o economista Deepak Lal, da Universidade da Califórnia. É irônico que o ambientalismo, enquanto instrumento político, seja hoje associado ao pensamento de esquerda. No passado, era o contrário. Os comunistas, donos das fábricas mais poluentes do mundo, consideravam a preocupação com o ambiente mero capricho burguês. Só depois que o comunismo virou poeira, com a queda do Muro de Berlim, os órfãos do marxismo viram na defesa do ambiente uma forma de desafiar o capitalismo. O risco do dogmatismo no combate ao Aquecimento Global é o de retirar as questões do verdadeiro domínio a que pertencem -- o debate científico. Há, nesse campo, muitas dúvidas. Dá-se o nome de efeito estufa à cobertura de gases que envolve a Terra, impedindo que a radiação solar, refletida pela superfície em forma de calor, se dissipe no espaço. O mecanismo é responsável pela temperatura amena, sem a qual a vida não seria possível no planeta. O aumento nas emissões dos gases do efeito estufa, sobretudo o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), resultantes da atividade humana, faz com que mais calor seja retido. Essa é a causa primária do Aquecimento Global.

AP



**Leito seco do Rio Jialing, na China**



(...)O Protocolo de Kioto, hoje desacreditado, pretende frear o Aquecimento Global com cortes substanciais nas emissões de CO<sub>2</sub>. Os ambientalistas dogmáticos consideram suas metas tímidas. Os céticos as vêem como inviáveis devido ao custo para a economia de cada país signatário. Os Estados Unidos, que não aderiram a Kioto, teriam de reduzir em 7% as emissões de CO<sub>2</sub> tendo como referência os níveis de 1990. Para cumprir tal meta, o país precisaria paralisar 70% de sua frota de transportes, incluindo carros de passeio, caminhões e trens. Nas contas um tanto suspeitas da Casa Branca, isso custaria 5 milhões de empregos. O que os céticos têm a dizer sobre economia é o seguinte: reduzir os gases do efeito estufa seria muito caro e ineficiente. Melhor seria utilizar o dinheiro para preparar melhor o mundo para os efeitos inevitáveis das mudanças climáticas.

A certeza de que o planeta dispõe de tempo decorre de um argumento central dos céticos, o de que as previsões catastróficas feitas pelo IPCC não merecem confiança. O problema estaria na metodologia. Cada cientista usou seu próprio modelo computadorizado, sem se preocupar se os colegas empregavam critérios diferentes. Alguns levam em conta as condições da estratosfera, outros desprezam essa variável. (...)

O geofísico Paulo Artaxo, também da USP, um dos cientistas que integram o IPCC, admite que em climatologia as margens de dúvida são grandes. "Esperamos diminuir bastante nossas incertezas nas próximas décadas, mas, se esperarmos até lá para reduzir as emissões de carbono, pode ser tarde demais para frear os efeitos do Aquecimento Global", ele avalia.

Há nas palavras de Ab'Saber uma hipótese que surpreende: o Aquecimento Global pode ter conseqüências positivas. (...)

Segundo os céticos, com metade dos 150 bilhões de dólares anuais que as metas do Protocolo de Kioto custariam aos países signatários, seria possível dotar essas nações da infra-estrutura necessária para combater os desastres naturais.

Muitas das medidas seriam relativamente simples, como a construção de pequenas represas para evitar enchentes. (...)

A primeira delas é investir em pesquisas para tornar as energias alternativas mais baratas e viáveis. (...)

A segunda estratégia dos céticos para combater o efeito estufa é retomar questões que andam fora de moda desde que o Aquecimento Global passou a monopolizar as atenções -- a preservação dos recursos naturais do planeta, o combate à pobreza e às doenças causadas por ela.

Image.net



**O PROFETA DO AQUECIMENTO**  
Al Gore: um Oscar e um Nobel por sua cruzada  
contra o efeito estufa não eliminam a questão –  
o mundo está mesmo à beira do desastre?

Muitos críticos olham com cautela as previsões do IPCC devido à estrutura do painel da ONU. O infectologista inglês Paul Reiter, do Instituto Pasteur, de Paris, disse a VEJA: "Ouvimos falar que os relatórios do IPCC são fruto do trabalho de 2.500 dos maiores cientistas do mundo. Não é bem assim. Nem todos os autores dos estudos são selecionados por suas contribuições à ciência. Em muitos casos prevalecem os critérios políticos". (...)

Caso todas as ressalvas dos céticos se provem equivocadas, pelo menos se deve creditar a eles o mérito de reafirmar com toda a ênfase a necessidade de usar com parcimônia os recursos naturais da Terra. Os estudos sobre o Aquecimento Global, por sua própria natureza, encaram o planeta como uma entidade única, com suas "temperaturas médias" e com a elevação do nível "dos oceanos". Na realidade, cada grupo de cidadãos do planeta vive em seu próprio microclima, com características únicas. No dia-a-dia, quem mora na África Subsaariana está mais preocupado em saber quando virão as próximas chuvas da estação do que com as enchentes que poderão ocorrer dentro de cinquenta ou 100 anos. A poluição que é lançada na atmosfera e aquece o mundo preocupa, mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, mais de 3 milhões de pessoas morrem por ano nas grandes cidades por causa dos efeitos nocivos da poluição localizada. "Ser cético não é ser contrário ao ambiente. É zelar pelo ambientalismo de forma coerente", disse a VEJA Chris de Freitas, professor de ciência ambiental na Universidade de Auckland, na Nova Zelândia.

O maior perigo imediato representado pelo Aquecimento Global parece ser de outra ordem: ter colocado em segundo plano nas preocupações mundiais uma série de tarefas urgentes se queremos salvar o planeta. Os oceanos estão morrendo devido à exploração excessiva de seus recursos. A pesca industrial já reduziu em 90% a população dos grandes peixes oceânicos. O consumo de água no mundo cresceu seis vezes nos últimos 100 anos. O resultado é que um terço da população mundial vive em regiões onde a água é escassa, parcela que deve dobrar até 2025. É irônico, mas a obsessão em torno das mudanças climáticas pode estar se transformando na forma errada de salvar o planeta.

---

## Reportagem 4:

Especial VEJA Edição 2003 11 de abril de 2007



### A fronteira final

VEJA foi ao Ártico e à Antártica conferir os estragos causados pelo Aquecimento Global. A notícia não é boa: as calotas polares estão no limite da resistência

Norbert Rosing/National Geographic/Getty Images



#### TRISTE DESTINO

Urso-polar vasculha lixo no Canadá. O maior predador do Ártico está ameaçado pela redução da área de mar congelado, seu território de caça



Nos pólos estão gravadas as informações que permitem entender o passado e fazer uma aposta segura de como será o futuro da Terra. O Ártico e a Antártica são ao mesmo tempo o termômetro das atuais alterações ocorridas no clima e um arquivo minucioso da história da atmosfera nos últimos milhões de anos. O que se ouve nos pólos agora é, infelizmente, um grito agônico: as mudanças que estão acontecendo por lá são mais rápidas e intensas do que as sentidas em qualquer outra parte do mundo. No Ártico, o ritmo da elevação da temperatura na atmosfera é o dobro da média global. A calota gelada do Oceano Ártico deve desaparecer totalmente durante o verão a partir de 2060. Na escala geológica, meio século é um piscar de olhos. As crianças de hoje serão testemunhas dessa mudança brutal e talvez não possam ver ursos-polares fora de zoológicos. A sobrevivência desse magnífico predador na natureza está ameaçada pela redução da área de mar congelado, seu território de caça. No sul, registra-se a formação de áreas verdes maior do que o comum na Península Antártica, antes predominantemente branca, como o resto do continente. Ninguém pode ficar indiferente diante dessas mudanças. O que ocorre nas regiões polares tem repercussão direta no equilíbrio climático em escala planetária.

Ty Milford/Getty Images



#### MAIS GELO NA ÁGUA

Na Antártica, icebergs cada vez maiores têm se soltado das geleiras. São tão grandes que alguns levam mais de dez anos para derreter completamente

A compreensão do que acontece nos pólos se tornou tão crucial e urgente que mais de sessenta países, entre eles o Brasil, estão mobilizando 10.000 cientistas e vão dedicar 1,5 bilhão de dólares a 228 projetos de pesquisa no Ártico e na Antártica, como parte do Ano Polar Internacional 2007-2008, que começou em fevereiro. O pano de fundo das pesquisas é o Aquecimento Global, que é causado pelo aumento dos gases do efeito estufa na atmosfera, principalmente o dióxido de carbono, resultado da atividade humana. Esses gases formam uma espécie de cobertor em torno do planeta, impedindo que a radiação solar, refletida pela superfície em forma de calor, se dissipe no espaço. O efeito estufa é um fenômeno natural, que garante as condições de temperatura e clima necessárias para a existência de vida na Terra, mas agora se tornou sufocante. Quando esse mecanismo delicado saiu dos trilhos é uma das perguntas às quais a Antártica começa a responder. Quando a neve se solidifica, pequenas bolhas de ar ficam presas no gelo. O exame dessas bolhas em gelo formado nos últimos 720.000 anos, extraído na Antártica, mostra que a concentração de dióxido de carbono na atmosfera tem oscilado para mais e para menos ao longo dos séculos, mas nunca foi tão elevada como hoje.

O terceiro relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC), da ONU, divulgado na sexta-feira passada, coloca o Ártico no topo da lista das regiões sob pressão do Aquecimento Global, devido à elevação da temperatura superior à média mundial. As mudanças aceleradas na criosfera – como é chamado o conjunto dos ambientes congelados da Terra – terão repercussões dramáticas nas outras partes do mundo. "As regiões polares são como gigantes adormecidos: seu despertar será sentido com violência em toda parte", disse a VEJA o oceanógrafo americano Paul Berkman, da Universidade da Califórnia, que há mais de vinte anos pesquisa as regiões polares. Os pólos, devido a suas baixas temperaturas, ajudam a manter o clima global ameno, alimentando as correntes marítimas, resfriando as massas de ar e devolvendo ao espaço a maior parte da energia solar que recebem, graças a suas vastas superfícies brancas. Por isso, mesmo alterações aparentemente pequenas nos ambientes polares podem quebrar o equilíbrio climático do planeta. "Algumas projeções indicam que a superfície do Oceano Ártico vai ficar 12 graus mais quente quando todo o gelo derreter, alterando dramaticamente o clima no Hemisfério Norte", disse a VEJA o australiano Tim Flannery, autor do livro *Os Senhores do Clima* (Editora Record).

Nacional Science Foundation



#### **SOBRE O PÓLO SUL**

Para não serem cobertos pela neve no inverno, os prédios novos da estação científica Amundsen-Scott, dos Estados Unidos, no Pólo Sul, foram construídos sobre colunas hidráulicas

Uma dificuldade para a humanidade se preparar melhor para as mudanças climáticas decorre da falta de conhecimento científico sobre o Ártico e a Antártica. Os modelos meteorológicos usados na previsão do tempo ainda não dão o devido peso à influência dos pólos. "Uma melhor compreensão do complexo sistema climático das regiões polares faria a previsão do tempo de três dias de antecedência ser tão acurada quanto a de dois dias é hoje", afirma Rainer Vockenroth, chefe da base alemã de pesquisas polares em Ny-Ålesund, no arquipélago norueguês de Svalbard, localizada dentro do Círculo Polar Ártico, a apenas 1 200 quilômetros do Pólo Norte. O mesmo tipo de conhecimento é necessário para antecipar com maior precisão os efeitos do Aquecimento Global em todo o planeta. Já se sabe que o nível dos oceanos está aumentando 3 milímetros por ano por causa do derretimento do gelo dos pólos e dos glaciares das montanhas. **A Groenlândia e a Antártica, que acumulam 99% do gelo do planeta, por enquanto respondem por 30% da elevação dos mares. Os glaciologistas estão tentando descobrir agora se – e quando – a perda de volume desses dois imensos reservatórios de água doce chegará ao ponto em que a elevação anual do nível do mar será medida em metros, não mais em milímetros. Nas páginas seguintes, o relato dos repórteres de VEJA enviados ao Ártico e à Antártica.**

Paul Nicklen/Getty Images



#### **OCEANO EXPOSTO**

Navio quebra-gelo em expedição científica no Ártico: a área com gelo marinho está diminuindo



Fonte: Jefferson Cardia Simões, glaciologista do Nupac/UFRGS

Fonte: [http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/aquecimento\\_global/arquivo\\_int.html](http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/aquecimento_global/arquivo_int.html)

## 5.4.

# O Imaginário dos Receptores

O estilo de entrevista utilizado foi o semidiretivo, em que o entrevistador lança algumas perguntas apenas para provocar o entrevistado, de modo a discorrer sobre o tema, o qual ele não tem conhecimento prévio, de modo a se captar aquilo que está assentado no Imaginário de cada um sobre as questões ambientais e mais especificamente sobre o Aquecimento Global. O que se pode observar é que todos os entrevistados são simpáticos à causa ambiental, embora poucos consigam diferenciar as questões ambientais da questão específica do Aquecimento Global. Todos têm, em certa medida, conhecimento sobre o assunto, dizendo perceber que a questão é séria, mas não parecem se preocupar tanto assim com o assunto. O que se observa é que ainda não existe esta relação de urgência, embora o sentimento de indignação com relação às queimadas na Amazônia demonstre, por vezes, como tônica acentuada de preocupação.

A constatação de que o próprio critério de ler a revista por mais de 15 anos ter criado naturalmente uma seleção sócio-econômico-cultural semelhante e abarcar apenas uma determinada faixa de idade acima dos 50 anos, mostrou-se necessária a ampliação do leque de entrevistados de forma a se criar um outro grupo com pessoas que tivessem o hábito de se informarem por leitura de jornais, revistas, telejornais e internet. Observa-se que os leitores de *Veja* têm um conhecimento mais abrangente sobre o assunto, embora não se tenha como determinar se o Imaginário que eles possuem sobre as questões ambientais é formado a partir da própria revista. Percebeu-se que alguns entrevistados repetem o discurso de que não se tem certeza se o Aquecimento Global, mesmo que causado pelo homem, é tão significativamente preocupante assim. Grosso modo, todos concordam que no momento existem muitas informações sobre o assunto, mas acreditam, porém, que o grau de conscientização sobre as questões ambientais ainda é pequeno. Perguntados sobre a imagem que lhes vem à cabeça, quando se fala em Aquecimento Global, as respostas foram as mais variadas possíveis, abordando desde derretimento das calotas polares, ursos perdidos em placas de gelo soltas no oceano, tsunamis, enchentes, caos urbano.

O que ficou comprovado é que as pessoas possuem um relativo grau de consciência sobre questões ambientais, mas uma consciência ainda difusa. Elas entendem a relevância de tais assuntos, percebem meio que intuitivamente que a questão do Aquecimento Global é muito séria, contudo, tudo o que sabem eles vieram

a colher como informações veiculadas pelos *media*, embora não se recordem de detalhes das reportagens que viram ou leram sobre o assunto, porém se recordam do tema de uma forma geral, possuindo pouco conhecimento científico a respeito. Embora, quase todos sabem o que é o Protocolo de Kyoto, lembrando-se da ECO 92, tendo já ouvido falar do grupo de estudos da ONU sobre o Aquecimento Global, contudo a sigla IPCC não é do conhecimento da grande maioria. Todos ainda sabem que os Estados Unidos não assinaram o Protocolo de Kyoto, sabendo inclusive quais os países mais poluidores em escala planetária, assim como relacionam as queimadas da Amazônia com o Aquecimento Global, também demonstram a crença de que a própria ciência seria capaz de resolver o problema.

Percebe-se ainda claramente que seus discursos repetem aquilo que se vêem nos *media*, já que este grupo não teve formação ambiental nem nas escolas e nem no convívio familiar, tratando-se, portanto, de uma questão de mudança de mentalidade mesmo, pois até a forma de se expressarem em relação ao tema lembra os chavões difundidos sobre o assunto nos *media*, inclusive fazem questão de afirmar que tudo o que sabem sobre o Aquecimento Global é o que sai nos meios de comunicação.

Enchentes de Santa Catarina, Barack Obama e crise econômica mundial foram citados por quase todos os entrevistados de forma espontânea, uma vez que o assunto entrou na conversa aleatoriamente, sendo que todos demonstraram esperança de que o novo presidente americano tenha ações mais efetivas com relação ao tratamento das questões relacionadas ao meio ambiente.

A escolha do grupo de jovem-adulto como entrevistados justifica-se pelo fato deste grupo ter um papel significativo em termos de mudanças atuais, no que urge por uma mudança de mentalidade de modo a se criar uma visão ecológica do mundo, saindo-se de um paradigma de competição para um de cooperação, com respeito às diferenças culturais perceptivas e, em relação à importância ao respeito de todas as formas de vida existentes no planeta e, à própria natureza, em geral. Como eles não tiveram educação ambiental, nem nas escolas e, raramente nas famílias de origem e, uma vez que são tomadores de decisão que afetam questões relacionadas ao meio ambiente, a única forma de atingi-los é por meio dos *media*. Em certo aspecto, observa-se que pessoas que têm uma relação mais afetiva com a natureza demonstram mais preocupação e maior conhecimento sobre o tema, por conseguinte. (*Veja entrevistas na íntegra, nos anexos*)

# Aquecimento Global é...

*“Quando a reportagem começa a mostrar a derrubada das arvores, queimadas, eu viro o rosto, fecho os olhos, me causa tristeza e eu não vejo.”*

*(Hamilton de Barros, 60 anos)*

“Quando se fala em Aquecimento Global a imagem que me vem à cabeça é do Tsunami, eu acho que aquilo foi uma previsão do que pode acontecer, ainda mais que na época que aconteceu o Tsunami eu li uma frase indígena que tinha até no Parque Trianon que falava assim: “O que o homem fizer à Natureza, ela devolverá em dobro” então isso me chocou e é possível.”

*(Marina Cassoli, 32 anos)*

“Não sou nenhum louco pelo meio ambiente, não é isso, mas eu me preocupo muito com o meio ambiente e acho que não estão fazendo nada para parar essa loucura que nós estamos fazendo: matando rios, matando peixes, matando a natureza, jogando esse mundo de sujeira no espaço todos os dias, poluição dos aviões em grande parte, dos carros tem outra parte maior, o esgoto mal tratado jogado *in natura* nos rios.”

*(José Roberto Maluf, 57 anos)*

“Vi um filme sobre o Aquecimento Global que fiquei estarecida, o filme do Al Gore, ai eu entendi porque ele não ganhou a presidência, foi forjada aquela vitória do Bush. Ele fala claramente a situação como está com gráficos, com provas, a situação do Aquecimento Global é terrível e a gente está percebendo isso. Quando que em São Paulo fez tanto calor assim?”

*(Ruth Magalhães Menendez Silva, 56 anos)*

“Difícil é a gente mudar o hábito, mas ter consciência tem, a gente precisa começar a pensar ‘com minha pequena parcela já vai dando alguma coisa, acho que dá para ajudar’ e começar a agir.”

*(Maria Aleluia P. Rêgo, 28 anos)*

“Sobre a Eco 92, eu lembro que foi uma grande festa, mas não sei de resultados práticos, foi uma tentativa, um pequeno impulso, mas eu não sei de nenhum resultado prático que àquilo causou sinceramente. Nossa, está cada vez mais quente isso a gente tem sentido dia-a-dia...”

*(Eduardo Roberto Ortega Cruz, 40 anos)*

“Eu sei que o Aquecimento Global existe, mas eu sei que o próprio planeta, ele vai se re-equilibrando, ele não precisa do ser humano para se reajustar. Só esse reajuste agora de queda de 25% da produção mundial, ninguém previa um negócio desse, ninguém ia decretar isso ai, ninguém é louco de fazer isso por causa do impacto na economia e no emprego. Então não queria diminuir o CO<sub>2</sub> por causa do impacto na economia... A Terra resolveu, essa crise foi porque nós agredimos demais a natureza.”

*(Carlos Amadeu Schauff, 54 anos)*



## Imagens que povoam nosso Imaginário sobre o Aquecimento Global







# Últimas Metáforas

De certo modo, na pesquisa metapórica não se tem a pretensão de abarcar todos os aspectos do objeto, ou melhor, do fenômeno comunicacional na sua complexidade dinâmica, muito menos ainda a idéia de se chegar a observações conclusivas, embora a guisa de considerações finais conduza a algumas metáforas que se fazem possíveis. Se vamos conseguir salvar o planeta ou se ele realmente necessita ser salvo, isto somente o tempo dirá, mas, de qualquer modo, está em curso uma grande revolução na mente das pessoas o que alguns mais céticos chegar até a chamar radicalmente de misticismo ecológico. Sendo que os meios de comunicação para o bem ou para o mal são, neste contexto, os principais propagandistas desta nova consciência e atitude ecológica.

Grosso modo, os cientistas do clima afirmam que a Terra está passando por um processo de superaquecimento e, que as ações do homem pós-revolução industrial seria o maior responsável pela emissão dos gases que provocam o efeito estufa, sendo que para barrar este aquecimento seria então necessário diminuir e até mesmo, em médio prazo, eliminar as emissões de CO<sub>2</sub>, sendo, portanto, necessário mudar então todo o aspecto da nossa relação de consumo. Primeiramente, torna-se imprescindível haver uma determinação política e jurídica, com leis, metas e órgãos de fiscalização que desemboquem em uma ação efetiva de responsabilidade ambiental. Sendo assim, há a necessidade de uma sensibilização para a tomada de ações efetivas, bem como uma necessidade de ações efetivas que produzam um nível de sensibilização para a tomada de consciência da responsabilidade ambiental. Neste sentido, “preservar é fazer crer”, de forma que para haver alguma mobilização, por parte de governos, da sociedade civil, comunidade científica ou mesmo empresarial exige-se, primeiramente, acreditar-se que o problema existe, de fato, para se acreditar então na probabilidade de que isto possa tornar o futuro incerto e lamentavelmente preocupante. Isto equivale dizer que a humanidade não poderia mais continuar a consumir todos os recursos da natureza sem nenhuma preocupação, ou seja, a grande festa do consumo do século XX teria de ser contida, mesmo sem ter antes sequer chegado à maioria da humanidade.

Neste contexto, talvez o urso polar seja um dos principais símbolos do Aquecimento Global, pois a imagem daquele ser enorme e aparentemente desajeitado perdido num *iceberg* em meio ao oceano, sirva para comover até os corações mais empedernidos. Assim como imagens de geleiras derretendo em bloco ou mesmo a de

incêndios florestais, enchentes devastadoras ou ainda do caos urbano passem a habitar freqüentemente a paisagem do nosso Imaginário contemporâneo.

O debate em torno das mudanças climáticas que ocorre atualmente nos *media*, dentro de uma esfera pública discursiva ecoa simbolicamente como uma espécie de ágora midiaticizada. Portanto, se existe um acontecimento comunicacional é a própria discussão que ocorre nos *media*, enquanto espaço ou esfera pública do debate contemporâneo e, que dessa forma ganhou também o espaço das ruas, praças e lares. Neste tocante, os incorpóreos dos estóicos, aquilo que provoca inquietude, representam os desastres naturais cada vez mais recorrentes e catastróficos e, que não nos permitem esquecer da gravidade da situação ambiental globalmente constituída.

Assim, mesmo que lentamente, verifica-se que existe uma mudança de mentalidade da população em geral com relação às questões ambientais no século XXI, seja porque as questões do meio ambiente estejam sempre presentes nos *media*, seja porque as mudanças climáticas são visíveis, embora ainda pouco se traduza em ação ou mudança de hábitos. Utilizando-se do conceito de acontecimento comunicacional desenvolvido pelo *FiloCom*, percebe-se que o contexto do Aquecimento Global é correlato com a vivência educacional, por exemplo, em que as informações acabam por ser jogadas intensamente, de modo a se formar uma certa intuição intelectual, até que num momento, passe então a surgir também uma intuição de ordem sensível, cria determinado sentido para que as mudanças ocorram pela persistente continuidade, ou seja, pelo acontecimento em si, que corresponde à mudança, uma vez que só existe comunicação se existir mudança, uma vez que se crie algo de novo.

Dessa forma, com o tema está sempre sendo veiculado nos *media*, considerado atualmente o principal espaço público onde se realiza a dimensão da esfera pública, ou seja, o qual caracteriza o lugar da discussão coletiva, mesmo em detrimento do risco de banalização comunicacional, dada pela repetição de assuntos tratados ou pelas versões contraditórias que se propagam intensamente, uma vez que as mudanças perceptíveis do clima estarão presentes nos próximos anos, possivelmente serão suficientes para vencer a inércia dos pensamentos e nos levar às ações necessárias. Portanto, mesmo que ainda não esteja havendo uma mobilização efetiva, está acontecendo uma sensibilização intensa sobre o tema, como algo cotidianamente presente, tornando-se natural para crianças e adolescentes da época e, um pouco menos para a faixa de idade do jovem-adulto, que seria o foco de interesse para se detectar uma mudança de mentalidade e de atitude efetivas com relação às questões ambientais preocupantes, contudo, se constata que isto aconteça mais justamente com aqueles que possuem uma afetividade com a natureza.



## O Planeta Azul

*“Muito prazer, eu sou a Terra, o Planeta azul, também pode me chamar de Gaia, de Gê, de Geia, como preferir. Sou esférica, sou azul, sou mãe, sou lar, habitat. De auto-criação gerei o Céu, o manto azul que me envolve, das minhas águas gerei a vida que me habita por inteira*

*Sou mãe e protetora, mas éis que de todas as minhas criações uma é a que tem mais me tirado o sono, no início achei que eles não eram de nada, tão frágeis, sem pêlos, sem garras, nada para me preocupar, cheguei até a temer por sua sobrevivência. Mas está espécie franzia é difícil de contentar, lhes dei água para beber, ar para respirar, alimentos variados para comer, mas nada o satisfazem*

*Estão sempre criando, inventando e suas traquinagens tem me causado grandes danos. Poluem meu ar, minhas águas, destroem minhas matas, rasgam meu ventre, extraem minhas entranhas, não consigo esconder nada deles por mais profundo que esteja, se não bastasse, eles exterminam outros animais e matam sua própria espécie*

*Hoje me sinto velha e doente, lutando para manter uma convivência pacífica com meu irmão Sol que se mostra cada dia mais raivoso e ameaçador*

*Estou num dilema, pois minha responsabilidade é com a vida, toda a forma de vida, sou mãe, não posso ter preferêcia entre os meus filhos, todos para mim têm a mesma importância. Mas o que se pode fazer quando um dos nossos filhos não nos obedece e por mais sinais de desagrado que desmostremos com suas atitudes ele se mostre cada vez mais desobediente e teime em nos desafiar?”*

# Bibliografia

- ANDRADE, Thales Novaes de. *Crise das Mídias Tradicionais e a Questão Ambiental*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. Natal, 2008. Disponível em: [www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0749-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0749-1.pdf).
- BACHELARD, Gaston. *A Epistemologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- \_\_\_\_\_. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação dos Movimentos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência*. Lisboa. Edições 70, 1988.
- BUBER, M. *Eu e Tu*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- CASTORIADIS, Cornélius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.
- CAPRA, Fritjot. *A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Campos do Imaginário*. Lisboa, Instituto Piaget, 1996.
- \_\_\_\_\_. *L'Imaginaire. Essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris, Hatier,

1994. Trad. Prof. Dr. José Carlos de Paula Carvalho. Disponível em:  
[www.marculus.net](http://www.marculus.net).
- FLUSSER, Vilém. *O Mundo Codificado*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Ed. Atlas, 2006.
- GREENPEACE. Novo relatório do IPCC. Disponível em:  
[www.greenpeace.blogtv.uol.com.br/2007/05/02/novo-relatorio-do-ipcc](http://www.greenpeace.blogtv.uol.com.br/2007/05/02/novo-relatorio-do-ipcc).
- HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. Revista Scientia Studia. São Paulo, v.5, n.3, p. 375-398, 2007. Disponível em:  
[www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05\\_03\\_05.pdf](http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf).
- HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas, Sexta Investigação*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A Idéia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1990
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LOPES, Maria Immacolata V. *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Editora Loyola, 2003.
- LOVELOCK, James. *A Vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2006.
- LYOTARD, J.F. *O Pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A Fenomenologia*. Lisboa, Edições 70, 1999.
- LOGOS VERBO. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Volume 2, pág. 1342-43, Lisboa: Printer, 1992.
- KAMPER, Dietmar. *Imagem*. Disponível em: [www.cisc.org.br](http://www.cisc.org.br).
- KAMPER, Dietmar. *Imanência dos Media e Corporeidade Transcendental*. Tradução de MARCONDES FILHO, Ciro. Disponível em:  
[www.eca.usp.br/nucleos/filocom/traducao9.html](http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/traducao9.html).
- KAMPER, Dietmar, *As Máquinas São Tão Mortais Como as Pessoas*. Tradução de MARCONDES FILHO, Ciro. Disponível em:

[www.eca.usp.br/nucleos/filocom/traducao9.html](http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/traducao9.html).

MARCONDES FILHO, Ciro. *A Construção Social da Inconsciência*. São Paulo: Papirus, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Construção Social da Loucura*. São Paulo: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Espelho e a Máscara*. São Paulo: Coletivo NTC, 2002.

\_\_\_\_\_. *Pensar Pulsar*. São Paulo: Coletivo NTC, 1996.

\_\_\_\_\_. *Para entender a comunicação: Contatos antecipados com a nova teoria*. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. *Perca tempo: é no lento que a vida acontece*. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. *O outro como um mistério e o feminino como alteridade absoluta. Sobre a recuperação do face-a-face na comunicação em Emmanuel Levinas*. Matrizes – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. Ano 1, Nº 1, p. 55-74. São Paulo, 2007.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. *Plano Nacional sobre Mudanças do Clima*.

Disponível em:

[www.mma.gov.br/estruturas/169/\\_arquivos/169\\_29092008073244.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/169/_arquivos/169_29092008073244.pdf)

MORIN, Edgar. *O Cinema ou o Homem Imaginário*. Lisboa: Relógio D'água/Grande Plano, 1997.

OLIVEIRA, Danielle Naves de. *Poros – ou as passagens da comunicação*. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2006.

OLIVERIA, Dennis de, MAIA, Marta Regina. *Revista Veja: o temor como mecanismo conservador na esfera pública midiaticizada*. In Revista de Comunicação e Cultura: processos mediáticos e culturais, UNIMEP, vol.1, n 1, São Paulo: UNIMEP, vol. 1, n. 1, 2006.

- SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e Pesquisa*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- SARTRE, Jean Paul. *O Imaginário*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- SERRES, Michel. *Os Cinco Sentidos: Filosofia dos Corpos Misturados*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SFEZ, Lucien. *Crítica da Comunicação*. São Paulo, Edições Loyola, 2000.
- SILVA, Luiz Martins. Sociedade, Esfera Pública e Agendamento. In: LAGO, Cláudia, BENETTI, Márcia (Orgs.). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- SODRÉ, Muniz. *A Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- VALLE, Luis Fernando. *O que é sustentabilidade?* Disponível em:  
<http://www.blograiz.com.br/o-que-e-sustentabilidade.html>.
- WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. *Pragmática da Comunicação Humana: Um Estudo dos Padrões, Patologias e Paradoxos da Interação*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- AL GORE. *Uma Verdade Inconveniente*. Documentário, 96 minutos, Paramount Brasil, 2006.

# Anexos



# Grupo de leitores de Veja há mais de 15 anos

## Entrevista 1:

### Hamilton de Barros Ferreira Pinto, 60 anos, aposentado

“Nasci em São Paulo, sou paulistano da gema, sempre morei na cidade, mas quando criança, viajávamos para um lugar perto de Campinas chamado Sousas, agora acho que já nem é mais um lugarejo, hoje já faz parte da região metropolitana de Campinas, virou um bairro. Mas naquela época a gente ia até Campinas e depois pegava um trenzinho ou pegava a rodovia, lá era uma cidadezinha bem provinciana e tinha um hotelzinho antigo e bem familiar, todas as vezes que a gente ia acabava encontrando as mesmas pessoas, tinha vaca no curral para a gente tomar leite toda manhã, tinha o clube de regata campineiro então a gente aproveitava o rio, boiava no rio, tinha lá uma bóia, andava de charrete, cavalo, e tinha vezes que a gente ia para Águas de Lindóia, para a praia algumas vezes, foi uma infância legal, a diferença de idade entre eu e meus irmãos, de mim para meu irmão que é o segundo 5 anos, e para a minha irmã 6 e pouco, então durante um período a gente tava junto, meu pai, mãe e meus irmãos, todo o mundo junto, então chega uma hora em que o crescimento fica dispare aí eu viajava sozinho eu, chegava a época de férias e meus amigos iam para um canto, meus pais e meus irmãos iam para outro. Ai eu viajava com meus amigos de escola, ou eu ia para praia com os pais dos amigos, uma época eu e um amigo juntamos dinheiro e fomos para Foz do Iguaçu, gastamos todo o dinheiro, na volta só tínhamos o da passagem, ai o ônibus parou lá a noite para o pessoal jantar e nós não tínhamos dinheiro, então ficávamos só olhando o pessoal comer, mas tudo isso foi legal, foi legal, bacana. Ainda gosto de natureza, ainda prefiro mais campo que praia, eu tenho até um jeitão mais caipira, gosto da comida, por exemplo, feijão com abóbora, eu gosto disso. A minha mãe deu aula num lugar lá no Vale do Ribeira, chamado Iporanga, era um lugar, era um bairro de Iporanga chamado Bairro da Serra, então desde pequeno eu já convivía, teve uma época que a gente morou na casa de caboclo, depois minha mãe mandou fazer um fogão à lenha na escola, tinha o rio, tinha aquela coisa toda, eu e minha mãe fomos morar na escola. Até hoje o Vale do Ribeira ainda é região mais atrasada do Estado de São Paulo, muita plantação de banana, chá, mas para agricultura é muito pobre, a terra é muito pobre, tenho um tio que tem um sítio lá, ele planta feijão, mas um feijão de má qualidade, a agricultura quase não vai para frente. Minha mãe dava aula lá, e as cunhadas iam se formando, as irmãs do meu pai, então ela dizia ‘vem para cá que tem escola’, então elas iam solteiras para lá e acabavam casando por lá. E a irmã caçula do meu pai casou com esse meu tio que até hoje tem um sítio lá. Meu tio uma vez vendeu umas cabeças de gado e foi entregar e eu fui junto, então o cara quis marcar o gado ali na hora, derrubar no chão, amarrar, foi uma farra, mas eu fiquei só olhando, achei muito legal.

Lembro da Eco 92, não com muito profundidade, lembro de ter lido uma série de coisas, foi no Rio, com o Collor fazendo todo esse movimento, lembro que veio uma série de chefes de Estado, construíram às pressas a Linha Vermelha e a Linha Amarela, o Aquecimento Global já foi falado muito ali. Agora, eu acho que o que ficou para o povo, foi o início de uma educação mais ecológica, da reciclagem, aprender a separar o que pode ser transformado, que eu acho difícil, no prédio onde eu moro tem a coleta seletiva, mas o próprio poder público acaba também não animando, porque não investe na própria coleta pública seletiva. Mas dentro de casa a gente começa, eu peguei a moça que trabalha em casa, fui ensinando, vamos por em sacos separados, o que é plástico coloca aqui, o que é orgânico ali, e a gente leva tudo separado, mas foi difícil, eu ainda vejo coisa errada, misturada, mas chega uma hora que cansa. Eu acho difícil, mas me causa mal-estar de ver as pessoas jogando coisa na rua, por exemplo, eu fumo e às vezes quando estou parado no trânsito eu fumo dentro do carro, mas tenho sempre uma caixinha vazia para por a bituca e não jogar na rua, é muito simples, acho que tudo isso faz parte da ecologia. Mas não sou muito ligado à ecologia, mas me causa uma tristeza quando passam reportagem da Amazônia, igual essa guerra estúpida no Oriente quando vão mostrar pessoas atingidas eu viro o rosto para não ver porque me causa mal-estar, a mesma coisa quando a reportagem vem mostrar a derrubada das árvores, a queimada, eu viro o rosto, fecho os olhos, me causa tristeza e eu não vejo. O meu pai na época do Juscelino, com os vôos de integração nacional, as empresas aéreas comerciais faziam vôos de passageiros para a época no território, o piloto tava sobrevoando o lugarejo, se tivesse um passageiro eles estendiam o pano branco e o avião descia e pegava o passageiro, vôos com DC-3- um avião fácil de manobrar e meu pai já falava, São Paulo vai deixar de ser a Terra da garoa, porque o desmatamento lá em cima é tão grande que vai ter alteração no clima, e hoje já estamos vendo, São Paulo antes tinha as quatro estações definidas, mas agora está tudo misturado. Na Antártica, a geleira está derretendo.

Teve uma época que eu trabalhava na Companhia Paulista de Força e Luz, a CPFL, na ocasião em que eu trabalhava, o apelido era “Choveu Pronto, Faltou Luz”. Eu entrei na companhia com 16, 17 anos, eu sou formado em administração de empresas, mas nunca exerci, não era o que eu queria, eu queria ser dentista, mas eu vi que seria um curso pesado para meus pais sustentarem e, eu sozinho já trabalhando também não conseguiria, então fui fazer administração, eu sempre trabalhei na área comercial. Na companhia paulista, eu trabalhava na área de suprimentos que é uma área comercial, a gente tinha contato com os fornecedores da empresa, então passei para vendedor, então minha vida profissional foi sempre na área de vendas, de *marketing*, de produtos e hoje sou aposentado, mantenho o escritório porque tenho uma representação para manter a cabeça funcionando. Eu tava trabalhando na companhia paulista e naquela época para os bairros periféricos, eles não utilizavam postes de concretos, utilizavam postes de madeira e, eles tinham como regra não utilizar o eucalipto.

E nem usava a peroba, a companhia paulista, usava aroeira, que era uma madeira forte como ferro. Para o poste a aroeira e para as cruzetas o angico, ipê e a canafisto, que

também são madeiras de lei, estas madeiras das cruzetas vinham do Paraná e, a aroeira era do Mato Grosso. E nós tirávamos, iam dois irmãos que eram técnico, eles iam lá com o madeireiro, e tiravam a madeira, classificava e marcava com o selo da companhia paulista. Aí passou um tempo, o Mato Grosso proibiu a derrubada da aroeira, o que já tinha derrubado e estava com o selo da companhia paulista a gente trouxe. Mas a partir dali não seria derrubada mais árvore nenhuma, porque a aroeira era uma árvore secular, então passamos a comprar de Goiás, por um bom tempo fomos comprar aroeira no Goiás. Aí eu tive a oportunidade de ir, fui vacinado aquela coisa toda, contra a febre amarela, e saímos daqui e fomos para Goiânia onde encontramos os madeireiros e fomos para o mato. Aí eu pude ver como cortava, como derrubava a árvore, aquele tronco pesado, uma parelha de boi atado numa corrente, aquele calor, a cigarrada cantando, mas era uma judiação, o mateiro, porque não era nem o madeireiro, o madeireiro era o que comprava aquele pedaço da terra, o mateiro conhecia muito, ele andava um período procurando a árvore mais alta, porque ele ganhava por metro. Aí ele começava, muitas vezes era aquele o machado que não era afiado, a madeira parecia ferro, porque ele batia e o machado voltava, dava aquele tranco, não tinha moto-serra nada, era no machadão aí trabalhava, trabalhava, trabalhava até que a árvore caía. Aí ele tinha que ir descascando a árvore, aí ele ia devastando uma árvore que dava um poste de 15 metros, aí encontrava um ponto podre que o inspetor talava ‘tem de cortar aqui’, aí virava um poste de 13 metros até que saía dali daquele pedaço e levava para a estrada para o caminhão levar. Naquela época ainda passada, Mato Grosso fechou a fronteira, e depois Goiás, naquela ocasião já tinha uma visão de proteger, nos anos de 1975 por aí. E a Companhia Paulista acabou indo para o concreto porque realmente não dava para utilizar o eucalipto, porque com a tensão dos cabos ele acaba vergando, mesmo porque para usar o eucalipto, eles fazem um preparo com autoclave, de alta pressão tira toda a água da madeira e, faz um tratamento com um produto preto chamado creosoto, na peroba também, nas cruzetas de madeira também fazem isso.

**O IPCC não sei o que é, mas o fórum climático da ONU já ouvi falar, li algumas coisas, também batendo olho, é um assunto atual, um assunto importante, mas nunca li a fundo. A gente vê que a ONU tem batalhado, mas ainda não tão forte, porque aí bate nos interesses das potências: Japão, China, Estados Unidos. É um assunto atual, é um assunto importante, mas eu não vou muito a fundo. Aquecimento Global também no mesmo nível é uma coisa que está nos prejudicando e, que cada vez mais vai nos prejudicar e, que alguma coisa de mais importante precisa ser feito, mas não tenho assim coisas muito concretas. Já ouvi falar no filme do Al Gore, não assiste ao filme inteiro, inclusive gosto desse cara, torci por ele na disputa contra o Bush, inclusive ele foi premiado pela academia de cinema, ganhou o Nobel, acho legal. Ele hoje, eu acho que é uma personalidade muito importante, que está lutando por isso. Acho que ele é a pessoa mais importante hoje que está brigando por isso. O protocolo de Kyoto, é esta briga toda que ficam se debatendo nessa briga de ecologia e, que o Japão agora fica pensando em assinar os termos, uma responsabilidade deste ponto. Os Estados Unidos que está duro, o que estão achando aí é que o Obama talvez dê mais**

importância que o Bush deu a esse assunto e, a China também, até camuflou bastante a poluição que joga no mundo na época das Olimpíadas, basicamente é isso que eu sei.

O Japão, acho talvez por ter dimensões muito pequenas, voltado realmente para a parte industrial, eles não tem nem extensão para a agricultura. Criação de animais nada, né, então talvez eles tivessem pensando que se eles fossem se comprometer muito, talvez eles tivessem perdendo o poderio industrial, essa coisa toda acabaria afetando a economia, acho que era essa a visão do Japão. O Protocolo leva o nome Kyoto, mas o Japão não foi firme na coisa. Isso daí eu li, do arrote do boi até por ser ruminante. Aqui em São Paulo acho que foi um trabalho ecológico legal, um trabalho interessante o que eles fizeram em Cubatão que era super poluído, que até nasciam crianças com doenças graves, aquelas indústrias, aquelas petroquímicas todas se deu uma segurada. O governador era o Orestes Quércia, a mata atlântica estava destruída e fizeram uns vãos jogando sementes. Hoje acho que São Paulo ainda é onde tem maior área de Mata Atlântica. Criaram o SOS Mata Atlântica, outra coisa que o estado fez. Agora está sendo proibida a queimada da cana, aquela fuligem. Também viajei muito pelo interior de São Paulo, pela CPFL, região de Araraquara. Tínhamos um depósito de postes, esta região canavieira ficava com aquela fuligem, acho que ainda não é todo o estado de São Paulo que está proibido esta queima. Acho que estou bem pobre na cultura ecológica, leio o jornal todos os dias pelo menos para manter uma cultura, poder manter uma conversa.

Essa alteração do curso do rio São Francisco, eu sou contra, a natureza fez ele daquele jeito. Acho que dentro dessa idéia toda vai beneficiar os poderosos e, o povo não vai ter chance, ele já tem pedaços degradados. Eu quando era moleque, rapazota, peguei aquela barca de Minas para Bahia, que tem aquele remão como aquele do Mississipi. Acho que tem tantas técnicas hoje, existem outras maneiras como os poços artesianos. Israel tem problema de seca de deserto, mas a agricultura é forte. O projeto mesmo da Transposição do Rio São Francisco, eu não tenho conhecimento.

Rodoanel, a parte sul está indo a toque de caixa, teria que ter a coisa bem definindo reservar as margens, tantos metros do rio, para dentro não pode ter ocupação. Talvez a coisa do desmatamento da Amazônia é a mesma coisa, na lei está tudo certo, o papel aceita tudo, mas as pessoas que vão lá para cumprir a lei além de serem poucas, são corruptíveis, se vê as denúncias nos jornais.

As questões ecológicas, pelo o que eu leio a respeito, lá na Europa está avançado, não digo Rússia, os países da cortina de ferro, que acaba que estão começando a renascer. Mas Alemanha, os países baixos, a gente vê muito projetos de energia solar, usando bicicletas no trânsito, energia eólica, os escandinavos, eu acho bacana isso aí. Começa as geleiras a derreter, estes países estão abaixo do nível do mar, quer dizer que o que aconteceu em Santa Catarina pode voltar a aparecer. São dois estados celeiros, Paraná e Rio Grande do Sul. O estrago foi grande. Atingiu Santa Catarina, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que não tinham este histórico, já a Baixada Fluminense já tinha. Agora o que a gente também lê é que daqui uns anos mais para frente estas orlas todas das cidades vão desaparecer. Santos,

Salvador, como você vê, no Nordeste, cidades desaparecendo na areia. Ali já não é tanto a água, é a degradação da vegetação das margens que causou a desertificação. É um assunto desafiador, mas infelizmente o que sei é uma coisa muito básica, é para ter realmente uma noção.”

---

## Entrevista 2:

### Maria Clara Carboni, 58 anos, paisagista

“Nasci em São Paulo-Capital e sempre vivi aqui, nunca fui a nenhum lugar, quando criança nas férias às vezes ia para a praia, mas nem sempre era assim, às vezes ficava em casa mesmo, lendo, lia muito, quando mocinha lia muito Contigo, minha mãe ficava doida comigo, quando criança brincava, brincava muito, pulava corda, subia em árvore, fazia cabana de índio, isso assim até os 10 anos. Hoje quando estou em férias eu prefiro ir para a praia, meu negócio é mar, ficar na água, andar na areia e sol, também tomo sol, com muito cuidado, quer dizer, agora tomo cuidado porque antes não tomava, nem com os 30 anos eu tomava cuidado com o sol, agora eu tomo. Quando criança eu ia para Praia Grande, meu avô tinha uma casa lá, era tudo virgem não tinha quase casa ali, eu ia de trenzinho, descia a serra de trem era uma delícia, sou muito ligada na natureza, gostaria até de fazer um destes passeios ecológicos. Eu gosto de tudo o que é ligado à natureza, eu gosto, faço coleta seletiva, aqui no prédio tem, não é bem seletiva, mas eu ponho em sacos tudo separado, lá onde eu morava antes eu fazia também, lá era residência.

A ECO 92, eu lembro de todo o movimento, do pessoal acampando, a Veja trouxe várias matérias, mas não sei se tudo o que li ficou, apesar de eu ter interesse por ecologia. O Protocolo de Kyoto, sei que são alguns países, eles se reuniram para diminuir os gases na atmosfera e o Japão não entrou e, eles tem um problema grande lá com isso, com o uso do carvão, o Japão não entrou, nem os Estados Unidos e, eles têm o problema com carvão, não sei se o Japão já assinou mas lembro que eles não queriam entrar, eles tem o problema da matança da baleia. Eu não sou fanática. Acho que as pessoas estão aos pouquinhos se conscientizando, mas acho que ainda é muito pouco. As queimadas na Amazônia, a Globo está até tentando ajudar pedindo para a pessoa entrar na internet, e denunciar no *site*, mas acho que o povo não foi educado para isso. Se tivesse um trabalho na Amazônia para olhar os bichos eu ia, já fiz um concurso para o Ibama há algum tempo atrás, fiz vários pontos, mas caiu muitas coisas de leis, que eu não tinha estudado, um amigo meu passou, ele foi para o Pará. O individualismo é muito grande, é lixo em qualquer lugar, eu sei porque eu morava num condomínio que eu tomava de conta das podas de árvore e as pessoas faziam sem pedir autorização, tá muito longe ainda de uma tomada de consciência. A saída é educar o povo, o governo, o poder público precisa agir, podia usar a televisão, pôr isso na televisão, campanhas na televisão, as pessoas vêem mais tevê do que lêem revistas ou jornais, usar as escolas, até que

as crianças estão com mais consciência do que os adultos, as pessoas jogam coisa pelos carros e não é coisa de classe social, porque você vê cada carrão a pessoa toma cerveja e joga a latinha para o outro lado da janela. A questão da água, quanto cada um tem de economizar, a maioria das pessoas tem consciência disso, mas não faz, a pessoa tem de economizar, falta de consciência, aprender a reutilizar a sua água, nos prédios devia ter um marcador para cada apartamento, porque cada um ia se interessar em economizar porque do jeito que é hoje, todo mundo paga junto, não importa quem gasta mais e quem gasta menos, a mentalidade é 'vou economizar para que, vou pagar do mesmo jeito'.

Quer dizer está começando, depois dos últimos dois anos, acho que as pessoas estão acordando. Catástrofe como a de Santa Catarina a pessoa se preocupa, quem está ali se afogando principalmente, os outros se solidarizam por um tempo e depois esquecem, mas o cara que está na Amazônia tirando a madeira, ele só quer saber do dinheiro no bolso dele, não está preocupado com enchente. É o ser humano que tem de mudar, mas o governo precisa ajudar, precisa pressionar, estão quase acabando com a Amazônia, mas poderia não ter acontecido isso, e não é falta de lei, é preciso ter interesse em acabar com isso, mas a questão toda é que quem deveria cuidar disso é envolvido em suborno, é tudo assim, é dinheiro, dinheiro, dinheiro, é difícil né, é muito difícil, no Brasil eu não vejo tomada de consciência, acho que isso somente há longo prazo. Acho que o que poderia ser feito é o que esse novo ministro está fazendo aí, impor leis mais rígidas e usar a televisão para isso, é um meio de comunicação muito grande, a população de lá não pode fazer nada, você ver que quem denuncia na cara vai lá e matam, por isso eu acho que precisa ter mais pressão do governo e educar através da televisão. Todo dia um pouco a pessoa vai mentalizando e vai incorporando, acho que muitas campanhas educativas poderiam ser pela televisão. Na época de eleição, todo dia aquelas musiquinhas quando você vê, você está cantando, portanto, eles sabem o poder da televisão, então deveriam utilizar no que interessa. Imagina se eles pusessem alguma coisa de educação na televisão intercalando algumas propagandas, é um pecado não usarem isso. Sabe onde eu escuto isso, na CBN, acho que é um programa da prefeitura, o cara liga dizendo 'olha minha rua enche' e eles respondem, 'estamos fazendo alguma coisa a esse respeito no seu bairro, mas você também precisa ajudar, não jogue lixo no bueiro, não jogue lixo nos rios'. Mas precisa ver que se ele não joga nos rios, onde vai jogar, o lixeiro não leva e, tem as subprefeituras que precisam cuidar disso. Mesmo saneamento básico, o pessoal fica com aquele esgoto a céu aberto, tem muita coisa a ser feita nesse Brasil velho.

Sobre o Aquecimento Global exatamente, o que sei é a poluição, a Antártica derretendo, vai aumentando a água do mar, o próprio sol, está com temperatura mais elevada e causa as enchentes. Quando chegar à época dos nossos netos, o que será do planeta? Como Santa Catarina, aquela região do Porto de Itajaí, não se pode mais reconstruir. Os animais, você começa a tirar eles do *habitat* e aí não encontram mais alimentos, as mães ursos procuram alimento para os filhotes, e ficam até seis meses sem comer, as focas não encontram mais alimentos. Lá onde eu morava, devastaram muito lá, tiraram árvore, muito condomínio e o Ibama nem sempre controla, passa muito dinheiro, o mico comia frutas e passou a comer

passarinhos. Quando me disseram, eu não acreditei, aí um dia eu vi um mico com um passarinho na boca, a gente causa desequilíbrio até na natureza dos animais”.

---

## Entrevista 3:

### Ruth Magalhães Menendez Silva, 56, secretária

“Nasci em São Paulo-Capital, sempre morei aqui com exceção de dois, três anos que eu fui morar no interior, em Cachoeira Paulista, no Vale do Paraíba que é a cidade natal do meu marido e de minha mãe aonde eu conheci meu marido, aí moramos lá um dois três anos e depois voltamos para cá, aquela fase infeliz dos anos noventa, ele trabalhava numa multinacional e foi demitido, aí todas as firmas de engenharia civil começaram a ir pro buraco. Meu marido como engenheiro civil não conseguiu emprego, tínhamos duas filhas pequenas, a prestação do apartamento, para não perder o apartamento nós alugamos o apartamento e, aí fomos para a casa da minha sogra no interior até ele conseguir emprego, ficamos lá dois, três anos e tudo foi muito providencial, porque aí eu comprei uma casa lá que é meu paraíso, então assim eu vou para lá e renovo as energias e, tudo é muito gostoso lá. Sempre tive contato com o campo, porque minha mãe era de Cachoeira Paulista, minha avó e desde que eu tenho memória eu”. Sempre fui para Cachoeira Paulista, algumas vezes para a praia, para São Vicente, Praia Grande e aquela paz, aquela tranquilidade do interior. Eu sempre morei aqui em SP, mas ia nas férias para Cachoeira.

Quando eu era criança eu brincava de tudo quanto era brincadeira de criança, subir em árvore, brincar de amarelinha, à noite brincar de pegador, pular gorda, todas as brincadeiras de infância, roda, cabra-cega todas as brincadeiras de criança, saudáveis eu brinquei, brincar com bichinhos, pegar caramujo, jamais judiar de bicho, eu odiava meninos porque eles usavam estilingue. Fiquei com aquela bronca de menino e por esse motivo nunca quis ter filho e parece que lá em cima escutaram e me deram duas filhas. Mas assim tive uma infância, apesar de não muito alegre nem muito feliz, porque meu pai faleceu, eu tinha três anos, foi bem difícil minha infância, adolescência, mas eu tive uma mãe que foi tudo para mim. As mulheres da minha família, elas eram mulheres de muita fibra, então eu tive exemplos de mulheres de fibra. Minha avó ficou viúva cedo, minha mãe ficou viúva cedo e todas muito lutadoras de muito e assim cuidadoras mesmo das proles, defendiam com unhas e dentes, preocupadas com futuro, com a cultura. Então, a mamãe apesar de ter o 4º ano, então, o papai era muito culto, ele era autodidata, então ele era de descendência espanhola, minha avó era espanhola e meu avô. Eles vieram para o Brasil fugidos porque os pais não queriam que eles casassem, vieram para a Argentina, meu pai nasceu na Argentina, depois vieram para o Brasil, então meu pai era muito culto, muito culto, até na escola eles brincavam, o nome dele era Jorge Menendez, na escola ele só tirava dez, então diziam que ele tinha dez até no nome.

Conheceu minha mãe, minha mãe não teve oportunidade de estudar porque era a 2ª mais velha, ela quis dar estudo para os irmãos mais novos, porque ela percebeu que era necessário o estudo, mas ao passo que ela não tinha como ter estudo, ela conseguiu fazer até o 4º ano. Mas aí, meu pai dava aulas para ela, então assim ela tinha um conhecimento de livros, de autores e, assim muito bonita, até o gosto pela leitura ela conseguiu passar para mim e, minha irmã então eu com 10, 12 anos, eu já tinha lido vamos dizer os 12 tomos de Monteiro Lobato, lá da Narizinho. Até hoje, por exemplo, falo que é minha pinguinha de noite, eu não consigo dormir se eu não leio pelo menos uma página. Então é isso meu contato com o interior, sempre foi desde criança.

Lembro que ECO 92 foi o início da preocupação com os problemas da natureza, já estavam falando das baleias naquela época das matanças das baleias. Lá no Japão, foi mais ou menos assim que começou a se falar da abertura da camada de ozônio, foi mais ou menos nessa época e do desmatamento da Amazônia, basicamente é o que eu me lembro da ECO 92. Não me lembro mais detalhes não. Costumo ler sobre ecologia o que sei sobre o Protocolo de Kyoto resumindo é para não utilizar materiais que aumentem mais a camada, a proteção da nossa camada lá, que seria carvão e aquele gás que está nas geladeiras, nos sprays, é aquela que os países se comprometeram a colocar e a desenvolver combustíveis biodegradáveis como no nosso caso óleo de mamona, esses combustíveis que não poluem tanto como o diesel, como a gasolina que é o querosene dos aviões e os Estados Unidos não assinou, eles usam carvão para o aquecimento, mas eles não aceitam desenvolver alguma outra coisa acho que é preguiça eles têm tantos gênios, tantas cabeças magníficas lá para poder desenvolver uma outra forma de aquecer as casas, porque eu estive lá na casa do meu cunhado em Boston e não é brincadeira 17° abaixo de zero, a gente pegou lá, se você não tem um aquecimento na casa realmente que proteja Deus meu. Teve um dia que eu não sei o que aconteceu que a máquina dele não conseguia montar o aquecimento e estava muito frio e a gente sente assim, imediatamente você sente frio em casa então é difícil e eles não desenvolvem uma outra coisa, uma outra forma de aquecimento sem ser do carvão e do diesel para poder aquecer as casas e, é uma necessidade que eles tem. Enfim tomara que o Obama agora resolva desenvolver isso porque ele tem exemplos em outros lugares. Aqui no Brasil tudo o que ele poderia experimentar lá, ele tem um vasto território que ele pode plantar mamona, pode produzir um monte de coisa aí e, tentar verificar se resolve o Aquecimento Global e os carros e tudo mais, então acho que essa crise que eles estão tendo, é um dos poucos países que não assinou o Protocolo de Kyoto. Agora com o Obama, vamos ver, a gente tem uma esperança não querendo comparar, mas comparando a gente tinha muita esperança que com o Lula e uma série de coisas, tomara que não seja a mesma decepção que nós tivemos aqui, que eles não tenham essa decepção lá. É mais ou menos o mesmo problema, o problema é a estrutura que é montada, aí chega outro ou muda tudo ou então entra no jogo, entra na corrupção porque assim sempre existe o jogo de interesses e é um jogo de interesses sempre muito perigoso, aqui é fichinha perto de lá.



Vi um filme sobre o Aquecimento Global que fiquei estarecida, o filme do Al Gore, ai eu entendi porque ele não ganhou a presidência, foi forjada aquela vitória do Bush. Ele fala claramente a situação como está com gráfico, com provas, a situação é terrível do Aquecimento Global e, a gente está percebendo com tudo. O clima, quando tivemos chuva desse jeito em São Paulo, em Minas, no Rio de Janeiro? Outro dia eu tava indo para Cachoeira e as quaresmeiras todas floridas, em janeiro, a quaresmeira é depois da quaresma, então a natureza tá gritando socorro, os sinais estão aí, é só observar. Minha cunhada em Boston, há dez anos, ela dizia “Rutinha a natureza aqui é um relógio, no primeiro dia da primavera nasce a primeira flor, porque a natureza tem pressa, você percebe, aqui é muito preciso”. Agora ela me diz “Esta tudo meio misturado, parece que São Pedro está bêbado, ela disse”. Muitas espécies dependem das algas e nós poluindo, os corais estão morrendo.

Para mim ecologia são os diversos segmentos, uma das coisas que eu aprendi desde criança é valorizar a natureza tanto na parte das plantas como na parte dos bichos. A natureza eu acho que assim é um presente de Deus, a gente não tem idéia de quantos bilhões de anos demorou a Terra para a gente ter o que a gente tem hoje esse equilíbrio, porque isso aqui era um caos porque assim para a gente chegar nesse equilíbrio, que não temos mais que já está voltando para o caos por culpa da gente mesmo, demorou milhões de anos. Então assim essa preservação, essa preocupação foi sempre me passada pelas mulheres fortes da minha vida, talvez tivesse sido passada pelo homem forte que eu teria se meu pai fosse vivo. Meu pai era uma pessoa que sempre preservou muito essa estória de sol na casa, quando ele construiu a casa procurava o sol, o jardim para a gente poder ter plantas e tudo mais. Então era pequenininha, eu brincava com os caramujos, que minha irmã ia para a escola, ficava sozinha, então eu tinha meu cachorro, o Kaiser e, tinha meus bichinhos para mim brincar, aí depois infelizmente o Kaiser morreu, foi quando começou a nossa vida com os gatos, teve uma época que nós tivemos 11 gatos, naquela época não se castravam e, os gatos viviam soltos, não tinha perigo de morrer, os meus são todos castrados porque se sair da calçada está morto debaixo do ônibus, do carro. E assim, a vida toda sempre adorei a natureza, não gostava de judiar de uma planta só, nem brincava de estilingue de mamona, nem para fazer guerra de estilingue, mas sim para tacar nos amigos quem acertava mais, nunca em bicho. Sempre brigo com crianças, mesmo que eu não conheça, que estejam judiando ou de uma planta ou judiando de um bichinho, eu vou e falo mesmo que esteja perto da mãe, falo para a mãe prestar atenção, não deixar aquele filho fazer aquilo porque enquanto é pequeno está fazendo com uma planta, com um bichinho e, quando crescer quem sabe ele pode fazer com um ser humano, porque o carinho ou a maldade eles são plantados desde pequeninhos no ser humano. Então assim é muito sério você criar uma criança, você vai lapidando ela para ela se tornar um adulto e, depende de como você lapida, ela vai se tornar uma pessoa boa ou má e, esse respeito pela natureza é desde pequenininho. A Daniela, por exemplo, minha filha mais velha ela foi mordida pelo cachorro da minha sogra e, fez um furo de ponta a ponta porque era um policial e, ela foi dar pãozinho para ele com a mãozinha aberta só que a mãozinha dela era muito pequenininha e ele foi pegar o pão não fez por maldade, só que ele pegou a

mão dela. Aí toca a levar para o Pronto Socorro e tudo mais e ela ficou apavorada por causa de cachorro, eu tenho que tirar esse medo dela. Quando nós nos mudamos para Cachoeira, quando a gente estabilizou, a primeira coisa que eu fiz foi comprar, aliás a gente ganhou a minha cadela mais maravilhosa que eu tive na minha vida que foi a Diane, então assim a partir daí eu já tinha bastante amor, mas meu amor por animais aumentou muito e graças a essa cadela, a Daniela perdeu o trauma com bichos e tudo mais. E assim lá em Cachoeira que eu tenho são mais de 1.500 metros de área, então nós procuramos plantar mangueira, jabuticabeira, plantamos goiabeira, caqui, acerola, chá, chá de guaco, hortelã, porque é uma dádiva se você cuida, ela te dá uma coisa que vem da natureza, então assim porque não preservar? E sem judiar, não precisa judiar, dá amor que você recebe amor, então se você cuida das plantinhas tudo então é sempre assim, eu sempre procurei preservar e ensinar as meninas esse respeito tanto pelos bichos como pela natureza.

A questão de lixo, eu e minha irmão, a gente era meio ET há 25 anos atrás, porque a gente ia na praia e levava sacolinha e, assim a gente via a sujeira que deixavam e, a gente ficava catando tudo e pondo na nossa sacolinha, porque a poluição que tem no mar, inclusive existe uma onda de plástico que ela está no mar caminhando, que ela tem quilômetros, ela foi se juntando, se juntando, sofrendo agressão do sal e vai colando. Aquilo assim é um perigo tanto para barcos como para os bichos, para os peixes e assim não tem o que fazer, porque aquilo é o próprio homem que está jogando. Então por exemplo eu passo na rua e, às vezes uma pessoa joga um papel de bala vamos dar um exemplo, eu me apresso, pego o papel de bala, chego na pessoa e falo assim “eu acho que você deixou cair esse papelzinho de bala”, então assim a pessoa olha para mim perplexa em primeiro lugar, eu procuro não agredir,, agora se a pessoa fala “não é meu”, aí eu falo “eu vi você jogar” então assim aí ela pega sem graça e põe dentro da bolsa.

Eu sou de uma fase do mundo que teve um desenvolvimento assim da roda para o que nós temos hoje, eram aqueles computadores que eram do tamanho dessa sala e hoje você pega e põe o *lap-top* ali, ou você pega um negocinho assim você tem um computador. Então assim eu participei dessa evolução do mundo, que foi uma coisa maravilhosa, Deus me abençoou com isso. Então eu sou do tempo do bonde, eu tomava bonde na minha infância para ir para a casa da minha avó e, não entendo hoje, eu vou de metrô e tantas coisas modernas que nós temos, mas o ser humano não soube utilizar elas para cuidar da natureza só explorando tirando, tirando, tirando e nunca preservando jogando todo o lixo de volta nela e, não tem jeito continua jogando lixo mais lixo.

IPCC não sei o que é, mas esses pesquisadores da ONU é que é nem aquele filme “O dia de amanhã”, que os pesquisadores ficam monitorando o clima, fazem pesquisa no gelo, também eles são inclusive pesquisadores que avisam que as bóias no Oceano estão acusando o aumento da temperatura. Num lugar que não era comum e acham que a bóia está com problema só que ela fica avisando, fica avisando até a hora que ninguém tomou providência, aí as outras duas começam a avisar e, aí vê realmente que aquilo que ia acontecer em cem anos, em um ano começam a acontecer. É claro, a natureza é uma coisa impressionante, é a

única coisa que não tem controle. Por exemplo, eu estava com minha filha ali no consultório e começou aquela chuva horrorosa, uma chuva muito feia que eu peguei na sexta-feira, dava medo, e assim eu estava conversando com ela aqui e, tinha uma janela atrás, eram umas 8h30min, no ápice da chuva de noite deu um raio na Av. Paulista, mas assim sabe o que é medonho, medonho? Falei assim deve ter arrebentado alguma torre.

Olha, eu nunca tinha passado por isso, nunca, olha eu estou com 56 anos e eu vinha outro dia com a minha filha na Ricardo Jafet e, a gente estava no Extra (ali enche) e, eu não vi, sempre estive ali, sempre às vezes eu to lá na hora da chuva e, assim o que é que acontece, dá a chuva, ai quando ela dá uma passada, aquilo assim em questão de 15 a 20 minutos resolve, e assim o que é que está acontecendo com as nossas chuvas agora, ela dá, baixa diminui um pouco, você falou agora vai passar, aí de repente vem de novo, ela fica mais uns 20 minutos e, passa um pouquinho e, mais 20 minutos e fica assim. De repente encheu tudo, a gente se viu ilhadas, ficamos apavoradas, foi horrível, conseguimos dar uma ré e sair do alagamento.

Então assim o mundo é isso, você respeitar tudo e, isso tudo que está acontecendo com a gente realmente é culpa da gente e em muito pouco tempo vai acabar. O que polui também o nosso ar? Por incrível que parece são os gases do gado, você já ouviu falar isso? Só que cada vez estão criando mais... por que a gente assim, ela já é vegetariana total eu e a minha filha mais ou menos, eu não posso ficar tanto sem a proteína porque eu não fabrico mais uma série de hormônios e, eu preciso muito da proteína que eu não posso fazer reposição hormonal e aí assim, antigamente pelo menos respeitava-se o boi na hora de matar, hoje em dia eles estão tirando a pele e o couro dele e, ele ainda se está vivo, eles dão a martelada na cabeça, se pegou, pegou, não pegou, não pegou levanta por uma perna, pelo guincho e já vai arrancando... isso eu vi no filme. Não vem falar, ah nossa, você está inventando, é matéria inventada, eu vi. Então assim o que fazem com galinhas, enquanto é pintinho para um não machucar, o outro eles cortam os bicos e ai o bicho come, come, come e não machuca o outro, para engordar, engordar, engordar e matar e, a mesma coisa se matou, matou, se não matou, não matou, já está arrancando as penas, jogando na água quente e, o bicho está vivo ainda e, fica se debatendo porque está vivo e, vão arrancando e cortando as asas, é uma coisa medonha não existe respeito, antes existia respeito para a matança do bicho, para você poder comer não existe mais este respeito.

A energia você tira queira ou não a energia vem todinha para você, inclusive no corredor que vai matar os bois, eles sentem o cheiro porque o animal tem o olfato muito maior do que o nosso, eles começam no desespero porque eles sabem que vão morrer e, os urros dos que estão sendo mortos e cortados é tão grande e, eles sabem que eles estão no corredor e aquela coisa não dá para você sair para nenhum lugar. Já imaginou? Agora o que é o holocausto perto disso? É isso. Porque pelo menos colocavam as pessoas lá, as pessoas dormiam e não percebiam morrer. Agora isso não, isso é cortar vivo, é tirar os pedaços enquanto está vivo, então assim é uma coisa horrível que fazem com os bichos e, assim existe muito mais gado hoje em dia do que seres humanos, isso já está provado então, isso inclusive está ajudando a aumentar o problema nosso do efeito estufa. Porque eles produzem o metano.

É uma coisa muito séria, eu estou por dentro, mas assim, o que vou fazer? Todo mundo devia fazer o quê? Não vou comer carne, não vou comer, primeiro por causa do preço que eu acho um absurdo, o que é o quilo de carne e o pobre chega lá, compra de quinta e, assim se fosse uma coisa acessível para todos e uma coisa com dignidade, porque tudo nessa vida tem que ter dignidade inclusive a morte então independente de ter sido de bicho, de gente mas infelizmente não tem.”

---

## Entrevista 4:

### José Roberto Maluf, 63 anos advogado e empresário

“Nasci em Limeira, interior de São Paulo e vivi lá até os 18 anos quando mudei para São Paulo para fazer faculdade, fiz Direito na USP, fui presidente do 11 de Agosto e tudo, e isso mudou minha vida porque herdei um IPM (Inquérito Policial Militar), que levei anos para me livrar, mas sai no lucro porque estou vivo e outros colegas meus foram mortos, aqui casei, fiz carreira na área de televisão e fui professor de direito na PUC por muitos anos”.

Em Limeira, eu fui ao grupo escolar com 6 anos, me alfabetizei dentro do prazo normal, depois fiz o ginásio, depois eu fiz o clássico lá em Limeira, o último ano eu fiz aqui em SP do clássico. Na época não tinha... tinha o clássico, científico que eram os dois caminhos que você podia ir para professor ou podia ir para o cargo prático para ser professor de alguma coisa de primário, etc. e eu cursei num colégio de estado em escolas públicas, meu pai era um comerciante formado, contador e, tinha uma loja chamada secos e molhados, armazém, tinha uma loja de armarinhos que era uma loja de panos, botões, linhas e afins. Depois quando minha avó que gostava muito da loja faleceu, o meu pai transformou tudo isso numa loja de material para construção até ele falecer. E eu durante muito tempo, algum tempo lá ajudava o meu pai nessa loja, fazia recebimento, pagamentos em banco e tinha uma vida de interior, participava do nosso clube local, parecia nos bailes e nas festas, tinha lá uma vida se é que se pode chamar de intensa, social na cidade, via todos os filmes eventualmente uma ou outra peça de teatro que aparecia lá uma vez por ano, ia todo domingo ao *footing* no jardim, tocavam a banda, as meninas andavam, os meninos ficavam olhando de fora, tinha coreto, tem coreto ainda, está lá o coreto só que a banda agora se apresenta às 10 horas da manhã de domingo, sábado tinha uma banda e domingo tinha outra, era a banda Artur Jambere 4º Centenário aqui em SP e, a banda Henrique Marques também de lá de Limeira, as duas estão lá, até hoje sobrevivem a duras penas, mas sobrevivem com alguma coisa paga pela prefeitura. Então tinha uma vida... jogava basquete no clube, uma vida de classe média... Bom jogava futebol, andava de bicicleta, nadava no clube e, jogava basquete achando que algum dia podia ser algum jogador melhor do que... Pra época tinha altura pra hoje, não tenho mais hoje, os meninos que jogam basquete tem uns dois metros e qualquer coisa. O meu é um e oitenta e qualquer coisa, então também não é essas coisas. Que mais? Brincadeira do quê? De criança

talvez... ah criança brincava... Eu tenho dois irmãos mais novos. Era o mais cobrado, o filho mais velho, andava muito de trem, ia para SP fim de semana sim, fim de semana não, que minha mãe tinha os pais dela aqui. Primeiro era um trem de madeira, mas tinha o trem de aço que eram dois ou três horários por dia, depois veio o trem de luxo, chamado trem azul da Companhia Paulista, que eu anos depois acabei comprando um carro de passageiros, está lá na chácara que eu herdei do meu pai, está lá guardado o vagão eu restaurei inteirinho e, hoje tem uma televisão um *home theater* dentro dele.

Apesar de morar em cidade pequena, eu tinha pouco contato com o campo, o meu pai, por exemplo, ele ia entregar as mercadorias das pessoas que compravam, que moravam em chácaras, sítios e fazendas. Então sempre a gente ia aqui ou ali, eu ia com ele na caminhonete entregar essas compras então o meu contato era mais assim, eu não tinha chácara. Meu pai comprou uma chácara que hoje é minha há anos, depois eu já tinha uns 17, 18 anos, quando ele comprou, meu pai faleceu uns 12/15 anos depois e, durante esse tempo a gente frequentou essa chácara, mas já como adulto praticamente não mais como criança. Plantamos um pouco de laranja, mas é uma chácara pequena, não tinha mais do que isso, era mais lazer, não tinha mais do que uns 500, 600 pés de laranja para uso próprio e, para dar para aos outros, nada preocupada em produção.

Sou descendente de libaneses tanto por parte de pai quanto por parte de mãe, meus avós tanto maternos quanto paternos vieram do Líbano, meu pai era nascido no Brasil, minha mãe é viva e, também é nascida no Brasil. Eu conheci o Líbano em dezembro de 2003, quando eu estive em Dubai a serviço de uma empresa de construção, eu tinha saído da televisão já e, fui a Dubai representar essa empresa numa feira e, na volta atendendo a um convite da Câmara de Comércio Brasil/Líbano, eu integrei em Beirute a comitiva do presidente Lula, mas só a convite da câmara de comércio Brasil/Líbano e, só em Beirute. Depois dos compromissos oficiais, aluguei um carro e tentei visitar todos os lugarejos de onde vieram meus quatro avós.

Primeiro eu fui até Baalbeck, de onde vieram meu avô e minha avó maternos e, Baalbeck inclusive é muito engraçada porque tem uns 120 quilômetros de Beirute e, eu disse ao motorista, oh nós vamos a Baalbeck, mas é muito longe, mal sabe ele que fui visitar a minha mãe 150 quilômetros todo fim de semana, quando eu vou visitar a minha mãe. E na volta nós passamos numa cidadezinha, de onde veio a minha avó paterna que é uma aldeia provavelmente do jeitinho que ela deixou em 1910. Só o meu avô paterno que veio primeiro e, depois veio buscar a minha avó, ele casou-se com ela lá e, veio casar para cá, depois não voltaram nunca mais, depois também nunca foram lá, o meu avô materno ele dizia que ele era muito brasileiro do que muitos brasileiros, porque ele veio e adotou esse país e, ficou aqui pelo resto da vida dele até morrer, então estão os quatro enterrados aqui no Brasil. Depois eu não pude ir à terra do meu avô paterno.

Não sei falar árabe, entendo alguma coisa apenas, mas não sei falar, me comuniquéi em inglês. Foi uma emoção muito grande imaginar que aquele pessoal largou tudo aquilo e, veio no fundo de um porão de navio aí para uma terra absolutamente desconhecida, sem falar uma palavra de português ou de outra língua qualquer, chegar aqui e ter que se entender ali

onde hoje é o Museu do Imigrante, ali era onde chegavam, pegavam o trem lá em Santos, subiam a Serra até o Brás. O museu é muito interessante, não só por causa dos árabes, mas por toda a história que está ali onde eles ficavam, onde eles dormiam: italianos, franceses, alemães, franceses menos, espanhóis, portugueses, japoneses e árabes. Você imagina que tem mais descendentes libaneses no Brasil do que a população do Líbano?

Eu sou um leitor assim, eu vejo as páginas amarelas, vejo aquelas frases, tem duas páginas de frases da semana, depois tem ali aquele: o Lauro Jardim que fala das notícias pequeninhas, o Radar, depois eu vou para o Mainardi, depois eu leio a última página lá que é do...Pompeu e outro, eles se alternam, depois eu vou para a revista, aí eu pego do Brasil em diante, detenho-me mais em algumas matérias de história, no final do filme uma história do Hitler que eles contam lá de livros, que estão sendo lançados e, pego de Brasil em diante, dou uma repassada em tudo. Muitas das vezes passam matérias que eu já sei, porque li nos jornais, então eu só dou uma mirada, vejo as fotos e passo para frente. A matéria de fundo da revista que é sempre a matéria de capa fim de semana, por exemplo, se não me engano foi aborto, eu também leio, tem sempre muitos boxes nessa matéria, eu leio esses boxes primeiro, depois eu vejo se eu tenho interesse de ficar com a matéria toda. Tento ler só no domingo durante a semana, eu não consigo mais ler durante a semana, durante a semana eu tenho o jornal de manhã para ler e muitos compromissos. A revista mudou completamente há dois anos. E eu confesso que no começo não gostei, eu preferia aquele projeto mais para time do que para... porque ela reduziu os textos, colocou mais foto, ela ficou mais leve eu reconheço, ficou mais leve, mais afeita a nossos dias, mas eu na época não gostei mas eu me acostumei de novo, me adaptei de novo, mas eu tive alguma dificuldade para me adaptar.

Costumo ler sobre temas ambientais, não sou nenhum louco pelo meio ambiente, não é isso, mas eu me preocupo muito com o meio ambiente e acho que não estão fazendo nada para parar essa loucura que nós estamos fazendo, matando rios, matando peixes, matando a natureza, jogando esse mundo de sujeira no espaço todos os dias, os aviões em grande parte tem desses problemas, os carros tem outra parte maior, o esgoto mal tratado jogando *in natura* nos rios e nos mares enfim, mudar a devastação das nossas matas e florestas. Como é que se cuida de uma nascente, por exemplo, ah vamos ter que entupi-la, aí de alguma coisa para ver se pára, fixamos a terra para gado ou para enfim esse tipo de coisa, como diria a madre superiora não vai dar certo. Sobre o Aquecimento Global, eu sei é que estamos a cada ano aumentando não grau inteiro, frações de graus, mas que isso tem atrapalhado muito, quer dizer as perspectivas são de que em 50 anos, talvez não haja mais geleiras nos pólos, quem sabe, 100 anos, 50 anos. Poderá causar um desequilíbrio monumental no universo. Até no Pólo Sul, estamos tendo degelo acima do que é recomendado, no Pólo Norte... um dos maiores países do mundo não quis subscrever o Protocolo de Kyoto e, a China é um dos maiores países poluidores do universo e, também não está preocupado com isso. Talvez com essa modificação agora de gestão americana de Republicanos para Democratas, tenhamos alguma surpresa, mas anoto que a esperança de que Obama seja um Midas ou que seja um milagroso vamos

**ver... Vamos ter muitas decepções se é que alguém pode ter ainda decepções, porque a máquina provavelmente não deixará fazer as modificações.**

Eu acho que esse pacote que ele quer aprovar, eu não entendo nada de economia. Acho que nem os economistas se entendem muito bem, mas a impressão que eu tenho é que é mais uma possibilidade de um lenitivo, um paliativo para um grande problema. Quer dizer não são oitocentos e tantos milhões que vão resolver o problema do mundo. Eu não sei como resolver o problema do mundo, não vou ficar aqui dizendo como resolver. Só sei de uma coisa, insistir no caminho que nós fizemos até agora, que é tudo que nós estamos fazendo, dar dinheiro para montadora, dar dinheiro para banco, não vai continuar. Não é um problema conjuntural, é um problema estrutural se nós, o mundo, nós não, o mundo, não fizer uma modificação para valer. Então o problema provavelmente não seja conjuntural, mas estrutural e sendo um problema estrutural, não é paliativo que vai resolver, não é injetando dinheiro nesse ou naquele lugar e, nem ficar fazendo essas coisas empíricas que o governo brasileiro faz. Eu não sou *expert* no assunto, só sei que insistir no mesmo caminho provavelmente daremos de novo no mesmo resultado, mais dia menos dia, mais meses menos meses, mais anos menos anos. Uma coisa me parece clara não era uma marolinha, não vai durar pouco tempo e, não será provavelmente nesse governo brasileiro que as coisas vão melhorar. Até certo ponto sim, temos que repensar o papel do Estado porque o Estado no momento que se desregulamenta tudo e, ele sai completamente da economia ele permite esse tipo de problema, ele não dá limites. Não que eu seja um estadista, pelo contrário, eu sou realmente um privatista, mas acho que tem que ter limites, e nós não tivemos limites. Então deixemos que a economia seguisse ao seu bel prazer, desgovernar até certo ponto e deu no que deu. Aconteceu independente da vontade de todo mundo, mas aconteceu.

Predatório porque se o maior engolirá o menor, acaba a concorrência, diminui a prosperidade de você ser melhor atendido por quem não tem a concorrência e, o pior é que os grandes conglomerados começam a fazer essas loucuras que fizeram por exemplo, o presidente do conglomerado A, B ou C recebeu tantos bilhões nesse ano e tal, são valores absolutamente impossíveis de ser imaginado que extrapolado para toda uma diretoria, para todo um conselho acaba levando todo o sangue da empresa, toda a vitalidade da empresa, se assegura ações, assegura dividendos quando a empresa mesmo que não deu dinheiro por mudanças de contabilidade ou não sei o que. Eu assisti uma palestra há uns 5 anos atrás quando houve um escândalo muito grande de empresas que quebraram nos EUA, porque de uma maneira ou de outra fraudaram seus valores, então eram inflados os valores, davam resultados que não havia tido e, distribuía-se dinheiro em cima desses resultados inflados então. Perguntaram para um grande conferencista americano, o que ele disse é o seguinte: que não podíamos acusar esses administradores porque enquanto nós acionistas vamos ganhando dinheiro dessas maneiras de resolver o problema, estava tudo muito bem e, no momento em que as empresas vão mal aí a gente quer acusar o administrador, porque ele não viu isso antes? É uma maneira louca de resolver, uma loucura completa, perfeita, ter acabado de ouvir uma besteira desta, mas enfim. Um grande nome americano dando essa palestra aqui no

Brasil. Esse Madof aí é outro exemplo típico, foi o presidente da comissão de valores, no fim fez essa corrente de tomar dinheiro e explodiu o mercado em milhões, bilhões de dólares... A coisa estava completamente desgovernada. Provavelmente muitas empresas e bancos brasileiros estão aí no meio do negócio como tendo vendido participações nos fundos deles não como se tivessem participado disso. Mas teriam oferecido no mercado brasileiro participações nesses fundos, o mercado estaria ganhando um bom dinheiro para isso, mas também participavam da bicicleta, participavam dessa roda da fortuna ou roda do prejuízo.”

---

## Entrevista 5:

Dirce Marfório, 75 anos, assistente

“Trabalho na Sociedade Brasileira de Patologia há 17 anos, sou paulistana, meu pai era paulistano e minha mãe paulista de Botucatu, nasci na Rua do Hipódromo na Celso Garcia, meu pai nasceu na rua da Mooca e, minha mãe nasceu em Botucatu, neta de italianos, os quatro italianos. Fui muitas vezes com a minha mãe para Botucatu, a gente tinha muitos parentes lá, tinha a minha bis-nona que eu cheguei a conhecer em Botucatu, tinha as irmãs da minha avó e agora tem só primos. A minha mãe morreu e, a gente perdeu contato, nunca mais fui. A cidade é difícil de andar, tem muito morro, então a gente saía de trem para ir para baixo ou para cima de Botucatu, é tudo assim, é horrível sair para o bairro tinha que subir, sair para a cidade tinha que descer e meu tio morava no alto, mas da porta a gente via o trem passar. Meu contato com a natureza foi pouco, sempre cidade, tanto que quando eu ia para Botucatu eles achavam que eu era caipira, não sabia nada, não conhecia nada, só cidade.

A ECO 92 eu lembro, mas eu não sei falar exatamente o que foi discutido porque eu também estou ruim de memória, lembro do Collor fazendo aquela festa toda, eu gostava do Collor, agora odeio, na época eu gostava, eu era fã número 1 dele. Eu odeio ele porque eu sou aposentada, eu trabalho, mas já sou aposentada e, a gente ganhava x salário mínimo, se aumentava o salário mínimo o aumento era automático e, foi ele que desvinculou o salário mínimo dos aposentados, quem ganha um mínimo sempre acompanha, mas quem ganhava mais de um dá uma porcentagem e, a gente cada vez ganha menos. Então quando eu me toquei que foi ele que fez isso, aí eu fiquei com muita raiva dele, raiva de verdade.

Sobre o Aquecimento Global já ouvi falar e muito, quem não ouviu? A gente precisa ir pensando porque, por exemplo, para mim pode ser que não atinja até o fim da minha vida, mas para os que vão vindo agora tem um problema muito grande pela frente. O Aquecimento Global precisa dar um jeito na natureza, não sei aonde mais, não destruir tanto a Amazônia, por exemplo, que estão destruindo, não sei quanto por dia, tudo isso, acho que no fim vai influenciando. Aquecimento Global é uma coisa muito séria. Obama, que falam que talvez ele seja uma esperança, já que os EUA nunca quis, ele não assinou o Protocolo de Kyoto e, talvez



agora com Obama aconteça. É uma esperança, quem sabe, eu estou com muita fé nele, vamos ver. Porque eu acho que ele não é assim como o Bush, tão arrogante, eu acho que ele é uma pessoa bem centrada, ele é calmo, tem uma aparência boa, uma pessoa que pensa, que está mesmo interessado em resolver os problemas. Resolvendo o dele, resolve o nosso. Mas a esperança é de que ele realmente melhore, eu tenho esperança nele. Eu era apaixonada pelo Kennedy, o Kennedy para mim era tudo. Lembro muito do Kennedy, do dia que ele morreu, chorei tanto. O Bush tem uma cara de mau. Eu estava lendo desde o Roosevelt, Bill Clinton, ele investiu mais na cultura, social, tecnologia, economia, empatados, a militar: Eu acho que o Obama teve uma vitória tão bonita, tão grande, eu tenho esperança que não vai acontecer nada de mal com ele como aconteceu com o Kennedy. Eu, quando chega a revista, dou mais uma olhada *an passin*, depois é que eu vou lendo, aí eu leio a semana inteira, o mês inteiro, eu leio, eu volto, eu torno a ler, agora hoje é só pra matar a curiosidade.

Mas esses fenômenos que estão acontecendo, eu não sei, há pouco tempo em Veneza... tem uma época do ano que, sei lá como é que chama aquilo que o mar sobe, então para você andar na praça tem tudo, como é que chama? Eles fazem assim umas passarelas de madeira, eu não andaria naquilo nem morta, não estou acostumada, mas este ano foi quase o dobro da água então cobriu tudo, porque Veneza é construída na água, são tudo estacas, eu falei como é que pode, como é que botaram tanta estaca lá dentro, ah não, mas isso é tão antigo, mas a água está subindo, tá subindo. Não tem salvação, porque lá não passa carro, não passa nada, as ruas são estreitinhas, uma pessoa vai e uma vem, mas é tudo rua assobradada, é tanto peso, tanto peso, como aquilo agüentou até hoje, quantos anos. E madeira, diz que é uma madeira tudo fincada, já imaginou? Nossa! Onde que vai acabar... em fogo ou em aquecimento, no fim vira fogo... o Aquecimento Global não tem essa chance? As geleiras derretem e alaga, chove demais, alaga, então está fogo e, água na verdade, tudo ao mesmo tempo. Se a água apaga o fogo, então é porque a água domina tudo, do mesmo jeito acaba tudo.

**Por exemplo, Santa Catarina teve tanta destruição porque eles construíam as casas no morro. Uma judiação porque sempre quem paga são os mais pobres. Sempre, sempre são eles. Eu estive em Santa Catarina num Congresso de Médicos. Eu com os congressos da sociedade... foi em Joinville... , achei tudo tão bonito.**

Já teve um congresso em Gramado no Rio Grande do Sul. Em Gramado eu tive a impressão de que eu estava no outro mundo. As casas não têm cerca, não tem muro, não tem grade, não tem nada, só aquele gramado verde, verde, a casa lá em cima, aquelas janelas brancas limpas, tudo limpo. A gente passava sempre o mesmo caminho, porque o ônibus é que levava para o congresso, apartamento, o maior que eu vi naquela região, são três andares... Você tinha impressão de que as venezianas ou eram pintadas ou lavadas todo dia, lá não tem pó, não sei, lá não tinha nada, mas você não vê uma grade, uma cerca, lindo, lindo... foi em Gramado que nós estávamos numa avenida, nós íamos atravessar, estávamos em três, nós paramos e ficamos assim de boca aberta, e agora como é que nós vamos atravessar? Um canteiro no meio, vasos lindos, todos floridos e nós; como vamos para o outro lado agora? Um parou um carro, parou outro, parou outro, na outra pista parou, parou, e nós atravessamos.

Sou italianíssima. Eu fui uma vez par a Itália, eu, meu sobrinho, minha cunhada e uma amiga do meu sobrinho. Nós viajamos bastante, nós descemos em Roma, mas aí nós chegamos em Roma numa quarta-feira de manhã cedinho, às 6 horas, nós descemos do avião, aí fomos para o hotel, ficamos no hotel, botamos as malas e, já perna pra que te quero, começa a andar. Então nós andamos na quarta o dia inteiro e na quinta, para ficar... um preço que a gente podia pagar, quando chegou para ficar sexta, sábado, domingo que era domingo de Páscoa aí nós não tinha como pôr o pé no chão de tanto andar, nós queríamos ficar em Roma, o preço do hotel dobrava, então meu primo que era o cabeça falou assim: “se nós vamos ficar em Roma, acaba o dinheiro, não dá pra ficar não, então vamos embora”, pegamos um trem e fomos, em toda estaçõzinha a gente descia, todos os hotéis lotados, porque imagina Semana Santa, aí nós paramos numa cidadezinha chamado Folhinho, que foi onde teve um terremoto há uns aninhos atrás, um terremoto nessa cidade Folhinhos e, tinha lugar numa pensão e, a gente podia pagar, então meu primo descia e, ia ver, a gente ficava ali dentro da estação, aí ele voltou, falou tem hotel...Assim fomos para Milão e Veneza também, foi a realização de um sonho.

---

## Entrevista 6:

### Carlos Amadeu Schauff, 54 anos, empresário e consultor de empresas

“Trabalho no ramo de informática e consultoria empresarial, gestão estratégica e sistema de gestão. Nasci no interior do Paraná, em Nova Esperança, norte do estado. Vim para São Paulo com 6 anos e estudei em São Paulo, estudei em Campinas na Unicamp, me formei em Ciências da Computação, em 1977, fiz carreira em empresa americana, na IBM, criei esta empresa em 1987, fazem 21 anos, um pouco mais e, desde então os serviços vem se diversificando dentro da empresa. Começou com algum tipo de *software*, hoje nós temos um outro *software* que é mais moderno e, temos também a área de consultor empresarial. Nova Esperança é uma cidade muito pequena, também morei mais tarde em Maringá que era pequena na época, vou dizer que tinha uns 50 mil habitantes. Eu me lembro muito de jogar taco, matar passarinho, naquela época não tinha o pensamento ecológico que tem hoje, andava de bicicleta pouco, andava no mato, nadava no rio, pescava, mais era nadar no rio, andava a cavalo, tinha uma mula lá que eu andava, coisa de criança em fazenda, subia, brincava muito na tulha de café, brincava no terreiro de café, montava no terreiro, montava nos montes de café, ajudava a espalhar o café no terreiro. Meu pai era agricultor e, eu não trabalhava, eu era pequeno, só brincava.

**Para me informar, eu costumo utilizar vários veículos, eu leio alguns jornais do Brasil, não sempre os mesmos, eu leio o Estadão, é o meu preferido, eu leio a Folha, eu leio jornais gratuitos, esses jornaizinhos que são sintéticos do metrô, essas coisas, eu vejo a internet, o**

Terra, vejo o jornal italiano, vejo o jornal francês, inclusive, quando eu faço a minha entrada aqui (páginas principais), Correo de La Sierra eu gosto dele, porque eu fui fazer aula de italiano alguns anos atrás e, agora eu me desenvolvo lendo um pouco. A Veja, não assino mais, mas compro com alguma regularidade. Leio Veja desde que ela existe, é porque não me dou bem com as outras revistas, que tem um *marketing* muito bom, de repente o formato da revista, o jeito que eles reportam, o jeito que as reportagens são feitas me agrada muito. Não sei, sinceramente eu fico curioso para saber como eu estou tão laçado pelo tipo da revista, muito bom. Agora eu também critico muitas vezes a Veja em geral, assim o saldo é muito positivo. Nada é perfeito. A revista Veja mudou o formato recentemente, mudaram lá a diagramação, já fazem uns dois anos. Na parte editorial, na hora que você abre a Veja eu noto que tem uma... a Veja tem opiniões agora mais... ela está sendo muito mais agressiva, vide a reportagem da entrevista recente do Jarbas Vasconcelos que foi... eu acho que ela tentou no editorial dar uma veemência equivalente à época do Pedro Collor, mas que ela não conseguiu por causa que as pessoas estão muito vacinadas já. É lógico que a gente fica escandalizado com que o Jarbas Vasconcelos falou, mas ele não falou nada diferente do que eu já sabia, para mim não foi novidade, não fui informado, eu fui confirmado. Mas eu já tinha... o que é o PMDB ? O PMDB é um camaleão. E depois eu acho que a Veja se preocupa muito com partidos, ela não deveria se preocupar. Sabe com o que ela deveria se preocupar? Com as forças políticas. E as forças políticas no Brasil, grandes forças políticas são cinco bem nítidas, a força da FEBRABAM é a maior força do Brasil, associação dos bancos, mais da metade do congresso está na mão deles, a segunda força política é a oligarquia nordestina, eles têm um poder tremendo, porque com muito menos votos, eles elegem senadores, com 25 mil, 30 mil votos, eles elegem um senador, Sarney é um exemplo, a terceira força política são as indústrias de São Paulo e indústrias do Sudeste, empresariais do sudeste, a quarta força são os fazendeiros, os ruralistas, e a quinta são os evangélicos. São cinco forças políticas que dominam o congresso e tudo é feito para vantagem dessas cinco forças. Só que a aí, só tem duas que a Veja não mexeria que é a FENABRAM e as indústrias. Ela faz parte das indústrias, é uma indústria, aí ela não seria uma... agora vamos dizer assim, eu não estou dizendo que tem uma força política baseada na indústria ruim, eu acho ótimo, eu só acho que uma força política... acho muito bom que a indústria tenha uma força política forte, mas hoje no Brasil ela não é a primeira, nem a segunda, é a terceira, ela deveria ser a primeira, porque tanto a indústria, a agroindústria, a indústria em geral, é ela que é a responsável pela geração de emprego e tudo mais. O resto é consequência.

Os ruralistas continuam com muito poder, tá igual ou pior. Imagine o seguinte: mais da metade do Congresso são grandes fazendeiros, são latifundiários. Mais da metade, então não vão fazer alguma, nada para se prejudicarem. Eles se protegem. O Congresso é uma ação entre amigos na maioria do tempo. E se sobrar algum benefício para a sociedade, ótimo. Mas na minha opinião, uma ação entre amigos, em geral. Não vou dizer que em outros países é diferente, é a mesma coisa, uma ação entre amigos. Agora se eles são controlados com forças legítimas, além de ação entre amigos, eles têm que dar alguma coisa. Então hoje, eles dão

muito pouco, eles dão mais para os bancos, dão mais para a oligarquias do nordeste, para as famílias milionárias do nordeste e, dão menos para a FIESP e, dão um pouco menos para o ruralismo e um pouco mais... eles dão para essas cinco. O empresariado paulista, por exemplo, tem muita força lá, eles conseguem muito, graças a Deus, porque se não conseguissem eu não estaria aqui trabalhando como consultor. É bom, agora o ideal seria... se a primeira força fosse a empresa, o empresário, se a força número um do congresso fosse o empresário, também teria seus defeitos, continuariam sendo uma ação entre amigos, mas a gente teria leis mais favoráveis, por exemplo, mexeríamos mais nas leis de ação trabalhista, que a legislação trabalhista hoje prejudica muito o trabalhador, demais, prejudica mais do que ajuda, ajuda onde não tem... as regras são muito tênues por exemplo no interior dos estados norte e nordeste, onde a lei, o estado precisa proteger o trabalhador, principalmente na área rural, mas na cidade, nas cidades urbanas, hoje o trabalhador é bem organizado para se proteger, tem os sindicatos, eu acho que essas forças são suficiente para proteger. Agora o governo interferir nessa relação é só um problema.

Eu tenho um exemplo do tempo de infância, por exemplo, meu avô era político na Alemanha, por isso que ele veio fugido, ele era deputado federal antes da guerra em 33, ele era do partido Católico, um pequeno partido da Alemanha, os partidos políticos foram proscritos, só um partido Nacional Socialista que era o partido, era um regime totalitário, era igual da União Soviética, regime totalitário, partido único, na China usa, então, eles proscreeveram os partidos políticos e, o meu avô foi na clandestinidade tentar restaurar a democracia e, aí ele foi perseguido, ele teve que sair escondido da Alemanha pouco tempo antes da guerra e, veio parar no Paraná. Ele trabalhou com uma equipe de pessoas para trazer gente da Alemanha para o Brasil, pessoas que eram perseguidas, inclusive fugiram da Alemanha e, acharam refúgio no Brasil, porque lá eles seriam mortos, todos os amigos do meu avô que arrumaram esse canal, morreram assassinados pela Gestapo, meu avô foi o único sobrevivente, teve sorte, foi avisado por telefone.

Então, nós estamos no Brasil porque ele pegou a era industrial, ele chegou aqui em 39 e, virou agricultor do café, por isso, que eu vim de lá. E aí ao fazer isso, ele percebeu a introdução das leis trabalhistas urbanas pelo Vargas e, mais tarde o Estatuto da Terra, que foi instituído no campo, ou seja, tentaram exportar as leis trabalhistas da cidade para o campo. Então o que aconteceria? As fazendas naquela época, você tinha colônias, ele tinha, por exemplo, 60 famílias, essas 60 famílias além de cuidar (mas isso só no sul), vamos dizer do sul de Minas para baixo, que era o celeiro da produção, quer dizer, onde aconteceu 80% da produção agrícola no país, que é onde está mais organizado, onde está mais organizado se produz mais, você tinha uma relação de trabalhador assim, você tinha os trabalhadores rurais, você tinha os donos de terras e, você tinha a meiguagem, o que era meiguagem? Os funcionários plantavam na terra o feijão, recolhiam o feijão e, davam metade para o dono da terra, então o que aconteceu? Muitos colonos ficaram ricos e, compraram sítios e pequenas propriedades. Então se você olhar o estado do Paraná e Sta. Catarina, ele é o mais bem dividido porque são pequenas propriedades, porque houve durante 40 anos essa aplicação. Então eles tinham

chance de crescer na vida. Então eles ganhavam um salário do patrão, um salário pequeno, e ganhava lá porco, galinha, casa para morar, o patrão colocava professora. Porque o estado obrigava a ter uma escola na região, era obrigado o dono da fazenda a colocar a escola, ele construía a escola, a professora, o estado dava. Era obrigatório por lei, então tinha educação no local, tinha o trabalho da família e, a família inteira trabalhava, aí era decisão da família colocar a criança para trabalhar ou não. O que aconteceu com o Estatuto da Terra? Todos esses recursos que eram dados para o trabalhador: casa, transporte, meiação, tudo isso foi considerado salário, então começou haver uma onda de fortes indenizações trabalhistas, no início do estatuto da terra e, o que aconteceu? Então todos os produtores de terra falaram “nós temos um passivo tremendo”, então mandaram todo mundo embora e, essas pessoas ficaram sem emprego, sem oportunidade e se criou o bóia-fria. E ele cantou a caçapa, ele falou para meu pai “isso não vai dar certo, isso vai prejudicar o trabalhador, eles vão colocar uma lei do trabalho... porque tem o... por causa de alguns patrões que não pagavam ou que não eram corretos, colocaram uma lei para todos”. Então a maioria que dava chance para aquelas pessoas crescerem, foram prejudicadas por uma lei que nivelou pelo salário mínimo, então o governo veio, falou assim; “não, esses caras não podem enriquecer, eles só podem ganhar um salário mínimo”, foi isso que eles falaram, esse Estatuto da Terra fez isso, falou assim: “o trabalhador rural só pode ganhar um salário mínimo, vai ser sempre um trabalhador rural, eles não podem ficar ricos”, é isso que o Estatuto da Terra fez, ele proibiu os caras de crescer na vida.

Por isso, que eu tenho uma forte crítica na intervenção do governo na relação do trabalho, ele tem que ter uma intervenção pontual onde há injustiça, quer dizer, o trabalhador que não recebe do patrão, ele processa o cara, porque pode ter uma lei mais simples que diz; olha, ninguém pode ser escravo, ninguém pode trabalhar sem receber. E o governo define, quanto ganha um metalúrgico? Você não pagou ele? Vai ter que pagar. Então nos lugares onde a relação do trabalho é mais simples a coisa funciona melhor, essa é a minha opinião.

Gosto do campo, mas vivo na cidade. Minha relação é de visitante, visito meus parentes no Sul, visito meu pai que mora no interior, meu pai ainda mora no Paraná. As fazendas agora são todas fazendas de agricultura extensiva, com colheita mecanizada, não tem nem mais, por exemplo, o meu tio que é irmão do meu pai, que também é agricultor, ele também virou um grande proprietário de fazendas produtivas na região, ele não tem mais nem gente que mora nas fazendas, uma ou outra tem um fiscal, mas basicamente ele tem a segurança só, ele tem... agora no Paraná, as fazendas têm seguranças, iguais a que a gente tem aqui no condomínio, paga-se um cara para olhar lá nas fazendas, tem uma empresa de segurança, porque as fazendas são invadidas, eles roubam a produção. Se você não tiver isso, vai gente lá e colhe o seu milho e, leva embora, rouba seu milho. Muda a vida no campo.

**Gosto muito, muito, mesmo dos assuntos ambientais, eu trabalho até de certo ponto nisso, consultor empresarial, a gente abrange a gestão ambiental, a gestão sócio-ambiental mais do que ambiental, o social também. A gente aqui avalia a gestão ambiental e o que pode ser feito, por exemplo, para avaliar os aspectos e os impactos ambientais daquele tipo de**

negócio. Por exemplo, vamos imaginar que a Compumax ,que é a minha empresa me contratasse, falar assim eu quero que você me analise os impactos ambientais, eu vou dizer assim olha a ferramenta que você vai usar para avaliar impactos ambientais é essa, eu não vou fazer análise, eu vou dizer para você gerenciar os aspectos ambientais e tratar os impactos, você usa essa ferramenta ou essa, ou essa. Eu vou dizer o que você pode fazer, mas eu não vou fazer para você, é você que vai ter que fazer, é essa a consultoria que eu faço, eu não dou a solução eu digo o que você tem que fazer, dou opções, você escolhe porque tem várias formas de resolver esse problema, eu vou dizer, você pode fazer uma matriz de aspectos e analisar com sua equipe tudo que pode estar acontecendo aqui em termos de impacto ambiental pelo fato de você existir, você pode estar com excesso de consumo de energia, então vamos trabalhar aqui com uma luz apagada por exemplo, isso é uma medida ambiental. A medida ambiental do meu sócio era mais rigorosa, mantinha tudo apagado, então isso aqui é ambiental, energia elétrica agride o ambiente porque vem de grandes lagos que são feitos de termoeletricas, quando você faz um lago do tamanho de Itaipu, você não tem idéia do impacto ambiental que ocorre fora os bichinhos que você afoga lá, você muda o ecossistema, então nós temos aqui muito cuidado com o ambiente.

A ECO 92, eu lembro. Eu lembro que foram estabelecidos novos padrões internacionais, eu sei que não foi tudo aprovado e os EUA não aprovaram. O Fórum mais importante. Vários protocolos foram aceitos, mas menos o mais importante que era de emissões, de reduzir as emissões. Mesma coisa. Os EUA o que acontece? A economia americana... é engraçado que o Bush não assinou mas não adiantou nada. É tanta bobagem... que o sistema se ajusta.

Eu conheço a tese do Al Gore, mas também sei que há controvérsias, a nossa Terra já passou por períodos de aquecimento muito grandes em épocas anteriores e, é por essas razões que, a Terra passa por glaciação e aquecimentos, então é muito complicado a gente atribuir só ao ser humano a geração desse problema. Eu acredito que o ser humano tem muita influência na geração de gás carbônico, mas a gente não pode dizer que nós destruímos as florestas, nós destruímos as florestas, mas nós plantamos alimentos no local e alimentação consome o CO<sub>2</sub>, você para produzir soja todo ano, você tem que produzir de novo, então o CO<sub>2</sub> está sendo consumido. Nós plantamos... ficou verde, não virou um deserto o Paraná, o Paraná é verde nós estamos consumindo o CO<sub>2</sub>, então eu acredito que nós estamos gerando mais gás carbônico do que estamos processando, tratando, nós estamos emitindo gás carbônico na atmosfera, eu sei disso, Al Gore tem razão de ficar preocupado. Eu também estou preocupado. Mas eu acho que o sistema acaba se re-equilibrando, eu vou te dar um exemplo concreto disso. O meio ambiente, ele é formado dos sistemas naturais, existe os sistemas não naturais, sistemas não naturais são sistemas também criados pelo homem, o transporte, o sistema econômico, o sistema industrial, o sistema de comunicações, são sistemas não naturais. Os sistemas não naturais usam os recursos dos sistemas naturais, eles se interagem então, por exemplo, a agroindústria, ela utiliza a terra para plantar, a terra é natural, mas o que você planta organizadamente é não natural. Na natureza, não ia aparecer sozinha uma plantação de soja,

mas então você mescla os dois sistemas, transformando em riquezas. Então o que acontece? Os sistemas estão todos entrelaçados, isso aí é a Teoria dos Sistemas Complexos, então um exemplo típico de reajustamento, hoje estamos no meio de uma gigantesca crise econômica e financeira, que é o sistema não natural, mas está interligada no sistema natural e por quê? A pergunta é, por que estamos nesta crise? Porque todos os sistemas estão interconectados, o sistema de confiança nas pessoas de dar crédito, os sistemas humanos, a comunicação, tudo está interligado, tudo está interligado numa complexa relação. Então o que aconteceu? Esse negócio explodiu essa rolha e, vice-versa a produção, nós estamos tirando recursos da natureza numa tamanha velocidade desenfreada, como o crescimento da China nos últimos cinco anos, seis anos, nós crescemos mundialmente 5%, então isso o que acontece? Nós agredimos demais o meio-ambiente, agredimos de tal maneira que isso gerou uma enorme de uma crise por causa dessa inter-relação e, hoje o que o Planeta fez? Falou pára! Então para o meio ambiente essa crise é ótima, essa crise é maravilhosa, porque a produção bomba! Reduziu 25% da produção mundial. A Mercedes Bens anunciou três dias atrás que só a venda do primeiro trimestre caiu 2 bilhões e, eles eram super arbitrários, então se você contar quatro trimestres, vamos ter 8 bilhões de produção, então são milhões e milhões e milhões de automóveis que não serão mais fabricados e não serão jogados nas ruas para gerarem CO<sub>2</sub>, são milhões e milhões de toneladas de aço que não são extraídas e, vão ser transformadas através do calor de energia elétrica que transforma o ferro, então você imagina o impacto positivo no meio ambiente dessa crise. Por quê? Você vai dizer que isso é resultado do sistema. Por isso que eu acredito... eu sei que o Aquecimento Global existe, mas eu sei que o próprio planeta, Teoria de Gaia, ela vai se re-equilibrando, ela não precisa do ser humano para se reajustar. Só esse reajuste agora de 25% do nível de produção mundial, ninguém previa um negócio desse, ninguém ia decretar isso aí, ninguém é louco de fazer isso por causa do impacto na economia e no emprego. Então não queria diminuir o CO<sub>2</sub> por causa do impacto na economia... A Terra deu. Então tudo está ligado, percebe? Isso é um basta do Planeta. Não é uma questão econômica/financeira do mundo econômico, industrial esse problema, “ah, foram os caras lá que emprestaram demais e, ficaram sem dinheiro e, não pagaram a dívida”, não é, é porque nós agredimos demais.

Eu faço parte de um grupo de trabalho Fundação sem fins lucrativos, uma Ong, que nós estamos revendo um modelo de gestão empresarial totalmente sustentável, não é só para inglês ver, é uma empresa sustentável, a gente vai ver, é um critério trabalho com esse modelo de avaliação de empresas da fundação. Existe um critério que se chama Critério de Excelências de Gestão. Esses critérios de excelência avaliam a liderança empresarial, as suas estratégias, os clientes, a formação, a sociedade, as pessoas, as informações, os processos. Os fundamentos desses critérios são: aprendizado, cultura da inovação, visão de futuro e, tem aqui um que é a responsabilidade social. Esse critério, ele é muito forte ambientalmente, socialmente, é com isso aí que eu trabalho, eu avalio as empresas dentro desse critério, mas ele ainda não é suficiente, ele ainda é pouco para a gente pensar no futuro, nas futuras gerações, porque nós estamos consumindo hoje recursos das futuras gerações. Então, quando o banco

empresta dinheiro para você trocar de carro e, você vai lá na indústria e, compra um outro carro, a indústria vai ter que produzir o carro, vai ter que agredir o meio-ambiente, para te vender o carro para satisfazer o teu luxo de trocar de carro, só que quando ela tirou isso, ela agrediu o ambiente, tirou matéria-prima que ia ser gasta pelos seus netos. O empréstimo exacerbado de dinheiro para o sistema financeiro americano possuir casas transformou-se numa crise imobiliária, o excesso de emprestar dinheiro criou um excesso de casas construídas, tanto que os preços começaram a subir, depois coibiram a capacidade de pagamento, esse excesso de agressão ambiental, quer uma casa para construir precisa colocar geladeira, fogão lá dentro, toda a indústria vai atrás da construção civil, então houve um excesso de agressão ambiental. Eu falo agressão ao uso de recurso, usamos mais recursos do que a gente deveria porque nós estamos usando os estoques naturais das futuras gerações. Então o novo critério que nós estamos estudando vai olhar esse aspecto que a organização é um ser social de fato e, se ela harmoniza os interesses sem comprometer as futuras gerações. Então hoje, a gente traduz em CO<sub>2</sub> o crédito carbono, isso é uma coisa nova, uma empresa para medir os créditos de carbono, então algumas indústrias...como na engenharia ambiental, o engenheiro ambiental ele vê quanto você consome de energia, quanto você consome de água, o que você emite de gases, ele faz uma conta e fala “você gera tantas toneladas de CO<sub>2</sub>”, você respira, os teus funcionários vão de carro para trabalhar para tua empresa, então no trajeto eles vão emitindo CO<sub>2</sub>. Se tivesse um ônibus da empresa para todo mundo, então já diminui. Então eles fazem essa conta e diz “você está prejudicando o planeta em tanto”, no futuro isso será exigência legal Então você vai ter um balanço de carbono, hoje nós só temos o balanço financeiro, só que ali você não analisa o balanço social. O balanço social é um balanço inclusive ambiental. Então, a gente está estudando um critério mais agressivo do que esse, um critério que é para realmente empresas que estão querendo ser totalmente sustentáveis. E aí com esses critérios pode se avaliar uma empresa e, aí uma empresa que quiser ser totalmente sustentável, isso é tudo voluntário, ninguém é obrigado a se candidatar a esse prêmio, agora uma empresa que tem consciência de sustentabilidade, ela vai lá e fala: eu quero me candidatar, então ela faz uma avaliação, são voluntários que trabalham, examinadores que trabalham voluntariamente, fazem o curso, e avaliam as empresas candidatas, pode ser qualquer empresa brasileiras. Teve um regimento no Rio Grande do Sul de cavalaria que vai participar do sistema sustentável. Os examinadores, depois de treinados eles ficam craques em avaliar esses critérios, vai lá faz auditoria no local, faz um relatório de avaliação, entrega para a empresa, fala “olha, não achei isso aqui”, a empresa então melhora, chega no ano seguinte, pode ir de novo. Então isso é um processo interessante, uma revolução, isso aí é um trabalho de formiguinha que está mudando o Brasil. Eu arriscaria dizer hoje que nós temos em torno de 50 mil empresas usando esse critério para melhorar. É avaliada a gestão empresarial, dentro da questão da sociedade, avalia a responsabilidade sócio-ambiental e o desenvolvimento social. Avalia a gestão, tudo aqui é gestão. Como é que você gerencia a responsabilidade social?



Aí fazemos a pergunta para a empresa: como você identifica os aspectos e trata os impactos sociais e, ambientais e, seus produtos, processos, instalações, desde o projeto até a disposição final, sob os quais tem influência? Ela tem que gerenciar isso. Então falo assim, primeiro, como que você identifica o que você pode prejudicar o meio ambiente? Então ela tem que me dar o método. Não é um método mediúnico, você tem que me mostrar, me dar um método, tem uma metodologia científica para fazer isso. Ela tem que fazer, a primeira coisa que ela tem que fazer é isso, que eu te falei. Essa primeira pergunta, para ela ser totalmente sustentável, ela tem que responder primeiro essa pergunta aí, primeira coisa que ela tem que fazer. Agora, ela tem que responder isso, pensando fora da caixa. Porque se você perguntar para uma autopeças, por exemplo, quais são os seus impactos sócio-ambientais? Ele vai falar assim, meu impacto sócio-ambiental em nível de emprego, eu preciso fazer peças que dêem segurança para os automóveis, eu preciso ajudar as escolas a formarem técnicos melhores, eu preciso recolher o lixo, a sucata dos meus produtos que... na indústria de autopeças, esse não é um risco porque existe uma indústria de sucata, porque ela é rica, que recolhe o aço, aço custa dinheiro, o aço é o produto mais reciclável do Brasil, o aço tudo que é coisa de aço, que você joga fora no lixo ele é separado, alguém cata e vende e vira aço de novo, então você não sabe se o teu carro já foi teu carro, há dez anos atrás, você não sabe, porque misturou com outros, lá derreteu tudo e, fez tudo novamente. Metade do aço que você consome vem de sucata, metade, no Brasil, metade vem da sucata e metade vem da natureza, minério de ferro, no Brasil, outros países gastam muito mais Japão, por exemplo, consomem muito mais do que produzem e, a China também. O que acontece, por exemplo? O que é a indústria de autopeças? Eu fabrico o velocímetro do Fusca, estou dando um exemplo, só eu fabrico o velocímetro do fusca, então o que acontece? Quando o velocímetro do fusca for lá na prateleira da loja, alguém quiser comprar um velocímetro de Fusca, porque o dele quebrou, ele vai lá na loja comprar, esse velocímetro de Fusca, só tem um fabricante, vai custar muito caro porque não tem competição e, você não pode colocar velocímetro do Opala, porque não entra o do Mercedes, tem que ser o do fusca. Então a indústria de autopeças, os preços das autopeças são muito altos. O que acontece quando o preço é muito alto? Por que existe uma indústria de roubo de automóveis? Por causa da peças, então, porque tem gente que compra, então o fato de eu vender peças de automóveis num preço muito alto fomenta a indústria do roubo. Impacto social tremendo. O que a indústria de autopeças faz para combater a indústria de roubo de automóveis? Eu acho que não faz muita coisa não, deveriam fazer, quer dizer, eles enumeram as peças para poder encontrar, a polícia achar, mas só para reprimir. Agora, não é reprimir, o problema, a causa, a raiz é o preço muito alto, a margem é muito grande. Diminui a margem e diminui o roubo. Então você é assaltado e, alguém mata você para levar teu carro, porque os preços das autopeças são enormes. Ou seja, está tudo interligado. Isso que são Sistemas Complexos. Como os sistemas são muitos complexos e interligados, fazer uma análise de impacto ambiental numa empresa é muito difícil.

Eu tenho um impacto social, se eu tiver muitos empregados vindo no meu prédio, numa zona central, onde o trânsito é ruim e eles vêm de carro, eu crio um impacto no

trânsito, as pessoas podem ser atropeladas. Aí é que está. Eu tenho que reconhecer esses impactos e tentar amenizá-los, tenho que tentar amenizá-los, de alguma forma, porque senão isso aqui não tem conserto. As empresas não vão ser sustentáveis. Então eu preciso compatibilizar a geração de renda das empresas, a competitividade, com agressão à sociedade, não posso agredir a sociedade indefinidamente, principalmente quando não tem regulação.

Com relação à legislação ambiental, eu acho que uma das coisas que mais andam no país, estão indo muito bem, eu acho. Estão até indo num passo mais rápido do que as empresas podem se adaptar. Mas, no entanto, o legislador não foi burro nesse caso, porque hoje você tem um negócio chamado TAC - Termo de Ajuste de Conduta, então, se o legislador for muito forte, colocar exigência sob a sua regulação, se sua empresa é muito custosa e onerosa, você não consegue fazer, você vai lá e faz uns termos de ajustes, você fala, eu não vou fazer agora, mas em seis anos eu resolvo assim, assim, assado. Eu assino um termo e, me comprometo em seis anos a resolver, ou em dez ou em quinze. Eu demonstro a minha capacidade de resolver o problema, mas me comprometo em resolver. Então o Termo de Ajuste de Conduta é menos um termo de ajuste e, muito mais um compromisso de que eu vou me ajustar. Então eu vou estar desempatando gerações futuras, porque eu vou me comprometer, eu não vou ficar adiando. Eu acho que isso é bom. Agora, no Brasil as exigências... as legislações estaduais, porque é estadual, você sabe que cada estado define, e tem que definir mesmo, tem que ser assim porque, você tem que considerar de acordo com o problema do estado, economia, de repente você coloca um negócio muito forte, você está colocando todo mundo fora da lei, o teu objetivo da lei não é criar fora da lei. O objetivo da lei é você criar dentro da lei, e aí vai, então eu acho que essa legislação, por exemplo, essa questão da inspeção veicular é boa, super legal eu só não concordo. Bom, a desculpa, a explicação do nosso secretário na revista, a Vejinha da semana retrasada, é que isso geraria muitos foras-da-lei, os veículos mais velhos não iriam passar, não iam passar porque eles estão devendo IPVA, estão devendo com multas, ia ficar devendo para a indústria, não ia ter lugar para guardar os carros velhos, isso é alegação dele, com o tempo isso vai se resolver. É uma ótica que eu não concordo, eu acho que ele deveria ter colocado mais tempo para trás, eles foram muito generosos. Então ficou parecendo que ele olhou o aspecto financeiro, só vai fazer a inspeção quem pode pagar por ela, ou pagar a multa caso não a faça quando deveria ser se o carro está poluindo ou não.”

# Grupo de leitores que costuma se informar por televisão, rádio, internet, jornais e revistas

## Entrevista 1:

Cornélia Toshimi Hagiwara, 36 anos, professora de educação infantil

“Nasci em São Paulo e sempre morei aqui, nessa região, cresci na rua Cursino, sempre morei nessa região. O bairro não vejo que mudou muito de quando eu era criança, eu fui criada dentro de apartamento, a 5 minutos de onde eu morava, vivia a minha avó, lá a rua era tranqüila e a gente brincava na rua, brincava de bola, mas hoje já não daria, em qualquer lugar tem carro, mas onde eu morava era avenida, tinha muito movimento não dava para brincar na rua, tinha que ficar trancado, continua com muito movimento, na época não tinha tanta loja como hoje, a Nippon antes era mercado, hoje loja de brinquedos e vem gente de toda a cidade, o mercadão continua igual, abriu muitos bancos, lojas de roupas e calçados, virou uma rua comercial.

Quando eu era criança, as únicas viagens que me lembro eram assim, nos finais de semana todo mundo ia para a casa da vovó, meus tios, tias, meus primos, eu e meu irmão, os adultos ficavam jogando baralho e as crianças brincando, quando era feriado no dia seguinte, avisavam, vamos para a praia, aí meu tio era feirante e, tinha uma perua, entrava todo mundo na perua, ia e voltava no mesmo dia, aquela farofada. Não tenho parentes que moram no interior, quando criança não tinha contato com o campo, porque minha avó veio do Japão e, se instalou aqui na cidade e, os irmão dela na zona Norte. Quando jovem não tinha grana para viajar, mas acampeí algumas vezes com namorado, agora viajo, fui recentemente para o Paraná, Foz do Iguaçu. Não tive contato com a natureza, pisar no chão, era chão de apartamento, não tive terra, formiga, sou assim concreto, asfalto, poluição, sou daquelas que tenho alergia à picada de insetos. Quando eu era criança e ia para praia brincava de pular onda, de fazer bolinho de areia, fazer castelinho, eu não aprendi quando criança, castelinho eu fui aprender adulta com as filhas do namorado de uma prima, os bichinhos eu só olhava, não tinha coragem de pegar. É diferente, eu tentei passar outras coisas para o meu filho, deixava ele pegar, minha mãe não deixava, minhoca não, barata não, lagartixa não, eu fiz diferente, quando o meu filho vinha com uma minhoca, “ai que legal, onde você pegou?”.

**Para me informar, eu costumo usar televisão, internet, rádio, eu ouvia muito pela manhã, mas o que gosto mais é internet porque eu vou pegando os assuntos de interesse. Por ser professora, eu acho que tenho que me informar das coisas que estão acontecendo, como questões ecológicas, porque senão como posso ensinar? Então tento sempre me informar sobre os assuntos. Aqui no prédio não tem coleta seletiva, a gente separa e coloca no saquinho e tem**

um funcionário que vende, mas no prédio não tem coleta seletiva, já tentamos várias vezes, mas não tem lugar para pôr, para depositar, vem insetos, já tentamos três, quatro vezes, mas não deu certo.

Aquecimento Global, eu sei o mesmo do senso comum, os gases de poluição que afetam, criam o efeito estufa, mudando o clima de várias regiões, o aumento do nível do mar, o derretimento das geleiras, acho que muita coisa vai mudar e, existe muita coisa a fazer, mas acho assim que é muito difícil porque o povo não é educado para as coisas mais básicas e necessárias, não têm consciência do que é importante para sua própria vida, tem muita coisa a fazer, é fácil você falar, não gaste água, mas você não dá subsídio para a pessoa não gastar, por exemplo, não existem reservatórios para reaproveitar a água da pia como tem no Japão, já estive lá a trabalho, as descargas a vácuo gastam menos água, mas os prédios não estão preparados para receber e precisa de uma burocracia danada para instalar. Acho que a gente tem de pensar, no que se pode fazer, desde de legislação, ter meios para fazer, lavar quintal com mangueira, não se lava mais porque é multado, só nos bairros mais distantes, onde não é fiscalizado é que acontece, a pessoa não vai se preocupar em não gastar água se tem um tiroteio do lado. Então é necessário mudar valores, educação, muita coisa a fazer mesmo. Mas precisa dar condição, a questão do transporte público, ele não dá condições hoje, carona solidária, difícil achar quem vai para o mesmo lugar numa cidade deste tamanho, o transporte público é que seria a solução, mas no momento se todo mundo resolvesse deixar os carros em casa não teria transporte público suficiente para todo mundo, ônibus, metrô, trens já andam com lotação máxima, então não vai depender só da gente, vai precisar do poder público, intimando empresas, criando leis, ter como meta, não adianta ficar no discurso.

Eu vi um vídeo da ECO 92 e, já se falava de todas estas questões e nada foi feito, muito pouco, falta muita consciência. Nem me lembro da ECO 92 mesmo, aquela época eu era muito alienada, fui me preocupar com as coisas na faculdade, fiz o curso de artes, eu perdi minha mãe muito cedo, fui criada pela minha avó, que morava com meu tio que era casado e, tinha três filhos e ainda ficou comigo e meu irmão, mas meus primos eram maiores e adultos, eu e meu irmão que éramos as crianças da casa, então muitas coisas aprendi já adulta na faculdade porque eles tinham dificuldade de me dizer não e, não tive meus pais para me passar as coisas.

O Protocolo de Kyoto, eu sei que tem uma briga para todo mundo assinar, mas não tem interesse econômico de alguns países, mas parece que o novo presidente dos Estados Unidos vai assinar, não sei. Se o problema é causado por queima de petróleo e derivados, então o biocombustível pode ser a solução, só que as pessoas já estão plantando mais para combustível que para alimentação, assim o preço do alimento vai subir, na verdade a nossa produção de alimento já vai toda para fora, a parte melhor é exportada por ser vendido a um preço mais caro, a gente já fica com o resto.

O documentário do Al Gore chegou a ser passado lá na escola, mas eu não assisti no dia, também não gosto dele, ele tem todo este discurso ecológico, mas ele é o primeiro a gastar, a casa dele é toda automatizada, tem ar-condicionado, é uma hipocrisia, tem um discurso

político, prefiro pessoas como a Marina da Silva que é uma ativista mesmo. Eu acho assim, a intencionalidade, muitas coisas são feitas com vistas grossas, existe lei, principalmente na Amazônia, é tão distante de tudo. Porque o mundo inteiro está de olho, talvez agora façam alguma coisa. É uma briga com grandes, não sei como nós aqui longe podemos interferir nisso, o que sei é que muitas coisas nossas são descobertas por gente de fora e ainda a gente acaba comprando deles o que era nosso, não sei como a gente pode fazer indiretamente. Viver é muito difícil, se você olhar em volta de si, tem tantos problemas acontecendo e, se você expandir um pouco então. A gente sente, “eu preciso mudar, preciso fazer alguma coisa” e, às vezes a gente contribui para que as coisas se mantenham, acho bem difícil.

A imagem que me vem à cabeça quando se fala em Aquecimento Global é a queima da Amazônia, isso eu acho tão difícil de tá controlando, às vezes as coisas próximas de nossa casa já são escondidas da gente, imagine as distantes, mas já que dá para ver as queimadas por satélite, que a gente pode ficar acompanhando, a gente pode fazer a denúncia e, talvez se tome a providência. Eu vejo que há uma preocupação da mídia, mas eu acho que falta é criar medidas inteligentes para resolver, já que há um mecanismo de superaquecer com a queima de petróleo, será que não há outro mecanismo de resfriamento, será que a própria ciência não vai conseguir achar uma saída? Eu lembro que eu passava óleo bronzeador na praia, agora eu passo protetor. A gente vai sempre contra as leis da natureza, na verdade é assim, as coisas acontecem e vai rolando, deixa acontecer, é gente que mora em beira de rio, e nos morros que não é lugar para morar, além das questões ambientais, dos problemas causados à natureza, tem as questões sociais em que não se pensa nas pessoas, nas conseqüências, a revolução industrial não parou para pensar nessas coisas, só queria saber de estar ganhando, não quiseram saber se estavam fazendo mal e, é lógico que estava, todo mundo está vendo que estava jogando a fumaça, é por isso que está afundando tudo, o capitalismo tem de ser cooperativo, tanto que esta crise está dando calote e o mundo andando. Essa mudança de paradigma pode nos salvar, se a gente pensou na tecnologia para o lucro, agora tem de pensar na tecnologia para fazer o que é certo. A minha escola é adepta da sustentabilidade há dois anos, nas escolas tem tambor para reciclar, as pessoas também traziam de casa, latinha tem quem queira, mas papel, o preço caiu muito. Intencionalidade de baixo para cima existe, não tem consciência e informação, e o contrário de cima para baixo se tem a informação do que está acontecendo, mas a intencionalidade não existe. As pessoas sentem intuitivamente o problema, mesmo sem ter muito conhecimento. Acho que o tema está sendo muito discutido, mas sem muita profundidade e, parece que vai sendo banalizado, então você ouve falar e diz “ai, eu sei, eu sei, eu já reciclo, já gasto menos água”, não se dá a importância que se deve. Conhece o problema, mas não leva a sério, acontece, mas é uma coisa que acontece lá, lembro do caso de um menino que estava brincando em um parque e foi atingido por um raio.

E morre muita gente de leptospirose por causa da enchente, um colega meu estava andando na rua chovendo, caiu num buraco, voltou para casa, no outro dia estava com febre, foi no Posto de Saúde disseram que era gripe e voltou para casa, foi piorando, voltou uma, duas, várias vezes e nada, até que descobriam que era leptospirose, mas já era tarde e ele

morreu. Temos um sistema de saúde muito ruim e, estas doenças os sintomas são muito parecidos e além de tudo estão aparecendo novas doenças, a gente não sabe para onde correr. Eu já deixei de viajar várias vezes por causa disso, com criança, você escuta, ‘ah, fulano foi para Santos e pegou dengue’, aí você já fica meio com medo porque se pega a segunda vez já é hemorrágica. Muita gente, aglomeração e tudo, além do trânsito, então já não vou. Não tem muito o que fazer, tem de agarrar as coisas com força e tentar fazer, porque brasileiro tem uma facilidade de aderir às coisas, tem uma facilidade de aderir, acho que falta um pouco de ação e chegar e dizer “gente é esse o problema, é assim que se deve fazer, vamos fazer” e todo mundo faz. Eu lembro da época da economia elétrica, gastar menos e pagar menos, todo mundo aderiu, na época do Sarney todo mundo ficou vigiando os preços, mesmo o consumo desenfreado as pessoas podem mudar. Tem a inquietude, mas é uma questão de espera, se você tiver uma receita, eu vou passar para todos, não existe, esta atitude de pegar e fazer por conta.

A nossa geração, a gente tem muita dificuldade de tomar atitude diante de qualquer coisa, não é acontece uma coisa e, a gente vai lá e toma uma atitude, a gente vai esperando, só quando a coisa fica insuportável é que a gente age. A educação que a gente recebeu e, muitos não percebem e, não contestam e “por que mudar, se sempre deu certo assim”. Fazer a pessoa pensar mais, quando você recebe uma educação fechadinha você tem de acreditar naquilo porque é sua base, se vai mexer naquilo você perde o chão. A nossa missão de professor é tão difícil, a situação das crianças é tão difícil, a sociedade tem de se mexer e, não deixar tudo em cima da gente, do professor, quando eu terminei a faculdade pensei “xá comigo”, mas aí você vai levando na cabeça, aí vai desanimando, mas ainda é melhor pelo menos, você começar com essa ilusão de que pode mudar as coisas, porque senão você perde a razão de ser. Mas é morrer lutando, como diz a minha colega Helena “morrendo, mas com um bracinho para cima”, pois a tentação de se acomodar é muito grande, você vê as pessoas que fazem o que o sistema quer se dando bem, tendo um salário maior que o seu, recebendo todos os méritos, enquanto você que está ali lutando contra a maré é sempre passado para trás, mas enquanto houver esta luta, esta resistência para a mudança ainda há esperança, porque senão para quê você nasceu?”

---

## Entrevista 2:

### Maria Aleluia Pereira do Rêgo, 28 anos, desempregada

“Eu nasci na Briona, no interior do Piauí, morei lá até os meus 16 anos, lá a gente trabalhava na lavoura, eu ajudava meus pais, depois fui morar na cidade, passei uns 7 meses lá, eu trabalhava de doméstica, depois fui morar em Fortaleza, quando eu tinha 17 anos. Em Fortaleza também eu trabalhei de doméstica, mas lá eu voltei a estudar, terminei o ensino médio e fiz a faculdade de pedagogia, na Federal do Ceará, fiquei lá até 2005, quando

terminei a faculdade. Em 2005, vim para São Paulo trabalhar de governanta em uma casa no Morumbi, fiquei um ano, voltei para o Piauí, minha intenção era tentar exercer minha profissão lá, mas acabei conhecendo meu marido, ou melhor, reencontrando, porque ele é lá do meu povoado também, só que ele vivia aqui em São Paulo há muito tempo e, foi para lá de férias, então nos casamos e viemos para São Paulo, estou aqui há dois anos e fiz alguns trabalhos temporários, o meu último trabalho temporário foi no supermercado, como operadora de caixa por três meses, eu achava que seria contratada, mas no começo de fevereiro mandaram todas as temporárias embora, disseram que por causa da crise, não sei porque, pois o mercado continuava lotado todos os dias, mas eles garantiram que se precisar, chamam a gente que já estamos treinados, estou esperando, mas também estou procurando um novo trabalho, vai que eles não chamem.

Meus planos para o futuro são voltar para o Nordeste, o plano do meu marido também é esse, ficar aqui um tempo trabalhando até conseguir alguma condição financeira para voltarmos. Chegando lá, ele quer montar um comércio, ou trabalhar como feirante e eu tentar na minha área. A única experiência na área de pedagogia que tenho foi com os estágios durante a faculdade, agora trabalhar mesmo na área ainda não, mas eu tenho vontade, não aqui em São Paulo, tenho vontade de voltar para o nordeste e exercer lá. Posso fazer concurso, porque nas cidades do interior, cidades pequenas, as prefeituras estão sempre procurando professores para atender a demanda, especialmente para as escolas da zona rural, portanto, as chances são maiores para quem pretende voltar para uma cidade pequena e, eu quero voltar para Briona, meus pais ainda vivem lá e os pais do meu marido.

Quando eu era criança lá na roça, eu brincava de corda, andava de perna de pau feita de galhos de carnaúba, uma palmeira grande que tem no Piauí, gostava de brincar de ciranda, tinha várias brincadeiras, boneca de pano, eu gostava muito de boneca de pano, ainda gosto, tenho uma até hoje feita por minha avó, gostava dos festejos. Brincava no rio, tinha também um riacho perto de casa que desapareceu, não existe mais, secou e tem também um brejo. Brejo é um lugar, tipo um pântano que está sempre molhado e sempre tem água, pode ser inverno ou verão. O riacho desapareceu, com o passar do tempo, acho que foi muita areia e secou o riacho. O rio não secou, mas já foi bastante aterrado, o leito do rio hoje é muito pouco água, chama-se rio Canindé.

**Quando eu trabalhava em casa de família lá em Fortaleza eu tinha acesso a jornal, revistas, eu lia escondida, mas eu lia, com cuidado para não amassar, mas foi uma patroa que tive que me incentivou a voltar a estudar, ela era juíza. Hoje eu me informo mais pela televisão e pelo rádio, às vezes, quando eu passo em alguma banca eu olho o jornal, olho as revistas, mas você só dá uma folheada não dá para ler, né. Agora tem esses jornaizinhos de graça, eu acho eles até bem escritos, agora que estou procurando emprego, sempre que passo em um lugar que estão distribuindo eu pego, pego até os jornais da Igreja Universal, algumas matérias são legais também, alguns assuntos relacionados à família, até de meio ambiente eles falam às vezes. A vida é assim, a gente faz o que se pode, né.**

A Eco 92, eu lembro alguma coisa, mas na época eu não tinha muito acesso à televisão e revistas, jornais, essas coisas, mas eu lembro que era um movimento em defesa da natureza, do meio ambiente, e tinha *shows*, tinha bastantes coisas, mas assim muito, muito, muito não me recordo não, sei que era no Rio de Janeiro. O Protocolo de Kyoto, eu estou mais a par, sei que é um acordo onde vários países assumem um compromisso, assinam um documento onde eles se comprometem a reduzir a poluição no meio ambiente. Inclusive foi muito comentado sobre o Protocolo de Kyoto no tempo daquelas enchentes nos Estados Unidos, em que morreu muita gente, no furacão Katrina, então se comentou que o Bush não assinou o Protocolo, vários países assinaram e o Bush não assinou. Agora eu acho que o Obama, pode ser que ele assine. Primeiro eu acho que ele é um vencedor porque os negros nos EUA são diferentes dos negros no Brasil, dos negros em outros países, os negros americanos, eles lutam para chegar num determinado objetivo, eu acho que ele lutou e chegou agora, vamos esperar se ele vai fazer mesmo aquilo que a gente espera, mas eu acho que ele vai ser um excelente presidente, só de ter um negro na presidência dos Estados Unidos já muda muita coisa nas mentes das pessoas, lá parece que os negros ainda são mais discriminados que aqui, mas eu acho que tem tudo para dar certo, eu torço por ele. Com relação às questões ambientais, eu acho que ele já se comprometeu em mudar, se eu não estou enganada, ouvi falar que ele vai assinar o Protocolo de Kyoto, ele se comprometeu em mudar várias coisas que o Bush não fez, não concordou e nem assinou, onde ele vá em termos de natureza e meio ambiente, ele já pensa em assinar, acho que ele pensa também em fazer alguma coisa para diminuir o impacto ambiental, Aquecimento Global, essas coisas.

IPCC, eu não sei o que é, não lembro de ter ouvido ou lido nada a respeito, mas sobre o Aquecimento Global a gente já está sempre ouvindo, sobre o Aquecimento Global, o derretimento das geleiras, a camada de ozônio, o efeito estufa e, o Aquecimento Global, é um conjunto de tudo, a poluição atmosférica, o desmatamento, um monte de coisa. Eu acho que já estamos no Aquecimento Global, eu acho que já faz parte desse negócio, como é que eu diria? É um dos sintomas porque, agora mesmo está tendo lá na Austrália os incêndios, por exemplo, tem um lugar que está super quente, outro lugar que está chovendo além da conta, quer dizer onde que está um lugar que está tudo debaixo d'água, outro lugar está tudo sendo queimado. E aqui no Brasil tem uns lugares que chove demais, outros que chove de menos, lugares super quentes, outros menos quente e, eu acho que tudo isso tem a ver já. Já é uma influência do aquecimento.

A imagem que vem na minha cabeça, quando se fala em Aquecimento Global é o Nordeste se derretendo, lá no Piauí, por exemplo. Vem também a imagem das geleiras derretendo, os mares enchendo e algumas cidades desaparecendo, porque as cidades baixas no litoral se houver um derretimento maior da camada lá dos pólos, conseqüentemente, vai encher os mares e, enchendo os mares além do que já está, muitas cidades podem desaparecer, inclusive algumas capitais nordestinas como Fortaleza, acho que Recife, Florianópolis, algumas cidades do Rio de Janeiro também são umas que podem sofrer por causa disso. O Aquecimento Global de primeiro momento, o que a gente pode achar é que vai



matar muita gente, que vai ceifar muitas vidas, vai desalojar muitas famílias também, muita gente, eu acho que o primeiro que a gente pensa no Aquecimento Global é nisso, que muitas pessoas vão morrer ou em consequência de enchentes ou, em consequência de temperaturas elevadas e, até mesmo doenças como dengue, todo tipo de epidemias causadas por mosquitos. Acho que alguns animais também terminam morrendo, aí vai ter um desequilíbrio na natureza, alguma coisa assim.

Apesar de saber das coisas, eu fico a desejar porque não adianta dizer que eu sou ecologicamente correta, porque ainda não sou tanto, mas, tenho intenção, já tenho algum pensamento, acho que todo brasileiro tem já o sentimento de preservar, de não desmatar a natureza, já é alguma coisa, de não poluir os rios também, já dá uma pequena ajuda. Mas o pior de tudo é a gente não ter o hábito de não usar sacolas plásticas, por exemplo, porque acho que até é uma das coisas que levam muito tempo para ser decomposta na natureza, a gente não tem o hábito de usar sacola retornável, um biodegradável, porque nos supermercados, inclusive hoje, tem campanhas para diminuir o uso das sacolas plásticas e, usar uma biodegradável, sacolas retornáveis, no caso e, os clientes, como eu trabalhei no supermercado nesses últimos meses, os clientes não aceitam esse negócio, eles querem sacolas plásticas de qualquer forma e, muitos querem a sacola plástica e, dizem assim ‘eu vou levar essa daqui para eu poder colocar no meu lixinho da pia’ e, aí termina usando para embalar lixo, é nesse caso ainda que a gente não consegue mudar o hábito e a gente termina usando a sacola plástica para embalar lixo, inclusive eu também faço isso, mas eu tenho consciência que não é certo. Difícil é a gente mudar o hábito, mas tem consciência tem, a gente precisa começar a pensar ‘com minha pequena parcela já vai dando alguma coisa, acho que dá para ajudar’ e começar a agir.

A gente vê a diferença do clima em cada região e sente como se tivesse ficando mais quente no geral. No Ceará como tem muito litoral é bem ventilado, a gente não sente tanto calor como no Piauí, não queima muito, o Piauí além de ser muito quente, queima muito, aqui tem esse problema de ser quente, úmido ou tem tempo de frio que faz frio, lá no Piauí como não tem essa situação toda de ser ventilada, acho que fica muito perto da linha do Equador, não sei se piorou ou melhorou, só sei que faz bastante calor, agora lá tem esse negócio que de dia é muito quente nos primeiros meses do ano, de janeiro a julho, durante o dia é muito quente e, a noite faz um frio e, aí dá um choque térmico. Mas aquela coisa, nos primeiro dias você sofre, depois se acostuma. Eu não sei dizer se agora piorou ou se melhorou, mas acredito que piorou, porque a água lá, ela some muito rápido, chove, enchem os açudes, mas em pouco tempo já sumiu a água, mas em compensação, o lençol freático do Piauí é o maior do Brasil e acho que até do mundo. O lençol freático do Piauí tem muita água. É só perfurar os poços, tem inclusive os poços jorrantes, perto da minha casa foi perfurado um poço, foram perfurados vários, mas tem um específico que ele está sempre jorrando, às vezes a água fica rentinha com o tubo e, se você pega um copo e tira um copo de água, ela jorra durante muito tempo, é um fenômeno muito interessante e, não é gêiseres, nada disso é água doce em temperatura

ambiente, mas por alguma razão causa esse efeito, e como este tem vários na região, vira até atração.

Eu acho que tem que ter mais informação e tem que ter ação, não adianta você só informar e não ir para a ação, tipo plantar mais árvores. Tem uma campanha no Nordeste para plantar as árvores que se desenvolvem lá, tipo os cactos e as árvores de cerrado, aquelas plantas lá que se desenvolvem no Nordeste, já que lá, acho que a temperatura é mais elevada e há menos planta, que para sobreviver lá têm que ser plantas resistentes. Tem uma área preservada na caatinga para lá, que aí tinha como sobreviver mais, que não adianta plantar uma planta que lá não vai agüentar, ela morre rapidinho, então tem que ser uma coisa que resista à temperatura. Tem que se investir mais na área e, também não deixar só no eixo Sul, Sudeste, essas coisas, mas também desenvolver mais no Nordeste, tem que ter umas parcerias e mudar alguma coisa por lá e, tudo está interligado, as enchentes de São Paulo, por exemplo, a solução seria mandar metade do povo daqui para o seu lugar de volta, desenvolver para lá, porque é muito difícil uma cidade desse porte atender a todos, acho que o governo federal que tinha que desenvolver todas as regiões para o povo não deixar de morar nos seus lugares para vir para cá, que tivesse um atendimento em todas as regiões, um desenvolvimento. Assim, as pessoas não saíam dos seus lugares para vir tentar a vida aqui. Aqui fica difícil, morar em área de risco, essas coisas e mesmo que não for área de risco, tem as bocas de lobo entupidas ou fazem obras e, não pensam no planeta e em outros lugares, aí essas enchentes daqui é complicado. O único lugar é morar no alto, o governo atende um e deixa outro sem atender. Sei que está chovendo muito, acho que o aquecimento já chegou aqui.”

---

## Entrevista 3:

### Marcio Souza, 37 anos, monitor de museu

“Eu nasci em São Paulo, nasci em Capão Redondo, mas eu fui criado em Minas, meu pai morreu quando eu tinha 10 anos, morreu em um acidente de moto, meus pais vieram de lá de Minas, vieram para cá, aí minha mãe ficou com os três filhos sozinha, ela ficou um ano e pouco só trabalhando, não dava para criar os filhos, porque ficavam sozinhos, aí ela pegou e foi embora e, levou todo mundo embora, aí chegou lá e casou e ficou. Numa cidade chamada Dores do Turvo, perto de Juiz de Fora, perto de Viçosa. É uma cidade pequenininha, tem 5.000 habitantes só, aí que eu descobri o que era ser criança, aqui eu só via o mundo através do portão, uma casinha de luto com um portão de ferro que você olhava a rua e não podia sair, lá no Capão Redondo é um lugar que matavam 5 ou 6 todo dia, minha mãe morria de medo, não deixava a gente sair de jeito nenhum, aí fui para Minas e, lá ela nem ligava porque a gente podia ficar na rua o dia todo que não tem nada, aí lá eu aprendi a nadar, aprendi a brigar, ia para a cachoeira, soltava pipa era uma delícia, até soltar pipa era diferente porque lá ninguém cortava ninguém, não tinha esse negócio de um querer a pipa do outro, eu ganhava até dinheiro fazendo pipa porque ninguém soltava pipa lá, descobriram a pipa quando eu fui

para lá, lá tinha tanta coisa melhor para brincar, nossa, ia andar no mato, caçar passarinho, matar passarinho, jogar arco e flecha, nossa tinha tanta coisa para a gente querer soltar pipa. Fiquei lá até eu terminar a 8ª série, aí eu fui para a escola agrícola, fui para Rio Pomba, aí fui para a escola agrotécnica federal, fui virar técnico agrícola, mas nunca trabalhei com isso, fiz o curso todo, aí percebi que o curso era mais para quem já era dono de terra, sabe assim, para ser empregado não presta porque você vai ser um pião formado, não vai ganhar nada, vai ter informação que você vai passar para o dono da terra e não ganha nada, eu falei “não quero trabalhar com isso”, aí vim para São Paulo, aí vim para cá, fiquei na casa da minha tia, fiquei um tempão aqui sem arrumar emprego nenhum, sem fazer nada, aí fiz o concurso, entrei para trabalhar como carteiro, trabalhei uns 6 meses, aí eu saí, aí eu passei no outro concurso para trabalhar no Estado para ser Monitor de Museu, aí entrei e fiquei lá, aí eu falei agora dá para estudar porque trabalhava meio período, só 6 horas, daí eu entrei na UNESP e comecei a estudar lá mais influenciado pelo pessoal da cultura “ah faz porque é legal, faz faculdade de Artes porque você tem mais chance de subir aqui dentro”, não foi bem o que aconteceu mas...

Eu ouço muito rádio de notícia: CBN, *Band News*, Eldorado, assisto muito a jornal também televisivo, geralmente eu leio alguma coisa na internet, não gosto muito dessas coisas de revistas semanais, assim, eu acho tudo muito vendido: *Época*, *Veja*, para mim elas tentam fazer a cabeça da gente através do senso comum, elas ganham para derrubar alguém, é a minha impressão, todo mundo pensa igual, todo mundo fala a mesma coisa, você não vê pensamentos diferentes, então não estou lendo mais revistas, jornal também eu gosto de ler, jornais que ninguém lê: *Notícias Populares*, jornais alternativos, você pega um jornal do Metrô, por exemplo, eles dão de graça, tudo o que fala ali é apoiando o governo porque é um jornal patrocinado pelo Metrô, então eu não gosto desses jornais, eu gosto de jornal que mete o pau mas explica por que. Não leio muito sobre assuntos ambientais, mas tenho muita informação através de TV, jornal de televisão, eu gosto muito de canais como o *National Geographic*, *Discovery Channel*, então eu gosto muito de documentário sobre meio ambiente e planeta, espaço, essas coisas, então eu tenho bastante informação através disso aí, na internet também eu vejo alguma coisa.

Da ECO 92, eu lembro de alguma coisa assim por alto, notícias que eu ouvi também. Eu lembro que eles queriam assinar uns tratados, que nessa época eles tinham que ter captura de carbono, que eles estavam querendo colocar umas ações no mercado para você vender crédito de carbono, que seria uma coisa boa porque você mete economia no meio, aí você ganha alguma coisa, né. Cada árvore representa uma captura de carbono, então se você derruba a árvore ela libera x de carbono, então se você mantém a árvore, ela mantém x de carbono preso, então é uma vantagem você proteger a natureza e manejar a floresta, se você ajuda, você pode tirar um pouco de árvore da floresta controlada, porque aquilo ali ajuda a ter mais captura de carbono, então eles achavam que fazendo isso você ia proteger mais a natureza e, as pessoas iam ganhar dinheiro porque ia ter uma ação na bolsa, ia vender carbono, não sei como que era muito bem essa história, alguma coisa assim que eu sei.

Sobre o Protocolo de Kyoto, já ouvi falar também, era esse que os Estados Unidos não queria assinar? Eu sei que tinha um limite de emissão de carbono que tinha que respeitar que eles achavam que isso ia influenciar na economia deles, que ia perder dinheiro, que eles não queriam, aí você tinha um limite x, um máximo de emissão de poluentes que você poderia ter e, isso ia atrapalhar os países ricos porque eles emitem muito e, eles iam ter que diminuir a produção industrial e, eles não aceitaram assinar por causa disso. Parece que o Obama agora já vai mudar de idéia, que ele é mais consciente nesse lado. Aquecimento Global eu não sei muita coisa não, sei que a camada de ozônio estava destruída, que tinha um buraco e aumentava os raios ultravioletas e as calotas polares estavam derretendo, que poderia aumentar o nível dos oceanos, que poderia mudar alguns países e, a poluição também era responsável pelo Aquecimento Global por causa do efeito estufa, que o ar quente não conseguia sair e, que não conseguia deixar o ar frio entrar, sei muito por alto assim, não sei ao certo. Eu não sei muito ao certo, se esse Aquecimento Global é uma realidade, ou se isso faz parte de uma adaptação da natureza, que ela de vez em vez muda, eu acho que o mundo, ele meio que se adapta, assim as questões às vezes tem uma época que esfria mais, tem uma época que esquenta mais, parece que é como se fosse um ser vivo, tentando se adaptar a uma situação nova, eu não sei se realmente é assim, eu acho que o homem, ele é responsável pelo excesso de calor, mas eu acho que o mundo, a Terra, o planeta todo tem uma forma de se adaptar aí, se manter vivo, eu não sei se aquece, eu sei que às vezes faz até mais frio do que fazia antes, às vezes chove mais e dizem que não ia chover.

Então isso que eu sinto, que está mudando, tipo assim, no verão chove, mas não chove, talvez de repente mudou, o verão não é mais isso, às vezes é outro verão porque o planeta agora tem que se adaptar de outra forma, as plantas não vão dar mais flores na primavera, como a gente queria que fosse, sempre foi assim, agora vai ser diferente, vai ser no inverno, assim eu não sei lógico que a gente está fazendo um mal terrível à natureza, mas eu acho que a natureza consegue se adaptar assim, eu acho que o clima mudou muito, com certeza mudou, porque eu quando vinha à São Paulo eu detestava São Paulo, porque era uma cidade terrível, só chovia, era uma tal de São Paulo da garoa, terrível. Agora não tem mais garoa, agora só tem tempestade, quando tem, inunda a cidade toda, aí faz aquele calor que você quase morre dentro da condução, de tanto calor, numa cidade como essa tem um metrô que não tem ar condicionado, não dá para entender, fico pensando porque é que o metrô não tem ar condicionado, você compra um trem espanhol de 10 anos que está saindo de linha e, vem para cá com ar condicionado e, se coloca um metrô que tem 50 anos, que não tem ar condicionado, engraçado porque ele funciona atrás de energia elétrica, não ia causar poluição nenhuma, se tivesse um ar condicionado no metrô.

Que imagem eu lembro quando se fala em Aquecimento Global? Um mundo de geleira derretendo, geleira derretendo e aumentando assim rapidamente, quebrando, urso polar perdido no meio da pedra de gelo, sozinho tentando voltar, sei lá. Mas é até bom porque a gente está se adaptando, começando a se acostumar. É porque se o sol é uma estrela que envelhece, ela vai ficar cada vez mais quente, vai chegar uma hora que vai explodir e, vai

acabar com tudo, não tem como você parar isso, “ah eu não quero mais que o sol aqueça”, não tem jeito. Vão afastar a Terra do sol? Não tem jeito, então é uma coisa que você tem que aceitar, a natureza como ela é, como que você vai lutar contra isso, assim, tentar não aumentar mais esse calor, a gente pode, mas por outro lado é uma coisa que eu acho que é meio fatal mesmo.

Teve a era do gelo, a era glacial, eu acho que a gente está passando por uma era que vai esquentar um pouco, o sol mudou, a temperatura mudou então, eu acho que as estações vão mudar também de lugar, não vai ser mais janeiro, fevereiro e março que vai chover, vai ser junho, julho e agosto, sei lá pode mudar, porque a gente não controla isso, a natureza que controla, ela faz isso quando ela quiser, então ah, agora em janeiro não chove mais porque o verão agora não é mais em janeiro pronto, qual o problema? A natureza mudou, o dia está escurecendo mais cedo, está demorando mais, quem controla é a natureza, quando eu era criança era de um jeito, hoje já não é. É eu sei, aqui na cidade é diferente do que é no interior, por exemplo, eu acho que porque na cidade é mil vezes mais quente do que no interior, minha mãe mora numa casinha lá no meio do mato, tem um lago em volta assim, um valezinho assim no meio do morro, um monte de floresta, faz frio lá, no verão você tem que ir de blusa, à noite faz um frio, ela vem aqui, ela morre de calor, ela não agüenta ficar aqui. Além do calor excessivo, o olho dela queima por causa dessa fumaça que a gente respira aqui, é que a gente aqui de São Paulo já está adaptado, é tipo um peixe que aprendeu a viver sem água.

Embora dizem que isso tira um pouco dos anos de vida. Eu já acho que há controvérsias também, porque aqui em São Paulo tem gente que vive 99 anos e, lá em Minas morre com 70 no máximo. Aqui a gente vive mais se você tiver uma vida boa, tiver dinheiro, puder ir num médico bom, você pode respirar fumaça aqui direto e, vai viver mais do que o povo de lá. Então é o que eu falo, há controvérsias, a gente pode se adaptar a tudo, nós somos seres vivos, a pobre da árvore que está aqui fora, ela está aproveitando essa fumaça e está ficando cada vez mais bonita, ela está respirando fumaça de carro, ela está adorando o gás carbônico, o dióxido que tem aí, outro dia eu fui falar das árvores em São Paulo, elas florescem mais vezes que a temperatura, que é tão alta, que elas não sabem se é verão, se é primavera, elas estão adorando, florescendo cada vez mais e crescendo mais. É a gente que tem de se adaptar. Eu faço o que eu posso, eu reciclo o lixo todo separadinho, faço o que posso, uso sabão feito de óleo para não jogar o óleo na água, né. É, eu sei fazer, mas agora geralmente meu sogro que faz, eu ajudo ele lá, porque queima a gente, eu tenho que ver a posição da caixa lá para virar sabão, mas a gente junta aí, tem várias garrafas cheias de óleo, aí depois a gente transforma em sabão, é para proteger, ajudar em alguma coisa, mas ainda é muito pouco.

Então é isso que eu acho, a questão maior de tudo é jogada para cima da população, a responsabilidade para mim é de quem vende, de quem ganha muito dinheiro nas nossas costas, por exemplo, eu compro uma geladeira, eu não compro caixa nem isopor, porque é que eles jogam tudo aqui e vão embora, eu quero comprar outra geladeira, porque que eles

não são obrigados a vir aqui e tirar essa geladeira, desmontar e levar embora? Ou doar lá para quem nunca teve nada? A indústria que ganha grana e destrói a natureza três vezes mais, ela destrói na hora que vende também, porque ela te vende lixo e, eu não comprei o lixo, porque que eu tenho que separar, eu que tenho que arrumar um lugar para levar, porque que não se obriga quem vendeu a vir buscar isso aqui? Pois é, então a obrigação tem que ser do fabricante. Então a obrigação não é de quem me vendeu isso aí? Não tinha que ter uma lei que obrigasse a todo mundo que vende a te dar um desconto depois que você devolveu o velho? Tem que ter. Não era assim, a gente levava as garrafas lá e, pegava uma Coca-Cola e, entregava uma garrafa velha e, não era mais barato porque você comprava o líquido não a garrafa. Mas não pra eles, dá mais trabalho, vai ter que contratar mais gente para separar, mas que ótimo, que contraste, as pessoas tem que trabalhar, a indústria só quer ganhar, inventa um monte de máquinas que faz tudo sozinha, os coitados todos passando fome, daqui a pouco não tem que comprar, vai produzir para quem, vai acabar, vai falir o capitalismo, vai virar um poço sem fundo vai explodir sozinho.”

---

## Entrevista 4:

### Eduardo Roberto Ortega Cruz, 40 anos, técnico de trânsito

“Nasci em São Paulo capital, sempre morei aqui. Morava em Pinheiros, agora no Butantã, sempre nessa região. Só que a cidade era uma coisa bem diferente, porque Pinheiros ainda não tinha esse monte de prédios, de comércio, não tinha quase comércio era só residência, tinha os bambuzais, acho que fui a última geração que brincou na rua, minha mãe quando estava atarefada, dentro de casa e, a gente fazendo bagunça, ela gritava “vão brincar na rua e me deixe em paz”, hoje as mães jamais diriam isso. Eram brincadeiras bem diferentes das que são hoje, a gente brincava na rua, de jogar futebol, jogar taco, esconde-esconde, pega-pega, mais brincadeiras de rua. Nas férias às vezes viajava, às vezes ficava. Na época a gente ia mais para a praia, para Santos que tinha uma tia que tinha apartamento, litoral aqui perto ou para o interior onde tem uns tios aqui perto. Perto de Sorocaba que eu ia, Alumínio, Mairinque, essa região aqui. Lá tinha roça, naquela época tinha muita plantação, meus tios tinham plantações, a gente andava pelo meio das plantações, plantava cana, brincava com os primos, essas coisas assim. Na minha casa sempre teve cachorro, gato e aqui ainda tem.

Naquela região, tem muitas represas perto, só que eu passei na represa quando eu era maiorzinho, quando eu era criança eu não ia, que lá em Votorantim tem bastante... eles chamam de represa, lagoa, cheguei a nadar algumas vezes, sempre gostei de água. Aqui a gente ia na piscina do Sesc, nunca tive medo de água, sempre gostei, adorei, é umas das coisas que eu mais gosto, mar, cachoeira, piscina, falou em água é comigo mesmo. Agora, quando a gente está de férias eu, minha esposa e minha filha, geralmente a gente vai para a praia, a gente gosta muito, quando pode e, dá certo, a gente vai para o Nordeste, é mais garantia de ter sol e tudo. Todo ano a gente fala de ir para o Sul, mas nunca vai porque às vezes no Sul você

dá um azar, pega o mês inteiro de chuva, frio, mesmo sendo um lugar bonito, então o Nordeste é mais garantia de ter sol, geralmente a gente vai para a Bahia, em algum lugar. Quando a gente faz por pacote, geralmente sai mais barato, porque já está incluído o hotel, a passagem de avião, essas coisas. Então alguns passeios que já estão inclusos, a gente faz, outros a gente escolhe para fazer, depende muito do lugar e, outras vezes que a gente faz por conta, assim a gente faz passeios também, sempre vai para uma praia ou outra conhecer. Eu gosto de ter contato com o povo, não gosto de ficar naquela coisa à beira de piscina, dentro de hotel, só em sauna de hotel, eu gosto de sair, falar com o povo mesmo, conhecer o lugar, as pessoas do lugar, as pessoas mais simples, entrar no bar, entrar na lojinha, aquelas coisas assim.

Minha casa tem aquecimento solar, aqui em casa a gente faz coleta seletiva, já tem esse costume há bastante tempo de separar o lixo limpo, algumas coisas a gente faz brinquedo para minha filha, papelão e, eu costumo levar, todo fim de semana, levo o lixo separado, lata, alumínio, papel, papelão, plástico, tudo que é lixo limpo e, alguns dos lixos orgânicos também por exemplo, borra de café eu ponho no jardim, às vezes raspas de cenoura. Algumas coisas, a gente usa e, o lixo reciclável há muitos anos eu costumo separar. A reciclagem em São Paulo, acho que está começando, já começou há algum tempo, nasceu uma pequena semente na época em que a Erundina foi prefeita, que foi onde começou essa história da reciclagem, que eu me lembro bem. Agora acho que faltava um maior impulso, maior incentivo assim do poder público, do estado, da prefeitura. Eu lembro que na época da Erundina fizeram um projeto piloto, um bairro, que eles levavam o saquinho para a pessoa, exatamente para separar o lixo e depois iam buscar, tudo, agora isso acabou, então depende da boa vontade das pessoas separarem o lixo. Se tivesse uma coleta reciclável, uma coleta pública ia ajudar muito. Só para tirar o lixo limpo, não que a pessoa precisava separar tudo ali, lata, separava tudo junto o lixo limpo e, ia para um lugar onde ia ser separado, ia ajudar bastante, acho que muito mais gente ia praticar se tivesse.

Como eu trabalho há 18 anos nessa área do trânsito, quando tem uma enchente em São Paulo, tem um caos não só, causa um pânico, porque os semáforos, eles são todos feitos de programação eletrônica, então se não tiver um bom aterramento dá pane, apaga tudo, começa a ter acidentes, um problema gera o outro, faz um nó nos cruzamentos, pára os quatro lados, gera estes tipos de problemas urbanos, árvores que caem na rede elétrica. As enchentes em São Paulo são um problema muito sério, um problema que já vem desde o começo, porque São Paulo cresceu de uma forma desordenada, sem planejamento, sem nada, foi uma explosão demográfica, muita gente, ocupação do solo, o solo cada dia mais impermeável, falta de áreas verdes que vão absorver lentamente a água que vai devolver ela, lentamente, para o lençol freático. Então quer dizer, cada vez que você tem mais cimento, mais asfalto, o solo mais impermeável, essas grandes chuvas vão escoar de uma vez só e, muitas vezes as galerias públicas não suportam. Tanto é que hoje em dia já tem uma lei da prefeitura que construções se não me engano com mais de 1.000 m<sup>2</sup>, por exemplo, *shoppings*, grandes condomínios tem que ter o seu reservatório de água, antes de devolver diretamente na galeria pública, de águas fluviais públicas, para não ter essa sobrecarga e, é até bom eles estocarem essa água, porque

sabendo cuidar dela, não deixar essa água apodrecer, ela pode ser usada, água de reuso tanto para limpeza urbana quanto para rega de canteiros, de jardim isso e tudo mais. Então uma coisa que é certa e, teria que ser mais fiscalizado, para ver se realmente as grandes construções estão contemplando isso, estão segurando a água para o seu próprio uso, para o bem deles mesmos e, para o bem geral. Sobre a Eco 92, eu lembro que foi uma grande festa, mas não sei de resultados práticos, foi uma tentativa, um pequeno impulso, mas eu não sei de nenhum resultado prático que aquilo causou sinceramente. Nossa, está cada vez mais quente, isso a gente tem sentido dia-a-dia...

Para me informar hoje em dia eu uso a internet. Eu já assinei muito jornal, tudo, mas aí tem aquelas fases que não dá nem tempo de ler quando você vê, já tem meia dúzia de jornal fechado, você não conseguiu nem abrir para ler as tiras, então hoje em dia mais internet, mas eu gosto de jornal mesmo, jornal de papel, adoro e, pela praticidade, como a gente tem trabalho e tudo mais e, tem internet, acaba lendo mais pela internet. Todos os assuntos me interessam, eu dou uma olhadinha. O que eu sei sobre o Protocolo de Kyoto é que os Estados Unidos não assinou Kyoto e, que eles são os maiores poluidores do mundo e, eles se negam a ter um certo comprometimento com a questão ambiental. Parece que sozinhos eles emitem quase metade da poluição do mundo, se eu não me engano. É quase a metade, só para um país é muita coisa. O que eu sei é isso e, mesmo assim eles se negam a ter um maior comprometimento. Parece que é a redução de gases do efeito estufa, não é um item só, são vários itens nessa coisa de melhorar o meio ambiente, de melhorar o futuro, questão do Aquecimento Global, acho que é mais ou menos isto. IPCC eu não sei o que é, mas eu sei que tem gente no mundo que estuda o clima, as mudanças do clima.

O que sei sobre Aquecimento Global é o que a gente sente na pele diariamente, um calor danado que está fazendo, essa coisa abafada e, cada ano está mais quente, que eu lembro quando era criança fazia aqueles invernos mesmo. Isso não é muito tempo atrás, anos 70, que a gente acordava para ir para a escola naquele frio que fazia, chegava fazer o mês inteiro, hoje em dia não tem mais inverno em São Paulo, praticamente, está cada dia mais quente e às vezes faz dois dias de frio, mesmo no inverno e, o resto do mês de calor. E o Aquecimento Global que a gente houve falar é o seguinte: que todo ano está mais quente e, cada um grau a mais que aparentemente a gente nem percebe, para o efeito climático é muita coisa, que cada grau a mais por ano vai derretendo não sei quanto da Calota Polar e tudo mais, é isso que eu sei. A imagem que vem na minha cabeça, quando se fala de Aquecimento Global é a imagem de distúrbios ambientais, porque conforme tem o Aquecimento Global, você pode ter calor intenso em algumas áreas, pode ter chuvas muito fortes em outras áreas, pode ter geadas, frios muito fortes em outras áreas, é uma coisa que mexe com tudo, não só vai aquecer, ele vai modificar todo o clima do planeta.

Acho engraçada essa história de dengue, como eu viajava muito ao Nordeste, eu lembro que negócio da dengue lá na Bahia era uma coisa meio que normal ter dengue, era impressionante. Hoje em dia, se faz olhar a dengue, a dengue era uma coisa assim: fulano tá de dengue, como é na Bahia você nunca sabe se está de dengue ou tá de dengo. E a malária



voltou para lá, a malária pode chegar aqui também. É, imagino, que a febre amarela também está aí. Tudo. É, imagino, eu nunca tinha relacionado isso ao clima quente, mas que a gente sente que o clima está cada dia mais quente, não tem mais inverno em São Paulo como tinha quando eu era criança. Que eu lembro, que a gente chegou a ter inverno assim de ter a temporada inteira, cada estação do ano são quatro meses, a gente chegou ter invernos assim quando era criança, de fazer quatro meses de frio direto, isso nunca mais, depois dos anos 80 para cá, isso quando era criança, estava no primário, eu lembro aquele frio diariamente, hoje em dia de uns anos para cá nunca mais eu vi aquele frio tão continuado. Às vezes faz um, dois dias frios, pronto, o terceiro já está um calor de rachar. E aqui em São Paulo tem uma coisa chamada “ilhas de calor”, por exemplo, se você ouve no rádio; aqui na USP, aqui está 32°, por exemplo, tem lugares na cidade que apesar de estar 32° a média, tem lugares que chega até 50°, chamadas “ilhas de calor”, são lugares como zona leste... O solo impermeável, tem muita gente, ocupação humana muito grande, só asfalto, cimento, asfalto, cimento, aquele calor reflete, ele bate no asfalto e sobe e, ao mesmo tempo ele está subindo e descendo, aquilo vira uma panela de pressão. É o verdadeiro efeito estufa localizado, então tem lugares aí que vamos supor, se a temperatura está 30, 35° tem lugares que chega a fazer 50 quase.

E essa semana trabalhando direto nesse calor, às vezes eu trabalho interno e, às vezes eu saio para fazer vistorias em campo então, nossa, às vezes que tem que sair tem um gasto de energia muito grande porque é um sol... nesses dias choveu, não sei se foi quarta-feira e, depois à tarde saiu sol, mas saiu um sol tão quente depois da chuva, não sei se a chuva limpou e, o raio solar pegava de um jeito que parece que ficou mais quente depois da chuva. Parece que dentro do carro estava 60° lá dentro, e foi depois da chuva, caiu aquela chuva super forte de repente limpou, mas saiu um sol tão ardido, tão forte, era uma coisa de louco, eu estava dentro do carro e, aquele sol batia a pino e, eu estava indo buscar ela e, eram mais ou menos 6 horas da tarde, horário de verão, são 5, mas a sensação que eu tinha era que eu estava com o sol da 1 hora da tarde na cabeça, era a sensação que eu tinha, apesar de ser o fim da tarde, uma coisa fortíssima assim que te deixa passado. A gente trabalha e tem um desgaste tão grande de energia que você chega em casa, você toma um banho e liga um ventilador e, não consegue fazer mais nada, fica prostrado tentando se recarregar de tão quente que estava, eu já sou calorento por natureza, no inverno eu sou mais calorento, chega no verão então.

**Então, quando fala em Aquecimento Global, a imagem que me vem à cabeça é de grandes tormentas globais, no mundo inteiro, chuvas muito intensas em algum lugar, alagamentos, outros lugares frios muito grandes, mexe com tudo. A gente vê na televisão, tem certos países aí, acho que foi na Rússia, acho que parou as aulas porque o frio estava 40 abaixo de zero, eu acho que apesar de ser abaixo de zero, isso está relacionado com Aquecimento Global, esses frios muito intensos, desequilíbrio. Fico imaginando o frio, o meu parâmetro para frio é quando está 9° aqui em São Paulo, se bem que o vento voga muito também. A sensação térmica um dia de 15°, o vento forte é mais frio do que um dia de 10° sem vento, a sensação, tem esse jogo aí que eu não sei como é que é direito, só sei que quando está 9°, é meu parâmetro para frio, 9 positivo, eu sei que está frio pra caramba, 40 abaixo de**

zero é inimaginável, para a gente que vive num país tropical. Eu gosto de calor assim, eu sempre adorei calor, mas para trabalhar em São Paulo, eu prefiro aquele friozinho maneiro, você põe uma blusa, fica mais tranqüilo, tem um desgaste menor, eu adoro sol, calorão, mas quando eu posso estar na piscina, na praia, na cachoeira.

Para melhorar a situação, eu sei que tem tanto no micro como no macro que as pessoas podem fazer pequenas ações, não jogar lixo na rua, não trocar de bobeira um jardim por uma vaga de garagem, porque não são só os grandes espaços, porque de uns anos para cá você vê cada vez mais um jardim sendo trocado por uma vaga de garagem, mesmo que a pessoa não tenha carro, não tenha nada, pra não dar trabalho “ah cai folha no chão”, corta a árvore, “ah suja não sei o que lá”, tira o canteiro fora e vai cimentando, cimentando, cimentando, então são ações micros, fazer reciclagem, manter um jardim, tirar um pouco de asfalto por exemplo, então são essas pequenas ações. E as grandes ações do poder público, se bem que a coisa já começou errada, a gente corre atrás do prejuízo na verdade, poderiam investir mais em parques, em áreas verdes, aqui para São Paulo, no caso. E assim esses grandes acordos mundiais que eu não estou muito a par, por exemplo, Kyoto, essas coisas assim que poderiam dar uma continuidade, se pensar, planejar para daqui para o futuro. Hoje em dia é carro, carro, carro, todo mundo tem carro, eu acho que tem que ser tomada algumas ações, conservação de florestas, todo hora a gente ouve falar que a Amazônia perdeu 18%, Amazônia perdeu um estado de São Paulo, Amazônia perdeu uma cidade não sei o que lá. Eu fico bobo que ainda tem alguma coisa, porque todo ano, dia após dia que perdeu, perdeu, perdeu virou plantação disso, virou plantação daquilo, que estão cortando a madeira, que estão levando a madeira não sei que lá, se só se perde, perde, perde, como é que ainda tem? A Mata Atlântica é a mata mais rica do mundo, mais até do que a Floresta Amazônica e, hoje em dia pelo que eu ouvi falar tem 5% da Mata Atlântica.

Tem gente preocupada, mas quem tem o poder de decisão... Vai sobrar assim porque quem são os grandes poluidores do mundo? EUA, China, então se eles não pensarem nos netos deles mesmos, eles não vão só prejudicar os outros, eles vão prejudicar eles também. O Obama, eu tenho esperança que realmente seja uma outra política, esperança que seja completamente diferente não seja essa coisa belicista, porque o que aquece a economia lá que eles fomentam é guerra, aí pelo mundo inteiro para vender armas e, tudo mais então espero, a humanidade espera, que quem tem o poder de decisão, quem está lá em cima, comece a ver com olhos totalmente diferentes, até pensando nos filhos deles próprios, porque vai chegar um dia que vai ficar só 1/3 da população do mundo. E lá já está sendo muito atingido também.

E essa coisa da calota polar cada dia vem derretendo mais, sumindo, o pessoal fala, fala, fala, mas já está sumindo muitas cidades costeiras por aí. Uns anos atrás eu estive num lugar que é na divisa de Alagoas com Sergipe, rio São Francisco, eu não lembro o nome da cidade, então a gente chegou por Alagoas, aí pegou um barco e foi descendo o rio, então chegou lá do lado de Sergipe, tem uma cidade ali que já foi totalmente engolida pelo mar, bem na encosta. Então você faz um passei lá, com um burrico, lá numa carroça eles te mostram lá, a igreja está ali, tudo debaixo do mar, ali era a casa do prefeito, está tudo engolido. Aí por dois

motivos, essa coisa que o mar vem subindo ano a ano, mesmo em Aracajú, também eu conheço um lugar lá que o mar já invadiu várias pistas, já tomou várias pistas. E lá nesse passeio, eles vão te mostrando, e lá são dois motivos, um por causa da Usina de Xingó que produz energia de tudo, mas de certa forma tirou a vida do Rio São Francisco, barrou o rio lá em cima, o rio perdeu a força na chegada do mar e, o mar avançou para dentro da cidade. Então lá é impressionante, a cidade inteira está debaixo d'água.

Eu ouvi uma notícia sobre desastre de Santa Catarina que a proporção de água que caiu de uma vez foi a mesma coisa que você despejar 120 litros de água em 1m<sup>2</sup> de terra, choveu de balde... eu não conheço Santa Catarina, mas um amigo meu que já foi lá, disse que já era uma região propensa a isso porque você anda pela estrada, as margens da estrada são todas mais baixas e era tudo já alagadiço, plantação de arroz, que arroz é alagadiço, aí pronto choveu em cima do alagadiço. E o Rio Grande do Sul está indo pelo mesmo caminho também. Eu tenho amigos que tem família no Rio Grande do Sul, lá é meio rural também, eles entram mata adentro e fala assim, vamos desmatar, então eles vão e voltam no final do dia, com aquelas toras enormes, uma árvore que demorou 200 anos, sabe aquelas que precisam de três pessoas para abraçar? Eles cortam para vender a tora de madeira. Isso está acontecendo muito lá também. Eu acho que deveria ser mais rígida a fiscalização, maior controle, maior respeito. Você vê o Brasil é muito grande, é tudo muito grande, porém aos pouquinhos vai indo, o pessoal começa a plantar soja no cerrado, começa a desmatar, queimadas, imagina a sufocação do animal, por exemplo, tendo toda a fumaça em volta, então morre as espécies assim. É um desrespeito muito grande com a natureza. É, 'isso aí é só mato mesmo vamos tirar tudo', não ali está a vida, ali está a biodiversidade, mesmo que não tivesse, está a natureza e tudo mais, então é uma coisa muito séria assim o desrespeito. Eu acho que os grandes homens que tem poder no mundo deveriam olhar mais para esse lado. E destrói a cadeia alimentar, e caça a baleia, caça isso, caça aquilo então quer dizer você quebra a cadeia... Quer dizer, em nome do "progresso" está destruindo o planeta. E tem muita gente que desdenha disso, quer dizer, vai fazendo, vai fazendo, falta muita consciência, o que falta é uma questão de educação em primeiro lugar. A gente está sentindo na pele. Fora que a terra da Amazônia é pobre. É pobríssima, ela vive da própria decomposição da sua mata, uma vez tirada a mata, aquele solo não é como um solo da Mata Atlântica, por exemplo, que é muito mais nutrido e, tudo mais isso eu já ouvi falar também. Então, antes a gente brincava que o Brasil para chegar no primeiro mundo faltava não sei o que lá hoje em dia tem: furacão, tufão, que já teve o Catarina aqui há um tempo atrás, teve um outro ciclone aqui, teve gente que perdeu casa lá, gente que eu conhecia que tinha casa pré-fabricada que virou um monte de madeira amontoada. Existem previsões mais assim que dizem que o Japão vai sumir, não sei se é verdade. Dentro de alguns anos, não sei se são 100 anos, 200 anos. A Holanda é abaixo do nível do mar. Mesmo EUA quando teve aqueles tufões, furacões, pegou lá naquela área bem pobre, na região do Mississipi, aquela área mais pobre. Será que a gente consegue salvar o planeta? Eu não sei. Olha, não sei, se existir uma tal de reencarnação a gente ainda vai viver tudo isso na outra.

O Brasil está na contramão, já que agora se descobriram as grandes reservas de petróleo no fundo do mar, o pré-sal, mas aquilo está lá há bilhões de anos, ninguém sabe quais serão as conseqüências de se tirar tudo aquilo e se ir queimando, sugando e queimando, só se fala em vender carros, se pára um pouco a economia, o governo já dá incentivo fiscal para vender mais, e por aí vai, uma coisa leva à outra. Você vê todo mundo aplaudindo, nossa, o Brasil tem petróleo, para o meio ambiente não se sabe se é bom, plantar cana, para abastecer o mundo todo de álcool, isso seria verdade. Eu fico pensando, por exemplo, em Angra dos Reis, se tiver um maremoto e invadir a usina nuclear, será uma catástrofe seguida de outra, será que não pode ter uma complicação, isso não deveria ter sido construído em um lugar menos vulnerável?”

---

## Entrevista 5:

### Alexandre Charro, 30, videomaker

“Sou nascido em São Paulo, mas vivi 4 anos em Florianópolis onde me formei em publicidade, trabalho com vídeo, sou *videomaker*. Também morei um 1 ano em Saint Louis, nos Estados Unidos. Vivi em Florianópolis dos meus 20 aos 24 anos. Lá era outro ritmo de vida, estudei lá, tive um restaurante e trabalhei na minha área de vídeo, terminei lá a faculdade e, depois comecei a trabalhar na área e, um pouco de direção de arte e montagem de vídeo e, animação, computação gráfica e depois tive um programa de TV, que eu dirigia e montava também, um programa independente, passava só lá, chamava Mundo Livre, era sobre variedades, meio cultura jovem, esporte, *surf*, *skates* e outros esportes de ação, música. Já gostei mais de esportes, hoje em dia eu só pratico *yoga*... Então com relação a isso andava de *skate*, surfava no começo, depois por causa do trabalho era como viver em São Paulo também... Não que não tinha tempo, mas que anula, demanda uma certa motivação de você ir fazer alguma coisa, porque demanda uma certa energia você pegar a prancha, ir para a praia e não sei o que, tem que ter um dia, um tempo, então já tinha outras prioridades, estava namorando também e, isso daí era mais secundário.

Não tenho muita lembrança da infância, na verdade acho que jogava *videogame*. Morava em apartamento. Ia na casa dos amigos da escola, descia no prédio, na rua jogava bola, jogava taco, andava de *skate*, bicicleta coisa de moleque no bairro. Hoje, me informo mais por leitura, livros e internet, acho que cinema também conta. Jornal, revista nada, televisão nada, nem rádio. Nem quando estou no trânsito, porque não funciona mais meu rádio do carro.

Então ler questões relacionadas especificamente à ecologia não, mas eu acho que algumas coisas têm um papel tão importante quanto essas, mas numa questão mais das relações pessoais, assim algumas maneiras de pensar, eu acho que isso acaba influenciando de alguma maneira no ambiente e, é tão importante quanto uma questão ambiental assim, mas

eu me interesse por esses assuntos ambientais, mas não leio tanto sobre isso. Acho que tratar as pessoas com respeito e saber que a gente é responsável pelas coisas que a gente fala e, pelas coisas que a gente faz, por menor que elas sejam, acho que isso tem a ver com as questões ambientais também, uma coisa acarreta a outra.

No meu prédio não tem coleta seletiva, mas tenho muito pouco lixo em casa, tenho dois lixos, o lixo de banheiro e o lixo de cozinha, que eu nem como em casa, é um lixo todo de plástico e papel higiênico então, a garrafa de água, coisas assim, então ainda não parei para me preocupar com isso, porque não sou um grande produtor de lixo em casa. E na empresa também não tem coleta seletiva, mas a gente come na rua, então a gente acaba tendo muito pouco lixo orgânico.

Sobre o Aquecimento Global, eu sei que é uma coisa que não é talvez... tem dois lados, o lado que não é comprovado no Aquecimento Global, outro lado científico que comprova isso mas... mas eu acho que com relação... mesmo que isso não seja comprovado, eu acho que realmente o ser humano, ele não sei se por uma questão de hábito, ou uma questão de natureza humana, mas eu acho que é mais por uma questão de hábito, o ser humano, ele é inteligente, ele pode conseguir controlar alguns hábitos e alguns vícios, eu acho que, por essa questão, eu acho que a gente tem que se preocupar mais com nossos atos, eu acho que a gente tem que ter essa preocupação. Sempre quando eu vejo uma matéria relacionada ou algum assunto relacionado, eu leio, já assisti a um filme que me pareceu ser cientificamente bem... bem feito e bem consistente “Uma verdade inconveniente” que é bem interessante. Questões específicas sobre descongelamento, sobre animais, sobre extinção especificamente não sei quanto que diminuiu de geleiras, quantos animais que foram extintos por causa disso, acho que tem o urso que eu me lembro, acho que um leão marinho, mas não posso quantificar...

Quando se fala em Aquecimento Global, a imagem que me vem à cabeça, acho que me vem um estresse das pessoas, não me vem uma imagem da terra, acho que isso afeta os animais, mas eu acho que como somos nós humanos que falamos de Aquecimento Global com termos e, com as linguagens, me vem a cabeça estressada com calor, ultra-consumo, poluição, vem isso. Que isso é uma coisa mais caótica, meio fora de controle, porque eu acho que isso é o resultado não só de um consumo excessivo das fontes de energia tipo petróleo, carvão o que mais se consome para gerar outra energia, transforme, mas eu acho que devido a ter esse consumo excessivo e, eu acho que o planeta terra, superaquecer é como uma maneira de se proteger e se ajustar, um ajuste até, uma regulação biológica, eu acho até da Terra, física, química, entre outras coisas, eu acho que isso é que causa também essas coisas naturais maiores assim, esses desastres naturais maiores. Isso de catástrofes, de doenças, ou seja, catástrofes tipo maremoto, furacão e tal, então eu acho que isso é uma maneira do planeta tentar se resolver, esse problema que está acontecendo e que alguns deles podem ter sido produzidos pelos humanos. Eu não tinha ouvido sobre a Teoria de Gaia, mas eu compartilho dessas idéias, não sei se o ser humano é como vírus, mas eu acho que algumas pessoas pode ser um câncer. Existem pessoas como uma espécie, dentro de algum ponto de vista, que dominam o planeta, eu acho que nem todos os seres humanos, nem sempre destruíram e,

consumiram de uma maneira excessiva e destruidora como um vírus. E eu acho que é possível sim, na verdade, eu acho que nós somos guardiões da Terra, eu penso o oposto, só que desses guardiões tem algumas coisas que se transformam como um câncer mesmo, como uma célula que estão se reproduzindo meio desordenadamente, que tiveram uma mutação, sejam qual for e, é isso. Não como um vírus, mas como um câncer.

Da ECO 92, eu lembro pouco. Eu lembro que foi um grande evento no Rio e, foi para discutir ecologia, eu lembro mais ou menos disso. Lembro que foi importante aquele momento, mas não acompanhei se isso trouxe alguma mudança ou não. IPCC eu não sei o que é, já Protocolo de Kyoto é um acordo sobre a emissão dos gases tóxicos. Sei isso, acho que o básico que todos sabem é que tem alguns países, dois países que não assinaram esse Protocolo, foi o EUA e a China, eu acho. Sei isso só.

Acho que a coisa mais que eu me identifico, que eu disse, foi a questão mesmo da responsabilidade, de ecologia, acho que tem que ter um valor um pouco mais amplo. Ecologia não é especificamente estas questões ambientais faladas, reciclagem, etc., mas acho que as coisas começam um pouco antes da questão ambiental, tá tratando uma ponta só de um problema. Tem que existir essas coisas que são paliativos também, porque não dá para você começar do zero, então são paliativos e uma hora vão sendo construídas. Mas teria que começar desde a educação da criança, não só na escola, mas em casa também e, mudar toda uma geração. Precisa mudar toda a nossa cultura, a forma de estar no mundo, você vê vários filmes em que é tão comum matar uma pessoa, vai saber como isso pode influenciar as pessoas, perdem até um pouco a sensibilidade, o extremo de matar. Também a questão do consumo, de ser normal exageradamente, precisa mudar tudo isso. Hoje em dia eu acredito em forças, em vários padrões que dominam um determinado nicho, então não acho que, claro, tem a política, tem coisa que interfere muito e, estão muito presentes nas nossas vidas, como a política, a questão do mercado, a questão da publicidade, tanto ou não nas ruas, isso sim. Acho que podemos mudar um pouco esses hábitos para não sermos tão afetado de uma maneira inconsciente.”

---

## Entrevista 6:

### Marina Cassoli, 32, produtora de moda

“Nasci em Ribeirão Preto, mas sempre morei aqui em São Paulo, minha mãe também só foi me ganhar lá em Ribeirão, só porque o médico dela era de lá, tipo viajou para ter neném. Minha família é de Santa Rita do Passa Quatro. Eu nasci em Ribeirão preto, mas eu fui registrada em Santa Rita e, o meu registro é como se eu fosse santa-ritense, minha família inteira é de Santa Rita. Vou até hoje, na verdade é assim, só tenho uma avó viva, hoje em dia, que é a mãe da minha mãe, mas vou assim, não na frequência que eu ia, quando eu era criança nem adolescente, mas umas três vezes por ano. A gente ia muito nas férias, brincava,

porque todos os primos iam, brincava porque era cidade do interior, é, e daí dava para brincar na rua é outra coisa, brincar na terra, tinha chácara, tinha piscina então nossa, era muito bom. Todas: tipo pega-pega, cada uma catando seu galho, esconde-esconde, mãe da rua, até na piscina a gente brincava.

Tenho um irmão mais novo. A diferença de idade dos primos não era tão grande. A gente brincava tudo junto, aí tinha primo por parte de pai, primo por parte de mãe. A gente também brincava muito na piscina, meu avô arranjava aquelas bóias de câmara de caminhão bem grandona, de trator, subiam todos os primos na bóia, ficava cheia de vergão porque tinha o pino de bombear o ar, então a gente escorregava, batia a barriga, ficava cheia de vergão, só depois a noite que doía. Na cidade, a gente brincava bastante em praça, era corrida, era corrida com os primos, corrida mesmo. Eu morava em apartamento. Nenhum primo meu morava em São Paulo, só eu e meu irmão, os outros moravam em Americana e, tinha os que moravam em Santos e, outros em Ubatuba. Íamos também para Ubatuba e para Santos, mais para Ubatuba, mas gostava mais de ir para o campo que para a praia, até hoje...

Então hoje quando eu vou agora, que meus avós por parte de pai morreram, então é mais tranqüilo, porque eu vou eu, fico mais com minha avó por parte de mãe, aí eu visito os primos de segundo grau, que moram lá, que são meus amigos, que eu vejo só quando eu vou, umas amigas também que moram lá e, só assim, fico mais na família. Porque quando eu era adolescente eu ia muito lá e, sair é porque daí tinha a turma inteira e, todo mundo se conhecia. Tinha um monte, todo feriado eu ia para lá com um bando de amigas da escola e fazia uma farra, todo mundo adorava porque era cidade pequenininha, tinha muita festa boa, tem festa em clube, lá tem um clube, a festa da páscoa ou festa do meio-a-meio, metade homem, metade mulher, a porca e o parafuso, você recebia uma porca e tinha que encontrar o par que encaixava o parafuso, era só paquera, era muito bom, carnaval, bloco de rua, todo feriado, a gente estava lá eu e minhas amigas, na adolescência, mas depois com que passaram os anos, todo mundo meio que saiu de lá, o pessoal da faculdade, na época tinham muitos amigos que moravam lá, hoje em dia quase ninguém mora lá, é mais difícil se encontrar. Mas era bom.

**Mas assim de informação jornal eu leio todo dia, eu assino a Folha, aí eu leio, revista, eu compro bastante. Mais de moda, às vezes eu compro a Época SP, junto com a Época, porque eu faço matéria para Época, então às vezes eu compro, mas não é uma revista assim, que eu costumo ler não. E internet, TV menos, assisto mais assim, se está passando alguma novela que eu gosto, que atualmente não está nenhuma. Eu sou preocupada com as questões ambientais, tipo em casa, tento ser a mais econômica possível em tudo, aproveito tudo, tipo, é meio complicado lá em casa, porque como eu moro em casa, esse negócio da reciclagem em casa é meio difícil. É complicado para levar, porque daí a gente trabalha muito, então essa é a única coisa que eu não faço, porque não consigo ainda.**

**Eu estou para ligar para a prefeitura para saber se não passa uma coleta lá e que dia, como eu posso deixar, mas acho um absurdo, acho que cada rua tinha que ter um bolsão assim, todo fim de uma rua, no meio tipo ter um bolsão como se fosse uma rotatória, no meio,**

aquelas lixeiras de reciclagem de papel, vidro, porque daí sim você pega e, leva você, vai a pé leva e, põe ali à noite e tal. Agora pegar o carro assim, o lugar mais perto aqui de casa é o pão de açúcar, mas mesmo assim não dá e, não dá para deixar isso estocado na garagem porque eu tenho também cachorro. Mas assim, eu procuro aproveitar assim, quando eu compro uma revista e, vem aquele plástico eu nunca rasgo, eu sempre uso o plástico para pegar o coco do cachorro, então eu sempre uso as coisas assim, o máximo que eu consigo. Eu acho que é a maneira... e assim eu economizo água, lá em casa eu só lavo a roupa uma vez por semana, só passo a roupa uma vez por semana, se tem pouquinho não uso a máquina, então assim, a moça que trabalha lá assim já... foi a primeira conversa que eu tive com ela, não é por questão de dinheiro, é por questão ambiental mesmo, acho importante. Eu já tenho que usar bastante água, porque eu tenho que lavar a garagem toda hora, porque cachorro fazer xixi, mas assim eu tento aproveitar. Eu estou até pensando em reformar, em fazer ter uma calha que desce, de fazer algum jeito de estocar água da chuva para usar, estou até pensando... Água da máquina, a gente usa para lavar o quintal. E agora a água da chuva eu queria usar assim, para lavar a garagem, não sei quando a gente fizer a reforma, fazer um galão, um reservatório no chão. É isso que eu queria fazer porque eu acho um desperdício aquela água toda caindo e indo embora, que é uma água limpa, está vindo da calha, assim, não é limpa para beber não, mas para lavar o chão é. Assim, lá em casa é proibido lavar a área, só uma vez por mês lava tipo a laje, que eu tenho uma laje, que tem umas plantas, só varre, uma vez por mês, lava. Carro, carro eu lavo uma vez por ano, sério mesmo, não lavo o carro, acho um desperdício ficar lavando o carro, acho uma bobagem, fica imundo, eu não estou nem aí, eu não ligo. Pessoa entrou no meu carro, é sujo mesmo, anda cachorro, é cheio de pêlo, é cheio de lixo, depois eu cato tudo e, jogo tudo.

Aquecimento Global, sei assim o que sai mais na mídia mesmo, o que a gente lê, não sei precisamente o que... sei que está complicado, eu acho que a gente até sente, por exemplo, eu sinto que o sol é mais forte do que há uns anos atrás, quando eu me lembro do sol da sensação do sol na pele, então eu acho que... sei isso, que vai ficar complicado cada vez mais, se as pessoas não.. E aí acho um absurdo também outros lugares que enchem há mil anos e, as pessoas não tomarem nenhuma providência. E aí a gente anda na 25 de Março, outro dia estava lá, tem bueiro que tem côco verde, lotado até a boca, pessoal joga no bueiro. Então acho que primeiro era conscientizar um pouco as pessoas, tinha que ter mais campanha para isso, jogar lixo na rua, ainda mais lixo desse volume, um côco não é um papel de bala é um côco, então sim, é errado jogar um papel de bala, mas acho que menos mal do que um côco, isopor, coisas que você olha, fica...

A única coisa que eu reciclo e levo mesmo no Pão de Açúcar é o óleo de cozinha. Tem um latão especial só para óleo, então eu vou pondo numa garrafa *pet*, depois eu levo e deposito a garrafa *pet* no latão. Eles recebem pilha, todas essas coisas, é bem legal essa parte, pilha também eu levo, essas coisas que não são muito volumosas, daí a garrafa de *pet* fica do lado do fogão, daí quando ela enche, a gente leva e, já vai armazenando. A coleta do óleo tem gente que coleta é só ligar, você junta três garrafas, agora não me lembro qual a Ong que



retira, o que também não faz mal para ninguém, é só achar um cantinho no chão. Mas o que eu fico inconformada com a quantidade de embalagem, eu acho mesmo assim, embalagem de bolacha, embalagem de iogurte, eu acho às vezes tão assim, eu fico pensando não dava para fazer mais simples, ou senão e, leva a sua e, pega, tipo o leite, caixinha longa-vida, leva uma garrafinha enche e, paga o que você levou. O que a gente tem em casa também é garrafa de coca-cola retornável porque os mercadinhos pequenos eles têm, lá perto de casa tem um pequeno que eu fui outro dia por acaso e, vi a garrafa de coca-cola e, falei, nossa retornável, porque eu nem sabia que tinha... E é mais barata e, assim porque daí você compra o vasilhame com a coca dentro, a primeira vez, que vai custar 2,90 e das outras vezes que você vai comprar ela custa 2,29, você leva o vasilhame e troca, dois litros. Então acho que assim, no bairro às vezes você consegue achar lugares que tem isso, porque os mercados grandes não têm. Então em casa só garrafa retornável.

Em casa a gente usa, mas tem uma hora que precisa usar para o lixo mesmo. Mas lá em casa eu também tenho um sistema, mesmo essa sacola do lixo, por que eu vi a Vânia limpando a casa, ela tipo assim, para cada canto, ela usava uma sacolinha, então punha a sujeira aí, eu arranjei um balde para ela e, falei: 'Vânia você vai recolhendo todo o lixo e, pondo aqui nesse balde, a hora que terminar no dia, você vai na lixeira lá da garagem e, despeja esse balde no saco preto, não tem necessidade de dentro do saco preto ir um monte de saquinho', então eu falei: 'A única coisa que você põe no saquinho é o de comida, porque daí não dá para deixar aberto assim, agora o que saiu do aspirador de pó, que tirou de papel do banheiro não precisa.' Então, assim, agora tem essa orientação lá em casa. Eu fico pensando, toda hora eu estou matutando alguma coisa para fazer para ajudar mesmo, para me sentir mais, sei lá, menos culpada. A gente compra tanta coisa para comer, vem tanta embalagem, um horror, horrível.

Sobre o Protocolo de Kyoto, eu sei que é uma idéia de se emitir menos gás, das fábricas assim, de levar uma multa, não sei direito explicar. Um acordo os países, acho que a Austrália que não entrou, EUA ainda não, que é um dos países mais poluentes do mundo. Sobre o Obama não sei dizer, porque não sou muito ligada em política a bem da verdade, mas eu acho que todo mundo ficou feliz, eu também, eu acho que é uma esperança pelo menos pelo pouco que eu sei, porque eu não sou entendida nisso, eu acho que ele é uma pessoa bem mais centrada, bem mais humana, eu acho que só o fato de ser contra a guerra já é tudo, eu acho que ele vai melhorar sim, porque infelizmente a gente depende dos Estados Unidos para tudo.

A imagem que vem à cabeça quando se fala em Aquecimento Global, vem a imagem do tsunami, eu acho que aquilo é uma previsão do que pode acontecer, eu acho, ainda mais que na época que aconteceu o tsunami, eu li uma coisa, não sei se foi na revista da Folha, se foi na Folha, que era tipo uma frase indígena que tinha até no Parque Trianon que falava assim: "O que o homem fizer na Natureza, ela devolverá em dobro" então isso me chocou e é possível. Eu tenho uma amiga que um grande amigo dela, ele é estudioso nessa área de água e, ele diz que a previsão é a pior possível, tipo, ele fala de Recife que lá vai afundar, da cidade do México, também, porque a cidade do México é em cima de um lago, Holanda que aqueles

diques não dão mais conta. Então é, sei lá, são coisas que... Então eu penso imediatamente em tsunami, acho que é a pior resposta da natureza, essa da água, que eu acho que é a mais devastadora eu acho. Tem muitas cidades aí do litoral que o nível do mar já subiu pra caramba, isso a gente consegue ver, sei lá, de quando a gente era criança e de agora. Lembro que em Ubatuba, Praia Grande tinha um recuo bem maior de areia e tudo mais, mesmo Santos. Em Santos acho, a água já chegou na calçada numa ressaca. O Rio também tem o aterro do Flamengo que foi todo feito, eu acho que é isso, a resposta mesmo, mesmo aqueles prédios em Santos que são tortos vai amolecendo, a areia vai ficando úmida. É complicado, acho que no futuro São Paulo vai ter mar porque vai... E é um perigo, uma tristeza pensar nisso. Não sei se eu relacionei Santa Catarina com o Aquecimento Global, na verdade não porque não tinha pensado nisso, eu pensei num período de chuva, assim foi bem dramático, não consegui fazer essa relação não.

É uma loucura também, a gente foi para Alagoas, que aí a gente desceu em Maceió e, foi ali por uma estrada que beira praia chamada Maragojibe, assim, vários momentos até tem várias construções em morros, eu falava: “Fernando se aqui desse uma chuva caía tudo, aquela terra seca mesmo, aquela terra que não tem nenhuma vegetação para segurar”.

As pessoas ainda não estão conscientes, muito pouco. Das pessoas que eu convivo, que eu converso, tem poucos que são bem assim conscientes, eu acho que tem... sei lá, eu acho que a primeira coisa é consumir menos, eu estou tentando cada vez mais, só o básico mesmo, mas tem gente que não pensa nisso, não pensa mesmo. Por exemplo, para mim eu tenho essa questão, a única questão, que estou mais engajada, ainda são os vira-latas para mim... um dia vou ter que trabalhar numa Ong, ou vou ter um lugar para cuidar dos cachorros abandonados, mas também de um jeito diferente, não do jeito que funciona. Tinha que achar **uma outra maneira**. Na verdade, eu acho mais absurdo ainda o jeito que é tratado, o jeito que a *zoonose* trata. Que eu peguei um cachorro na rua e, tentei desesperadamente encontrar uma Ong para ele permanecer um tempo e não dá, a partir do momento em que você recolhe, você é responsável, não interesse que você mora num lugar assim ou num lugar assado, então assim, hoje em dia, eu peguei ele, não dou, não empresto, não faço nada, agora quem não quer mais sou eu. Assim, é muito desamparo porque assim e, muita falta de conscientização também, porque assim a gente tem uma campanha muito violenta para castrar os animais, pegar na rua, para não dar isso aqui oh e, ninguém, tipo os meus dois vira-latas são castrados, primeira coisa agora eu castrei, porque assim ele não vai cruzar, mas se um dia ele escapar e cruzar?

A questão é de conscientização mesmo porque daí você vai na periferia, o povo acha bonito cruzar, daí depois dá só que o outro não quer, porque enquanto é pequenininho é lindinho, aí começa a crescer, começa a roer o móvel, começa a acontecer tudo isso, aí ninguém quer mais. Acho bem grave por isso, as pessoas não... é, tem gente que abandona até criança, mas eu acho que é... o crime contra o animal, é ainda muito impune, acho que tinha que ser muito mais severo, que se eu vejo eu denuncio, se eu vejo eu compro uma briga. Outro dia, tinha um vizinho meu, um velho com a filha dele ‘vou jogar esse cachorro pela janela’, aí

fui lá fora, fiquei olhando assim, fiquei olhando mesmo, o cara me viu eu fixei o olhar nele, tipo “tô olhando, faz alguma coisa, você vai ver”, fiquei bem lá que se fizesse alguma coisa com o cachorro... Mas é muito desorganizado, outro dia cheguei em casa tinha um gato atropelado, praticamente na frente da minha casa, eu já tive um chilique, comecei a chegar perto, isso porque assim, eu não sou assim com gato, pra mim é vivo, bate o coração, merece qualquer cuidado e aí eu fui chamar o Fernando desesperada, para ele ver se o gato estava vivo, aí ele foi lá ver ...ele está morto, comecei a chorar, então vou ligar para a *zoonose* vir recolher e, tinha coleira, então quer dizer é um gato que nunca o dono vai saber o que aconteceu e, dá a maior dó, aí eu liguei para o *zoonose*, aí o menino falou assim, vai passar um carro aí pra recolher de uma hora a 24 horas. “Você está querendo me dizer que vai ficar um cadáver amanhã, tem um puta sol, vai ficar um cadáver de gato apodrecendo, de gato o dia inteiro, fora que isso é mega anti-higiênico, pode transmitir milhões de doenças, isso é desumano eu falei, então, como assim?” Ele falou assim: “Como o animal já está morto, a gente tem pouco carro, tem que atender as prioridades, não sei o que...” Eu falei: ”Pois é e, eu pago o imposto para que isso aconteça”, falei pra ele. Daí tá, daí acabou o assunto, o Fernando junto com o *motoboy* tirou o corpo do gatinho, pôs ele na calçada, aí daqui a pouco fui lá fora pra ver se já tinha recolhido, daqui a pouco eu vejo simplesmente o caminhão do lixeiro, passando o lixeiro, pegando o gato e, pegou pela perninha e atirou dentro do caminhão. Eu fiquei muito indignada, muito indignada, liguei de novo na prefeitura, mas aí liguei, dando um escândalo, “que isso tinha acontecido, que achava um absurdo e, que achava que a culpa nem era do lixeiro, porque acha que tinha de recolher, mas que raio que era o treinamento que eles faziam que dizia isso, tinha que deixar claro, animal é *zoonose*, lixo é lixeiro, tudo que está num saco preto ou num saco é lixo, agora um cadáver que vai apodrecer no lixão não é lixo, isso era um desrespeito”, fiz um escândalo. A *zoonose* não sacrifica mais, só animais em estados terminais.”



Especialista em Bio-Atmosfera do Inpe

**Engenheiro eletrônico formado pelo ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), doutor em meteorologia pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology) e pós-doutoramento na Universidade de Maryland, EUA, é pesquisador titular do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e chefe do Centro de Ciência do Sistema Terrestre; foi um dos arquitetos do Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera da Amazônia (LBA) e diretor do CPTEC-INPE de 1991 a 2003. Tem dedicado sua carreira científica à Amazônia e desenvolveu pesquisas pioneiras sobre os impactos climáticos do desmatamento da floresta, o estudo da hipótese da "savanização" da Amazônia em resposta aos desmatamentos e ao Aquecimento Global foi incluído no Relatório do IPCC de 2007.**

Por Elenildes Dantas

### **Quais as previsões para o aumento da temperatura da Terra no século XXI?**

Como nós não temos como prever qual será a evolução da emissão dos gases, nós temos cenários, porque as emissões dos gases não são um fenômeno natural, se fosse, nós poderíamos tentar entender qual é o fenômeno da emissão dos gases naturais e, aprender muito através da ciência e, aí a gente falaria “bom, eu sei como varia esta emissão natural, então vou colocar no meu modelo matemático do clima, aí eu insiro no meu modelo a emissão atual e, ele vai calcular qual será a emissão do futuro. Como nossa emissão antropogênica é de total controle nosso, nós podemos aumentar a queima de combustível fóssil: carvão e petróleo, gás natural, nós podemos diminuir, podemos usar mais carro, podemos gerar mais energia ou menos, podemos ir para a energia renovável, portanto, não há como fazer a previsão. Se a comissão do clima estabelecer mecanismos mais rigorosos, as emissões diminuem, se não estabelecer as emissões aumentam, portanto nós não temos como colocar num

modelo matemático como vão ser as emissões nossas, porque depende de decisões nossas e ninguém sabe como prever como os sistemas humanos tomam decisões, nessa escala de tempo. Portanto, o que a gente faz, a gente estabelece cenários plausíveis de emissões e, normalmente tentamos estabelecer pelos cenários extremos. Se nada funcionar, as emissões aumentam dessa maneira. Por outro lado, se a gente conseguir estabilizar as emissões e aí as concentrações dos gases se estabilizando na atmosfera... Portanto, há cenários mais otimistas e cenários mais pessimistas. Uma vez dado este cenário aí, você coloca no seu modelo matemático do clima, então você poderá dizer qual será o clima do futuro. Bom os modelos têm erros, eles não são uma representação perfeita da natureza, os próprios modelos já trazem em suas simulações, uma incerteza, mesmo que a gente tivesse total certeza das emissões, o resultado já teria incerteza, porque o modelo tem incerteza, e em cima disso, nós não sabemos qual será o cenário de emissões. Para cada cenário das emissões

possíveis, nós fazemos o cenário climático de resposta. Se você tem um mundo otimista com baixíssimas emissões, com o corte das emissões em 80% até 2050, a temperatura não sobe mais que dois graus, se tivermos um mundo em que as emissões irão subindo, subindo você, tem um aumento de temperatura até 2100, de 4 a 5 graus. Por isso, nós chamamos de projeção. É uma projeção, eu projeto que a temperatura pode subir 2°C nesse cenário de emissões, eu projeto que a temperatura pode subir 4 a 5 graus naquele cenário de emissões, por isso, não chamamos isso de previsão, são projeções.

### **Qual a concentração atual de CO<sub>2</sub>?**

A concentração está em 385 partes por milhão e num cenário otimista, ela chegará de 450 a 500 partes por milhão até meados do século, com um aumento de temperatura de dois graus. Com esse aumento de dois graus, ainda tem como prever como serão os ventos, regimes de chuvas, mas já com bastantes incertezas na escala regional, os modelos matemáticos terão que ser

muito aperfeiçoados, para que eles possam dar respostas com menos incertezas na escala regional, porque é a escala regional que importa, é onde você tem de dar respostas às questões da sociedade.

**Nesse cenário otimista de aumento de temperatura de até 2 graus que providências o Brasil precisa tomar para se adaptar?**

Em primeiro lugar, o Brasil tem uma imensa responsabilidade de diminuir emissões. O Plano Nacional de Mudanças Climáticas que o presidente Lula lançou em dezembro, ele tem uma meta muito ambiciosa, uma meta revolucionária, é o primeiro país em desenvolvimento que estabeleceu metas, meta de reduzir o desmatamento da Amazônia, nossa principal fonte de emissão, até 2017. Se atingirmos esta meta o Brasil estará numa situação muito boa. Além disso, como um grau de mudança climática já se tornou inevitável, por exemplo, estes dois graus até 2100, não há muita opção que não nos adaptarmos, a adaptação se tornou obrigatória, mesmo para esses dois graus. Com aumento de dois graus já começa a ter um efeito profundo na agricultura brasileira, com um risco de diminuição de safras de alimentos, cana-de-açúcar pode sofrer menos, alimentos podem sofrer muito. O nível do mar, mesmo com esses dois graus, pode subir dezenas de centímetros. O nível do mar sobe e os fenômenos intensos do tempo, como tempestades em cima do oceano, que é o que causa as ondas, também serão mais fortes, que é o que traz as ressacas. Quando a água aquece, ela fica mais leve, menos densa e se expande, um oceano quente ele se expande, mesmo que não se adicionar uma gota de água

a mais, pelo fato de o oceano estar aquecendo, ele se expande, é o que chamamos de expansão térmica. Hoje isso responde por metade do aumento do nível do mar, hoje ele está aumentando de 3 a 4 milímetros por ano, metade é por expansão térmica, e metade é água que desse de gelo continental derretendo. Além desse fenômeno, imagine que as tempestades em cima do oceano fiquem mais intensas com o planeta mais quente, aí essas tempestades agitam muito a superfície do oceano, aquilo tudo caminha para a praia e vira as ressacas, então além do nível do mar subir nós temos mais agitação marítima chegando na costa nas duas projeções. O Brasil tem que se preparar para tudo isso. Mesmo com dois graus, o aumento da taxa de transmissão de doenças, dengue, malária. Efeito na biodiversidade, mesmo com dois graus, tem risco de desaparecimento de espécies, por exemplo, a araucária nessa região da serra do Mar, e da Mantiqueira, provavelmente, desaparecerá daqui, com dois graus ela ainda sobrevive em algum lugar lá em Santa Catarina e Paraná, no planalto, nas montanhas tal, mas ela sumiria daqui, então tudo isso já acontecerá com dois graus, portanto, se as tempestades intensas mesmo com dois graus já aconteceriam, aliás, elas já estão acontecendo com mais frequência em alguns lugares, a gente ainda não consegue analisar em todo o globo, não consegue ver as tempestades severas acontecendo mais vezes, mas já em alguns lugares, então tempestades intensas no continente têm a ver com inundações como a de Santa Catarina, deslizamento de costa, gente morrendo, desastres naturais, isso tudo a gente está acostumado a todo o verão ver, no futuro isso

acontecerá mais vezes, então há que nos adaptar a tudo isso.

**O Brasil precisa então de um plano de contingência?**

O Plano Nacional de Mudanças Climáticas, ele ainda não é o plano de contingência ou de adaptação, mas dentro dele contempla-se, que o Brasil deve desenvolver um plano nacional de adaptação para preparar o país para as mudanças que já se tornaram inevitáveis. Isso em todos os setores, se você vive no nível do mar, você vive na costa, precisa ver quais são os planos para fazer frente ao nível do mar. Se tem uma praia turística muito bonita, como Copacabana ou Leblon, você tem que jogar mais areia para manter a praia existindo, se você mora na beira de um rio que deságua num oceano, de repente você tem que sair de lá, ali não vai ter mais condições de habitabilidade, se você mora no morro com tempestades mais severas, mais chuvas é melhor tirar as pessoas de lá ou protegê-las ou reflorestar. A agricultura brasileira tem de buscar adaptação, por exemplo, a maçã que era produzida em Santa Catarina, com quatro graus, ela não tem mais condições de se produzir em Santa Catarina, ela precisa de frio, aí banana que não dá em Santa Catarina, vai ser um lugar bom para banana, então tem de ter uma re-arrumação da agricultura brasileira e as áreas de pesquisa tem de fazer pesquisa de melhoria.

**O que muda na Amazônia com o aumento de dois graus?**

Em relação à Amazônia, ela é a principal razão que o Brasil acaba sendo um país que emite muitos gases, desmatamento e as queimadas. Por outro lado, a Amazônia é muito vulnerável às mudanças climáticas, nós temos feito vários estudos que com as

mudanças climáticas, há muitos riscos concretos de acontecer uma coisa que a gente deu o nome científico de savanização, que nada mais é do que boa parte, 30%, 40% da Amazônia perder a floresta e, ali a vegetação que vai emergir como uma resposta ao Aquecimento Global será uma vegetação de cerrado, mas muito empobrecida não é um cerrado brasileiro do Centro-Oeste, ele é um cerrado empobrecido, lógico que são projeções, nós ainda não estamos vendo a Amazônia virar cerrado, mas essas projeções adquiriram muita respeitabilidade científica em todo o mundo e, todo o mundo fala disso, portanto, é uma coisa muito importante estudar como proteger a Amazônia. A melhor proteção seria não acontecer o Aquecimento Global, portanto, a redução da emissão é fundamental. A mais eficaz estratégia de proteção da nossa riqueza biológica, da Amazônia é diminuir o risco do Aquecimento Global, mas nós temos que conviver com o mínimo, pois já passamos do ponto de zerar o Aquecimento Global, nós temos que conviver com o mínimo e, esse mínimo, se ele for menos de dois graus, o efeito na Amazônia é modesto, pode não ter muito efeito, se ele for 4 a 5 graus vai haver uma grande perturbação, se, por outro lado, não conseguirmos controlar, aí o Brasil vai ter que desenvolver políticas para tentar maximizar os efeitos na biodiversidade da Amazônia. Como? Nós não sabemos, a Amazônia tem milhões de espécies, quais são mais vulneráveis, quais são mais sensíveis, quais correm o risco de desaparecerem? Não sabemos, então a necessidade agora, premente é de intensificar muito os estudos, nós temos que fazer muito mais estudos sobre a biologia, sobre a

biodiversidade da Amazônia, descobrir o ponto de vulnerabilidade, onde ela é mais fraca e, aí temos que ver se há maneiras de se preservar. Assumindo que o aquecimento vai acontecer, este, nós não controlamos, temos que pensar muito. Hoje não tem nenhuma saída simples Em cima desse quadro que já é complexo e, preocupante, temos o desmatamento da Amazônia. Esse está no controle do Brasil, este deveria parar, nós já temos mais de 700 mil quilômetros de área desmatada, não há mais necessidade de desmatar um quilômetro a mais.

#### **O que é necessário fazer para impedir o desmatamento?**

Em primeiro lugar, política pública, vontade nacional, seguimento da lei, implantação do Estado Democrático de Direito na Amazônia, que é o rincão do Brasil, onde vigora o clima do Velho Oeste americano, quer dizer, que não há lei e, portanto, não se cumpre nenhuma lei, nem mesmo as leis ambientais, nem nada, ninguém paga imposto, é um Velho Oeste, portanto, cada um que quer desmatar, vai e desmata, não acontece nada. Então o império da lei é muito importante como a condição básica. Regularização fundiária: tem muita gente que roubou terra pública e, isso é preciso ser regularizado, as pessoas que tem pequenas propriedades ou tem propriedades que possam ser produtivas, aquilo tem que se achar uma solução de regularização. Terceiro lugar, concentração máxima da agricultura tradicional nas áreas desmatadas 700 e tanto mil quilômetros desmatados, isso é três vezes o Estado de São Paulo, não há mais necessidade de desmatar. O Estado de São Paulo usando 40% do seu território para produção agrícola é o maior produtor agrícola do Brasil, quer

dizer, o Estado de São Paulo usando 110 mil quilômetros quadrados, ele tem uma produção agrícola total que é mais ou menos de cinco vezes a da Amazônia, usando 1/7 da área, ele tem uma produção que é cinco vezes 7X5, o que dá 35 vezes. O Estado de São Paulo é mais produtivo por hectare de área. Vamos diminuir, 20 vezes...

#### **E aí não tem a questão da pobreza do solo da Amazônia?**

Não, isso é menos, o Estado de São Paulo tem alguns solos bons, se temos solos muito pobres a diferença é a tecnologia. Como a técnica produtiva na Amazônia é primitiva é predatória, explora-se o máximo, depois passa para a frente, então é lógico. Os defeitos agrônômicos do solo, eles aparecem logo. Em São Paulo a técnica é melhor, o solo do aqui é melhor, o clima é melhor para a produção agrícola, tudo bem quando você considera todos esses fatores, poderia ser que São Paulo produzisse por hectare duas vezes a mais, vamos dizer assim, mas não são duas, são 20 vezes a mais. Tem um problema sério do modelo agrícola da Amazônia, é um modelo absolutamente predatório, a gente até poderia chamar de extrativista, ele extrai a madeira de lei, ele extrai os nutrientes que estão ali, quando queima a floresta, enriquece um pouco o solo, extrai os minerais, um modelo 100% extrativista, como se fosse uma mina de ouro, de bauxita, acabou a mina, vai embora, vai procurar outra mina. Esse que é o problema, é uma visão de um modelo extrativista que tem uma eficiência agrônômica baixíssima, então a terceira coisa já é eficiência, agronomia moderna, muito rigor de não permitir que se abandone áreas como vem se abandonando. E o quarto

fator que é o mais importante, a longo prazo, é encontrar alternativas econômicas que valorizem o papel da floresta, então se você num hectare de floresta, você conseguir tirar mais valor econômico que dê qualidade de vida para aquelas populações, é isso que precisa ser buscado, porque mesmo se você conseguisse aumentar o rigor da lei, resolver a questão fundiária, dar título para quem precisa ter título e, tirar os grileiros, muito difícil fazer isso, mas mesmo que você conseguisse aumentar a produtividade das áreas já desmatadas, ainda assim, se não achar uma viabilidade econômica para muitas áreas de floresta, elas serão desmatadas, só demorará mais tempo. Então é muito importante achar alternativas econômicas. A gente precisa buscar, tirar valor econômico da riqueza da biodiversidade, a biodiversidade terrestre, a biodiversidade aquática, o potencial é muito grande. O potencial de você desenvolver 50, 100, 200 produtos da biodiversidade amazônica, agora é moda em todo o Brasil, em todo o mundo hoje o açaí, há 15 anos atrás só no Amazonas consumia-se açaí. O consumo do produto explodiu no mundo. Dezenas, para não dizer mais de 100, 200 produtos que poderiam, esse é um pequeno exemplo, então a Amazônia tem uma riqueza imensa na sua biologia, na sua biodiversidade, na sua natureza, mas precisamos usar o melhor conhecimento científico, o melhor da tecnologia, o melhor da nossa criatividade, o melhor da nossa capacidade de inovação para explorar. O Brasil como um país em desenvolvimento, ele tem uma dificuldade histórica, antológica de inovação, é de invenção, é de traduzir a curiosidade do cérebro num produto que alguém esteja

interessado, num produto ou serviço que alguém esteja interessado em comprar. Aliás, essa é a grande dificuldade dos países em desenvolvimento, dos países pobres, às vezes até abençoados por inúmeros recursos minerais, naturais. O número de países cheios de petróleo que não se desenvolvem, o México tem muito petróleo, Nigéria tem muito petróleo, o Brasil hoje tem muito petróleo, tem inúmeros exemplos, os países árabes que são riquíssimos e sua população continua pobre, só os xeiques são riquíssimos. Então é um pouco de uma atitude e a Amazônia nos oferece um grande desafio e a melhor oportunidade para o Brasil se tornar um país desenvolvido. Porque se nós vencermos o desafio de criar, inventar um novo desenvolvimento da Amazônia, inventar maneiras de usar impensavelmente a floresta, criar tecnologia, criar produto, criar indústria nova como a do açaí que está sendo criada agora. Não uma, criar 100, 200, pronto, o Brasil será um país que cria, um país que inova, um país que usa o cérebro de sua população para transformar uma riqueza natural numa riqueza de uso humano. Isso parece simples, estou falando de uma maneira simples, mas esse é um grande desafio. Nós não somos muito criativos, nós não somos muito inovadores, nós copiamos o que dá certo fora. E por que não tem desenvolvimento na Amazônia? Porque não existe nenhum país tropical desenvolvido, não tem nenhum país florestal, tropical que aprendeu a tirar riqueza de sua floresta. Todos os países detentores da biodiversidade nossos vizinhos na Amazônia, os países africanos e no sudeste asiático, todos estão em desenvolvimento, todos são pobres, todos estão

destruindo a floresta. E o Brasil, se ele fizesse isso, ele daria um exemplo ao mundo, ele seria um país supervalorizado, com uma credibilidade fantástica, eu até brinco e falo, coisa de país desenvolvido. É a prova de fogo do nosso desenvolvimento, o uso inteligente dos recursos naturais. Não nos serve de consolo dizer que os países que hoje são desenvolvidos destruíram os recursos naturais no século XIX.

### **Era outro contexto que hoje já não se justifica?**

Não só isso. Sabe qual é o erro? Imaginar que a destruição dos recursos naturais desses países no século XIX foi o que causou o crescimento. De jeito nenhum, o que causou o crescimento nesses países foi a revolução industrial, é inteligência, é cérebro, é criatividade, é você pegar e transformar em várias formas de energia para o benefício humano, você aumentar a produtividade da agricultura. Então não é verdade a exploração das pepitas de ouro, da corrida de ouro da Califórnia que tornou os Estados Unidos rico. É um equívoco imaginar isso, tem inúmeros países desenvolvidos, como a Alemanha, que não tem uma gota de petróleo no seu território, um país como o Japão que tem zero petróleo, tem zero minerais, tem lá uma monte de área agrícola que eles gostam de plantar arroz, mas eu digo então essa teoria de que é preciso exaurir os recursos naturais para se desenvolver, que de certo modo foi o que fez os Estados Unidos no século XIX, os europeus fizeram lá atrás na Idade Média, até o século XVI, isso é furado, completamente, furado, se fosse assim, o Japão seria o país mais pobre do mundo. Então não é, é a inteligência e a vontade do país de usar o cérebro, usar a inteligência para fazer uma transformação de produtos

naturais, de riqueza natural, de energia natural em bem-estar das pessoas através da agregação do valor econômico, quer dizer, precisa achar alguém no mercado interessado nesse produto, nesse serviço, esse é o segredo da Amazônia, é o segredo do Brasil. Se o Brasil der esse passo, o Brasil daqui há 20, 30 anos será um país desenvolvido, se a gente ficar dormindo em berço esplendido, esperando alguém de fora desenvolver para depois copiar, nós nunca seremos desenvolvidos e destruiremos a Amazônia.

**E como está a percepção dos nossos governantes com relação a essas questões, tem havido algum avanço?**

O assunto das mudanças climáticas ele de certo modo galvanizou a atenção da classe política em 2007, 2008 e houve uma resposta sim política do governo brasileiro e, a forma mais visível dessa resposta é o Plano Nacional de Mudança Climática, poucos países em desenvolvimento têm planos nacionais de mudanças climáticas nós temos, conseguimos terminar um, ele precisa ainda evoluir muito, ele é um conjunto de intenções, algumas partes estão um pouco mais completas, a questão da mitigação, a questão da adaptação no plano ainda precisa ser muito desenvolvida e, isso depende muito da ciência e da tecnologia que é um outro eixo do plano, o aumento do conhecimento científico. Essa foi uma resposta efetiva. Politicamente, a questão do Brasil, ter colocado metas de redução do desmatamento da Amazônia criou um diferencial muito grande, o Brasil é um dos poucos países que já tem um plano, que já tem um esboço de uma política nacional de mudanças climáticas e não só no Congresso que se tornou lei, mas também o

Brasil é o primeiro país em desenvolvimento que colocou metas que na prática representam uma redução de emissões. Ao reduzir, ao ter metas quantitativas de redução do desmatamento da Amazônia, nós implicitamente estamos dizendo que nós iremos reduzir as emissões no Brasil, isso é muito positivo. É lógico que por enquanto nós estamos tratando como elenco muito bem intencionado de ações. Na área científica, há ações concretas, o governo federal, os governos estaduais começaram a agir, no final de 2007, o Ministério de Ciência e Tecnologia criou uma rede brasileira que agora está sendo estabelecida na prática, concretamente, a Rede Brasileira de Pesquisa sobre Mudanças Climáticas com financiamento inicial de R\$ 10 milhões. O meu Instituto [Inpe] está recebendo uma quantidade muito grande, R\$ 50 milhões do governo federal e da FAPESP para comprar um super computador, estado da arte, que nos permitirá um avanço muito grande das pesquisas sobre mudança climática no Brasil. E recentemente foi aprovado no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para mudanças climáticas um edital do CNPq pedindo as propostas para o centro de excelências científicas no Brasil, são 123 centros de excelências aprovados, um deles foi na questão das mudanças climáticas, nós coordenamos esse centro. A FAPESP criou um programa de mudanças climáticas, já lançou o primeiro edital, estamos agora na fase de elaboração de revisão das propostas prometidas e, em breve nós já teremos um pequeno primeiro pacote de estudos aprovados pela FAPESP, nessa área, a FAPESP comprometeu um investimento acima de R\$ 120 milhões em 10 anos, R\$ 12 milhões em média por

ano. Então esses são dados muito importantes, porque sem o aumento da base de conhecimento científico, nós não teremos subsídios, informações importantes, relevantes para desenhar as políticas públicas das ações de adaptação e, nos faltará tecnologia e soluções de mitigação. Então, o lado da mitigação é buscar conhecimento tecnológico, novos produtos, novas maneiras de gerar energia, a modernização da agricultura, redução do desmatamento da Amazônia através de um novo modelo econômico para Amazônia, tudo isso exige tecnologia e no lado da adaptação, nós estamos realmente na infância, nós temos que primeiro conhecer muito bem os impactos possíveis das mudanças climáticas. Nessa ampla faixa de possibilidades, pode ser muito alta a mudança climática, pode ser menos, pode ser intermediária, então nós temos que dizer para cada setor da vida nacional, da economia, do ambiente, do ecossistema, das zonas costeiras, da agricultura, dos recursos hídricos, da biodiversidade, da energia, da saúde, nós precisamos dizer qual é o impacto de vários cenários. E uma vez que nós conheçamos bem esse leque de possíveis impactos, essa informação subsidiará as políticas públicas de adaptação, então é esse o caminho, eu diria que de concreto nós temos agora um plano que não é perfeito, mas é o primeiro documento que vai ser aperfeiçoado e nós temos metas.

**Quem participou da elaboração do plano?**

O plano foi elaborado a muitas mãos, o governo criou uma comissão entre ministérios envolvendo os fóruns brasileiros de mudanças climáticas, o secretário executivo é o professor Luiz Pinguelli Rosa da UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro] e,



o Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, ele teve um papel muito importante, porque fez mais de 20 reuniões setoriais e todo mundo colocou sugestões no plano e, o Fórum levou. O fórum tinha um assento nessa comissão, em Brasília para elaborar o plano, então ele acabou sendo um mecanismo muito eficiente de comunicação dos anseios da sociedade organizada, setores, indústria, comércio, agricultura, setor madeireiro e, aí muitas dessas idéias acabaram passando e elas estão no plano.

**O senhor acha que a população brasileira está ciente dessas questões?**

A população brasileira tem um grau de consciência grande com relação às questões climáticas, é uma das mais conscientes do mundo. Ainda que o grau de conhecimento mais detalhado, mais profundo seja pequeno, mas o grau de apropriação da população brasileira de conhecimento científico mais profundo é pequeno em todas as áreas. Porque o número de brasileiros com grau universitário é pequeno, o número de brasileiros com educação inadequada é grande, a qualidade do ensino brasileiro é muito precária, então tudo isso faz com que a população brasileira ainda que via meio de comunicação, seja muito bem informada sobre o assunto e, de certo modo, se coloca numa posição de favorecer os controles. Favorecer para que não haja mudanças climáticas destabilizadoras, mas é tudo ainda muito uma resposta intuitiva, a maioria das pessoas não consegue entender em profundidade o que são mudanças climáticas, o que é Aquecimento Global, a relação disso com os gases, mas isso não é só nessa

área, o brasileiro é iletrado cientificamente, em geral. Então, esse é um problema, porque às vezes muitos assuntos que uma pessoa tem uma posição favorável, quando você não conhece com maior profundidade, quando chega na hora das ações, as pessoas reagem porque uma coisa é você ser a favor de um assunto que todo mundo está caminhando em uma direção, o mundo é a favor; outra coisa é se por ser a favor desse assunto você vai ter que não andar mais com um carrão de duas toneladas e usar um carro leve, econômico etc. e tal. 'Não é comigo? Ah, eu pensei que alguém ia dar uma solução', mas na hora do "é comigo" ou tem a ver com meu bolso, vai afetar a economia, aí as pessoas reagem, mas isso é um pouco reflexo de um efeito de onda, o brasileiro é preocupado com o assunto, ele tem uma intuitiva noção de que isso é uma perturbação da natureza, que não deveríamos ir por esse caminho, mas ele não consegue ainda relacionar muito bem.

**A população em geral tem essa consciência ou apenas os mais jovens?**

O jovem é mais consciente, porque eles têm uma obrigação de mudar o padrão de consciência, o consumo responsável, o consumo adequado, o não consumo exagerado, o não consumismo e, mudar as formas de usar energia, materiais, alimentos, para minimizar o impacto que a produção, o transporte, o uso, a disposição de todos esses elementos causam ao meio ambiente. É o grande problema que nós achávamos, que nós estamos dispendo do CO<sub>2</sub> na queima, na combustão, gasolina, petróleo, carvão, floresta e tal e, que essas moléculas de CO<sub>2</sub> não estão fazendo nada, maravilha, elas nem afetam

a nossa saúde, CO<sub>2</sub> não afeta a saúde, não é poluente que afeta a saúde. Todo mundo estava tranquilo e, aí de repente, nós nos demos conta de que se você perturba, às vezes, de uma maneira aparentemente pequena, um equilíbrio planetário, o equilíbrio do sistema climático, você tem inúmeras, imensas consequências por séculos. Então o Aquecimento Global é uma chamada muito forte da maneira de como nós temos tratado o ambiente do nosso planeta, ele mostra coisas que nós nem julgávamos que poderia estar causando um efeito deletério, na verdade, existe um efeito de longa duração deletério e, que inclusive ameaça a sustentabilidade da vida no planeta Terra. A longo prazo, afeta a sustentabilidade da vida de espécies que já estão desaparecendo hoje, mas a longo prazo afeta de uma maneira muito profunda. E também é muito desigual essa mudança climática, ela é muito injusta, nesse sentido, ela é imoral, ela é antiética porque ela afeta com muito maior profundidade os que menos contribuíram com o problema, países africanos, o sul da Ásia, países Latino-americanos respondem por uma quantidade muito pequena das emissões globais e, o efeito no século XXI será muito pesado nesses países. Primeiro lugar, porque quem é pobre tem mais dificuldade de se adaptar a qualquer coisa, inclusive às mudanças, o mesmo grau de mudança acontecendo nos Estados Unidos poderá dar uma pequena perturbação, o mesmo acontecendo na África subsahariana é um desastre nacional, regional. E também porque durante o século XXI, pelo menos, um dos aspectos mais marcantes climáticos é o aumento da seca nas regiões semi-áridas, o que vai acontecer também no Nordeste brasileiro.

Entrevista com

## Fábio Feldmann

Especialista em

Legislação Ambiental



Por Elenildes Dantas

**Formado em direito e administração de empresas, foi eleito Deputado Federal por três mandatos consecutivos (1986 – 1998) e, participou como Deputado Constituinte na elaboração da Constituição de 1988, sendo responsável pela elaboração do capítulo destinado ao meio ambiente. No início do ano de 2005, Fábio Feldmann assessorou a criação do Fórum Paulista de Mudanças Climáticas Globais e de Biodiversidade, iniciativa do Governo do Estado de São Paulo, que segue parte do modelo proposto pelo Fórum Brasileiro, porém agrega um relevante tema em sua agenda: a conservação da biodiversidade. Foi o fundador da SOS Mata Atlântica, da qual foi também o primeiro presidente, do Instituto GEA – Ética e Meio Ambiente e da Fundação Onda Azul. Atualmente, dirige seu próprio escritório de consultoria, que trabalha principalmente com questões relacionadas ao meio ambiente e à sustentabilidade.**

**O senhor acredita que em função do Aquecimento Global exista uma nova consciência sobre as questões ambientais?**

Mudou a visibilidade, praticamente todas as revistas brasileiras deram capa sobre o Aquecimento Global. Acho que mudou o patamar de informação ou de uma consciência difusa, entretanto, eu acho que o grande desafio é você oferecer alternativas concretas para a sociedade, ou seja, diante do problema, o que tem que ser feito é isso, governos têm de fazer isso, a comunidade internacional tem um papel, setor empresarial, a mídia e a própria sociedade civil.

**O senhor poderia descrever o papel de cada um?**

Olha, eu acho que os governos, eles têm dois níveis de atuação, um a nível internacional, que eu acho que é o que basicamente vai acontecer pós 2012, o segundo período de compromisso de Kyoto, que há uma expectativa grande em relação aos Estados Unidos e ao Obama. A nível nacional, o governo tem o papel de

formular políticas públicas, legislação e aí os governos têm um papel importante. O Brasil é o quinto país emissor de gás do efeito estufa em função dos desmatamentos, ou seja, no final do ano passado o governo lançou um plano nacional de combate ao Aquecimento Global, acho que é um primeiro passo, tem muitas mudanças a se fazer no plano, mas pela primeira vez, o Brasil assumiu um plano, porque a diplomacia brasileira sempre foi muito resistente com relação a este assunto.

E os governos, tanto estaduais como municipais, têm um papel. Eu pessoalmente me envolvi aqui através da Fundação Getúlio Vargas, do Centro de Estudo de Sustentabilidade, na elaboração de uma Política Municipal do Clima para a cidade de São Paulo. Estou também finalizando um processo de uma Política Estadual de Mudança do Clima para o Estado de São Paulo. Tem muita coisa a ser feita no campo regulatório.

**Qual a missão do Fórum Paulista de Mudança do Clima?**

O Fórum Paulista reflete o Fórum Brasileiro, ambos são um espaço de diálogo entre governo e sociedade. O Fórum Brasileiro é presidido pelo presidente da República, ministros de Estado, sociedade civil, setor empresarial e academia. O Fórum Paulista é a mesma coisa: internalizar na sociedade brasileira o tema do clima, ele é presidido pelo governador do estado, eu sou o Secretário Executivo representando a sociedade civil e, a ideia é obter uma série de eventos e programações para formular políticas públicas. Estamos encerrando agora uma Política Estadual de Mudança do Clima, só não avançamos mais porque tem um debate com o setor empresarial sobre metas. Eles não querem metas obrigatórias, eu defendo que metas são importantes, porque elas geram inovação. Se eu tenho uma meta eu sou obrigado a me esforçar para cumprir a meta. A ideia é você gerar o debate na sociedade, no Brasil, nós temos que oferecer alternativas, quando saiu o relatório do IPCC falou-se muito de seqüestro de

carbono, eu acho que esta medida é importante mais como medida simbólica, mas precisamos de ações mais efetivas. A idéia do seqüestro de carbono é apenas ‘eu vou calcular quanto eu emito e vou plantar árvores’, digo que isso é mais importante simbolicamente por engajar as pessoas, mas não é suficiente.

Quando se fala em clima isso envolve muita coisa, desde a questão da energia, você estimular o uso da energia renovável como questão de demanda, desde a construção civil, que incorpore a questão da sustentabilidade do uso de energia, descarte de resíduos. A questão dos transportes, como você gerencia o trânsito. Aí entra o papel das empresas e, da comunidade científica, porque vai ter que gerar tecnologias novas. Acredito que a tecnologia terá um papel importante nesta questão, para disponibilizar bens de serviços com o menor consumo de energia, e capacidade de ser incluído novamente no processo de fabricação e, industrialização e, até conhecer quais vão ser os impactos no clima. E a sociedade civil, que ela também precisa estar preparada para enfrentar estes problemas, especialmente no Brasil, quer dizer, este é um problema da sociedade, mas nenhum desses atores vai poder resolver o problema sozinho.

#### **O setor empresarial é o mais resistente?**

Olha, eu não sou dessa opinião não, o setor empresarial é muito grande, depende do que você está falando. Acho que alguns setores estão incorporando a dimensão climática. No Brasil nós temos um problema que isso está muito mais nas matrizes fora do Brasil do que aqui, isso exige uma reflexão. Acho que o setor

empresarial, nos últimos 20 anos, incorporou bastante as questões ambientais. Aqui você tem o tema da fabricação e, aí você tem a questão que é sempre problemática que é do consumo, acho que o tema do consumo é mais difícil, porque você tem uma sociedade que é baseada no consumo.

#### **Então é uma questão de mudança de paradigma?**

Exatamente, acho que você precisa mudar radicalmente o paradigma da sociedade. O tema do clima exige uma mudança muito radical da sociedade em que a gente vive.

#### **Com relação à Crise Econômica Mundial, ela ajuda o planeta?**

É difícil de falar, eu pessoalmente estou muito otimista de que a crise permita alguma. O lado positivo da crise é que ela recoloca o papel do estado no mundo inteiro, ela recoloca a necessidade de um poder público mundial, regulatório, ela gera muitas oportunidades de mudanças. Os dados deste ano provavelmente trarão diminuição na emissão de carbono, mas a crise terá um impacto temporário, o importante é usar a crise para mudar de fato.

#### **O Estado Mínimo já não é mais tão ideal assim?**

Não é isso, eu acho que em algumas áreas o Estado não deve mesmo estar presente como empresas estatais, mas em setores estratégicos. O tema da concorrência, por exemplo, que é muito importante e, que ainda não é tratado com a devida importância no Brasil e, não é o *lobby* das empresas, são temas que simplesmente não estão na agenda, como a questão do clima. O tema do clima não está na agenda dos tomadores de decisão no Brasil, você não vê nenhum político de muita expressão no Brasil desde o presidente

Lula ou um governador de estado que diz: ‘olha este é um tema crucial, eu vou ter uma política agressiva sobre isso’.

#### **Será que os temas ambientais não são levados a sério, não é por que por muito tempo os ambientalistas foram depreciados como eco-chatos, eco-xiitas?**

Eu acho que é isso, mas acho que hoje o ambientalismo mudou e, a questão do clima não é uma questão apenas de ambientalista, as coisas estão aí, a tragédia de Santa Catarina, com 70 mil refugiados, as enchentes em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, acho que o tema está colocado.

#### **E por que não está na agenda dos tomadores de decisão?**

A grande dificuldade e, isso não é só no Brasil, é a falta de perspectiva de longo prazo, os governantes agem com perspectivas de curtíssimo prazo, que normalmente é trabalhado no horizonte eleitoral. Então, o sujeito está preocupado com período de três a quatro anos e, estes temas precisam ser tratados como estratégias de longo prazo. Quando você fala em clima, você precisa agir hoje para gerenciar uma situação que vai ocorrer ou estar em curso para daqui a 20, 50 ou 100 anos. Acho que este tema não está na agenda e, nem é uma questão de *lobby* do setor empresarial, nem nada disso, se fosse uma questão de *lobby*, porque o *lobby* pressupõe que o tema está colocado e, forças políticas estão agindo, ainda estaríamos melhores do que agora que nem na agenda está.

#### **E com relação ao Aquecimento Global, é verdadeira a afirmação de que se tem de escolher entre a economia ou a ecologia?**

Acho que a crise permite isso. No campo de energia, temos que estimular as energias renováveis, o Brasil nesse campo vai bem, temos o etanol, uma experiência bem sucedida e, já tem muitas experiências bem sucedidas. Falo em energia que envolve investimentos em infra-estrutura, acho que é possível e, absolutamente necessário você estimular a economia no sentido de direcionar a economia no sentido correto, levando em conta a sustentabilidade, mas para isso o assunto precisa entrar na agenda. E essa é uma mudança de paradigma grande e, é desafiador. Então temos que fazer um grande esforço para isso.

#### **E o papel da mídia?**

Acho que a mídia tem um papel muito importante e, muito relevante nesta questão, veja a relevância da divulgação do relatório do IPCC em 2007, primeira página de todos grandes jornais e revistas de todo o mundo.

No caso da mídia no Brasil, é fazer um esforço para preparar os jornalistas, os profissionais da mídia para compreender melhor sobre os temas ambientais, são temas complexos. Complexo até do ponto de vista da ciência, você vê estudos científicos divergentes. Você pega um jornal no caderno de ciências, uma matéria super relevante e, no caderno de economia, uma matéria na direção totalmente contrária. Há que se ter um esforço de se preparar a mídia. De um lado, a imprensa sempre prestigiou os temas ambientais, mas por desconhecimento, deixa de valorizar iniciativas importantes e, nesse sentido, a mídia tem um papel político. Se a mídia elogia iniciativas, isto estimula os governantes a tomarem essas iniciativas. À medida que a mídia simplesmente ignora os nossos temas, cria

muita dificuldade de você persuadir os governantes.

#### **Será que isso não acontece por que a imprensa tem uma visão conservadora de mercado, de preservação da economia em detrimento de outros temas?**

Acho que não chega a isso, acho que o tema não está na mídia. Ele está na mídia, mas está muito superficial, por uma série de razões. Normalmente, ele está na mídia por que tem alguns líderes na mídia que são ligados ao tema e, promovem estes assuntos, muito mais como um esforço pessoal de alguns jornalistas, do que um direcionamento editorial do veículo. Não acho que por uma visão conservadora ou progressista. Acho que não está porque não está, se ele tivesse na mídia mais e, sofresse um tratamento ideológico, estaríamos muito melhor do que estamos. O mercado tem um papel, eu defendo que o poder público estimule licitação sustentável, use o poder de compra e, só compre lâmpadas eficientes.

Vou citar um exemplo, o economista, chefe do Banco Mundial, Nicolas Stern, fez um relatório que ficou conhecido como Relatório Stern, que diz que se não for feito nada com relação ao aquecimento vai ter x de prejuízos na economia. Se fizer uma pesquisa entre jornalistas que cobrem economia, poucos vão saber sobre o relatório. Uma notícia assim devia estar no caderno de economia, porque o que ele diz é que será devastador para a economia não tratar da questão do clima.

A revista Exame fez um especial chamado de Economia Verde, a capa muito boa, muito interessante, mas a matéria mesmo muito superficial, frágil, utilizando exemplos pouco interessantes, o que demonstra falta de conhecimento.

#### **É um tema desafiador!**

É desafiador e tem muita coisa a ser feita, a questão de Santa Catarina, pegue daqui a quatro meses para ver se o drama vai refletir em alguma mudança de política pública no Brasil. E ali não é só Aquecimento Global, mas a enchente de Santa Catarina é, em tese, da responsabilidade do Aquecimento Global, não se sabe, segundo como os desmatamentos contribuíram, como a ocupação de morro ou de margem de rios contribuiu para o número de vítimas, como a defesa civil está preparada para agir nessas situações? Estão são as grandes questões. Quando você vê notícias de enchentes de soterramentos, onde está o barraco, no morro, ou dentro do rio.

#### **Não deveriam estar ali, mas para isso seriam necessárias outras políticas públicas, como de habitação?**

Sim, mas a legislação florestal não permite, por exemplo, o Vale do Ribeira inundado e os bananicultores reclamando dos prejuízos. É lógico que tem prejuízo, se você planta na várzea do rio, quando a enchente é muito grande, é absolutamente previsível. Existem várias questões, mas uma delas é a sociedade compreender que não pode e, as razões porque não pode. Tenho escrito muitos artigos sobre isso. O código florestal chama estas áreas de preservação permanente e, não é permitido retirar, suprimir esta vegetação, basicamente, por segurança. Área com declividade, porque a vegetação é importante para impedir o deslizamento, e as margens dos rios por razões óbvias, sem a vegetação pode até secar o rio. Acho que o Brasil de fato melhorou nos últimos 30 anos, a consciência melhorou, mas a ação ainda está muito distante de uma tomada de consciência.

**Estudiosos como James Lovelock diz que discutir sustentabilidade hoje é tarde, o senhor concorda?**

Lovelock acha que já ultrapassamos o sinal vermelho e, não tem mais solução, eu acho que não, eu acho que ainda há tempo. As medidas que tem de ser tomadas são radicais e, são urgentes e, eu acho que, nos próximos dez anos, nós vamos ter uma mudança muito radical do mundo em que a gente vive, no Brasil, temos Santa Catarina, seca no semi-árido, enchentes nas grandes cidades como São Paulo, e isto é apenas o começo. Eu acho que a percepção da sociedade vai mudar muito rapidamente. E os governantes têm um papel, têm de acordar e a sociedade também no sentido de pressionar os governantes, estes temas têm de entrar na agenda política e, na agenda eleitoral, eu falo isso há muitos anos. Teremos eleições em 2010 em que estes temas precisam estar colocados. Candidato A, candidato B, o que pensam sobre este assunto? A mídia também tem seu papel no debate eleitoral, ela normalmente não coloca estes temas e na medida que não coloca, não dá visibilidade e não causa pressão.

**O senhor acha que o Obama vai ratificar Kyoto?**

Eu tenho dúvidas porque há uma discussão hoje sobre Kyoto, se você continua com Kyoto ou não, porque o Protocolo de Kyoto prevê um primeiro período para redução das emissões de carbono pelos países industrializados, que se encerra em 2012 e, agora está se discutindo o pós 2012 e, ainda não se sabe se vai continuar com Kyoto, ou se vai voltar, a convenção é uma questão um pouco técnica, eu acho que o Obama já sinalizou que vai tratar do aquecimento como prioridade, sinalizou que vai criar um modelo Kyoto para

os Estados Unidos, a questão é quando, porque a crise econômica nos Estados Unidos e mundial é tão profunda, que eu não sei exatamente no cronograma do Obama qual será o momento. Mas acho que Obama vai entrar na briga. O Bush, desde que eu me entendo por gente, certamente foi o pior presidente dos Estados Unidos, não sou só eu quem pensa assim, é o mundo, foi um desastre total. Os sinais do Obama são altamente positivos, o homem nomeado para ministro de energia é um homem ligado às questões do clima. Nós teremos uma mudança muito grande e, isso significa também em outros países, porque também é cômodo. Já que os Estados Unidos não faz, eu também não faço. Este jogo tem que mudar, a posição do Bush tornou confortável a posição da China e, mesmo do Brasil, eles não estão fazendo, eu também não faço. Tem que quebrar esse jogo de soma zero, com o Obama, a dinâmica desse jogo talvez mude radicalmente.

**Teoricamente, a humanidade está diante de sua maior ameaça?**

Pessoalmente, acho que não apenas teoricamente, o maior desafio da humanidade é este porque envolve a mudança da sociedade, da vida da gente como temos hoje. Tem um desafio da humanidade que é radical. Vai ter que mudar o estilo de vida, vai ter que mudar o modo de produção, gerar novas tecnologias.

**Com relação à tecnologia, o Brasil está preparado para este desafio?**

O Brasil vai bem nesse aspecto, é muito reconhecido, tem uma produção de conhecimento importante. Mas sempre é preciso mais investimentos e mais pesquisas em várias áreas.

**O senhor pensa sobre a transposição do Rio São Francisco?**

O Rio São Francisco, como algumas outras bacias hidrográficas, é exemplo de má gestão, da situação tão predatória e o desafio seria a revitalização do rio. Eu tenho muitas dúvidas com relação à transposição do rio, especialmente, por causa do Aquecimento Global, existem estudos que diz que o aquecimento irá diminuir a disponibilidade de água e, isso não está incorporado na discussão, a degradação ambiental no Brasil é bem acentuada e, o rio São Francisco é um exemplo disso. A região semi-árida no Brasil é que irá mais sofrer com falta de água devido ao aquecimento. É má gestão do ambiente, nascente de rio é área de preservação permanente, região da caatinga é um bioma que está desaparecendo, enquanto a percepção da humanidade não for para cuidar do meio ambiente, você terá situações como esta. A caatinga e o cerrado são biomas culturalmente pouco valorizados, mas do ponto de vista da biodiversidade eles são riquíssimos.

**Quais os setores da indústria que são mais poluentes?**

Setores da indústria que são mais emissores, primeiro lugar, o petróleo, o uso do combustível fóssil como energia. Depois cimento, papel e celulose, na agrícola, a mudança de uso do solo substitui o bioma natural por plantações, como o caso do desmatamento da Amazônia, o gado, arroto, emite metano, países com grandes rebanhos como o Brasil produz muito metano, arroz irrigado gera metano, estas questões são interessantes porque ninguém imagina que o arroto de gado emite metano, o lixo também emite metano, com a decomposição orgânica.



## O Mito de Gaia

*Na mitologia grega, Gaia é a personificação da Terra como deusa. Ela foi também a propiciadora dos sonhos e a protetora da fecundidade..*

*Uma das primeiras divindades a habitar o Olimpo, nasceu imediatamente depois do Caos. Sem intervenção masculina, gerou sozinha Urano (o Céu), as Montanhas e o Ponto (o Mar). Formou com Urano o primeiro casal divino e dessa união nasceram os Titãs, os Cíclopes e os Hecatonquiros, gigantes de cinquenta cabeças e cem braços. Urano detestava os filhos e, logo após seu nascimento, encerrava-os no Tártaro. Revoltada com esse procedimento, Gaia decidiu armar um dos filhos, Cronos, com uma foice. Quando, na noite seguinte, Urano se uniu a Gaia, Cronos atacou-o e castrou-o, separando assim o Céu e a Terra. Cronos lançou os testículos de Urano ao mar, mas algumas gotas caíram sobre Gaia, fecundando-a. Desse contato, nasceram as Erínias (identificadas, na mitologia latina, com as Fúrias). Gaia, na mitologia clássica, personificava a origem do mundo, o triunfo e ordenamento do cosmos frente ao caos, a propiciadora dos sonhos, a protetora da fecundidade e dos jovens.*

*Fonte: [www.geocities.com/eros\\_x111/t-gaia.htm](http://www.geocities.com/eros_x111/t-gaia.htm) - 136*





## Apresentação

### Quem eu 'sou' e por que Imaginário...

*Nasci numa cidade chamada Oeiras, que foi a primeira capital do Piauí e vivi lá até meus 18 anos quando vim para São Paulo perseguindo um sonho: tornar-me jornalista. Sou a terceira de oito irmãs, a primeira mulher. Minha mãe, hoje, é professora primária aposentada e meu pai, no Piauí, lavrador e, em São Paulo, para onde vinha de tempos em tempos, pedreiro.*

*Decidi tornar-me jornalista aos 14 anos, eu fazia parte do Grêmio Estudantil da minha escola e colaborava no nosso jornalzinho. Fiquei fascinada, sair por aí entrevistando, investigando, querendo saber, não se contentando com respostas vagas, descobri uma nova força em mim e a partir daquele momento tive certeza que queria ser jornalista. A partir daí, tudo o que fiz foi nessa direção. O meu maior desafio era como chegar à faculdade. Na minha cidade, para alguém nas minhas condições, só havia duas opções: Magistério e Contabilidade, sendo que só as garotas mais revolucionárias escolhiam a segunda opção – era coisa para homens... Colegial, só na única escola particular da cidade e anos antes nem isto. Aos filhos de famílias ricas, os pais compravam apartamentos em Teresina, São Luís, Recife ou Brasília e eles iam estudar. Assim, os médicos, dentistas, juizes, advogados, farmacêuticos e os donos dos grandes comércio e como não? – os políticos são todos das mesmas velhas e fofas famílias de sobrenomes pomposos, pelo menos para nós, com seus velhos e enormes casarões de estilo colonial, com suas velhas e duras senhoras, que aos domingos, vão à missa das oito da manhã de vestidos escuros, xales pretos, leques coloridos e missais herdados de suas tataravós de além mar, tão orgulhosas e arrogantes quanto suas ancestrais.*

*Que grandes chances a filha de uma professora primária e um pedreiro poderia ter? Apenas as que eu mesma consegui criar para mim. Não quis aceitar a idéia de que por ter nascido pobre no sertão do Piauí, estava condenada a ser no máximo, o mesmo que meus pais e esquecer meus próprios sonhos.*

*Quando cheguei a São Paulo, em 1993, cheia de esperanças e medos, descobri uma face do mundo bem mais cruel do que eu poderia imaginar. Descobri que também aqui, até bem mais do que na minha cidade talvez, muitas pessoas já nascem condenadas a não ter nem esperanças. É claro que já conhecia esta realidade pelos jornais, mas vê-la, senti-la de perto foi um exercício que considero de crescimento e amadurecimento, embora bastante doloroso, especialmente porque muitos dos sofrimentos que vi e senti não eram de estranhos, eram de parentes meus.*

*A primeira vez que ouvi falar na USP foi em uma aula de matemática acho que na quinta série, a professora passou uma série de exercício e em alguns tinha entre parêntese a sigla USP, perguntei para professora “O que significa U.S.P.? E ela respondeu “Universidade de São Paulo, a melhor universidade do país”, aí pensei “Então é lá que vou estudar”. Em toda turma que estudei sempre fui considerada a melhor aluna, então achei que por direito o meu lugar era ‘entre os melhores’, só não tinha noção do quanto o meu melhor era pequeno diante do desafio gigantesco que eu teria pela frente.*

*Prestei Fuvest por três anos seguidos, fui melhorando a cada vestibular, mas nunca o suficiente para entrar em Jornalismo. Em 1996 passei na Unesp. Os quatro anos que estudei em Bauru, apesar de todas as dificuldades para me manter sozinha, foram os melhores de minha vida.*

*Quando comecei a frequentar os seminários do FiloCom e marquei um atendimento com o Professor Ciro, para falar sobre meu projeto de pesquisa e saber se ele tinha interesse em ser meu orientador, a primeira coisa que ele me perguntou foi por que eu tinha me interessado em estudar o Imaginário. Respondi que sempre me intrigou a forma como as pessoas pensavam, talvez por ser de uma família grande, sempre percebi o quanto era diferente as formas de ver o mundo mesmo entre meus irmãos. Morava até os oito anos na zona rural e quando fui para cidade estudar, espantou-me o quanto as pessoas pensavam diferente e quando cheguei em São Paulo então, descobri vários universos convivendo juntos, mas sem se misturarem. Afinal, por que pensamos da forma em que pensamos e por que aceitamos padrões, estereótipos, estigmas sem resistência? Esta sempre foi a dúvida que me perseguiu a vida inteira e foi por isso que quis estudar sobre o Imaginário, porque é nele onde se travam as batalhas. A escolha pelo Aquecimento Global, primeiramente porque é um tema atual, segundo porque mesmo que lentamente percebemos que existe uma mudança de nossa mentalidade com relação às questões ambientais, seja porque elas estejam sempre presentes nos media, seja porque as mudanças climáticas são visíveis, embora não consigamos detectar até que ponto são graves ou não.*



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)